

Um Trapaceiro Encantador

SANDRA BREE

UM TRAPACEIRO ENCANTADOR

Sandra Bree



Sinopse

Uma maravilhosa história de amor cheia de intrigas, dificuldades, paixão e, sobretudo, amor.

Um desafortunado acidente une os destinos de Colbert e Alana. Ele, um aventureiro que faz o que tem vontade sempre que quer, debate-se entre a responsabilidade, a honra e uma irresistível paixão que o acerca em segredo. Ela, valente e um pouco ingênua, está passando por um mau momento. A recente morte de seu cunhado, o professor Jhon Wakefield, deixou sua família desamparada e só seu humilde trabalho em uma taberna lhes permite sair adiante, embora de maneira precária...

Uma noite os Wakefield recebem a visita de um bonito benfeitor: Colbert, mais conhecido por *Lorde Iron*, pelo qual se sente imediatamente atraída.

Entretanto, as circunstâncias e uma série de acontecimentos porão à prova a força de seus sentimentos e ameaçarão arruinar seu futuro e sua felicidade.

À minha mãe, Julia.
Porque me mostrou este mundo,
do qual é impossível escapar.

Condado de Dorset, 1816

O cavaleiro esporeou o cavalo para que cavalgasse mais rápido. Tinha saído tarde da reunião e a família o esperava em casa com a mesa posta e impaciente por começar o jantar. Os gêmeos eram umas feras famintas apesar de terem só seis anos, entretanto, cada um deles era capaz de comer seus pratos e depois repetir, sobretudo se Dolly lhes tinha preparado o delicioso bolo de chocolate e bolachas de manteiga.

Pensando neles, em sua esposa e na louquinha de sua cunhada, Jhon Wakefield pegou a curva que acessava à ponte de pedra que cruzava o riacho. Em frente a ele a cidade de Christchurch apareceu ao longe.

De repente, um som dilacerador cruzou o ar e retumbou entre os altos penhascos. Sua montaria se encabritou por uns segundos, relinchou com força, arranhou o ar com as patas dianteiras e se lançou cegamente para o estreito atalho, deixando a um lado um pequeno bosque de coníferos.

Os pássaros nas copas das árvores elevaram voo espavoridos ante um segundo ruído tão ensurdecedor como o anterior. Não estava em época de caça, embora muitas vezes os caçadores clandestinos atravessavam aquelas terras em busca de veados.

— Cuidado com a ravina, *White Heart* — suplicou um assustado Jhon ao cavalo ao mesmo tempo que se inclinava sobre suas crinas. Sua bochecha roçava o pescoço do animal tentando incitar a besta a que controlasse seus passos.

Atrás deles o vento levou os latidos de uma matilha de cães e Jhon soube que devia apartar-se de sua marcha antes que ocorresse o pior. Apertou com força os flancos de *White Heart* e tentou afastá-lo da borda das pedras. Foi precisamente quando pela extremidade do olho descobriu o oficial parado no meio da ponte.

Jhon lhe gritou e tentou dar a volta por ele para que lhe ajudasse a tranquilizar *White Heart*. O oficial tinha uma pose reta sobre seu cavalo e por sua atitude não parecia ter muita vontade de colaborar. Olhava-o com certo desdém em seus olhos escuros.

Nesse momento os cães apareceram no campo de visão de Jhon. Atônito, tombou sobre *White Heart* em um intento por lhe rodear o pescoço. Seus dedos tocaram algo úmido e pegajoso enquanto em sua corrida continuava saltando sobre os atoleiros de barro que tinha provocado as primeiras chuvas do mês de abril. Ainda demorou vários segundos em dar-se conta que *White Heart* estava ferido e que os cães o perseguiam endemoninhados pelo aroma do sangue.

Por sua mente cruzaram repentinamente um montão de imagens e pensamentos. Os gêmeos, sua esposa, sua casa, seu irmão…

White Heart voltou a relinchar quando sentiu os afiados dentes dos sabujos em suas patas traseiras. Jhon, com raiva,

agitou as pernas para espantá-los, mas não conseguiu mais que desestabilizar-se. O cavalo escorregou pelo declive, e em um último intento de aferrar-se a algo Jhon agitou os braços. Rodou vários metros colina abaixo, cravando pedras por todo o corpo. Sentia a dor em sua carne mais que o medo ao que sobreviria depois. Os cães continuavam atrás dele e quando se deu conta estavam sobre *White Heart* lhe rasgando pedaços de carne e pele.

— Malditos! — Gritou lhes jogando pedregulhos e terra do chão, com a pouca força que ficava não podia incorporar-se. Alguns dos cães mais afastados de *White Heart* se aproximaram dele, mostrando suas perigosas presas junto a uns grunhidos arrepiantes.

Levantou a cabeça por onde tinha caído e viu o oficial Meison com uma pistola na mão. Por um momento acreditou que ia salva-lo, em troca… disparou. A bala pegou em cheio no peito. Sentiu uma descarga de dor e um violento fulgor um segundo antes de deixar de respirar.

Capítulo 1

Alana Sanders escutou o pároco com atenção. Nunca tinha sido uma crente devota, entretanto, jamais tinha perdido alguém a quem amasse como Jhon Wakefield. Para ela, seu cunhado era mais que isso, mais que um pai ou um amigo, mais que um irmão. Não estava apaixonada por ele, claro. Jhon era o marido de sua irmã e ela jamais se teria fixado em Jhon dessa maneira, mas seu afeto ia mais à frente. Jhon tinha sido… seu salvador.

— Sente-se com força para falar com o reverendo ou me deixa fazê-lo, Alana? — Perguntou-lhe o sargento Nicolas Breint lhe roçando apenas a manga com sua mão grande.

Ela olhou para Nicolas com um sorriso triste. O senhor Breint era vizinho deles e desde o momento que se inteirou que Jhon havia falecido, ofereceu-se a ajudar a família em tudo o que pudesse.

— Muita vontade não tenho, mas devo fazê-lo. Minha irmã agora não está em condições de aguentar as rabugices do padre Miller, e não posso deixar que você se responsabilize também disto.

— Não me importa fazê-lo.

Alana negou. Respirou fundo.

— Quanto mais cedo acabar com isto, melhor.

— Só quero que tanto Hellen como você saibam que podem contar comigo para o que for.

— Sei. — Olhou-o com gratidão e voltou a centrar-se no funeral.

A multidão se congregava em torno do pároco e da família do defunto. Os gêmeos se sentaram em umas cadeiras dobradiças e observavam atentamente a cena que se desenvolvia ante eles. Estavam aborrecidos e cansados de estar ali, sobretudo fartos de serem o centro das atenções e que todas as pessoas os olhassem.

Alana se encontrava junto a Hellen, segurando a pose ante um caixão escuro e brilhante.

Hellen levava o olhar oculto sob o véu de renda; Alana, em troca, tinha eleito um pequeno chapéu de pele escuro com uma gaze muito curta e, ao contrário de sua irmã, e apesar de sofrer a dor pela perda de Jhon, olhava os assistentes reconhecendo entre eles muitas das amizades da família. As irmãs Dobson, lady Judith, o casal Matthews, as empregadas da casa, que também tinham acudido e ficaram um pouco retiradas junto ao Richard, o cocheiro, sua eterna rival Claudia Baxter…

Claudia era a filha do prefeito, uma mulher impulsiva, mal-educada e com um temperamento muito forte para uma dama. Além disso, tinha um físico comum, de aspecto singelo puxando para o simplório, com um rosto bastante normal. Possuía o cabelo loiro acinzentado, olhos cinzas e queixo ovalado. Em definitivo, seu rosto era o de não ter quebrado nunca um prato apesar de haver carregado baixelas inteiras.



Quando Alana contava com poucos meses e Hellen com dez anos, os pais de ambas as deixaram na Irlanda na fazenda do avô materno. O homem era um bêbado e nunca se ocupava delas, por isso Hellen, virtualmente, se encarregou de criar sua irmã mais nova, entretanto, assim que cumpriu os quatorze anos, o avô a enviou para estudar no centro de Londres e Alana ficou sozinha. Sem nenhuma mulher que lhe marcasse os passos, cresceu de forma incivilizada. A maior parte do dia passava na rua indo de um lugar a outro, os vizinhos lhe davam de comer e levava tanta imundície no corpo que parecia mais um animal que uma pessoa.



— ...uma prece pela memória de nosso irmão Jhon Wakefield, que descanse em paz — terminou de dizer o padre.

O pranto de Hellen rompeu o repentino silêncio que se formou no cemitério. Dois operários se apressaram, ajudados por várias cordas, a baixar o ataúde ao profundo buraco ante o olhar dos assistentes. Alana se voltou para sua irmã abraçando-a com carinho.

Em seguida várias pás se encheram de terra e quase com pressa começaram a cobrir a fossa. Pouco depois tudo tinha acabado e os ramos de flores foram colocados na terra revolta. Ainda iam demorar um par de dias para pôr a lápide.

— Hellen, vá saindo com os gêmeos e me espere no coche,

não vou demorar muito — disse Alana procurando Nicolas com o olhar. — Se importaria em acompanhá-los enquanto falo com o padre?

O homem assentiu rodeando a cintura de Hellen. Os gêmeos ficaram em pé e se agarraram às saias de sua mãe.

— Não volte a lhe recriminar que tenha enterrado Jhon aqui em vez de na paróquia — advertiu Hellen.

Alana assentiu, zangando-se de novo. Tantas coisas que tinha feito Jhon pela comunidade e na hora da verdade não tinham permitido que ele fosse enterrado na paróquia. Segundo o padre Miller, o motivo era que não cabia mais gente ali.

O cemitério de Poundbury era completamente novo e se podiam ver as fossas cavadas a espera de serem utilizadas. Era um lugar grande e tranquilo, com ruas estreitas custodiadas por altos ciprestes.

— Alana, por favor, atenda sua irmã. Sabe que Jhon não teria se importado em que lugar ficar. — Recordou-lhe Nicolas.

— Não se preocupem, só o felicitarei e lhe agradecerei.

— E o donativo — recordou Hellen colocando o lenço sob o véu para limpar os olhos.

A contragosto Alana assentiu e quando as pessoas começaram a aproximar-se delas para lhes dar os pêsames tratou de escapulir-se o antes possível. Aborrecia-a ter que dar mãos ou receber beijos, muito menos necessitava que alguém lhe dissesse quão bom foi Jhon e o pouco que merecia morrer.

O reverendo Miller estava abotoando a gola do comprido abrigo e ao ver chegar a jovem esperou-a com um olhar duro. Alana preferiu ignorar sua irritação e evitou tirar o tema de

novo. Se ele pensava que lhe ia pedir perdão por lhe haver repreendido no dia anterior por não enterrar seu cunhado na paróquia confundiu-se totalmente. Como boa cristã apenas lhe disse mais duas palavras sobre sua oração e depois lhe entregou o donativo. Ao dirigir-se para as portas duplas de ferro que acessavam ao caminho onde as carruagens se achavam estacionadas viu o prefeito Thomas Baxter acompanhado do Conde de Baigton Down, lorde Stephen Huntington, terceiro sobrinho do marquês de Phelman.

Não estranhou ver o prefeito, pois ele devia ficar bem com todos, entretanto teve medo de encontrar-se com o conde. Não era um homem muito sociável, tinha escutado muitas coisas horrorosas dele, como que tinha assassinado a sua esposa quando seu filho faleceu de uma estranha enfermidade. Que aquilo fosse certo ou não, ninguém sabia com exatidão, exceto ele.

— Senhorita Sanders. — Eles captaram seu olhar e interromperam seu caminho para a saída.

Amaldiçoando sua má sorte Alana se deteve escondendo habilmente sua relutância atrás de sua acostumada máscara de apatia. O conde tirou uma pétrea mão sob as capas de tecido de seu casaco.

— É a cunhada do senhor Wakefield?

Alana assentiu e o prefeito se apressou a apresentá-los. Ela conhecia o conde de vista, mas nunca tinha falado pessoalmente com ele.

— Lamento muito o falecimento do senhor Wakefield. Era um bom homem e sobretudo um bom professor. Um tipo dos

mais inteligentes com os quais tive o prazer de falar.

— Obrigada — murmurou ela obrigando-se a lhe entregar sua mão enluvada como mandava a etiqueta.

— Se precisarem de algo estaria encantado de poder lhes servir. O senhor Wakefield me comentou os projetos que estava levando a cabo na escola. Uma lástima que não possa seguir adiante com isso. Diga à sua viúva, por favor, não quis me aproximar para não a incomodar.

Nesse mesmo momento chegou Hellen e se agarrou no braço de Alana. O sargento e os meninos estavam subindo no veículo.

— Senhora Wakefield. — Lorde Huntington se apressou a agarrar a mão enluvada de Hellen, apertando-a com força. — Acompanho-as no sentimento. Compreendo a profunda dor que neste momento devem estar sentindo. Se eu puder ajudar de algum modo não duvidem em fazer-me saber. Sei que é uma situação difícil de atravessar, mas vocês são jovens e fortes.

— Muito obrigada, milorde — respondeu Hellen com um fio de voz.

— Não sabia que o senhor e meu cunhado se conheciam ao ponto que lhe falasse da escola — disse Alana, curiosa.

— Vimo-nos várias vezes. Parecia-me estupenda a ideia de ter uma escola de cavalheiros no condado. Como saberão, parte das terras onde se está edificando, cedi para tal propósito.

Alana franziu o cenho, assombrada.

— O senhor era sócio de Jhon?

— Oh, não, não! Seu projeto era muito ambicioso para mim.

— Não sei por que pensei que Jhon tivesse comprado essas terras — disse ela com o coração pesaroso. Seu cunhado não tinha sido homem de pedir favores e em nenhum momento lhes tinha comentado que o conde tinha deixado edificar em sua propriedade.

Hellen tampouco sabia de nada. Encolheu os ombros, confusa. Nesse momento não estava muito segura daquilo, embora teria jurado o mesmo que Alana. Porém, intercalou:

— O senhor foi muito gentil se cedeu esse terreno, milorde.

— Minha gentileza não é assim. Já não ficam cavalheiros como os de antigamente, e seu marido o era dos pés à cabeça. Sei que teria feito um grande trabalho pela sociedade.

— Temos que partir — desculpou-se Alana, vendo que um de seus sobrinhos lutava contra o sargento porque queria sair do coche outra vez.

Sem ignorar os pequenos Sanders, o lorde voltou a dirigir-se à Hellen. Eles tinham coincidido em mais ocasiões e se conheciam.

— Entendi que não têm mais parentes que os gêmeos. É uma lástima, com tudo o que lhes vem agora…

Alana, mal-humorada, interrompeu-o. Não era de bom tom dizer à Hellen que ficaram sozinhas, apesar de ser certo. Sem dúvida aquele não era nem o lugar nem o momento.

— Confidencialmente dir-lhe-ei que Hellen não se encontra muito bem hoje e quão único deseja é chegar o quanto antes em casa, tomar algo quente e dormir. Se nos desculparem…

— Senhorita, só lhes estou oferecendo minha ajuda! — Queixou-se Huntington porque ela não o deixou acabar de

falar.

Antes que Alana pudesse dizer algo pior, Hellen se adiantou com um murmúrio.

— Terei em conta, milorde, fico agradecida.

— Eu perdi a minha esposa faz anos e estou sozinho também.

Alana, estupefata, soube ler nas entrelinhas. Não era nenhuma parva para não se dar conta da classe de oferecimento que o conde queria fazer à sua irmã. Sentiu desejos de empurrá-lo colina abaixo e fazê-lo rodar junto com suas pomposas roupas. Não o fez porque o cemitério estava cheio de gente, além disso, Hellen tampouco teria permitido; ainda que tivesse a cabeça embotada de chorar e que as ervas que Alana lhe tinha subministrado a tivessem meio desmaiada, uma falta de educação tão grande era intolerável inclusive para ela. Fez uma profunda inspiração para serenar-se.

— Me desculpem. — Hellen, com as costas totalmente tensas e fingindo não estar ofendida, soltou o braço de sua irmã e assinalou a uma mulher anciã que esperava no lado oposto do caminho de onde eles estavam. — Alana vou despedir-me da senhora Smithers.

Alana assentiu e ia partir também quando o prefeito Baxter chamou sua atenção agarrando-a pelo braço.

— Eu gostaria de lhe dar minhas condolências e dizer que qualquer coisa que o oficial Meison averiguar lhes será comunicado. É uma pena que Jhon sofreu tão terrível acidente.

— Que os cães lhe devorassem não foi nenhum acidente, senhor Baxter! Que caiu do precipício com *White Heart* pode

ser, mas…

— Não pense nisso agora, querida — disse o prefeito pegando-a pela mão para lhe dar palmadinhas que pretendiam ser afetuosas ou consoladoras. Alana odiava que a tratassem como se fosse uma menina estúpida. Seu avô o tinha feito constantemente. — Sei que estão passando por um momento terrível.

Ela mordeu a língua e apertou os lábios com raiva. Estava segura que se não fosse pelo suposto grupo de cães ou lobos, como queriam lhes fazer acreditar, seu cunhado poderia ter se salvado da queda.

— É verdade, não deveria seguir me atormentando com isso, mas por favor, senhor Baxter, não deixe de investigar - insistiu com teima. — O dono ou os donos dos animais devem pagar pelo ocorrido. Podia ter acontecido a qualquer um.

— Meison está se encarregando de tudo. Além disso estamos começando a contratar equipes — respondeu o prefeito. Suavizou seu tom de voz quando Claudia se uniu a eles nesse momento. — Ah, querida, está aqui! Começava a me perguntar onde tinha se metido. Saudou lorde Huntington?

— É claro, pai, o vi antes de entrar, não é, milorde?

O conde lhe deu de presente uma reverência exagerada.

— Verdade, senhorita Baxter.

Thomas agarrou o braço de sua filha.

— Partimos já ou tem algo mais a fazer? — Perguntou ele.

— Podemos ir, pai, o ambiente do cemitério me asfixia. — Sob a asa larga de seu chamativo chapéu granada a altiva mulher cravou seus olhos claros em Alana. — É uma pena o

que houve com seu cunhado. Mais de uma vez falei com meu pai que era uma loucura que fosse cavalgando em vez de levar o veículo. Aqui a terra é muito pantanosa.

— Se se empregasse algum tempo em perseguir os caçadores clandestinos estas coisas não ocorreriam e todos estaríamos mais seguros — respondeu Alana com rapidez.

— Alana, se tivessem sido caçadores clandestinos já os teriam pego. Depois do acidente, o senhor Meison enviou várias equipes de busca e não achou nada. — Claudia voltou-se para olhar a seu pai com um sorriso presunçoso. — Não lhe disseram isso?

— Sim, claro que sim. — Incômodo, o prefeito empurrou Claudia com suavidade. — Será melhor que continuemos está conversa em outro momento, antes que comece a chover.

O céu se havia coberto de nuvens e o vento, de forma tempestuosa, começou a assobiar entre os ciprestes agitando seus ramos.

— Senhorita Sanders posso a levar a algum lugar? — Ofereceu-se amavelmente o conde.

Ela negou.

— Minha irmã me espera, milorde. Obrigada.

— Sim, pobre — intercalou Claudia com voz musicada. — Deve estar passando horrivelmente mal. Eu não gostaria de estar em sua pele, perder o marido tão jovem é o pior que pode acontecer a alguém.

Alana assentiu. Claudia não tinha nem a remota ideia pelo que Hellen estava passando, e ela não tinha vontade de seguir escutando sua petulante voz. Enojava-lhe sua falsidade.

Despediu-se do grupo e assim que chegou ao coche, o cocheiro a ajudou a subir mantendo a porta aberta.

— Richard, onde está o sargento Breint?

O homem encolheu os ombros.

— Partiu faz alguns minutos, senhorita.

— Alana — chamou Hellen. Ela terminou de entrar e se sentou junto a um dos gêmeos que parecia estar a ponto de dormir. — O sargento disse que depois passa em casa para ver como estamos. Tinha muito trabalho atrasado.

Alana suspirou. Todos levavam dois dias sem descansar e com as emoções a flor de pele. Ela pessoalmente tinha os olhos inchados e avermelhados de tanto chorar e a sensação de que o crânio ia explodir de um momento para o outro. Andy, seu bonito sobrinho de cabelo acobreado, recostou-se sobre seu regaço. Acariciou-lhe o cabelo distraidamente.

O coche começou a se mover.

Como nuvens de fumaça, a névoa corria perto do chão formando redemoinhos junto ao muro de ferro forjado que delimitava o cemitério com o caminho. Alana seguiu o olhar de sua irmã até que os coveiros sumiram de sua vista.

Era tarde, muito tarde. A noite estava em um completo e lúgubre silêncio. O céu se achava denso, carregado de espessas nuvens que deslizavam igual às ondas no mar. A brisa levava o bálsamo das flores que logo despertavam a primavera, enchendo tudo de fragrâncias frescas, um aroma envolvente

que flutuava na pradaria se mesclava com o aroma de sal que arrastava o largo oceano ao tocar os rochedos.

Uma magra figura, envolta em uma capa escura se desenhou na escuridão, em frente a um poço alto e estreito coberto de musgo úmido e escorregadio. Ligeiramente a sombra se inclinou sobre o muro para pronunciar com um murmúrio apagado:

— Por favor, peço-te de coração poço dos desejos, que devolva a felicidade que arrebataram cruelmente de Hellen Sanders. Prometo-te que serei feliz se ela voltar a sorrir, se voltar a acreditar no amor.

A moeda apanhou o reflexo da lua que nesse momento apareceu timidamente, depois caiu no profundo negrume com um sussurro imperceptível.

Capítulo 2

Paris, 1816

Colbert Wakefield, mais conhecido como *Lorde Iron*, soltou uma sonora gargalhada, e seus largos ombros se agitaram sob a jaqueta de veludo verde.

— Madame, vai conseguir que matem aos dois.

Recostada entre as macias almofadas de cetim do clube *The Roses on The France*, Dorine contemplava o formoso e bronzeado homem, desfrutando de sua privilegiada companhia. Nem todo mundo podia se gabar de ter estado nos aposentos privados de Colbert Wakefield.

— Sabem perfeitamente que não seria capaz de os pôr em perigo, *mon amour*.

— Ah, não? — Ele se sentou em frente a ela, sobre uma das banquetas. — Querem me vender por uma pechincha a propriedade que seu marido mais anseia. Não acredito que ele goste muito, e mais, — inclinou a cabeça — poderiam me dizer qual é o motivo? Ainda não me disseram.

Dorine era uma mulher opulenta que seguia maquiando-se com ruges muito fortes e usando uma pequena peça de tecido que se aderia à pele, chamada *«mosca»*[1]. Em sua

juventude tinha sido uma moça atraente que gostava de chamar a atenção, mas a idade começava a deixar uma multidão de rugas ao redor de seus olhos e de sua boca. Mesmo assim seguia vestindo-se de maneira impecável. Levava um vestido de seda amarelo lavrado em dois tons, com as mangas curtas muito estreitas e punhos em renda de linho.

Colbert e ela se conheceram fazia um ano, e entre eles tinha nascido uma estreita amizade. Dorine compartilhava com ele seus gostos pelas mulheres, e Colbert tinha o local ideal onde as encontrar.

— Se eu não lhe disser, seguirá insistindo, não é?

Colbert a olhou com fixidez tentando descobrir o que Dorine lhe ocultava.

— Pode não me dizer se esse for seu desejo, mas vejo em seus olhos que algo a preocupa. Tudo isto tem a ver com seu marido, não é? Ele te disse algo?

Dorine lhe deu de presente um cálido olhar e, com doçura, apertou os lábios entre si.

— Desta vez ele não tem nada a ver, Iron. — Suspirou com força e deixou cair a cabeça contra o respaldo do divã. Ao fazê-lo, um par de almofadas caíram ao chão, mas nenhum dos dois se preocupou em recolhê-los. — Esta manhã o doutor me visitou outra vez. Estive indo a ele durante os últimos anos. Sofro do coração e já não resta muito mais tempo de vida.

— Está zombando de mim? Não diga sandices, encontro-a perfeitamente bem!

— Não estou querido. Na semana passada sofri um desmaio e fiquei sem respiração. Minha criada pessoal me

encontrou no chão da sala de música.

— Isso não significa nada. — Colbert ficou em pé e com só um movimento jogou para trás as abas de sua jaqueta. — O que deveria fazer é descansar, ficar em casa ou se preferir, possuo uma propriedade linda em Veneza…

Dorine lhe sorriu.

— Está me repreendendo, Iron?

Ele assentiu.

— Se não houver ninguém que o faça, então sim.

— Não tinha que ter lhe dito nada. — Ela fez ameaça de levantar-se e Colbert lhe estendeu a mão, ajudando-a. — Mal posso comer algo e quando estou sobre a cama não me chega ar aos pulmões. Sei que muito em breve… quando menos esperar, ocorrerá.

— Ocorrerá a todos cedo ou tarde.

— Sim, mas eu não temo a morte, *mon amour*. Iron, me olhe — ordenou. Ele não sabia muito bem como reagir ante ela. Não tinha nem ideia se devia ser compassivo ou, pelo contrário, fingir que não acontecia nada fora do normal. Estava confuso.
— Não posso seguir vivendo assim. Às vezes, desejo que aconteça logo e tire o sofrimento que levo por dentro. Para viver assim é melhor não o fazer. Entende o que eu quero dizer?

Colbert assentiu. Entendê-lo não significava aceitá-lo.

— Por que não me disse isso antes? — Reprovou.

Dorine recolheu seu leque de plumas de cima da mesinha de mármore.

— Porque não desejo que me trate como uma doente. Não suportaria. Me escute, Iron. — Aferrou-se ao seu braço com um

sorriso ansioso. — Não quero que Edward consiga essa casa. O resto não me importa, mas essa casa pertenceu à minha mãe, e ela o odiava tanto como eu. Venda, a dê de presente, ponha fogo quando for sua, faça o que quiser, mas não deixe que caia em suas mãos.

— Não se preocupe com isso, Dorine. Amanhã mesmo vou ao Paddy para começar com os trâmites.

— Obrigada, Iron, e agora vamos com o tema que me interessa, pelo qual vim até aqui esta tarde.

Colbert sorriu involuntariamente.

— Não tinha vindo por mim?

— É um rufião encantador! — Agitou a cabeça com graça. — Por isso suponho que me têm reservado algo muito bom.

Ele deixou a brincadeira de lado.

— Mais que isso. — Com familiaridade passou-lhe um braço sobre os ombros. — Vai se surpreender, madame. Contratei pessoal novo e há uma autêntica beleza loira lhe esperando.

— Estou desejando que me apresente. Tem um gosto delicioso nesse sentido — respondeu com olhos brilhantes sem ocultar um tom emocionado.

— Nesse sentido e em muitos outros — respondeu ele.

Levou-a através do corredor do elegante clube até a sala privada onde as garotas se arrumavam antes de sair à recepção. Não era permitido aos clientes estar ali, mas Colbert estava fazendo uma exceção com Dorine. Acima de tudo, porque o clube era dele, e depois porque desejava que a dama desfrutasse o máximo possível antes que chegasse sua hora.

Essa verdade o entristeceu profundamente.

Todo o longo corredor estava forrado com um cetim brilhante vermelho. Do teto pendiam um par de lustres de oito velas cada um, e só três espelhos quadrados com molduras douradas adornavam as paredes. Podia se gabar de ter um dos clubes mais distinto de toda Paris.

Com brio, abriu as portas duplas e fez Dorine passar ao interior. Assim que acessaram o lugar as garotas correram em torno dele com sorrisos provocadores e palavras atrevidas. Colbert as saudou sem lhes prestar muita atenção. Não podia tirar da cabeça que sua amiga fosse morrer. Se perguntou se seria forte assim se soubesse quando lhe aconteceria.

— Ficará um momento, milorde? Podemos fazer algo por você? — Perguntaram algumas das rameiras, incitando-o a que compartilhassem com elas algo de seu prezado tempo.

Ele agitou a cabeça.

— Mais tarde me reúno com vocês. — Riu elogiando as nádegas de uma jovem morena que se aproximou dele para agarrá-lo por um braço.

— Promete-o? — Perguntou ela com uma careta.

— Se estiver com vida, aqui estarei. — Olhou Dorine que, em silêncio, parecia escolher alguma delas. — Cuidem da viscondessa — advertiu com uma promessa reveladora em seu olhar chapeado.

— Não se preocupe, Iron — respondeu a garota nova que tinha contratado recentemente. Uma loira de pronunciadas curvas e generosa dianteira que abriu passo ante Dorine. — Trataremos a dama como uma rainha.

— Desta vez se superou, Iron! — Disse Dorine rindo sem poder apartar a vista da mulher.

— Nisso consistia minha surpresa, considere-o um presente.

— Terei em conta — respondeu ela. Olhou a loira. Não era tão jovem como as demais, mas isso a encantava. Augurava ser bastante experimentada. — Antes que me esqueça, milorde. — Virou-se para o homem justo quando ele se inclinava sobre a meretriz, que tinha ao lado e a beijava no pescoço. — Amanhã espero seu homem.

— Paddy se encarregará de tudo. Desfrute e não se preocupe com nada.

Iron se despediu com um piscar de olhos e voltou a vista à beleza que seguia ao seu lado. Desprendia um aroma potente e adocicado que reconheceu como um dos perfumes mais caros do país.

— Cheira bem, moça. Eu lhe dei isso de presente?

— É claro. — Deleitou-o com uma exagerada careta nos lábios que mais que graciosa, foi obscena. Abriu-se o profundo decote, lhe mostrando os seios. — Quer cheirá-lo melhor?

Seus olhos cinzas a percorreram com lascívia.

— Mais tarde, doçura, agora tenho que ir.

Com inapetência saiu da sala.

Tinha pressa.

Paddy era seu homem de confiança, mas se ele estava pelo clube gostava de inteirar-se de tudo de primeira mão. *The rose of The France* era nesse momento um dos lugares mais famosos de toda a Europa. Uma visita obrigatória, sobretudo para os

jogadores que percorriam os cassinos pelo mundo. Isso era o que realmente dava dinheiro a Colbert, a casa de jogos.

Aquela noite não era muito diferente às demais. As mesas se achavam com cem por cento de sua capacidade, quando mais gente, fazia hora no bar esperando alguma vaga para poder jogar.

A sala estava forrada de papel celeste, e suas paredes careciam de quadros ou espelhos que pudessem desconcentrar os participantes. Os *croupiers* usavam mangas apertadas lhes impedindo de fazer qualquer classe de armadilhas.

Colbert encontrou Paddy sentado no canto que ele costumava usar quando se reunia para conversar com alguém ou simplesmente para tomar uma taça. Estava acompanhado de Kane, um dos meninos que trabalhava para ele e que lhe conseguia o melhor brandy contrabandeado a muito bom preço.

Colbert se sentou com eles e um garçom correu a lhe servir um uísque.

— Como vai a noite? — Perguntou Colbert, saudando-os.

Kane encolheu os ombros pondo uma careta satisfeita em seu magro rosto.

— Como sempre — respondeu Paddy. — Na rua há bastante gente fazendo fila. Disse na porta que se se formar muito barulho é para dispersarem.

— Isso é bom então.

— Uniu-se muito cedo a nós Iron, teve problemas com alguma das garotas?

— A estas alturas crê que não sei dirigir as minhas

empregadas? — De sua garganta saiu um esforço de risada. — Na verdade, há algo que quero comentar, Paddy. — Olhou ao Kane e lhe fez um sinal para que os deixasse sozinhos. Quando o homem se foi, Colbert contou ao seu amigo sobre Dorine e a casa que queria lhe vender.

— Não têm necessidade de se colocar no meio disso. O visconde tem muita mão com estes políticos que acabam de subir ao poder. Napoleão já não está, e todos lutam para ver quem pode mais. Edward Lyton saltará sobre sua jugular se se apoderar do *Palais de l'ange*. Amigo, faça o favor à Dorine, mas desfaça-se dessa propriedade em seguida.

— Tinha pensado nisso — disse. — O que lhe parece se fizer uma oferta ao barão de Mornay St Puig?

Paddy o olhou aniquilado, depois pôs-se a rir ruidosamente esfregando o rosto com as mãos.

Levavam tantos anos juntos que eram capazes de entender-se sem uma só palavra. Conheceram-se em Londres quando Colbert se alistou na marinha. Encantava-o sua profissão. Fiscalizava os portos do país procurando ladrões e assassinos que queriam fugir da justiça, interceptava carregamentos de contrabando... foi um iludido pensando que tudo o que fazia estava bem e que era honrado até que descobriu que seu almirante se enchia de ouro fazendo vista grossa quando lhe convinha e aceitava subornos. Colbert, naquela época, descobriu que não era nenhum herói e que tampouco podia salvar o mundo de suas desditas. Quando abandonou a marinha, Paddy, seu amigo e companheiro, foi com ele. Para uma mente acordada e inteligente como a de

Colbert, empreender uma nova vida foi muito fácil. Os prostíbulos e as casas de jogo contribuíram com substanciosos lucros. Isso sim, não voltou para a Inglaterra e não sentia nenhuma vontade de fazê-lo.

— Vai unir o útil ao agradável! Esses homens se odeiam à morte.

— Sem dúvida, embora nenhum deles sejam fruto de minha devoção. — Colbert também se pôs a rir. Tinha uma mente das mais tortuosas. — E agora que lembro, devo atender um negócio com o barão. Vemo-nos mais tarde, Paddy.

O barão de Mornay St Puig o esperava há um momento em frente ao balcão das bebidas. O homem era o mais acérrimo adversário do marido de Dorine, e Colbert desfrutava cada vez que escutava como um danificava os negócios do outro e vice-versa. Pouco a pouco ambos estavam se destruindo.

— É estranho voltar a vê-lo por aqui, mas um prazer para meu bolso — saudou Colbert, mudando o semblante para um mais sério. — Do que se trata desta vez?

— Não creia que gosto muito de fazer negócios com você, *Iron*, — encolheu os ombros — mas, obviamente, não tenho muitas opções.

Colbert sorriu maliciosamente e lhe assinalou um pequeno reservado.

— Me diga, sou todo ouvidos.

— Trata-se de um tipo que me deve bastante dinheiro.

— Quanto?

— Digamos que uma pequena fortuna.

Colbert assentiu.

— Já sabe que o pagamento é uma porcentagem da dívida, sempre que não haja sangue no meio — avisou.

O barão assentiu concordando.

— Você acabará me arruinando.

— Entretanto, penso que com minha capacidade de ajuda, cada dia que passa lhe faço mais rico.

— Não penso discutir contigo, milorde. — E não ia fazê-lo porque sabia de sobra que as façanhas de *Lorde Iron* não tinham nada de legal. Recorrer a ele tampouco era. Ao menos se consolava sabendo que não era nenhum capanga que matava por prazer.

Muito ao contrário, para *Lorde Iron*, tudo o que ele fazia era justo. Embora fosse sua própria justiça.



Uma semana mais tarde Dorine morreu enquanto dormia. Seu coração quebrou, fulminante.

Colbert sentiu muito, e algumas de suas garotas também. Em troca, o visconde de Lancaster, Edward Lyton, pareceu alegrar-se por alguns dias, até que se inteirou que o *Palais de lange* pertencia ao barão Mornay e que Colbert tinha atuado de intermediário. Então jurou vingar-se de ambos.

Numa manhã Paddy recolheu uma mensagem de Colbert chamando-o em sua casa. Estranhou que o recebesse pessoalmente no vestíbulo, mais ainda ao descobrir a bagagem que se empilhava contra uma das elegantes poltronas que adornavam o espaço.

— Parte?

— Retorno a Inglaterra. — Por sua cara, Paddy soube que ocorria algo grave. Colbert tinha profundas olheiras por não ter descansado nada. — Jhon morreu.

Sem poder acreditar Paddy levou uma mão à testa.

— Jhon? Deus meu! Como?

— Não sei. Hellen diz que sofreu um acidente. Vou, Paddy.

— Quer que o acompanhe?

Colbert suspirou.

— Prefiro que fique a cargo de tudo.

— Não se preocupem por isso, Iron. Como está sua cunhada e os meninos?

— Imagino que mal. Em parte, quero ir por isso. Maldição!

Paddy bateu no ombro de Colbert, consolando-o, embora não encontrasse nenhuma palavra que lhe dizer.

— Se ocorrer algo ou precisar se comunicar comigo, faça através do Seth Presley — disse Colbert lhe entregando um cartão.

— O *Demônio russo*?

— Sim, como no momento não vou instalar-me em nenhum lugar e vou diretamente à casa do meu irmão, Seth receberá minha correspondência. Além disso, descobri que está em Barcelona e viajaremos juntos a Londres.

Paddy nunca tinha visto Colbert tão decaído nem tão destroçado e se sentiu mal por ele. Sabia quão profundamente tinha amado seu irmão, apesar de não terem se visto naqueles últimos anos. Mas nunca tinham perdido o contato, e quando Colbert recebia correspondência de Jhon sempre lhe contava

como estavam seus sobrinhos. Também sabia que mais de uma vez Colbert tinha tentado convencer Jhon para que viajassem a Paris para conhecê-lo, entretanto, por um motivo ou outro, ao final não tinha surgido a ocasião.

— Lamento-o muito, amigo. Jhon era um tipo leal.

Colbert assentiu com dor.

— Eu não gosto de partir lhe deixando o problema do visconde. Vigie bem suas costas, Paddy.

— Esse tipo fala e ameaça muito, mas não se atreverá a vir por aqui. Vá tranquilo, amigo. — Não estava muito seguro se Colbert aceitaria um abraço dele, de modo que lhe estendeu a mão. — Cuide de sua família, que são os que mais lhe necessitam agora.

Era a primeira vez que Paddy ia ficar encarregado de tudo durante bastante tempo, mas ia cuidar do negócio de seu amigo como se fosse seu.

Capítulo 3

— Não acredito em nada do que dizem, senhor Meison. Começando por você e terminando pelo prefeito, acredito que desejam se esquivar e esquecer do tema para assim não pegar os donos desses cães. Foram cães e não lobos! — Disse Alana ao oficial, de mau humor. — Estão tentando confundir a minha irmã e a mim, mas já não suportamos mais e estamos decididas a atuar. — A jovem quis lançar-se sobre o oficial e lhe arrancar os quatro cabelos da cabeça quando ele a olhou zombeteiramente, entretanto, pela honra de seu cunhado e o respeito por Hellen, conteve-se. — Vou exigir às Cortes que abram uma investigação e que enviem um agente.

Agora sim que Alana zangou Jonas Meison. O homem se esticou e se aproximou tanto dela que pôde sentir seu fôlego na testa.

— A Coroa pedirá provas do que estão dizendo.

Ela se afastou um pouco dele para poder olhá-lo diretamente aos olhos. Por dentro estava aterrada.

— Faz uns seis meses que feriram aquele homem ao qual apelidavam *Seis Dedos* e foi atacado por cães. Recordam-no?

— Perfeitamente, era um vagabundo e um bêbado. Ninguém sabe onde pode estar agora. Pensa ir procurá-lo?

— Como prova, posso levar qualquer um dos homens que estiveram na equipe que procuravam os lobos. Nenhum deles viu sinais deles. Nem sequer uma triste marca, em troca, de cães sim. Muitas.

O oficial suspirou com força e levou as mãos à cintura subindo a calça. Esse gesto Alana tinha visto seu avô fazer várias vezes quando se dispunha a repreendê-la por alguma coisa.

— Olhe, senhorita Sanders, não me agrada absolutamente que me ameacem…

— Eu não o…

— Me dê um pouco de tempo para seguir averiguando - interrompeu. Ela se zangou ainda mais. — Temos muitos problemas neste momento.

— Pois eu não vejo que estejam fazendo nada para nos ajudar! O primeiro que deveriam fazer…

O homem soltou uma brusca gargalhada e olhou ao seu redor como se estivesse se divertindo. Encontravam-se no escritório do oficial. Um lugar úmido e escuro com uma só janela pela qual os raios de sol mal alcançavam a entrar.

— Vai me dizer como fazer meu trabalho?

— Procurem esses animais.

— E de onde tiro os homens? Invento-os? Não temos pessoal suficiente e nem todo mundo quer esse trabalho. Querem-no vocês?

Alana mordeu o lábio inferior e negou com a cabeça.

— Sinto muito, não sabia que existia falta de pessoal.

— Ora, claro que não sabe! Ande, parta à sua casa e deixe

os que sabem trabalhar.

— Se no final do outono não tiver notícias, irei às Cortes — disse.

O oficial não se incomodou em lhe responder. Abriu a porta e chamou um tipo para que a acompanhasse à saída. Alana tampouco voltou a lhe dirigir a palavra. Quando o propunha, podia ser a pessoa melhor e mais doce do mundo, mas também a mais harpia e ignominiosa do universo. Muito erguida, passou junto a ele, ajustando a touca.

Não pensava contar o ocorrido nem a Hellen nem a Nicolas. À sua irmã, para não fazê-la sofrer, e a ele porque sabia de sobra que se zangaria com ela por ter ido sozinha. Além disso, ele queria que aceitassem a morte de Jhon e deixassem as coisas como estavam. Mas era impossível fazer isso.

Encontrar o *Seis Dedos* não lhe tinha passado pela cabeça até que Meison o havia dito, mas a ideia era estupenda. Esse homem podia lhe dizer o que foi que lhe ocorreu exatamente. Ela sabia como fazer um bêbado falar. *«O pior vai ser localizá-lo»*, pensou.

De caminho à casa, como o tempo era esplêndido e no céu luzia um sol formoso e brilhante, foi perguntando nas cafeterias e restaurante que estavam na passagem.

Foi frustrante. Todos conheciam *Seis Dedos* de vista, entretanto, ninguém sabia onde tinha dormido enquanto esteve na cidade ou que lugares mais tinha frequentado.

— A cidade não é tão grande! — Murmurou procurando com a vista algum outro lugar para perguntar. As opções

estavam se esgotando e só faltavam alguns metros para entrar em sua rua.

Deteve-se ante a cristaleira de uma loja. Um engraxate sentado à sombra do edifício passava um pano em seu velho calçado. Era um moço imberbe mais fraco que o pau de uma estaca. Parecia aborrecido de não ter nada a fazer.

Alana se aproximou dele observando que não houvesse nenhum conhecido perto.

— Quer ganhar umas moedas? — Perguntou-lhe simulando estar olhando a cristaleira.

Ele elevou a cabeça. Não se deu conta que lhe falava até que Alana o olhou franzindo o cenho.

— Digo a você, moço. Quer ganhar algumas moedas?

— Claro que sim, senhorita — respondeu ficando em pé com um sorriso de orelha a orelha. — Quer que lhe limpe as botas?

Alana olhou as botas de cano longo em tom nata, forradas com uma renda divina e negou com a cabeça.

— A danificaria. — Estudou-o atentamente. — Está há muito tempo trabalhando por aqui, não é?

— Desde que era um magricela.

— Conhece um senhor ao qual chamam *Seis Dedos*?

— Claro, meu pai pôs-lhe o nome. — Pôs-se a rir, divertido. — Era repulsivo, tinha um polegar a mais. O viu?

Alana enrugou o nariz com desagrado e negou.

— Sabe onde poderia encontrá-lo? Eu gostaria de lhe perguntar algo.

— Pois isso vai ser difícil, senhora. *Seis Dedos* morreu faz

muito tempo.

— Morreu? — Articulou atônita.

O moço assentiu encolhendo os ombros.

— Diziam que tinha partido, mas não era certo. Morreu por uma infecção depois que os cães lhe atacaram no bosque.

— Eram cães? — Perguntou, animada. — Está seguro?

O moço arranhou a orelha. Ela viu uma careta em seu rosto.

— Ou lobos, não sei.

Alana soltou um forte suspiro, consternada. Outra vez se achava sem saída.

— O oficial sabe que morreu?

— Imagino que sim, senhorita. Quer saber algo mais? -Ela negou, ofuscada, tinha esperado encontrar o homem com vida, ou ao menos que alguém lhe confirmasse que classe de animais exatamente tinha sido. — Bom, mas quando me dará algum dinheiro?

Alana desatou o nó do moedeiro que pendurava em seu pulso e tirou várias moedas. Olhou ao jovem com seriedade.

— Toma.

O rapaz guardou o dinheiro com pressa e assentiu concordando.

— Muito obrigado, senhorita. Espero ter servido de ajuda.

Ela se despediu com uma sacudida de cabeça. Pensativa, chegou em casa e encontrou sua irmã esperando-a ansiosamente.

Lorde Huntington tinha visitado Hellen, coisa que não era a primeira vez, desde que Jhon havia falecido, e sempre dando

a casualidade que Alana não estava, mas nesta ocasião, o muito porco se atreveu a lhe propor matrimônio.

— Diz que sua casa é muito grande para alguém tão só e que os meninos poderiam estar melhor atendidos. É claro, neguei-me, — contava Hellen, indignada — e o muito… estúpido ousou me dizer que se me casar com ele todos os nossos problemas desaparecerão, que duvida muito que possamos sobreviver sem sua ajuda.

— Esse homem é um aproveitador insensível! Não tem respeito? É asquerosa a forma de te assediar! — Explodiu sem poder reprimir-se.

— Sei, Lania, se acalme.

— Que me acalme? Um chute no traseiro é o que lhe daria agora mesmo. Esse homem terá que me ouvir…

Hellen a deteve antes de chegar ao cabideiro do hall.

— Não irá a nenhum lado. Já disse que não mil e uma vezes. É melhor não lhe dar atenção.

— Então será melhor que não apareça por aqui, do contrário penso mandá-lo ao inferno.

— Não blasfeme! — Repreendeu-a Hellen com olhos brilhantes. — Esse homem seria a última pessoa a quem iria procurar ajuda.

— Isso espero, Hellen. Por mim, Huntington pode fazer todas as suas ameaças só… — se interrompeu para não soltar uma bobagem. Era muito impulsiva e se deixava levar facilmente pelo mau gênio. — Sim, o melhor será que nos esqueçamos dele — respondeu repensando.

— Há algo mais que não te contei ainda. Recebi uma carta

do senhor Baxter.

Alana curvou as sobrancelhas, intrigada.

— Uma carta do prefeito? Não entendo.

— Despediram-me — respondeu Hellen, aflita. — Já não sou professora — disse, rompendo a chorar.

Alana demorou vários minutos em digerir a notícia.

— Não podem fazer isso! — Exclamou. — Não faltou tanto tempo para chegarem a esse extremo! Sabe o que acredito? - Hellen curvou uma sobrancelha, olhando-a. — Huntington tem algo a ver com isso.

— Não diga tolices!

— Ora! Tolices! Oxalá eu esteja confundida, mas estou segura que esse tipo está procurando o modo de te conseguir e para isso nos porá no limite.

— Não acredito, Lania. Se ao menos Colbert desse algum sinal de vida..., mas parece que a terra o tragou. É estranho que não tenhamos tido nenhuma notícia dele.

Alana cruzou os braços sobre o peito.

— Vejo mais factível que se case com Huntington a que venha alguém que não se preocupou em ver seus sobrinhos em... quanto? — Soltou uma gargalhada ácida. — Ah, não, espera! O que estou dizendo, nem os conhece!

— Pois estou cruzando os dedos para que venha logo. Estamos totalmente arruinadas.

— Hellen, não conhecia esse seu senso de humor. Será melhor que aceite que esse homem virá quando do céu chover moedas de ouro. Quer dizer, nunca. Não, espera! — Deu-se conta do que sua irmã acabava de dizer. — Disse que

estamos… arruinadas?

— Já não temos como pagar as contas, Lania. E o pior… é que não sei o que vamos fazer. — Confirmando que tudo o que terminava de dizer era certo, Hellen correu ao seu dormitório envolta em muitas lágrimas.

A partir desse dia, Hellen entrou em um estado profundo de depressão, e Alana teve que encarregar-se da casa e dos gêmeos. Começaram a prescindir de muitas coisas que embora fossem necessárias, poderiam arrumar-se sem elas. O último foi leiloar uma linda escrivaninha de ébano que Jhon comprou. Ao fazê-lo Hellen tinha chorado até ficar sem lágrimas, mas Alana teve que fazer que entendesse a necessidade de conseguir dinheiro. Sabia o quanto significava aquele móvel para ela, mas não tinham outra forma de consegui-lo. Quando pareciam recuperar-se pela venda de algum utensílio, logo acontecia algo que fazia com que se afundassem mais. Na casa já não ficava grande coisa para vender ou empenhar, exceto o próprio imóvel, que se o fizessem não teriam nenhum lugar para onde ir e tampouco sabia quanto lhes ia durar o dinheiro que recebessem em troca. Dada sua situação, o banco se negava a hipotecar a moradia.

Alana era uma moça bonita e singela, educada na fé e no cristianismo. Tinha um corpo magro e esbelto que cobria com roupas recatadas e passadas de moda. Seus olhos eram verdes como as esmeraldas, rodeados de longas e espessas pestanas. Uns discos expressivos e cheios de vida. Seu queixo era pequeno e elegante, as maçãs do rosto, altas, mas o mais chamativo de tudo, sem dúvida, era sua espetacular juba

acobreada que sempre levava recolhida em um coque frouxo. Hellen se tinha dado conta nesses últimos meses que a moça não passava tão desapercebida como quando chegou há seis anos. Agora tinha amadurecido e até o leiteiro ia duas vezes ao dia só para vê-la.

No final do verão a sorte do destino quis que Alana encontrasse um posto de garçonete na estalagem *A garça branca*. Não era muito o que conseguia.

A garça branca era um lugar mais ou menos tranquilo, limpo, onde em sua maioria os clientes que viajavam à Londres, por mar ou por terra, detinham-se a pernoitar. Isso não significava que de vez em quando não entrasse gentinha em busca de alguma empregada disponível. Alana se defendia bem quando isto acontecia. Dirigia o pau da vassoura melhor que um espadachim sua arma. Entretanto, o que mais lamentava era não poder ficar perto de Hellen para protegê-la de lorde Stephen Huntington. O homem parecia haver se obcecado por ela.

Capítulo 4

Colbert quis fugir de seus próprios horrores escondendo-se em Nápoles e em Roma. Custava-lhe um verdadeiro esforço retornar ao seu país natal. Entretanto, ao final, não teve mais remédio que viajar a Barcelona, onde o esperava Seth Presley para embarcarem no *Afrodita*.

O navio era completamente novo e moderno, desenho exclusivo de um estaleiro dinamarquês dirigido por Sigmund Farmer e do qual o *Demônio russo*, Seth Presley, era sócio.

Afrodita admitia passageiros, mas não a qualquer um. Só o trajeto já custava uma fortuna em um alojamento pequeno. É claro, Colbert não olhava os preços, e seu camarote era um dos mais luxuosos, situado no castelo de proa. A nave estava aprovisionada de vários refeitórios, duas cafeterias e um pequeno posto de ricos sanduíches. Também possuía o auditório, o mais demandado pelos homens, já que era um lugar proibido para as mulheres e no qual fingiam fechar negócios quando se dedicavam a fumar, beber e jogar cartas.

Voltar a encontrar-se com seu amigo Seth, o que lhe trouxe boas lembranças. Quando Colbert abandonou a marinha fez várias trapaças para conseguir dinheiro fácil e rápido, e em uma delas topou com o *Demônio*. Ambos se

fizeram amigos e, apesar de terem vivido esses anos em países diferentes, tinham seguido compartilhando negócios. Esses últimos tempos menos, já que Napoleão não estava no poder, e depois da trégua, não precisavam passar informação. A palavra mais exata para descrevê-los seria espiões, mas eles preferiam chamá-lo intercâmbio de pensamentos.

Durante a viagem, além de divertir-se com muitas das belas damas que compartilhavam a travessia, o *Demônio* russo o pôs ao dia sobre alguns assuntos interessantes, querendo convencê-lo de iniciar juntos um novo negócio. Colbert não lhe havia dito que sim, tampouco se tinha negado. Só lhe assegurou que se manteriam em contato. Estava decidido a converter-se em um homem respeitável. Ao menos tinha que tentar por Jhon.

Chegou a Christchurch cansado e faminto. A cidade foi fundada no sétimo século, na confluência dos rios Avon e Stour, que desembocavam no porto chamado da mesma maneira que a cidade, mas poucos navios de passagem chegavam até ali, por isso ele tinha desembarcado em Londres e após pernoitar na *Ferradura de prata*, estalagem situada nos subúrbios da capital, perto dos Brejos, terminou o resto do percurso de coche de aluguel.

Não tinha a direção de sua cunhada. Alguém seguramente poderia lhe indicar onde vivia a professora da cidade, pois apostava que ali não haveria muitas escolas.

Sua grande altura, media um pouco mais de um metro e noventa, corpo forte, sem um grama de gordura a mais, olhos cinzas como a prata com pequenas nervuras douradas capazes

de congelar os fogos do inferno e seu espesso cabelo escuro caindo sobre os ombros lhe dava um aspecto feroz e intimidante. Nunca passava desapercebido, e no condado de Dorset não foi diferente. Logo que pôs os pés no chão, já começaram a murmurar sobre ele. As mulheres o achavam formoso. Assim que o conheciam gostavam muito, não só de seu impressionante físico, mas também de seu humor entre zombador e ácido. Era difícil saber quando brincava ou, pelo contrário, falava a sério.

O cocheiro lhe indicou um bom lugar onde comer e, certamente, conseguir a informação que desejava.

A garça branca não lhe pareceu um mau lugar, apesar do aroma de pescado morto que arrastava as águas do rio que corria pela parte traseira do botequim. O local estava limpo e ao não haver muito pessoal, os sussurros que chegavam das mesas ocupadas não incomodavam.

Assim que chegou, uma corada moça se aproximou dele bamboleando os quadris com um sorriso atrevido. Disse-lhe o que procurava e o guiou até uma mesa situada em um rincão muito confortável, junto à lareira de pedra.

Com um só olhar Colbert fez um rápido estudo do lugar e das pessoas. Quatro paroquianos jogavam cartas bebendo cerveja. Um homem elegantemente vestido se achava de pé perto do mostrador com os olhos fixos em sua bebida, em atitude pensativa. Um ancião comia em uma mesa, e havia outro homem sentado em uma cadeira com os braços cruzados sobre o peito, junto à entrada, olhando-o com interesse. Atrás do balcão o taberneiro secava copos com um tecido enquanto

parecia conversar com uma bonita ruiva que esquentava algo em um dos fogões a lenha. A moça o observou friamente antes de voltar-se para a panela.

Ignorando-a, sobretudo pelo duro olhar que lhe acabava de jogar, despojou-se do casaco e o deixou sobre uma cadeira próxima. O fogo crepitava no lugar devorando os troncos secos com velocidade. O ambiente era tão agradável que provocava torpor. Um grande contraste com o frio que açoitava as ruas de Christchurch.

A garçonete retornou com uma jarra de vinho e um copo. Uns minutos depois depositou ante ele um fumegante guisado. Ele olhou com um brilho apreciativo em seus olhos seu estreito vestido com um decote tão baixo que descobria mais seus seios cheios do que os ocultava.

— Vai necessitar de um quarto para passar a noite, senhor? Temos lugar de sobra.

Colbert negou.

— No momento só estou interessado em saborear isto — respondeu pondo várias moedas sobre a mesa, que ela se apressou em recolher. — Poderia me dizer, se souber, onde vive a professora da escola?

— Perguntarei ao dono. Conhece todo mundo daqui ao Somerset, passando por Devon e Hampshire. Em um minuto retorno, senhor.

Colbert assentiu e seus olhos cruzaram de novo com os da jovem que tinha estado esquentando a panela; eram de um tom verde escuro, como o brilhante musgo. Desconcertado, descobriu que seguia olhando-o de mau humor. Sua intuição

lhe advertiu que estava zangada, certamente porque era tarde para comer. Era uma lástima, porque a moça estava muito bem. Se pensava ficar por ali uma temporada, uma jovem como aquela lhe viria maravilhosamente bem para as noites frias do inverno.



Na realidade, Alana estava chateada porque tinha reservado o guisado para levar para casa. Pensava que dada a hora que era, ninguém iria quere-lo. Também estava irritada com Dafne, antes que o homem pedisse algo percebeu que lhe ofereceu o guisado de batatas, mas não lhe tinha dado atenção.

— Espero que não fique para dormir. Sara saiu para ver sua mãe e não gostaria, absolutamente, de ter que preparar nenhum quarto — queixou-se entredentes.

Dafne riu bobamente agitando a cabeça.

— Tem sorte, sua senhoria disse que não.

«Bom», pensou guardando o guisado restante. Era escasso para quatro pessoas, mas ao menos os meninos teriam um pouco.

— De todos os modos, Sara já não pode demorar muito. Bernard comentou que se seguir faltando desta maneira não terá mais remédio que mandá-la embora. — A loira a olhou com um sorriso malicioso e um suspiro fingido. — Seria uma pena, não é?

— Seria muito injusto. Sua mãe está sozinha e não pode permitir-se…

— Não se zangue comigo, menina! Foi Bernard quem disse.

Alana olhou ao dono de soslaio. Ele tinha terminado de colocar todos os copos sobre a estante e se dispunha a sentar-se em um dos tamboretes para ver como jogavam as cartas. Não era tão má pessoa como Dafne queria lhe fazer acreditar.

— Ele nunca o faria. — Voltou a vista para ela franzindo o cenho. — Acaba de inventar isso.

— É possível. — A mulher limpou as mãos no sujo avental e baixou o decote um pouco mais antes de voltar para a mesa do recém-chegado. — Menina, não parta até que o cavalheiro se vá. Não quero que me deixe algum prato sujo por aí.

Alana sentiu desejos de gritar. Acaso aquela preguiçosa era incapaz de lavar um prato? Aproveitava-se dela porque estava há mais tempo trabalhando e porque se deitava com o dono. Dafne era tão parva que não sabia que ela estava à corrente da história, entre outras coisas, porque a loira estava casada, mas era inegável quando só bastava olhá-los. Quando Alana se zangava com ela, o primeiro que lhe vinha à cabeça era ameaçá-la contando a todo mundo a confusão que tinha com o Bernard, entretanto conseguia repensar a tempo sabendo que quão único podia conseguir era que a despachassem da *Garça*. E não podia perder aquele emprego.

— Não se preocupe — respondeu Alana, a contragosto, em voz alta para que a outra escutasse. — Deixarei tudo recolhido, como sempre.

Dafne a olhou sobre o ombro.

— Não se queixe, que faz um momento eu tirei todo o lixo. Amanhã é sua vez.

— Para uma vez que o tira…

— Garotas, parem já! — Advertiu Bernad olhando de uma a outra com o cenho franzido.

Dafne foi conversar com o forasteiro, mas ele não devia ter muita vontade de falar, porque retornou em menos de um minuto.

— Acredito que é caçador — sussurrou com gesto de ter sido rejeitada.

Alana franziu o cenho.

— Você crê? — A outra assentiu. — Então, irá alojar-se com o prefeito.

— A senhorita Claudia vai se pôr muito contente de ter em sua casa um tipo assim.

Alana encolheu os ombros com indiferença.

— Ficaria igualmente contente sendo o homem que fosse. Quer casar-se com alguém que use calças, tanto faz o físico.

Dafne a olhou seriamente.

— Não sei por que pensei que eram amigas, ao menos isso escutei dizer.

Alana limpou o balcão com um pano que essa mesma manhã era branco como a cal e que agora luzia entre vermelho e amarelo.

— Fomos amigas por pouco tempo.

— O que aconteceu?

— Não te interessa, Dafne, deixa-o.

— Ora! Tem um mau gênio! Não é culpa minha que não possa partir…

— Não siga, Dafne! — Grunhiu.

Orgulhosa como um pavão, a loira se uniu para ver a partida de cartas.

Alana, mais furiosa ainda, esperou com impaciência que o forasteiro terminasse. Ele parecia ter uma tranquilidade incrível, como se não tivesse pressa. De vez em quando olhava-a desafiando-a. Ela tinha a sensação de que o fazia de propósito. Era um tipo muito atraente. Bastante bonito, teve que reconhecer uma vez que o viu de perto. Seu cabelo negro e aqueles olhos claros ressaltavam um formoso rosto moreno, forte e esculpido. Estava envolto em uma aura de periculosidade, como se não lhe importasse o que tinha ao redor, mas sempre a par de tudo. Por um momento recordou a alguém, não soube o que nem a quem. Talvez algum gesto ou a maneira de olhar… possivelmente já o tinha visto antes e não conseguia recordar. Tampouco se preocupou muito. Esse homem era para se olhar de longe sem aproximar-se em demasia. Um *«palerma presunçoso»*, como diria Jhon.

Alana caminhou para a entrada sem reparar muito no paroquiano que estava sentado ao lado e olhou através do vidro da porta.

Na rua se levantou um forte vento que arrastava terra e folhas secas por todo o meio-fio. Só uma luz tremente iluminava fracamente o beco formando grandes atoleiros de sombras.

— É muito tarde já, quer que a acompanhe a casa, pequena?

Alana se voltou para o homem, que se endireitou na cadeira e a olhava com descaramento, mostrando uns dentes

negros e putrefatos.

— Não, Thommy, obrigada. — Não gostava absolutamente do homem. Sempre que ia estava acostumado a olhá-la de uma maneira estranha e passava a língua pelos lábios de forma assustadora. — Virão me buscar.

— Ah, sim? — O indivíduo sabia que mentia. A cidade não era tão grande para não saber da vida dos outros. De um só movimento incorporou-se retirando a cadeira para trás com o pé, formando um grande estrépito que chamou a atenção do resto.

— Deixe-a, Thommy! — Disse Bernard, avisando. — Por que não vai já? É tarde. Seguramente seus meninos estão te esperando.

— Sim, parto — respondeu abotoando um comprido e velho casaco que cobriu seus tornozelos. Voltou a vista para Alana, que tinha se afastado para colocar as cadeiras nas mesas vazias. — De verdade não quer que a espere, linda? Sei bem que ninguém virá te buscar.

Com o coração pulsando na garganta, Alana negou com a cabeça e lhe deu as costas. Pela extremidade do olho, viu ao homem que estava perto da lareira. Seguia comendo seu guisado e parecia não estar interessado em nada mais. Tanto tempo necessitava para terminar sua ditosa terrina?

De repente ele elevou o olhar e cravou nela uns penetrantes olhos cinzas.

— Traz-me outra jarra, empregada?

«À cabeça», pensou ela mordendo a língua.

— Eu lhe levarei. — Dafne correu a preencher-lhe como se

isso fosse a sua vida.

Alana retornou ao balcão soprando em silêncio. Pouco depois chegou Dafne lhe entregando o prato.

— Aqui tem, termina de lavá-lo e repassa um pouco o chão antes de ir.

— Lavei-o não faz muito!

— Pois faça outra vez, há rastros.

Fervendo de ira observou o barro dos ladrilhos.

— Se limpasse os pés cada vez que entra do pátio não os haveria!

— Limpa-o, Alana — ordenou o dono cansado de estar todo o santo dia escutando brigas.

— Deveria amordaçar as duas. — Riu um dos homens. Outros acompanharam suas brincadeiras com mais graça.

Amaldiçoando baixo, Alana obedeceu. Quando saiu do botequim não tinha ninguém dentro. Amassou-se sob o grosso capote enfrentando o frio gelado que corria livre pela via. O ar golpeou seu rosto com força, congelando suas bochechas. Era uma noite de cães!

Com o passo acelerado e olhos espreitando, encaminhou-se para casa. Tinha pelo menos vinte minutos de caminho e não havia uma alma vivente pela rua. Desejava se ajeitar um momento na poltrona enquanto comentava com sua irmã o que tinham feito no dia. Um pequeno descanso que conseguia relaxá-la.

Ao dobrar a esquina, esteve a ponto de tropeçar com um sujeito que saiu das sombras. Afogou o gritou ao reconhecer Thommy e embora seu coração batesse com potência, simulou

sentir-se tranquila.

— Não vinham te buscar? — Perguntou ele com uma risadinha miserável.

— Me deixe em paz, Thommy, não quero nada contigo. — Esquivou-o e, com passo firme, continuou caminhando.

— Não está sendo muito amável comigo, linda.

Ela franziu o cenho, sem deter-se. Thommy a seguia muito de perto.

— Não quero que me acompanhe, Thommy! — Aumentou a velocidade e se preparou para subir as saias e lançar-se à corrida. O homem a puxou por um cotovelo, fazendo-a girar com força ao ver suas intenções.

— Pequena, sou o lobo feroz e vou te comer inteira!

As forquilhas de seus cabelos se soltaram e o coque se desmoronou atrás de suas costas em forma de cachos de cabelo; várias mechas empurradas pelo ar ficaram sobre sua bochecha e sua boca.

— Me deixe! — Gritou, lutando por liberar-se de sua mão. — Ficou louco? Farei que lhe enforquem, estúpido bêbado!

— Vale a pena morrer por ti. — Empurrou-a com energia contra a parede de um edifício. Esmagou o corpo magro querendo beijá-la nos lábios.

O pacote que Alana tinha envolto sob o casaco caiu sobre o chão. Nenhum dos dois lhe deu atenção. Ela gritou, lutando com ele. Sentia náuseas por cheirar seu fôlego azedo. O homem não era muito grande nem muito alto, entretanto, tinha mais força que ela e não a deixava escapar da pressão que exercia. Seu aspecto sujo era vomitivo e sob um olho tinha uma feia

verruga que pendurava à mercê do vento.

Thommy conseguiu pousar sua boca no pescoço de Alana, deixando um rastro de beijos úmidos e pegajosos. Ela gemeu enojada, lhe puxando pelo cabelo com força. Não pensava lhe demonstrar que lhe temia. Se fraquejasse com rogos e suplica ele aproveitaria a oportunidade para dar-se bem, embora certamente fosse inevitável que sentisse medo com aquelas mãos sujas e estragadas lutando por introduzir-se sob suas roupas.

— Thommy! — Gritou-lhe com estridência. Procurou ao seu redor rogando que passasse alguém, mas o frio e a noite tinham afugentado a todo mundo ao calor de suas casas.

Seu coração começou a pulsar com tal violência que pensou que sairia disparado. O homem lhe cobriu a boca com a palma da mão e ela lutou lançando chutes a torto e a direito. Podia cheirar seu suor transpassando o casaco. Uma mescla enjoativa entre rançoso e azedo.

— Vou ensinar-te que sempre deve obedecer aos seus maiores. Em sua casa não lhe ensinaram isso?

Ela negou com ferocidade.

Thommy foi arrastando-a para uns currais envoltos na escuridão.

— Suplico-lhe, por favor, me deixe em paz — disse Alana entredentes, tentado que entrasse em razão.

— Isto está melhorando — respondeu ele. — Confia em mim.

Alana teria preferido confiar em uma víbora. Por sua cabeça cruzou a certeza de que ia ser grosseiramente violada.

Sacudiu-se com todas as suas forças, entretanto, vendo que assim não conseguia nada, mudou de tática.

— Farei voluntariamente, por favor. Não me faça mal.

Ele se deteve, olhando-a fixamente.

— Crê que sou estúpido? — Ela agitou repetidamente a cabeça. — Assim que te soltar escapará correndo daqui e chamará o oficial.

— Não farei — lhe prometeu.

— Me beije primeiro.

Alana perdeu completamente a cor do rosto. Não tinha conseguido enganá-lo e decididamente quão último ia fazer era beijá-lo voluntariamente. Revolviam-se as vísceras só de pensar.

Thommy esbofeteou seu tenro rosto com força e pôs-se a rir com crueldade.

— Sabia. Conheço de sobra as pequenas como você, incapazes de cumprir suas promessas. Mas não se preocupe, não terei isso em conta. Vai gostar tanto de se derrubar comigo que virá me suplicar todos os dias.

Custou-lhe manter as mãos de Alana seguras, porque ela, furiosa, começou a revolver-se de novo.

— Talvez eu goste — escutaram um homem dizer em tom perigoso. Foi como se o tempo e o espaço parassem de repente. Até o vento parecia que se acalmava de repente.

Por ato reflexo Thommy se virou soltando a jovem. Ela, ao princípio, foi incapaz de mover-se. Não podia perceber nada que não fosse a sombra escura e corpulenta do intruso e seu agressor tirando algo do bolso de seu casaco.

Thommy agitou a faca fazendo com que a folha brilhasse sob a luz dos postes. Alana fechou os punhos com força e não esperou para ver mais. Recolheu a saia como pôde e escapou do lugar como alma que leva o diabo. Não chegou a ver como o indivíduo desarmava Thommy, levantava-o pelas lapelas e lhe dava vários murros em forma de lembranças para que acumulasse como experiência vivida.

Capítulo 5

Alana abriu com rapidez o ferrolho da pequena porta de ferro forjado que acessava ao jardim e subiu voando os degraus do alpendre. Voltou a olhar outra vez sobre seu ombro, assegurando-se que ninguém vinha atrás dela. Seu coração estava a ponto de explodir e suas pernas eram gelatinas dispostas a desmoronar-se de um momento a outro.

O vento seguia soprando com força e em algum lugar escutava-se a portinha de uma janela golpeando a porta.

Hellen, esperando a moça na galeria, abriu a porta assim que a escutou chegar. Observou-a preocupada.

— O que ocorreu, Lania? O que aconteceu?

— Entra, Hellen, não nos demoremos na porta -respondeu a jovem sem fôlego. Rompeu a chorar uma vez que esteve no interior.

O vestíbulo estava fracamente iluminado por uma oscilante vela colocada sobre uma escrivaninha fechada, flanqueado por duas elegantes poltronas em tons creme. Sobre o móvel havia um espelho quadrado que apanhava a luz do pavio, expandindo-a para o teto.

— O que aconteceu? — Insistiu Hellen, abraçando-a como se não quisesse nunca mais soltá-la. — Virgem santíssima,

temos que chamar o doutor?

— Não! Não! — Alana se separou dela e limpou as lágrimas. — Não aconteceu nada!

— Se olhe!

— Não é o que pensa — não podia dizer a verdade se não quisesse que Hellen se aferrasse a essa desculpa para obrigá-la a deixar o emprego. — Estou alterada porque me assustei. Um bandido quis... me roubar — tentou controlar tanto sua voz como os tremores de seu corpo, embora o medo seguisse pintando seus olhos verdes. — De verdade, Hellen, tem que me acreditar. Prometo-te que não voltarão a me pegar despreparada.

— E seu cabelo? E as roupas?

— Foi de correr tanto. — Tocou-se a testa com pesar e arrumou várias mechas, que caíam revoltas sobre a testa, para trás. — O único que perdi foi o guisado. — Soltou um profundo suspiro de alívio. — Nem sequer ao sujeito foi bem ao querer me roubar. Tinha que havê-lo visto! Chegou outro tipo, um muito alto, tão alto como a porta, quase. Sabe o que fez? Enfrentou ao ladrão e lhe baixou as fumaças.

— Como que o enfrentou?! O que aconteceu?

— Bom, se te disser a verdade, não fiquei vendo-o, mas pude escutar seus gritos.

— Vem, me deixe que te ajude com o casaco. Parece um iceberg!

— Faz muito frio esta noite. Calma, Hellen, estou bem - repetiu mais acalmada.

— Eu não gosto que esteja até tão tarde nas ruas, alguém

poderia te fazer mal. — Ajudou-a com o capote e franziu o cenho ao ver todo o decote rasgado. — E isto? Não minta, Lania! Quero saber a verdade!

— A verdade é o que te contei. O homem me agarrou por onde pôde, e eu puxei e puxei até que consegui escapar. Todo o momento me dizia *«a bolsa ou a vida»*. — Tragou com dificuldade ante tamanha mentira. Deus a ia castigar pelo pecado, entretanto, Hellen não podia saber o que realmente tinha ocorrido ou o que teria podido ocorrer. Não queria que se assustasse. — Hellen, se gritar fará com que os meninos desçam para ver o que aconteceu, e eu não gostaria que me vissem assim.

— Não troque de tema — a repreendeu com olhos furiosos. — Quero saber o que aconteceu e pode estar segura de que me contará a verdade.

— Não estou trocando de tema! Estou te dizendo toda a verdade! Saí tarde porque um palerma dos grandes foi à *Garça* na última hora.

Hellen sorriu com tristeza ao escutar a palavra que tinha usado seu marido frequentemente.

— Se Jhon estivesse aqui…

Alana deixou de prestar atenção e se aproximou da janela. Tudo seguia igualmente vazio como há um momento, e as folhas arrastadas pelo vento deslizavam sobre o chão como um revoo de murmúrios.

— Podem ter lhe seguido, Lania? — Perguntou Hellen, observando-a.

— Não acredito. — Girou-se para sua irmã mais velha com

um olhar tranquilizador. — Não aconteceu nada, juro-lhe isso.

— Quem foi? Pôde reconhecê-lo?

— Não.

— Nego-me a que siga indo a esse lugar!

— Já o discutimos mil e uma vezes. Sei que é perigoso, não sou tola, mas teremos que nos aguentar com o que há. Por que segue me tratando como uma menina?

— Porque para mim seguirá sendo sempre!

Alana franziu os lábios com irritação. Se não fosse por ela nesse mesmo momento poderiam estar mendigando pelas ruas. Replicou:

— Pois eu já estou cansada! Não te demonstrei que posso com tudo? Tenho idade suficiente para fazer o que quiser sem que você me mande. — Ao ver o rosto desconsolado de Hellen arrependeu-se em seguida. Ela não tinha culpa do que tinha acontecido. — Hellen, esse trabalho é quão único temos — prosseguiu mais acalmada. — Já não temos nada para vender e, seguindo desta maneira, teremos que ir viver na rua. Trabalhar ou roubar, essa é a única opção que fica.

— Não diga isso, Lania. — Dolorida, Hellen se voltou a pendurar o objeto no cabideiro pendurado na parede junto à porta. — Tenho que te agradecer que tenha estado cuidando de mim e dos gêmeos todo este tempo, mas eu já me encontro mais forte. Preciso voltar a me sentir útil.

— Sinto-o — se desculpou Alana. Seguidamente abraçou sua irmã, lhe esfregando as costas com carinho. — Estou um pouco nervosa, é só. Como estão os meninos? — Perguntou sem dar mais importância ao acontecido. Tentava moderar os

batimentos do seu coração, mas parecia realmente difícil. Podia sentir as asquerosas mãos de Thommy sobre seu corpo e desejou retirar-se ao quanto antes para poder lavar-se, entretanto, como não podia confessar isso à Hellen, simulou estar muito cansada e fingiu um bocejo. — Deve ser muito tarde já.

— Sim, e faz horas que dormiram. Willy queria te esperar, mas lhe fecharam os olhos antes de terminar de ler o conto. Comeu?

— Sim, e você?

— Também — assentiu Hellen. — Uma riquíssima sopa de pão com leite.

Alana a olhou preocupada. Sua irmã sempre tinha sido uma mulher forte, e nesses últimos meses tinha perdido muitos quilos. Encontrava-se magra, com uma contínua expressão de dor em seu rosto.

— De verdade se encontra bem, Lania? Quer que te prepare uma infusão?

Alana assentiu.

— Seria bom. Importa-se se depois tomo um banho?

— Claro que não. Enquanto te preparo as ervas, vou esquentando a água. Fica um pouco no salão e sente-se junto à lareira.

A moça obedeceu, entrou na sala e se sentou em uma das poltronas com a vista fixa no quente fogo recém avivado que ardia no lar. Passaram vários minutos até que Hellen se uniu a ela.

— Por que não fica aqui amanhã? Eu posso dizer ao

Benson que passe pela *Garça* e diga ao Bernard que não se encontra bem — disse Hellen colocando uma bandeja sobre uma mesa de chá. Sentou-se em uma cadeira perto de Alana.

— Não posso faltar — respondeu pesarosa. — Amanhã desembarca o *Gárgula*. Não vamos poder parar nem um só minuto.

Nos dias que os navios grandes tocavam o porto de Weymouth a cidade se voltava um enxame de gente. Familiares que iam procurar os viajantes, viajantes que precisavam descansar da longa travessia, outros que precisavam comer algo fresco e não o que se cozinhava em alto-mar. Gente procurando trabalho. Em Dorchester também havia bons restaurantes, mas as pessoas se queixavam dos exorbitantes preços que tinham e preferiam ir até Christchurch.

Hellen cobriu a cara com as mãos.

— Dá-me tanta pena ver-te assim, Lania. Deveria estar desfrutando de sua juventude. Tem idade de conhecer algum homem bom, se casar, formar uma família, e, entretanto, está aqui, cuidando de…

— Cuidando das pessoas que amo — a interrompeu com honestidade. Com pesar olhou a sala com paredes de painéis de madeira. Antes tinha parecido menor, mas agora, com a falta de móveis, apresentava-se grande e nua. As cortinas verdes que cobriam o oco de duas janelas estavam um pouco desgastadas e debaixo ficava um aparador acristalado com uma única lamparina de mesa. Em um rincão se achava uma mesa quadrada, de segunda mão, que tinham conseguido em troca de vender a grande, que antes ocupava quase o salão

completo, e umas poucas moedas. Ficavam duas poltronas, quatro cadeiras e uma pequena estante cheia de livros que tinham pertencido ao Jhon.

Uns fortes golpes na porta fizeram com que Alana saltasse de seu lugar. Ambas as irmãs se olharam espectadoras.

— Seguiu-me! — Exclamou a mais jovem em estado de alerta.

«Será Thommy quem chama?», perguntou-se, assustada. Não podia ser possível! Devia estar muito bêbado e muito louco para fazer isso.

— Vou ver — disse Hellen indo ao vestíbulo. Alana a pegou pelo braço ao mesmo tempo que a acompanhava.

— É melhor que não abramos.

— De acordo, mas teremos que ver quem é.

— Não precisa. Finjamos que não estamos.

— Estarão vendo as luzes lá de fora!

— E daí?! Estas não são horas de receber visitas!

— Lania, está se comportando de um modo infantil.

— E você, de um insensato. Não se dá conta que pode ser o mesmo homem que vem a… nos roubar?

Hellen tragou saliva ruidosamente.

— Você crê? — Sussurrou. — A casa? Não tem sentido, Lania.

Alana não quis discutir com ela.

— Pergunta quem é — disse dando seu braço a torcer. Correu para a cozinha e agarrou uma comprida faca de cortar carne. Se por acaso fosse Thommy não ia duvidar em cravar-lhe.

Quando voltou para o vestíbulo viu Hellen olhar pela janela e logo colar a boca na porta.

— Quem chama? — Perguntou Hellen com voz nervosa.

A resposta chegou uns segundos depois, confundida com o forte vento da rua.

— Colbert Wakefield.

As duas se olharam. Hellen, com surpresa e seus olhos azuis abertos como pratos. Alana, com o cenho franzido e a faca obstinada com força atrás de suas costas.

Dúbia, Hellen abriu a porta. A alta silhueta de um homem se recortou na escuridão da noite.

Colbert deu um passo adiante e a luz da galeria deu totalmente sobre ele.

— É você de verdade! — Exclamou Hellen emocionada.

Alana ficou boquiaberta quando reconheceu o palerma presunçoso no mesmo momento que pôs os pés na galeria. Com o casaco posto podia ser que tivesse passado mais inadvertido, mas o cabelo negro que chegava aos ombros… era o mesmo personagem da estalagem! Irmão do Jhon? A isso se devia acreditar havê-lo visto antes! Era bastante parecido com ele. Tremeram-lhe as pernas ligeiramente. Depois de tudo tinha ido visita-las! Incrível!

— Hellen Sanders? — Perguntou ele observando atentamente a mulher. Distinguiu-a assim que a viu. Não a recordava tão magra, mas lhe veio à mente sua espessa cabeleira vermelha. Que coincidência ser a segunda que via nessa noite! Possivelmente um desígnio do destino.

Hellen era uma mulher atraente, de aspecto singelo. Forte,

sem chegar a ser obesa, e de arredondados quadris. Possuía uns olhos azuis muito bonitos sob umas sobrancelhas finas e perfiladas, não obstante parecia doente com a pele tão pálida.

— Colbert! — Ela se lançou aos seus braços pegando-o despreparado. Não esperava um recebimento igual, e mais, tinha esperado certo rancor por não ter acudido antes. Devolveu-lhe o abraço sentindo-a tremer e se amaldiçoou por não ter se preocupado antes com eles.

Hellen se separou dele limpando as lágrimas que tinham começado a fluir de seus olhos claros e o estudou com atenção, certamente procurando nele algo parecido com Jhon. Ambos eram altos e fortes. Embora Colbert tivesse os olhos cinzas em comparação com os escuros de Jhon, e seu corpo era mais magro, embora tivesse os ombros largos e um peito forte.

— Lamento não ter vindo antes, Hellen — se escutou dizer. Tinha pensado muito em suas palavras de desculpa, naquele momento nenhuma mais chegava à sua boca. Tantas coisas a dizer e a briga que acabava de ter na rua fazia uns minutos lhe tinham deixado a mente em branco. Deu-se conta das intenções do bêbado da estalagem e tinha esperado até que a garota saísse. Sua intuição nunca falhava.

Sentiu de repente a presença de alguém mais e ao dar uma olhada percebeu uma jovem que o olhava de cima a baixo. A moça da estalagem! A mesma que acabara de salvar na rua! Nunca tinha ficado mudo tão repentinamente, exceto naquele momento em que sentiu os olhos verdes sobre ele.

— É minha irmã Alana — Hellen se apressou a apresentá-los. — Ele é o irmão de Jhon, Colbert Wakefield.

A moça assentiu timidamente sem sair de seu assombro. Tirou a mão que escondia em suas costas para saudá-lo, turvada, e lhe mostrou a comprida faca.

Colbert se surpreendeu ao ver a arma e, cavalheirescamente, a tirou das mãos.

— Não esperava umas boas vindas assim, senhorita! — Assobiou com brincadeira, devorando-a com seus olhos claros. De perto era muito mais bonita do que lhe tinha parecido ao princípio.

— Lamento muito — balbuciou Alana.

— Eu pegarei — disse Hellen tomando a faca. — Quiseram assaltar a minha irmã esta noite e ao não receber visitas tão tarde estávamos preocupadas.

— Entendo-o. Espero que se encontre bem — manifestou ele com a vista cravada em Alana. Embora ela sustentasse o queixo em uma atitude desafiante, não podia ocultar em seus dilatados olhos verdes que seguia surpresa de vê-lo.

— Foi sua culpa, senhor! — Acusou-o em apenas um murmúrio.

Colbert arqueou as sobrancelhas. Seu olhar a percorreu por um instante, depois encolheu os ombros com um enervante sorriso nos lábios. Sentia uma pontada de culpabilidade, depois de tudo, ele tinha ido tarde para comer. Demônios! Para que serviam as pousadas se a gente não podia ir quando lhe desse vontade? Não tinha sido ele quem acabava de resgatá-la daquele tipo andrajoso?

— Lania, querida... — começou a dizer Hellen, mas ela a interrompeu, alvoroçada.

— Se ele não tivesse ido jantar tão tarde, nada disto teria acontecido! Ele é o palerma de quem te falei -declarou com um tom bastante antissocial.

— Perdoe. — riu Colbert com cinismo. Acabava de chamá-lo de palerma? — Como se atreve a me acusar? Aquele homem estava lá antes que eu entrasse. Ou melhor, diria que estava te esperando para te manchar.

A jovem o fulminou com o olhar. Os formosos olhos verdes faiscaram como fogo aceso. A cabeleira acobreada, cujos cachos emolduravam seu lindo rosto, pareceu tentá-lo, despertando seus instintos mais baixos. Quando tinha permitido que uma pirralha insolente lhe falasse assim? Uma pirralha tão jovem e... desavergonhada. Percorreu-a da cabeça aos pés. Era alta, de rosto moreno, nariz ligeiramente arrebitado. O decote de seu vestido, rasgado, cavava-se deixando ver uma regata descolorida. Mesmo assim percebeu um corpo muito bonito.

— Sabe quem te atacou? — Atravessou Hellen, surpresa, olhando a sua irmã. — Acreditei que não o conhecia! Mentiu-me, Lania.

— Não te menti, disse-te que me atacaram — se defendeu.

— Não me disse que queriam lhe violar! Nem que tinha reconhecido o homem! — Disse ameaçadora.

Alana olhou à Hellen enrugando o cenho.

— Me atacar, me violar. Que diferença há?

— Esquece que sou professora de escola? Existe uma grande diferença entre uma coisa e outra.

— De acordo, menti, — admitiu, com pena de que Hellen se

inteirara — mas só porque não queria que se assustasse. — De repente deu-se conta que ele tinha começado aquela discussão e se voltou para olhá-lo. — Como sabe o que... ocorreu? — Inquiriu franzindo o sobrecenho. Nesse momento compreendeu. — Foi você quem me ajudou!

Colbert quis rir ao ver o atônito rosto da garota, entretanto, não se permitiu esse gesto. Ela merecia uma lição e ter um pouco mais de consideração com os mais velhos.

— Um simples *«obrigada»* é suficiente.

— Está de brincadeira, não?

Aproximou-se dela dando um rápido passo e se deteve a escassos centímetros.

— Acredito que seria o justo. — Sua paciência chegara ao limite. Gostava das garotas guerreiras até certo ponto. Esta estava ultrapassando a fronteira da má educação e, certamente, se não fosse a irmã de sua cunhada teria recebido um trato muito diferente. Isso bem sabia Deus!

Ela colocou as mãos nos quadris e encolheu os ombros com despotismo.

— Ponha-se cômodo, senhor Wakefield, porque vai ter que esperar sentado — dizendo isso virou-se para as escadas e desapareceu de sua vista em um abrir e fechar de olhos.

Antes que ele pudesse dizer algo ou detê-la, Hellen se desculpou com ele.

— Por favor, perdoe-a. Passou todo o dia trabalhando e quando chega a esta hora está um pouco irascível.

Colbert apertou as mandíbulas. Que gênio tinha a amiga! Ia ser difícil conviver com ela, por que vivia ali, não é?

Respirou fundo.

— Não tem nada, Hellen.

— Vamos ao salão, estaremos melhor e poderemos conversar. Como foi sua viagem? Faz tanto tempo que não sabia nada de ti! Antes, Jhon… — tremeu-lhe a voz. Colbert sentiu sua dor e se esqueceu da malcriada irmã — … me contava como estava e o que fazia.

Jhon haveria dito toda a fileira de mentiras que ele mesmo tinha contado a ele. Nunca tinha querido que se inteirassem do patife em que se convertera.

Conforme entraram no salão percebeu a falta de móveis na casa. Não tinham dinheiro suficiente para viver e por isso a irmã trabalhava na estalagem? Estranhou. Sempre tinha pensado que Jhon vivia comodamente. Sem dúvida havia muitas coisas que não sabia.

Sentaram-se para conversar em frente à lareira. Hellen tinha muitas coisas a contar, Colbert podia ver em seu rosto, mas ela entrou em uma conversação corriqueira sobre a viagem e o tempo, e ele não quis pressioná-la no momento.

Os dois guardaram silêncio ao ouvir passos no corredor.

— É Lania. Vai tomar um banho, me desculpe. — Hellen se incorporou e caminhou para a porta. — Quer que te ajude com a água?

— Já me ocupo eu, obrigada. Segue atendendo a sua visita. — Escutou-a dizer com um tom mais amável ao dirigir-se à irmã.

— Até amanhã, Lania.

— Até amanhã, Hellen.

A mulher retornou com Colbert, com um sorriso de causar pena.

Capítulo 6

Como cada manhã, Alana despertou antes que o dia. Durante uns minutos ficou na cama com os olhos cravados no teto, pensando no ocorrido na noite anterior. Não tinha descansado bem por culpa do ditoso Thommy. Esperava não vê-lo na estalagem novamente.

Sentiu o frio da habitação no rosto e com um suspiro se amassou mais entre os cobertores, voltando o rosto para a lareira. No lugar mal tinham quatro brasas contadas.

Sua mente viajou ao irmão de Jhon. Nem em seus mais remotos sonhos o tinha imaginado assim, tão bonito… tão atraente, com aqueles olhos chapeados tão formosos… suspirou. Por que tinha decidido ir vê-los? Bom, ir ver sua família, corrigiu-se. Ela, virtualmente, não tinha nada a ver com ele. Nem sequer podia localizá-lo em suas lembranças do dia em que Hellen se casou, claro que naquela época não era mais que uma menina que passou todo o dia à sombra do avô.

Incorporou-se com indolência ao mesmo tempo que bocejava e colocou a bata que estava aos pés de sua cama. O objeto estava gelado e seu corpo estremeceu. Quanto teria dado para voltar a meter-se entre os cobertores, quentinha!

— Maldito Huntington, arruinou a minha vida -murmurou

esfregando as mãos. Caminhou até a janela e espiou o exterior com aborrecimento. Ia ser um dia longo e exaustivo, para cúmulo, chovia forte e as ruas eram um lodaçal. Perfeito! Já se imaginava esfregando o piso durante todo o dia.

— Oxalá te apodreça quando for ao inferno — vaiou furiosa.

Podia ser que Hellen assegurasse que tudo tinha sido uma condenada coincidência, mas ela sabia que não. A obsessão de Huntington… tinha provocado o acidente de Jhon. É óbvio, não podia demonstrá-lo, e Hellen não queria falar disso. Ambas eram tão distintas… Alana admirava sua paciência, a doçura e a serenidade que sempre a acompanhava. Ela, em troca… era impaciente, intranquila, beligerante, cabeçuda… seu avô sempre havia dito que era uma boa peça. De pequena não podia ficar quieta em um lugar. Quando foi viver com Hellen e Jhon, estes a mimaram grandemente, embora a obrigaram a estudar e a adaptar-se a certas normas.

Lembrava muito dos bate-papos que tinha com seu cunhado. Tinha sido alguém muito importante para ela. Sempre brincando, ensinando… inculcando honestidade e saber estar. Quando ela fazia algo mau ele estava acostumado a ser o primeiro em defendê-la inclusive de Hellen. E com os gêmeos… recordou o amor que refletiram seus olhos quando os viu pela primeira vez. Adorava-os.

Ao pensar nos pequenos apressou-se a colocar as roupas. Se algum deles despertasse entretê-la-iam e chegaria tarde para servir os cafés da manhã e não gostava absolutamente de escutar a repreensão de seu chefe ou ver os maliciosos olhares de Dafne. Aquela harpia, ao final, conseguiria que a

despedissem!

Escovou o cabelo com força machucando-se com vários embaraços. Na noite anterior dormiu antes que secasse de tudo e os cachos de cabelo, tão indomáveis como tentar encerrar o ar em uma caixa, alvoroçaram-se em torno de seu rosto. Recolheu a espessa juba em um coque frouxo, mas antes de prender a última forquilha, várias mechas entre loiros e acobreados escaparam descontroladas. Não se deteve para penteá-lo de novo, estava acostumada à rebelião de seus cabelos.

Com as botas nas mãos saiu do quarto fechando a porta com cuidado. Com um braço esticado para a esquerda foi medindo o muro do corredor até a janela do fundo, onde abriu uma grossa cortina, depois, iluminada pelas recentes luzes do amanhecer, voltou sobre seus passos e desceu as escadas. Passou a porta entreaberta do salão e no vestíbulo deixou o calçado no chão.

Na cozinha voltou a olhar pela janela. O dia seguia sendo tão horrível como era há alguns minutos.

Serviu-se de um copo de leite, que bebeu com avidez, e retornou ao vestíbulo para calçar-se.

— Vai tão cedo? — Escutou dizer do salão.

Assustada, Alana girou sobre si. A luz mal iluminava uma figura escura que estava sentada no braço de uma poltrona. Nunca tinha visto um homem com um aspecto tão… delitivo.

— Tenho que estar lá para servir o café da manhã — explicou nervosa. Inclinou-se para atar os cordões das botas o mais depressa possível. Não tinha caído em si de que ele tinha

tido que dormir no salão, pois ela ocupava o dormitório de convidados. — Te despertei?

— Tenho um sono leve — respondeu ele com voz suave.

Alana escutou movimentos e correu mais ainda. Não queria encontrar-se com ele nem ver seus olhos cinzas. Aqueles discos chapeados tinham chamado sua atenção pelo forte contraste com sua tez morena. Por um breve instante perguntou-se se seguia sendo tão bonito quanto na noite anterior ou se só o tinha imaginado.

Não teve mais remédio que elevar a cabeça quando ele saiu à galeria. Ficou sem fôlego. Bonito não, era endemoniadamente formoso. Colbert tinha dormido em mangas de camisa e se via enrugada e por fora da calça. Tinha o cabelo jogado para trás.

Alana tragou saliva e olhou para outro lado.

— Suponho que não terá descansado muito. A casa não é muito grande. — Como ele não respondeu, voltou a olhá-lo. Cruzou os braços e, com as costas apoiada no batente da porta, observava-a intensamente. — Pensa ficar muito tempo em Dorset? — Caminhou para o cabideiro para pegar seu casaco.

— Algum tempo, sim. Sua irmã me disse que também vive aqui.

Ela se sacudiu ante o som de sua voz e tentou acalmar-se. Seu coração tinha alcançado limites insuspeitados. Assentiu, fazendo uma careta. Teria gostado de saber o que Helen tinha contado dela.

— Pode lhe dizer que translade minhas coisas ao quarto

dos meninos enquanto se aloje aqui. Eu dormirei ali enquanto fica.

— Muito amável de sua parte.

— Não é.

— Não quer ser amável? — Perguntou ele estranhando.

— Contigo não. — Apertou os lábios para calar-se. Um dia, por culpa de sua maldita boca, ia conseguir que a maltratassem ou algo pior.

Mas Colbert necessitava que o explicasse.

— Sempre se levanta de mau humor?

Alana o olhou de frente ao acreditar notar um tom divertido em sua voz, mas ele estava muito sério. Como zangado.

— Por que diz que é mau humor? Não me conhece em nada! Nós não lhe conhecemos em nada!

— Por que me aborrece tanto? — Insistiu Colbert, com olhos entrecerrados. — Não fiz nada mau para merecer sua pouca consideração. Sou eu ou é seu caráter?

— Conheço os tipos como você.

Ele logo elevou as sobrancelhas.

— E como sou?

— Alguém que não se interessou por sua família nunca. Que não esteve quando lhe necessitou. O que espera encontrar aqui agora? Não sei o que busca, Colbert. Como terá podido comprovar, não temos muito para ainda por cima alimentar uma boca a mais.

Ele soltou uma gargalhada.

— Pensa que vim para que me mantenham?

— Então não? — Sabia que estava sendo desagradável e não pôde evitá-lo. Temia que algo mau acontecesse à sua família. — Hellen mandou uma missiva faz meses... não vejo que tenha te dado muita pressa em vir. Tampouco notei que leve muita bagagem, ou é porque retorna logo à sua amada França ou... porque não tem onde cair morto.

Colbert replicou com brutalidade:

— Tinha que preparar muitas coisas antes de vir, e o resto de meus pertences irá chegando pouco a pouco. Não necessito que ninguém me alimente, bonita, tenho mais dinheiro do que você poderia ganhar em toda a sua vida. — Ele avançou um passo. Ela se tornou para trás, agarrando-se pela lapela de seu capote como se fosse um escudo. — Não vou te machucar. Eu não sou o tipo de ontem à noite.

— Não tenho medo de você — lhe respondeu elevando o queixo. O tremor de seu lábio inferior a delatava. — Mas tampouco acredito que seja rico — se atreveu a lhe dizer. — Não tem pinta disso.

— Nunca nenhuma mulher me julgou. Adiante, do que tenho pinta? — Perguntou olhando-a com severidade ao mesmo tempo que se erguia.

— E se você não gostar da minha resposta?

— Já admiti que eu não gosto de você como é, embora se adianto o seu jogo, direi que conheci garçonetes mais... carinhosas.

— Vê-se que não conheceu a muitas, ou ao menos não sabe a definição da palavra.

Ele curvou os lábios em uma zombaria.

— Neste momento não estamos falando de você, senhorita com o ego maior que vi. Estou esperando que me diga sua opinião sobre mim.

— Sobre o que vejo em você.

— Isso é óbvio, já que não me conhece.

— Confunde-se. Possivelmente, depois de seu irmão, eu seja quem melhor lhe…

Colbert a interrompeu, exasperado:

— Diz-me isso já ou vai soltar outra argumentação que piore a visão que tenho de você?

Alana passou a língua pelos lábios ressecados. Estava se comportando como uma louca suicida. Ou isso, ou esperava que Hellen os pegasse em meio a uma discussão e não tivesse mais remédio que pôr ao palerma de quatro na rua. Hellen faria isso?

— Estou esperando — disse Colbert.

— Não sei. — Estudou-o com atenção. O cabelo escuro caía sobre suas costas e uma barba incipiente começava a obscurecer seu semblante. Certamente assemelhava-se a um valentão dos quais os periódicos anunciavam que davam recompensa, mas… muito bonito. Não quis dizer-lhe. — Não saberia te pôr nenhum qualificativo agora.

— É o que eu imaginava. Você gosta de açular e açular até que fica sem palavras.

— Ou até que vejo a boca do leão e prefiro guardar silêncio — respondeu graciosa.

— É assim como me vê? — Desta vez ele rompeu a rir, divertido. — Já me chamaram de demônio, infernal, satã… -

agitou uma mão de dedos longos. — Mas leão? É muito divertida. — O ar saiu como um assobio por entre seus dentes e falou mais sério, muito mais sério. — Mas saberá que se deve temer os leões.

Alana reprimiu uma quebra de onda de medo e tragou com dificuldade.

— Farei isso, enquanto isso, — levantou os olhos ao alto da escada. Ainda não se levantara ninguém — cuida da minha irmã e dos meninos. — Abriu a porta e uma onda de frio congelante penetrou rapidamente no vestíbulo. Antes de sair girou-se para olhá-lo uma vez mais. Aquele homem era imponente e feroz.

— Não se preocupe, senhorita desconfiada. Se cuide você e vigia bem com quem cruza, alguém poderia querer meter-se sob suas saias.

O rosto de Alana se cobriu de um forte rubor e saiu estalando a língua. Ao que parecia gostava de colocar o dedo na chaga. Assim que fechou a porta percebeu a chuva no chão. Tinha esquecido o guarda-chuva.

Deu uma pancada no chão.

— Maldição! — Resmungou com os dentes apertados. Voltou atrás golpeando a porta com os nódulos.

Colbert abriu e a olhou com o cenho franzido, esperando que ela dissesse a última palavra. Alana passou ao seu lado evitando tocá-lo, como se tivesse alguma enfermidade estranha, pegou o guarda-chuva e o agitou brandamente.

— Está chovendo.



Quando chegou à *Garça Branca* tinha toda a barra do vestido empapado e as botas cheias de lodo. Não estava muito convencida de ter deixado os meninos e Hellen com um desconhecido, por muito cunhado que fosse.

— Chegou tarde — disse Dafne passando ao seu lado com uma jarra de café.

Alana esticou suas costas até que o dono da estalagem lhe deu uma suave cotovelada ao mesmo tempo que retirava o guarda-chuva de suas mãos.

— Esquenta mais leite. Hoje vamos ter um dia ocupado e, por favor, dói-me a cabeça, não tenho vontade de lhes ouvir discutir.

— Não pensava fazê-lo — respondeu. De caminho à suja cozinha tirou o casaco e em seguida colocou mãos à obra.

O tempo passou voando entre o barulho das pessoas e a pressa para que lhes servissem. Durante a maior parte da manhã todas as mesas estiveram ocupadas e ao ir roçando o entardecer começaram a ver-se algumas vazias.

Alana contou a Bernard o ocorrido na noite anterior com Thommy, e ele prometeu não deixa-lo entrar no botequim se aparecesse. Thommy não foi, em troca, para sua má sorte, fizeram-no vários caçadores gabando-se de suas presas. Ela odiava a todos igual Jhon tinha feito. Não entendia por que matavam a um animal só por esporte!? Não diziam os caçadores que era isso? Um esporte? Por aquele esporte Jhon tinha morrido, ou melhor dizendo, tinham-no matado.

«E se Colbert tinha vindo porque pressentia algo?», pensou Alana. Embora… como ia suspeitar se não sabia nada deles? Mas… e se lhe transmitisse suas dúvidas? Se fosse certo que o palerma tinha dinheiro… possivelmente podia lhe vir bem para resolver a morte de Jhon e saber se lorde Huntington estava atrás daquela trama.

Capítulo 7

Colbert esperou a que alguém mais, à parte da intrépida Alana, recriminasse sua demora. Hellen era a pessoa que mais motivos tinha para fazê-lo depois de Jhon, com o que já não podia contar, entretanto, sua cunhada ou por vergonha ou por educação não lhe jogou nada na cara. Os meninos ainda menos. William e Andy eram educados e encantadores. Recordaram muito a ele e seu irmão quando eram pequenos. Estava há tanto tempo sem ter relação com alguém com menos de quatorze anos que descobriu o prazeroso e divertido que era. Voltou a sentir outra vez a verdadeira inocência e as palavras cheias de sinceridade. O verdadeiro calor de uma família.

Com seis anos de idade, os gêmeos entendiam tudo com suma facilidade, por isso não deixaram de lhe perguntar como tinha sido seu pai quando jovem, quem eram seus avós e mais coisas de sua infância.

Não foi duro tirar e reluzir velhas lembranças, algumas quase as tinha esquecido e lhe fez bem dizê-las em voz alta.

— Os pequenos são muito formosos, parecem-se com você — comentou Colbert à Hellen quando esta retornou do quarto onde tinha deixando-os dormindo uma pequena sesta.

— Eu gostaria disso, — riu ela — mas são mais parecidos

com Lania que comigo. E acredite, eu prefiro. Enquanto meu cabelo é cenoura, o deles é da cor do cobre.

Colbert sorriu.

— Tem razão, mas certamente a inteligência é tua.

A mulher soltou uma gargalhada, assentindo com a cabeça, orgulhosa.

— Bom, as crianças nesta idade são inteligentes sem saber de onde se vem toda essa sabedoria. Muitas vezes me surpreendem. São capazes de fazer coisa para sair-se bem. Desde que Jhon morreu não os tinha visto tão contentes. Muito obrigado por vir, Colbert.

O homem a olhou mal inclinando a cabeça.

— Não tem por que agradecer, na verdade me sinto culpado de não ter vindo antes. — Estavam sentados na sala um em frente ao outro e ele apertou as mãos de Hellen com carinho. — Não sei se poderá me perdoar algum dia.

— Claro que sim! Compreendo que tinha trabalho e que atender a um conde…

— Marquês.

— Isso, um marquês! Que cabeça a minha! Sei como é essa gente e quão absorventes podem chegar a ser.

— Sim — mentiu. — O marquês que tinha me contratado não parava de me dar livros de contabilidade para repassar. Asseguro-te que acabei bastante farto dessa profissão.

— Por que depois da marinha se fez administrador?

Colbert respirou fundo. Tinha estado mentindo sobre sua forma de viver durante tanto tempo, as mentiras nasciam com fluidez.

— Sempre me dei bem com as contas, você melhor que ninguém sabe que provenho de uma família de administradores.

— Posso te perguntar por que deixou a marinha? Seu irmão comentou que desde pequeno sonhava se converter em oficial e logo, de repente… deixou tudo.

Colbert se esticou ligeiramente e quadrou os ombros.

— Às vezes se deseja muito as coisas e uma vez que o consegue perde todo o interesse.

— Isso aconteceu com você?

Ele assentiu apertando os lábios.

— Tampouco ganhava tanto dinheiro como esperava.

Hellen encolheu os ombros com uma careta incrédula.

— Ganhava mais como administrador?

— Muito mais — respondeu.

Hellen deixou escapar um assobio.

— Perdoa, não sei por que estou falando contigo de dinheiro. Pensará que…?

— Não estou pensando nada, Hellen, sei que o que sente por mim é curiosidade. É normal, mal nos conhecemos.

— Tem razão, Colbert. — Lhe dedicou um sorriso, nervosa. — Me alegro que tenha vindo. Sobretudo pelo Andy e Willy, Jhon lhes falava muito de você.

Por um momento ele perdeu seu olhar nas brilhantes chamas vermelhas da lareira, logo voltou com ânsia a vista sobre ela.

— O que aconteceu, Hellen? Meu irmão era jovem. Estava doente?

— Não — negou ela mordendo o lábio inferior. — Jhon… sofreu um acidente. Um terrível acidente — sua voz começou a tremer e lhe ofereceu um lenço, que ela segurou com força. — O cavalo se encabritou e Jhon caiu por uma ladeira rochosa. Não entendo. Era um trajeto que fazia duas vezes ao dia, às vezes mais. Foi horroroso.

— Lembro que ele era muito bom cavaleiro.

Ela afirmou com a cabeça e o olhou fixamente.

— Por isso é tão difícil de entender.

Colbert juntou as palmas das mãos e as esfregou com suavidade. Não queria que sua seguinte pergunta machucasse Hellen, mas não tinha mais remédio que efetuá-la.

— Quando Jhon vivia, também passavam necessidades?

Hellen enrugou o sobrecenho e perguntou:

— Diz pela minha irmã?

— Por ela, pela falta de móveis. — Agitou a mão pela sala assinalando as marcas que alguma vez tinham deixado vários quadros de grandes dimensões. — Sei que antes tinham serviço, a não ser que Jhon me enganasse.

— Não, claro que não o fez! É incrível que não conhecesse seu irmão. Ele jamais teria mentido sobre isto. É certo que antes tudo ia fenomenal, tínhamos cozinheira, cocheiro, criada pessoal e uma carruagem. — Encolheu os ombros e se deixou cair para trás, contra o respaldo da poltrona, com um suspiro. — Melhor impossível, tanto que Jhon e eu nos propusemos a abrir uma escola nos subúrbios de Dorchester, mas não nos deu tempo. Compramos o terreno e íamos arrumar um antigo casarão em ruínas quando aconteceu o acidente.

Colbert assentiu distraidamente.

— Então, não entendo.

— Não nos demos conta que o terreno tinha muitas dívidas do antigo dono, sem contar que parte dessas terras foram cedidas pelo conde de Baigton Down, além disso, me despediram da escola e de repente… — estalou os dedos. — … se esfumou tudo que tínhamos. Vendemos a carruagem e não tivemos mais remédio que prescindir dos empregados. Isto é como um poço sem fundo.

— Que motivo deram para te tirar o cargo de professora?

— Que queriam introduzir novos métodos de ensino. Também porque quando Jhon… morreu, senti-me tão afundada que estive uma temporada incapaz de me levantar da cama. — Olhou-o com olhos encharcadas. — Graças a Deus, minha irmã não me abandonou nem um só momento. Ela se encarregou de tudo. Durante muitos meses cuidou-me e se preocupou com que os gêmeos estivessem bem. Sei que pode pensar que é uma impertinente e descortês, mas não é assim. Ela só tenta nos proteger.

Colbert recordou a conversa que tinha sustentado com Alana naquela manhã e viu refletida nela a descrição que Hellen acabava de dar. Não era má garota, simplesmente cuidava dos seus.

— É muito jovem para tanta responsabilidade, Hellen. Não trato de te dizer nada, Deus não o permita! Compreendo que tenha passado por momentos duros, e, em certo modo, me alegro que ela tenha estado te acompanhando, — *«porque eu fui um porco e não me dignei a aparecer até agora»*, pensou

mordazmente — mas a estalagem não é um lugar apto para alguém como ela.

— Sei e tentei fazer com que entendesse. Prometeu-me que quando sair outra coisa… — chorou com tanta angústia que de novo Colbert sentiu florescer sua culpabilidade. — Tínhamos que fazê-lo, Colbert. Não podemos permitir que os meninos passem fome. Mandei algumas solicitações para as escolas das cidades próximas e espero logo seguir com meu trabalho.

Colbert apartou a vista dela.

— Que explicação lhe deram quando Jhon teve o acidente? Quem te deu a notícia?

— Verá, tudo foi muito estranho. O prefeito e o oficial não pareciam ficar de acordo com as explicações. As pessoas diziam que tinha sido coisa dos lobos da Serra, mas o prefeito falou dos caçadores clandestinos. Diziam que os cães se jogaram sobre Jhon e fizeram com que perdesse o controle sobre o cavalo.

— Por que te parece estranho?

— Não se vêem lobos por aqui há muito tempo, em troca há caçadores clandestinos pela zona e que têm aterrorizado várias fazendas da comarca está na ordem do dia.

— O oficial investigou?

Hellen negou com a cabeça.

— Sim, mas não sabemos nada.

— Sabe quem está ao mando?

— Supostamente, o oficial Meison. Deram-nos a entender que se realmente eram caçadores, abandonaram a zona depois do acidente. Escutamos uma vizinha dizer que tinham deixado

de procurar.

Colbert apertou a mandíbula com desagrado.

— Por que não te ocorreu me dizer nada ou me pedir ajuda quando me enviou a notícia? Eu teria vindo muito antes.

Hellen fez uma careta de cansaço.

— Como te disse, no princípio não tinha forças para nada. Nem sequer pensei.

— Mas não me comentou a situação em que estava! - Reprovou lhe com expressão carrancuda. Sabia que não tinha direito, mas estava furioso.

— Tentei fazer todo o possível para não chegar a esse extremo, Colbert. É um tema muito delicado e não queria que de repente nos convertêssemos em uma carga para você. Lania está convencida que pouco a pouco sairemos desta situação.

— Não, Hellen, desta situação não se sai de qualquer jeito. — Ficou em pé, incapaz de seguir sentado tão tranquilo. — Nos vimos quanto? Três ou quatro vezes? Isso não me exclui da família. Os gêmeos são filhos do meu irmão, sangue do meu sangue! Sinto-me na obrigação de lhes ajudar. De estar com vocês. Nunca estive quando necessitou. Jhon seria capaz de revolver-se em sua tumba se não estiver aqui lhes ajudando em tudo o que possa.

Ela também ficou em pé.

— Não posso aceitar!

A Colbert não importou que ela se negasse. Ele agora era o líder da família, quisesse ou não.

— Andy e William são filhos de meu irmão, e não penso deixar que sigam vivendo assim. Sei que é sua mãe e não vou

discutir, mas eu também tenho meus direitos.

— Vê? Agora somos uma carga para você.

— Não são nada. — Inclinou-se para ela e apesar da dureza de sua voz seus dedos transmitiram doçura ao lhe roçar a bochecha. — Não faça que me sinta como o tipo mais baixo e indesejável do mundo. Não sou perfeito, mas quero estar com vocês. Não me negue isso, Hellen.

— Não posso suportar pensar que estou te obrigando, Colbert.

A mulher lhe deu as costas e ele viu como retinha os soluços.

— Egoistamente, não o faço nem por mim nem por você, faço-o por meu irmão. O devo.

Hellen girou para ele, olhando-o com um profundo agradecimento que feriu Colbert profundamente.

— De acordo. Embora tenha que me prometer que…

— Chisssss, Hellen. Não me faça prometer nada que não possa ou não queira cumprir. Consegui uma fortuna durante todos estes anos e não tenho com quem gastá-la. — Entrelaçou as mãos e fez estalar os dedos. Paddy odiava que fizesse isso, mas era um gesto ao qual estava muito acostumado. — Se não se importa, me vou instalar uma temporada com vocês, eu gostaria de conhecer um pouco mais os gêmeos e averiguar o que aconteceu realmente com meu irmão. Depois, mais tarde, prometo-te que lhes passarei uma atribuição até que os meninos sejam maiores ou você volte a se casar.

— Sinto-me um pouco mal em aceitar seu oferecimento. Lania ultimamente desconfia de todo o mundo e não posso

culpá-la. Foram muitos golpes seguidos da morte de Jhon. Muitas de nossas amizades nos deram as costas. Não sei como ela reagirá.

— Em primeiro lugar, não ficam muitas opções. Seria absurdo não aceitar minha ajuda. Estou dando a oportunidade de uma vida confortável para sua família e suponho que sua irmã desejará encontrar um bom marido e deixar esse antro no qual trabalha. Você não quer que ela seja feliz?

— Claro que sim! Além disso, ela não teve muito tempo de fazer uma vida social em condições. Primeiro cuidando do avô, logo dos meninos, de mim, e agora com o emprego da estalagem…

— Então, o que me responde?

Hellen demorou para responder, quando o fez pareceu que estava assinando sua sentença.

— Pode ficar todo o tempo que quiser. Eu falarei com a Lania.

Certamente aquela bruxa teria algo que objetar, pensou ele, mas nunca lhe tinham dado medo as pirralhas temperamentais.

— Deverá convencê-la que é o melhor para todos. Se for inteligente, e acredito que é, entenderá perfeitamente. Ela lhes ajudou durante todos estes anos. Não pode pensar que eu quero fazer agora o mesmo?

Hellen assentiu.

— Tem razão.

— Além disso, os meninos necessitam de um homem em casa, — disse ele com um sorriso — e vocês, de amparo.



Cada vez que a porta se abria, Alana a olhava com olhos dilatados. Os caçadores que entravam e saíam levavam suas armas como se fossem preciosos tesouros ou bebês necessitados. Por sorte para ela a jornada chegou ao seu fim.

— Bernard me disse o que te aconteceu ontem. — Depois de ter passado quase todo o dia juntas, não esperava que Dafne tirasse o tema justo quando se dispunha a partir. — Está segura de que foi Thommy?

Depois de um momento de surpresa Alana afirmou com a cabeça.

— Não sou tola, claro que estou segura. Falei com ele e tudo.

— E quem foi a pessoa que te ajudou? Conhecia-a?

Alana encolheu os ombros.

— Não sei por que me pergunta isso.

— Digo-o porque me parece estranho que Thommy não tenha vindo. Talvez o mataram.

— Se lhe tivesse ocorrido algo já nos teríamos informado, não crê? Essas notícias não correm, voam -replicou.

— No caso, vá com cuidado — avisou Dafne.

Alana sabia que realmente a loira não estava preocupada com o que pudesse lhe acontecer, mesmo assim viu-se obrigada a agradecer-lhe.

— Obrigada, Dafne. Vemo-nos amanhã.

Caminhou para a porta pensando no que Dafne havia dito. E se Colbert tinha matado Thommy?

«Não!», disse-se intranquila. Como ia fazer algo assim? Além disso, era um administrador.

Na tarde, a chuva tinha cessado, deixando as vias alagadas. As ruas eram perigosas pistas de gelo escorregadio e profundos atoleiros, em troca o ar, muito mais forte na noite, açoitava com potência as portinhas das janelas e inclinava as magras árvores que naquela primavera se plantaram na avenida principal. Seu rugido era horripilante, um uivo contínuo que punha os cabelos em pé.

Assim que pôs os pés na rua prometeu estar muito atenta a tudo o que ocorresse ao seu redor. Aquela noite ninguém ia pega-la despreparada, ou isso acreditou. Sustentava com força a embalagem de comida contra si enquanto na mão livre, a modo de espada, mantinha o guarda-chuva, disposta a brandi-lo. Várias mechas soltas fustigaram seus olhos e se sobressaltou quando escutou ao homem que se apoiou contra a parede da estalagem.

Não tinha esperado que Hellen mandasse seu cunhado buscá-la, isso nem sequer tinha passado pela sua cabeça, o qual devia imaginar conhecendo sua irmã. Tinha estado tão preocupada pensando no Thommy que não caiu nesse detalhe.

— Não tinha por que ter vindo! — Recriminou lhe em voz alta para fazer-se ouvir entre as rajadas de ar. — Posso me cuidar sozinha!

— Sim, já me dei conta desde ontem — respondeu Colbert, caminhando para ela. Vestia-se completamente de negro e seu cabelo voava ao redor de sua cabeça agitado pelo vento.

Ela o olhou procurando ver se não estava divertindo-se às

suas custas, mas só pôde ver o brilho prateado de seus olhos entrecerrados pela tempestade de neve.

— Ontem ia distraída, se não tivesse saído tão tarde…

Colbert a olhou com dureza.

— Por favor! Deixa de me jogar a culpa, certo? O que estranho é que seja a primeira vez que te ocorre algo assim. Não são horas para que uma mulher esteja sozinha nas ruas.

— O que quer dizer com isso? — Perguntou aborrecida. — Crê que não sei me defender?

Colbert passou uma mão sobre a cabeça. Seu olhar a percorreu de cima a baixo como se avaliasse sua força. Nesse momento Alana se sentiu menor e mais indefesa que nunca; também muito mais zangada.

— Poderia se defender de mim? — Disse ele secamente. — Pensa que poderia me deter se eu tentasse fazer o mesmo que aquele despojo humano quis te fazer ontem à noite?

Alana elevou o queixo com orgulho e apartou a vista para a deserta via, tragando com dificuldade. O aspecto de Colbert era perigoso e sabia que se ele de verdade quisesse atacá-la, ela não ia poder fazer nada.

— Não sou tola, Colbert. Sei o quer me dizer e te respondo o mesmo que à Hellen. — Voltou o olhar a ele. — Imagino que já esteve falando com ela e saberá que economicamente estamos um pouco debilitadas. Necessito deste posto, então ponho minha vida em perigo cada vez que entro ou saio.

— Um pouco debilitadas? — Riu com cinismo. — Não precisa adornar. Estão na ruína.

Alana fechou os olhos uns segundos perguntando-se por

que o destino tinha feito com que Colbert viesse à Dorset. Mostrou-lhe o pacote que sustentava.

— E é por esse motivo que o dinheiro que consigo dá para nós comermos e para comprar algumas coisas de primeira necessidade. É óbvio que não poderia lutar contigo. É muito grande e forte em comparação comigo. — Curvou os lábios com desgosto. — Se algo aprendi quando vivia com o avô, é que devo enfrentar as coisas sem medo porque de outro modo não se vive.

— Um tipo inteligente seu avô, com certeza. Vamos, não façamos Helen esperar.

Ela não se moveu.

— Por que veio, Colbert?

— Para te buscar.

— Refiro-me à Inglaterra.

Ele a observou atentamente.

Quase todo o cabelo de Alana tinha escapado de uma fina fita que o atava e das forquilhas que o sustentavam. As longas mechas acobreadas golpeavam suas bochechas e lhe pegavam ao casaco.

— Para estar com minha família, já lhe disse isso esta manhã — respondeu Colbert.

— Pensa ficar então?

Ele assentiu.

— Por mais que você não goste, tenho o mesmo direito que você. E agora, vamos — insistiu. — Faz um frio horrível.

Ela estalou a língua.

— Na França não fazia?

— Nem tanto.

Com um rápido movimento Colbert pegou a comida de suas mãos e a puxou pelo braço com força, atraindo-a junto a ele.

Alana se surpreendeu e quis apartar-se um pouco, mas ele não permitiu. Como já lhe tinha feito notar, era inútil lutar contra ele, muito embora não tivesse vontade de enredar-se em nenhuma discussão. Com as bochechas ardendo, deixou que ele a cobrisse com seu casaco. Ao fazê-lo notou o potente e agradável aroma masculino.

— Se eu não tivesse vindo para te buscar, teria vindo sua irmã — o escutou dizer contra seu cocuruto.

— Sim, teria sido muito capaz de fazê-lo — disse ela sentindo que tinha que recuperar o controle da situação de algum jeito. Ele a intimidava e conseguia pô-la nervosa. Raramente isso lhe acontecera com alguém, nem sequer com o oficial quando tinha discutido com ele.

Colbert não disse nada mais e caminharam em silêncio o resto do caminho. Além disso, deviam concentrar-se nas pisadas que davam para não desabarem sobre o chão. Ele era quem a dirigia com passo firme, enquanto Alana escorregava uma e outra vez por culpa das solas lisas de suas botas. Ia agarrada ao seu flanco com força, sentindo seu calor. Jamais o admitiria, mas aquela proximidade era bastante agradável. Entre aqueles fortes braços, o trajeto parecia muito curto, tanto que mal se deu conta que tinham chegado até que ele a ajudou a subir os degraus da entrada.

Os meninos, em roupa de dormir e preparados para

meter-se na cama, saíram correndo para recebê-los.

Alana se separou de Colbert com rapidez. Em alguns momentos, enquanto ela se apoiava em sua cintura, tinha acreditado notar que ele desfrutava apertando-a contra seu corpo. Como se se visse na necessidade de manuseá-la com dissimulação. Claro que Alana não tinha provas disso, já que cada vez que elevava a cabeça para olhá-lo ele parecia muito concentrado no caminho.

Ruborizada da cabeça aos pés, sapateou com força sobre um pequeno tapete, tentando que seus pés entrassem em calor; Colbert sacudiu a espessa cabeleira negra empapando-a com frias gotas da geada que estava caindo.

Ela se queixou com um olhar assassino.

— Fez de propósito!

Os gêmeos riram com os rostos molhados. É óbvio, eles não tinham congelado todo o corpo! Nem tampouco tinham o nariz mais vermelho que um tomate. Até os mucos eram estalactites!

— Eu não tenho culpa do tempo por mais que queira me acusar de tudo — respondeu Colbert com um sorriso zombador. Um gesto que lhe confirmou que realmente se aproveitou dela e, além disso, tinha gostado.

Maldito canalha! Descarado! Se os meninos não tivessem estado por ali já lhe haveria dito quatro coisinhas. Não ia se aproveitar dela. Caminhou decidida até o quarto do asseio, recolheu uma toalha que desprendia um fresco aroma a sabão e ao voltar a jogou em seu rosto.

— Obrigado — disse ele, agarrando-a ao voo. Tinha-a visto

vir e estava mais que preparado.

Ela grunhiu e passou diretamente à tática de ignorá-lo.

— O que trouxe, tia Lania? — Andy correu para o pacote que Colbert tinha deixado sobre a escrivaninha e depois de ver o conteúdo voltou-se para ela, olhando-a com uma careta de desagrado. — Outra vez batatas.

— Mas amanhã trarei bolo de carne.

— De verdade? Que bom! Bolo de carne!

Alana despojou o casaco e recolheu a comida para levá-la à cozinha. Dali escutou os meninos conversando com Colbert e recordou, com dor, os dias passados com Jhon.

Capítulo 8

Os três primeiros espirros chegaram em intervalos de tempo prolongado, o resto foi uma sucessão em cadeia, incontroláveis para um corpo tão pequeno como o de Alana. Um corpo que naquela manhã tinha despertado convertido em uma massa de ossos brandos e doloridos incapaz de levantar do colchão. Seus olhos eram dois buraquinhos brilhantes e lacrimosos, e seu nariz, uma fonte inacabável de água pegajosa.

— Não se mova, Lania. — Hellen colocou um fresco pano de água de rosas sobre sua testa. — A febre começará a descer de um momento a outro.

— Por que sinto como se não pudesse me mover?

Hellen curvou as comissuras dos lábios em um sorriso.

— Leva se gabando muito tempo de ser a única que não havia se constipado este ano. Espero que isto te demonstre que não é imortal nem nada pelo estilo.

— Sabe? — Alana se retirou um pouco o pano que estava sobre um de seus olhos e olhou à sua irmã. — O que mais me chateia é ter que ficar na cama.

— Se anime, ao menos sabe que já não terá que voltar para o botequim.

— Humm, não me recorde — respondeu isso com sarcasmo. Pensar no tema lhe agravava a dor de cabeça, mas como não o fazer, se desde que Hellen o havia dito não tinha podido parar de lhe dar voltas à ideia? Por um lado, estava feliz de não ter que voltar a ver a cara de Dafne nem de suportar o caminho para a estalagem sob o pestilento aroma do rio. Mas por outro, não lhe entusiasmava muito a ideia de que Colbert Wakefield as mantivesse.

— Tudo vai ficar bem, já o verá. Muito em breve as coisas mudarão e outra vez voltaremos a ser as de antes.

Alana quis incorporar-se, mas mal elevou a cabeça.

— Você quer voltar a ser a de antes? O que acontece com todas essas pessoas que deixaram de nos saudar?

— Voltarão a fazê-lo, só que desta vez nos daremos ao luxo de escolher a quem queremos perto ou não. Agora sabemos que o único que lhes interessa é nossa posição social.

— Eu não poderei fazer isso, Hellen. — Agitou a cabeça brandamente. — Não sou tão cínica.

— Não é cinismo, e sim educação.

Alana soltou um suspiro de desgosto.

— Quanto tempo vai ficar conosco?

— Uma temporada. Quer ficar perto dos meninos.

— Espero que lhe saia logo a culpa de não ter visitado o Jhon antes de morrer e que não dilate muito sua estadia.

Hellen encolheu os ombros.

— Tem me feito notar que não tem muita pressa por partir.

— Hellen, esse homem não sabe nada dos meninos. Não o viu? Nem sequer você sabe como é ele realmente! Estou segura

que os iludirá e logo partirá sem voltar a pensar neles.

— Você sabe, Lania? Sabe como é ele? — Perguntou Hellen elevando uma sobrancelha.

Alana apertou os lábios com força uns segundos.

— Como posso sabê-lo? A única vez que o vi foi em seu casamento e era muito pequena para recordá-lo bem. Mas as coisas que Jhon nos contou... dizia que Colbert era um irresponsável. Recorda que estava servindo na marinha e deixou tudo para exercer a função de administrador. Isso quando não estava divertindo-se em todos os clubes da França.

— Não seja exagerada, irmãzinha. Meu marido nos contou alguns episódios, sim, o que tem de mau que um homem jovem e tão bonito como ele se divirta? É solteiro, tem dinheiro... e sobre a marinha, bom, quem não troca de profissão alguma vez em sua vida?

— Você.

— Vamos, Lania! Vamos lhe dar uma oportunidade — insistiu Hellen com rosto sério.

— Não entendo como pode confiar tão facilmente em alguém a quem não conhecemos.

— Jhon amava muito ao Colbert, além disso, ele assim o teria querido.

Alana fechou os olhos e guardou silêncio com teima.

Hellen estalou a língua.

— Colbert quer fazer como você, ajudar. Não vejo nada de mal nisso. Agora é o líder da família. — Levantou-se carregando o balde e o colocou sobre o móvel junto à janela. — O que acontecerá com os meninos se seguirmos assim? Foi você quem

me esteve dizendo isso todos estes meses, recorda? — Alana seguiu sem dizer nada e Hellen se voltou para ela com as mãos nos quadris. — Por que é tão cabeçuda? Não pode deixar seu orgulho de lado nem sequer desta vez?

Um silêncio sepulcral encheu o dormitório durante uns minutos.

— Colbert te fez algo para te fazer sentir-se aborrecida?

Por fim Alana suspirou com desalento, retirou o pano de sua testa e procurou os olhos de sua irmã.

— Não, não fez nada — admitiu zangada. — É só que não sabemos nada dele — repetiu.

— Para mim, ser o irmão de Jhon é suficiente.

A ênfase posta naquela última frase fez com que Alana se rendesse. Hellen já tinha tomado uma decisão, e no fundo entendia que sua irmã tivesse aceito a oferta de Colbert. Pensou nos meninos, em seu futuro e em tudo que as rodeava.

— De acordo, Hellen — disse resignada. Sua expressão se suavizou e sorriu ligeiramente. — E se te sair o posto de professora que está esperando, o que vai fazer?

— Não vou rejeitar, isso lhe juro. Por certo, Colbert me prometeu indagar sobre o acidente de seu irmão.

Alana se animou.

— Contou-lhe a suspeita do Huntington?

— Bom... — começou a dizer Hellen, duvidosa. — Estive pensando bem e cheguei à conclusão de que esse homem só quer aproveitar-se de nossa situação, mas não acredito que ele tenha tido nada a ver. Em realidade, é algo que só você suspeita. Julga-o muito injustamente, é certo que tampouco eu

gosto muito dele, mas se comportou com amabilidade…

Alana não podia acreditar no que Hellen estava dizendo.

— Pediu-te em matrimônio!

— Isso é algo normal, Lania! Ainda sou moça e forte, e ele é um viúvo desejoso de engendrar um filho. — Alana a olhou entortando os olhos, e Hellen pôs-se a rir. — Eu disse que ele seria o último homem em quem eu me fixaria, além disso, sigo respeitando a lembrança de meu amado marido e o farei enquanto viver.

Um lento sorriso curvou os lábios de Alana.

— Assim que Huntington se inteirar que o palerma do seu cunhado veio viver conosco vai ter uma síncope.

— Por que você não gosta de Colbert? Me parece encantador.

«Por quê?», pensou. Porque era muito bonito e a punha nervosa? Não podia ser isso. Tinha conhecido outros homens atraentes, embora não tinha dado atenção a nenhum deles. Não tinha tido tempo disso. Claro que a formosura de Colbert superava com acréscimo a de outros. A culpa era daqueles olhos cinzas de expressão zombadora. Então, o que acontecia com ele? Seguiu perguntando-se. Finalmente deu à Hellen a única desculpa que encontrou:

— Desconfio dele. Não entendo por que demorou tanto em vir. Por que não o fez quando lhe escreveu?

Hellen encolheu os ombros.

— Agora é quando o necessitamos. Antes estava Jhon. Pensa-o, Lania.

Judiciosamente, Alana assentiu. Sua irmã tinha razão,

por muito pouco que gostasse de perder o controle da situação. Certamente a chegada de Colbert era o melhor que tinha acontecido naqueles últimos meses.

— Não tenho nada que pensar, Hellen, tem razão e estou me comportando de forma egoísta.

— É a pessoa menos egoísta que conheço, Lania. — E Hellen falava de coração. Muitas vezes, durante aqueles meses, tinha visto como Alana se privava de comer algo para dar a ela ou aos meninos. Ou como alguma noite se levantava quando qualquer dos gêmeos tinha pesadelos e ficava com eles até que voltassem a dormir. Alana podia ter muitos defeitos, entre eles um gênio de mil demônios, mas tinha um coração que não lhe cabia no peito.

Os olhos verdes de Alana se encheram de lágrimas não vertidas.

— Estou um pouco assustada.

Hellen se aproximou da cama e se sentou na beirada.

— Crê que eu não estou? Estou aterrada. Tenho tanto medo que neste momento desejaria poder dormir e não despertar nunca, mas tem você e tem os gêmeos. Vocês são o único que me importa.

Alana lhe agarrou uma mão e a apertou com afeto.

— Eu também estou convencida que tudo sairá bem.

— Posso te pedir um favor pequeno? — Alana assentiu. — Tenta tratar Colbert com cortesia, e se possível, lhe agradeça por te salvar daquele homem. Ainda não o fez, e vai pensar que é uma ingrata.

Alana protestou com um gemido e fechou os olhos com

força. Era certo, tinha que fazê-lo.

— Farei.

— Isso é bom para mim. Agora descansa, precisa dormir muito e se recuperar em seguida.

Chateada, Alana ficou na cama enquanto Hellen partiu do dormitório cantarolando.

Voltou a espirrar e levou o lenço ao nariz. Seu lábio superior ardia e sua garganta coçava. Fazia tempo que não ficava tão mal.

Através da janela escutou a chuva repicando no cristal como uma música de fundo. O inverno parecia haver se instalado definitivamente no condado, e ali os temporais eram muito cruéis.

Voltou a cabeça para a janela, onde Hellen tinha deixado as cortinas abertas, e tentou dormir um pouco, e quando parecia que estava conseguindo, começou a escutar escandalosas imitações de animais.

William e Andy não podiam fazer mais ruído. Pequenos diabinhos! Notava-se que estavam se divertindo muito. E ela prostrada na cama com os ânimos pelos chãos, com um resfriado monumental e fazendo-se à ideia de que o tal Colbert ia lhes dar de comer, de vestir... tanto dinheiro tinha para poder permitir-se?

— Não vai mandar em mim — murmurou teimosa. Amaldiçoou-se, irritada consigo mesma. Não podia tirá-lo da cabeça. Era um dos homens mais interessantes que tinha conhecido. Amadurecido, embora não um velho. Quantos anos podia ter? Vinte e oito? Trinta? Soltou um trêmulo suspiro

fechando os olhos de novo.

Quando William começou a rugir como um leão, Alana cobriu a cabeça com o travesseiro. Por Deus! Ninguém se lembrava que ela estava doente no quarto ao lado? De repente, tudo lhe pareceu que escapava da realidade: vozes, risadas, as gotas de chuva golpeando no cristal, o bule assobiando na cozinha... não podia mais! Levantou-se com um impulso tão forte que se não tivesse se segurado ao colchão teria caído ao chão. Respirou para serenar-se e, devagar, endireitou-se.

Um latido seguido de um uivo comprido e desagradável.

Recolheu a bata dos pés da cama e a pôs. Estava muito enjoada, e o piso dava voltas ao seu redor. Não sabia o aspecto que apresentava e tampouco pensou nisso quando arrastou os pés até alcançar o dormitório dos meninos.

A porta estava aberta.

Como uma intrusa, agarrou-se no trinco e observou William rodando sobre o tapete e Andy imitando um cão. Colbert estava sentado sobre a cama, olhando-os com expressão divertida. Usava o cabelo solto sobre os ombros e tinha o aspecto de um bonito pirata com uma camisa volumosa e os dois primeiros botões de seu pescoço desabotoados. Quando ele levantou a vista para ela, Alana perdeu o fôlego ao mesmo tempo que seu pulso disparava enlouquecido. Os olhos cinzas eram devastadores contra a tez bronzeada de seu magnífico rosto.

— Alana, como está? — Ele se incorporou, percorrendo-a com a vista. Os meninos também a viram.

— Não muito bem — respondeu com voz quebrada e

nervosa.

— Tia Lania, viu como ladro? — Perguntou Andy, voltando a ladrar. Pareceu muito um cachorrinho procurando a sua mãe e cobriu os ouvidos.

— Anjo, ouvi como ladra, como ruge, como mia, me faça um favor pequeno — disse juntando o dedo indicador com o polegar. — Por que não imita um caracol ou uma tartaruga?

— Como faz um caracol? — Disse o menino, incorporando-se. Ela sempre conseguia desviar sua atenção de uma coisa para outra.

— Os caracóis se arrastam pelo chão ou pelos troncos das plantas em busca de folhas para comer, quando sai o sol tiram os chifres, mas o mais importante de tudo é que sempre vão em silêncio e não incomodam ninguém.

— Sinto muito, tia Lania. A incomodamos? — Murmurou olhando-a com carinho.

Alana mal podia falar com claridade, doía-lhe a garganta e estava quase afônica. Entretanto, sentiu um pouco de lástima por ter que chamar a atenção dos meninos. Eram isso, meninos, e precisavam brincar e divertir-se.

— Ou podem fazer um peixe — disse colocando as mãos nas bochechas, esmagando o rosto ao mesmo tempo que abria e fechava a boca como faria um dourado fora da água.

Tanto os meninos como o tio explodiram em gargalhadas. Embora Alana se sentira completamente ridícula, deu-lhes de presente um sorriso.

— Sua tia tem razão, acredito que estamos fazendo muito ruído e não a deixamos dormir. Lamento muito, Alana.

Durante um momento Colbert e ela se olharam fixamente. Alana assentiu, agradecida.

— Está horrível, tia Lania!

Ela girou ao gêmeo que tinha falado.

— Obrigada, Willy. Eu também te amo muito, muito.

Em uma pernada larga, Colbert se aproximou dela e sem prévio aviso a agarrou entre seus braços. Alana, sentindo-se vulnerável e surpresa, aferrou-se ao seu pescoço, temerosa de cair.

— Que demônios está fazendo?

— Vou levar te à cama para que se recupere, e levarei os meninos para brincar fora. O que acha?

Ela o olhou dissimuladamente. Sua cabeça estava muito perto de seu rosto. Tinha um perfil forte e atraente. Apesar do resfriado, podia cheirar o aroma que desprendia seu cabelo limpo, e estremeceu. Pensou que era a primeira vez que um homem a agarrava nos braços daquela maneira, e se ruborizou.

— Estou um pouco indisposta, mas não sou nenhuma inválida. Peço-te, por favor, que me desça agora, os meninos nos estão olhando.

Colbert se voltou no meio do corredor para ver seus sobrinhos, e deu uma piscada divertida.

— Sua tia é a pessoa mais cabeçuda que já conheci.

Os gêmeos puseram-se a rir com mais força.

— Desça-me, por favor — sussurrou junto ao seu ouvido. O contato de seus braços sobre ela destruía parte de sua prudência e não a deixava pensar ou reagir.

Ele obedeceu com inapetência, sentindo tensão na voz da

moça. Deixou-a na porta do dormitório.

— De verdade não necessita de ajuda para se colocar na cama?

— Saia! — Respondeu, vermelha de vergonha.

A gargalhada dele ressoou em seus ouvidos enquanto fechava a porta e fugia ao abrigo de seus cobertores. Uma vez que se sentiu de novo dona de si, adormeceu.



Colbert encorajou os meninos a vestirem o casaco e os levou para dar um passeio e para comprar guloseimas. Enquanto tinha estado vendo-os brincar na habitação não tinha recordado que Alana estava doente no quarto contínuo. Sorriu ao recordar como ela punha boca de peixe, tinha estado muito graciosa. E a boca... e a forma de pôr os lábios... teria gostado de beijá-la. Apartou com velocidade esses pensamentos de sua cabeça. Não podia permitir-se pensar na irmã de sua cunhada. Ele era um homem do mundo que tinha sido tentado por mil mulheres e não ia deixar que uma jovenzinha insolente lhe transtornasse a vida. À parte disso, saltava à vista que Alana era tremendamente virginal, às provas se remetia quando ele a tinha apertado contra si na noite que foi buscá-la na estalagem ou quando a tinha pego nos braços por um momento. Uma tolice de sua parte, pois não podia dar-se ao luxo de faltar ao respeito com Alana se queria ganhar a confiança de sua cunhada e de seus sobrinhos.

Capítulo 9

A casa era uma construção de dois pisos de tijolo à vista e estrutura ampla. Estava muito bem situada, mas era muito pequena com poucos dormitórios, ou melhor, o mínimo. Contava com reluzentes chãos de madeiras e janelas alargadas verticalmente. Na parte traseira tinha um pátio ao lado das cocheiras, bastante desperdiçado e em muito mal estado.

Durante a convalescença de Alana, Hellen voltou a contratar o serviço, exceto Dolly, a cozinheira, que tinha se colocado em uma casa na Cornualha, muito mais perto de onde vivia sua família. Colbert, em vez de recuperar a carruagem que tinha ficado velha e imprestável, comprou um faetón negro e elegante junto com dois pares de formosos cavalos.

A residência Wakefield estava bem, entre aspas. Ele estava acostumado a lugares mais amplos. Um lugar onde pudesse entrar e sair livremente sem ter que passar diante da família para não se obrigar a dar explicações; um escritório para poder fechar seus próprios negócios... não pensava atrasar-se muito em comentar com Hellen, mas tampouco queria atormenta-la. Astutamente queria ir fazendo-a notar para que ela mesma lhe aconselhasse que deveriam trocar de morada. Desejava que o

ajudasse a escolher o melhor lugar.

O primeiro e mais importante para ele foi visitar oficial. Nos escritórios não o encontrou e teve que ir à sua casa a ver se o podia receber. O homem residia em uma moradia central com jardim cercado.

Colbert golpeou a porta várias vezes, com insistência, sem nenhum resultado e quando estava por ir-se um tipo de aspecto adormecido mostrou a cabeça.

— O oficial Meison faz dias que não passa pela casa, mas eu lhe darei o recado quando chegar. Seu nome é...? — Perguntou olhando ao Colbert interrogativamente.

— Wakefield.

— Muito bem, senhor Wakefield. — O tipo franziu o cenho com estranheza. — Você é parente do falecido professor Wakefield?

— Conheceu meu irmão?

O homem pareceu vacilar. Olhou ao redor observando os poucos transeuntes que cruzavam a rua.

— Pessoalmente, a ele não, mas tive o prazer de conhecer a senhorita Sanders, a irmã da esposa do...

— Sim, sei perfeitamente quem é ela.

— Uma jovem muito ousada, não é?

— A que se refere? — Perguntou Colbert cravando seus olhos cinzas no outro.

— Preferiria que ninguém se inteirasse do que vou dizer-lhe, embora pode ser que você já saiba, e é por isso que veio ao Meison.

Colbert franziu o cenho. Saber o quê? Estava

desconcertado.

— Não sei do que fala. Por favor, seria tão amável de me explicar?

— Será melhor que sua senhoria entre — respondeu o homem com todo respeito. Abriu a porta para que Colbert entrasse. O vestíbulo estava completamente envolto em sombras, e a casa inteira cheirava a mofo. — Verá, essa moça veio aqui lançando acusações contra o oficial e o próprio prefeito. Juro-lhe que pensei que algum deles seria capaz de lhe fazer algo, e tive que lhe pedir que partisse. — Não descreveu que sua petição tinha sido agarrá-la pelo braço contra sua vontade e jogá-la à força da propriedade. — Eu em nenhum momento quis machucá-la nem a ferir, minha intenção foi tirá-la antes que lhe ocorresse algo mau — repetiu.

Colbert franziu o cenho.

— Como você se chama?

— Reed, senhoria, meu nome é Reed.

— Devo supor que é o criado do oficial?

— Não, não! O oficial vive sozinho, eu só passo por aqui para lhe preparar um pouco de comida e deixar a roupa limpa, da qual se encarrega minha esposa. Há dias que não toca nenhum alimento dos que trouxe. — Encolheu os ombros. — Tampouco trouxe roupa. Mas embora me pareça estranho, não é a primeira vez que parte assim. — Aquelas palavras pareciam esconder algo mais.

Colbert assentiu com um movimento de cabeça.

— Você escutou as acusações que a senhorita Sanders lançou?

— Sim. — Nervoso, passou a mão pela cabeça. — Os chamou de assassinos. Dizia que eles... que eles e um lorde... veja, que tinham matado ao professor. Assegurou que a história dos caçadores clandestinos tinha sido uma patranha deles três para esquecerem do tema.

Uma fúria repentina iluminou os olhos de Colbert, mas a ocultou com rapidez.

— Decididamente a senhorita Sanders é uma insensata — disse ao Reed, conseguindo esboçar um sorriso. — Falarei com ela para que não volte a repetir nada parecido.

— Se apreciar seu pescoço, eu o faria. O oficial é capaz de colocar alguém entre as grades com acusações falsas. Não seria a primeira vez que o faz, e a mim, a senhorita Sanders... me pareceu valente e boa. Dar-me-ia muita pena que acabasse mal.

Colbert fixou seus olhos firmemente sobre o rosto de Reed.

— Sabe se o oficial foi preparado para passar uma longa temporada fora? Noto que a casa está muito fechada.

— Suponho que me teria dito.

Colbert arqueou uma sobrancelha.

— Penso que me teria dito — retificou Reed. — Não o vi partir.

— Então não sabe se levou bagagem? — Perguntou com voz chateada. Estava desejando saber que motivos tinha Alana para suspeitar que seu irmão tinha sido assassinado, entretanto, não queria que Reed se desse conta.

— Não tenho ideia.

— Quando foi a última vez que partiu assim?

— Faz meses, na primavera esteve uma semana fora, — agitou a mão — acredito que nessa ocasião foi por um pouco de trabalho. Seria melhor que pergunte ao prefeito, senhoria.

Colbert assentiu, tirando uma nota de sua carteira, a entregou com um estudado sorriso.

— Foi muito amável ao me atender. Estou me alojando na casa do meu irmão e esperarei até o final de semana se por acaso retorna o oficial. Dê-lhe o recado quando chegar.

O homem pegou a nota com olhos brilhantes. Poucas vezes tinha visto tanto dinheiro junto.

— Isso farei, senhoria — respondeu com um amplo sorriso. Pressuroso, guardou o dinheiro no bolso de uma puída jaqueta de lã. — Ora! — Exclamou repentinamente. — Se desejar, posso olhar em seu quarto para ver se levou roupa.

Colbert o observou com um sorriso irônico enquanto assentia.

— Reed, a verdade é que me faria um grande favor, desse modo saberia o que me espera.

O homem subiu correndo umas estreitas escadas. De baixo Colbert o escutou brigando com um trinco. Voltou poucos segundos depois esfregando o queixo, pensativo.

— Não saberia lhe dizer, senhor Wakefield. Fechou a porta com chave — disse estranhando.

— De acordo. Esperarei até o final de semana.

Colbert retornou à casa com a pulga atrás da orelha. Era uma casualidade que o oficial tivesse desaparecido pouco antes dele apresentar-se. O mínimo que o homem tinha que ter feito quando se inteirou que tinha chegado era ir informa-lo dos

últimos avanços de sua investigação. Porque Colbert Wakefield, irmão do falecido professor, estava na cidade, era a notícia que corria constantemente por todos os lados. Sobretudo ao ir recuperando, um a um, os móveis dos quais Hellen se desfez.



Colbert dormia no quarto com seus sobrinhos. Adorava aqueles moços e tinha aprendido a amá-los com muita rapidez. Eram uns pirralhos engenhosos, cheios de uma vitalidade inacabável. Segundo Helen lhe contou, Alana era como uma segunda mãe para eles. Acompanhou-os desde o dia de seu nascimento e se eram assim, muito o deviam a ela.

Quanto mais escutava falar da moça, mais sua admiração ia crescendo a passos aumentados, mas tampouco pensava admitir ante ela. Era certo que tinha muitas coisas boas, entretanto, com respeito a ele seguia receosa, e isso o chateava. Nem sequer tinha se dignado a lhe agradecer por salvá-la do tipo da estalagem.

Quando Colbert entrou para vê-la, depois de ter estado conversando com Reed, desejou que ela estivesse acordada e serena para que lhe contasse por qual motivo tinha atuado de forma tão amalucada fazendo acusações daquela maneira. Durante aqueles dias, tinha passado, por educação, a lhe fazer visitas breves, de escassos minutos, e poucas vezes tinham cruzado mais de quatro palavras. Naquela ocasião ela estava completamente adormecida e não quis incomodá-la.

Colbert desceu de novo as escadas e antes de entrar na

sala Hellen apareceu da cozinha.

— Tenho que ir comprar algumas coisas. Importa-se que eu saia um momento?

— Claro que não. Se me houvesse dito, eu teria feito -disse arrastando as palavras. Nunca tinha ido às compras, exceto se fosse a uma joalheria, alfaiate ou… costureira.

— Dei-me conta que faltam especiarias, sal e algumas coisas mais. Não demorarei, Colbert, além disso, os meninos estão entretidos em seu quarto.

— Vá tranquila.

Foi até ela e cavalheirescamente a ajudou com o casaco, colocando-lhe sobre os ombros. Depois terminou de fechar a porta e percorreu o corredor para ver os meninos. Esteve um momento com eles e logo foi ao salão ler o jornal que nessa manhã deixara pela metade. Não havia lido nem meia página quando sentiu suaves pisadas no corredor.

Alana colocou a cabeça pelo oco da porta e o olhou com atenção.

— Ah, está aqui! — Entrou envolta em uma bata lavanda. Apresentava um aspecto tristonho, rosto gasto e uma massa de cabelo acobreado, despenteado, caindo sobre seus ombros e costas. Entretanto, apesar disso, estava formosa como um anjo. Causou-lhe muita ternura. — Escutei a porta e suponho que foi Hellen que saiu, incomodo-te se te acompanho um momento?

— Absolutamente, entra — disse vendo-a sentar-se na poltrona livre. A jovem recolheu as pernas sob seu traseiro de um modo infantil. Lançou-lhe um olhar apreciativo que

abrangeu seus seios e sua cintura esbelta. — Como está? Passei faz uns minutos para ver-te e dormia.

Ela se ruborizou e juntou com descaramento as lapelas da roupa sobre seu pescoço. Não havia mais ruído na habitação que o crepitar do fogo. Colbert estava sentado em outra das poltronas, com suas longas pernas estiradas para a lareira.

— Estou mortalmente aborrecida, por isso quis aproveitar para sair um pouco do quarto. Preciso me recuperar logo! — Gemeu. — Não suporto estar um dia mais encerrada.

— Compreendo-te. — Hellen lhe tinha contado que quando ela era pequena não aparecia pela casa de seu avô mais que para dormir.

— E você? Que tal te recebeu a Inglaterra?

O rosto de Colbert adquiriu uma expressão preocupada.

— Suponho que da mesma maneira em que me despediu. Enganos, abusos… já sabe.

Alana ficou olhando-o sem compreender.

— Não entendo. O que te aconteceu para que partisse assim?

Colbert agitou a cabeça. Usava o cabelo recolhido em um rabo-de-cavalo que descansava entre suas omoplatas. Endireitou as costas fazendo uma careta com os lábios. Evitou sua pergunta e se lançou totalmente ao tema de conversação que lhe interessava nesse momento.

— Alana, preciso falar contigo de algo importante e preciso que seja honesta comigo. Deixa, por um momento, à parte o ressentimento que tem por mim, se for possível.

Ela assentiu.

— Tentarei, em troca de algo.

Colbert esteve a ponto de engasgar-se. Ousava ela chantageá-lo? Dedicou-lhe um olhar frio e interrogante.

— Convença a minha irmã a me deixar levantar já. Estou mais recuperada do que parece.

Ele suspirou, aliviado. Tinha esperado que em troca lhe pedisse que partisse da casa ou algo parecido.

— Posso tentar, embora não seja muito seguro. Preocupa-se muito com você.

— Sei — assentiu com um sorriso que lhe pareceu cativante. — Hellen às vezes se comporta como se fosse minha mãe. O que é tão importante que quer me falar?

— Por que foi procurar o oficial?

Ela o olhou com o sobrecenho franzido, surpresa.

— Como sabe?

— Fui visitá-lo e Reed me disse, o encarregado de vigiar sua casa.

— Aquele maldito! Jogou-me dali como se eu fosse um cão.

— Por que foi? — Insistiu.

— Tenho meus direitos — respondeu exaltada. — Só pretendia que Meison me escutasse, entretanto, ele e o prefeito me pediram que deixasse o tema em paz. Que não removesse mais a morte de Jhon.

— Chamou-os de assassinos.

— Isso é o que são! Supõe-se que nos têm que ajudar e proteger! A nós, aos desprotegidos. — Negou com a cabeça tão forte que várias mechas ficaram sobre seus lábios e as afastou rapidamente com a mão. — Mas se protegem entre eles. —

Olhou-o fixamente. — Minha irmã te contou sobre o Huntington?

— Huntington? — Repetiu ele. — Temo que não. Quem é e o que aconteceu com esse Huntington? — Perguntou Colbert, confuso.

Ela incorporou a cabeça e olhou para a porta, assegurando-se que não houvesse ninguém perto. Logo voltou a vista a ele ao mesmo tempo que tirava um lenço da bata e assoava o nariz ruidosamente.

— Esse homem é um lorde da região. Um estúpido tolo envolto em pomposas e ridículas roupas que aborrece a maior parte do condado de Dorset — explicou. — Justo no dia em que Jhon morreu, teve o atrevimento de aproximar-se de Hellen. Acabava de ficar viúva e ele...! — Inspirou profundamente. — Vem uma e outra vez tentar convencê-la de se casar com ele. Você faria isso, Colbert?

Ele a olhava atentamente com o sobrecenho franzido.

— Suponho que não.

— Pois Huntington fez — afirmou. — Esse indesejável o fez. Não te parece suspeito?

O olhar de Colbert viajou dos olhos de Alana até sua boca.

— Não te entendo. Hellen é uma mulher muito formosa. Não conheço esse lorde, mas não vejo nada de estranho que queria consolá-la.

— Oh, por favor! — Exclamou ela elevando os olhos ao teto. — Homem, ao menos devia respeitar o luto! Imagina que morre e tem uma esposa...

Colbert encolheu os ombros.

— Duvido-o muito — respondeu com firmeza.

Ela fez uma careta para que se calasse, e ele soltou um suspiro resignado.

— Só te peço que imagine. Tem uma esposa que está chorando porque acaba de te enterrar. O que pensaria se um homem lhe propusesse matrimônio nesse momento ou… no dia seguinte?

Colbert tentou imaginar a cena.

— Esse homem é meu amigo? — Perguntou.

Ela negou.

— É um conhecido que te repele.

Colbert arranhou uma têmpora.

— De verdade quer saber o que eu faria? — Alana assentiu com um sorriso presunçoso, como se soubesse o que ia responder-lhe. Pequena sabichona! — Levantar-me-ia da tumba, quebrar-lhe-ia as pernas e lhe arrancaria a cabeça.

«O que podia pensar ela de sua resposta? Que era um bruto insensível?», pensou Colbert, reconhecendo que se passou ao lhe responder desse modo. Alana o olhava de uma maneira tão estranha que lhe formou um nó no estômago e se sentiu como se nunca mais fosse ser capaz de voltar a respirar. Ficou nervoso.

— Indiferentemente do que acaba de expressar, — disse ela tratando de aparentar serenidade e firmeza. Seus olhos verdes eram dois poços que pareciam querer absorvê-lo. Gostosamente ele teria se deixado cair neles — tenho que supor que não teria gostado nada, dá-se conta então do que falo?

Colbert cruzou os braços sobre o peito, acomodando-se de

novo. Não sabia aonde ela queria chegar.

— Não será porque você quer o homem para você? — Quis saber, curioso.

— Huntington? — Por seu tom parecia que acabava de insultá-la, e ele reprimiu um sorriso. — Esse homem é... desprezível. É... é um velho, gordo, seboso, que acredita que o mundo gira ao redor dele. Hellen e eu o odiamos.

Colbert voltou a endireitar-se, extremamente perdido.

— Se sua irmã tem esses sentimentos por ele, imagino que o disse. Equivoco-me?

— Mas ele insiste uma e outra vez. — Alana baixou as pernas da poltrona, que ficaram nuas por uns segundos antes que se colocasse a roupa.

Colbert tentou não olhá-la, mas tinha umas pernas lindas, longas e torneadas. O que lhe acontecia? Nunca tinha visto nada igual! Amaldiçoou-se mentalmente e se obrigou a centrar-se de novo na conversação. Estava há muito tempo sem estar com uma mulher, e Alana não fazia mais que despertar sua libido. *«Não é certo»*, disse-se, mas nesse momento admitiu que ela o excitava. Não estava seguro se era seu corpo, seu formoso rosto ou a atitude distante que tinha com ele.

— Estará apaixonado por Hellen — disse passando a mão pelo rosto.

— Acredito que despediram a minha irmã por culpa dele.

Colbert piscou.

— O que te faz pensar isso?

Alana respirou fundo.

— Não sei, mas sei, assim como também sei que ele teve

algo a ver com o acidente de Jhon. O caminho onde ocorreu tudo fica ao lado de suas terras. Algumas vezes se ouviu que ele aluga sua propriedade ilegalmente para caçar.

— Com isso não me diz nada — repôs ele rapidamente. — Necessitaria de uma base firme para sequer poder tentar fazer algo. Alguma prova do que diz.

— Não tenho nenhuma, o único que sei é que esse homem vai atrás da minha irmã. Perdendo ela o emprego e com as dívidas que tínhamos, do que íamos viver? De ar? Não! Ele, quão único queria era aproveitar-se disso e que Hellen o aceitasse para nos proporcionar algo melhor. Era a única maneira de consegui-la.

Colbert inclinou a cabeça. Tudo eram suspeitas infundadas de uma moça desconfiada. Quanto podia haver de verdade em tudo aquilo?

— Não sei. — Encolheu os ombros. — Quer que eu vá vê-lo e lhe quebre as pernas?

Alana se virou ligeiramente para trás e o olhou perceptivamente.

— Você arruma tudo quebrando as pessoas?

Ele, divertido, esboçou um sorriso. Inclinou a cabeça, e seus olhos brilharam com zombaria.

— Como pode ser tão inocente e acreditar nisso?

Alana pareceu refletir sobre aquilo.

— Me disse que fosse sincera contigo e o fiz, entretanto, não me acreditou — disse sem lhe responder se ela acreditava que era capaz de mutilar alguém.

— Agradeço-lhe, Alana. Sua conclusão é que o oficial está

encobrindo o lorde e esse… lorde, assassinou o meu irmão. Por isso foi à casa desse tipo e o acusou de assassino. Certo?

— Visto assim parece desatinado. Não é? — Perguntou-lhe ela com voz baixa e indecisa.

Colbert assentiu, embora não quisesse desprezar nenhuma hipótese. Notava-a muito confusa, e nesse momento ela teria sido capaz de acreditar em qualquer coisa que lhe dissesse.

— De momento é algo por onde posso começar a indagar. Falarei com esse Huntington assim que puder.

— De acordo.

Colbert a olhou com intensidade. As longas mechas de Alana caíam sobre seus magros ombros emoldurando seu rosto moreno.

— Acredito que não tem motivos para se sentir intranquila, e te agradeceria que não comentasse isto com ninguém.

— Tampouco com Hellen?

Colbert negou com a cabeça. Repentinamente deu-se conta que queria beijar os lábios da moça. A ideia o surpreendeu tanto como o assustou. Não queria pensar nisso.

— Seria uma tolice fazê-la sofrer. Não crê? De momento será algo entre nós.

— Me fará saber seus avanços? — Perguntou-lhe Alana. Via-a ansiosa para que começasse a investigar. Colbert assentiu tranquilizando-a.

— Assim que saiba algo, contarei.

— Então deve me prometer algo — disse ela impulsivamente. Ele arqueou uma sobrancelha, interrogante. —

Não deixe que o matem, por favor.

Havia sinceridade nos formosos olhos verdes, e ele estremeceu. A bruxinha estava preocupada com ele?

A porta da entrada se abriu advertindo-os da sala que Hellen acabava de retornar. A mulher passou diretamente ao salão e deixou vários pacotes sobre a mesa ao mesmo tempo que observava sua irmã.

— Por que se levantou?

— Queria esticar as pernas — respondeu com uma graciosa careta de brincadeira. — Não suportava mais a clausura.

Colbert afastou seu fascinado olhar de Alana. O que acontecia com ele? Acaso alguma vez tinha conhecido alguém que lhe parecesse? *«Não»*, pensou. Ela devia ser única.

— Não deveria estar aqui, senhorita. — Hellen se aproximou dela e a ajudou a levantar da poltrona. — Vamos agora mesmo à sua cama.

Colbert pressentiu que Alana o olhava, possivelmente para lhe recordar seu trato, entretanto, ele fingiu não estar atento.

Quando ambas saíram do salão ficou muito pensativo e intranquilo, com a vista perdida nas chamas do fogo da lareira, como se esta pudesse lhe esclarecer algo.



Quando Alana chegou ao seu quarto tinha a sensação de ter andado vários quilômetros sem parar. Sobretudo depois de dar-se conta do exaustivo olhar que Colbert tinha sobre suas pernas. Ela se orgulhou de ter atuado com toda naturalidade

ao cobrir-se tão rápido. Porque por nada do mundo teria querido que ele soubesse como ficou alterada.

Capítulo 10

Colbert entrou na cozinha cheirando o guisado que fervia no fogão. Tinha fome, e o aroma que flutuava em toda a casa não fazia mais que lhe abrir mais o apetite.

Hellen estava distraída colocando mantimentos na despensa e não o escutou chegar. Usava um avental florido rodeando sua cintura, com um grande laço no traseiro.

A primeira coisa que ele percebeu ao chegar foi como sua cunhada se inclinava para recolher várias garrafas de leite que havia no chão. Não pôde evitar que seus olhos se recreassem nas arredondadas e bem formadas nádegas. Mas em seguida se deu conta do que estava fazendo e, incômodo, apartou a vista. Não podia acreditar que tivesse olhado à Hellen daquela maneira! Era sua cunhada! A mulher de seu irmão!

Amaldiçoou-se interiormente. A culpada tinha sido Alana. Ou melhor, as perfeitas e delicadas pernas de Alana. Desde a manhã anterior a pele acetinada o perseguia até em seus sonhos mais incontroláveis. Não podia deixar de pensar nelas.

Aborrecido consigo mesmo, pigarreou, chamando a atenção de Hellen. Ela se voltou para ele, limpando as mãos no avental.

— Oh! Perdoa, não te ouvi entrar. — Saudou-o esboçando

um sorriso. — Não demoraremos para comer. Quer algo?

— Posso esperar, não tem problema — respondeu fingindo olhar o que estava sobre o fogão. — Cheira muito bem em toda a casa.

— Noelle já deve estar preparando a mesa — disse Hellen ameaçando sair para ir ver. Mas Colbert a deteve segurando-a pelo braço.

— Se não se importar, há algo que eu gostaria de te dizer. Pensei em sair um pouco esta noite. — Não ia dizer-lhe isso. Desde que tinha despertado naquela manhã, sua ideia era a de abordar o tema da moradia, entretanto, de repente mudou de opinião. Sentia que tinha que escapar dali e esquecer-se de tudo por algumas horas.

— Me importar? Absolutamente! — Respondeu ela com um sorriso.

Colbert desejou que não falasse tão alto. Não queria que Alana se inteirasse que ia sair, embora não devesse lhe importar. E mais, repensando, pensou que era bom dizer à Hellen que permitisse a jovem sair para jantar com eles.

Hellen passou junto a ele e, com uma colher de madeira, revolveu o interior da panela. Observou-o sobre o ombro com um olhar significativo:

— Dizem que têm aberto locais novos perto do porto de Weymouth. Não é uma das regiões mais tranquilas da cidade, mas muitos homens vão ali para jogar cartas e para beber algo. Pode ser que conheça alguma moça.

Colbert sorriu, mas ela estava de costas e não pôde vê-lo.

— É possível, de todas as formas, não deverei dormir fora.

Hellen se ruborizou. Tinha estado casada e conhecia as necessidades físicas dos homens. Seu cunhado não era diferente dos outros.

— Colbert, esta tarde virá uma cozinheira, mas só poderá ficar algumas semanas. — Voltou-se para ele. — Não sabia que podia ser tão difícil encontrar alguém com um pouco de experiência. Deixei um anúncio no mercado porque precisam ter referências. — Encolheu os ombros. — Espero que entrem em contato conosco.

Colbert não quis desperdiçar aquela oportunidade.

— Na realidade, é disso que estou querendo te falar há vários dias. Esta casa é um formoso edifício, possui encanto e elegância, mas a fachada está descolorida. As tábuas do chão do piso de cima estão levantadas por alguns lados, as colunas do alpendre, descascadas…

— Sei, sei — o interrompeu. — Faz tempo que descuidamos de algumas coisas. Só necessita de uns consertos.

Em poucas palavras Hellen lhe contou que Jhon e ela tinham falado de ampliar a casa comprando o terreno que confinava com o pátio e as cocheiras.

Colbert não tinha tido a intenção de embarcar em reconstruir a casa de cima a baixo, entretanto, Hellen lhe deu a entender que não pensava partir dali. De algum modo encontrava-se mais perto de Jhon.

— Hellen, deveria sair e se entreter. Será bom pensar em outras coisas e continuar com sua vida. — Colbert a contemplou durante um instante. — Seguramente você gostará de ir às compras, vestir roupas novas e não essas que ficam tão

largas. — Instintivamente a mulher apertou o laçou do avental. Todos os vestidos que usava estavam folgados. — Se quisesse poderia dar aulas particulares.

Hellen cobriu a boca com uma mão e o olhou emocionada.

— Dar aulas particulares é algo que Jhon e eu falamos muitas vezes. Oh, Colbert, eu não gostaria de abusar de você!

— Não volte para isso, por favor.

Hellen assentiu.

— Jhon tinha uns planos para arrumar a parte das cocheiras, quer que lhe mostre? — Sem esperar resposta, ela saiu com pressa para a sala.

Colbert a escutou remexer com gavetas e a seguiu, com curiosidade. Justo nesse momento viu Alana deslizar pelo corredor de cima até ao quarto de Andy e William e fechar a porta devagar. Achou graça de sua travessura. Não estranhava que os meninos a adorassem. Era igual a eles, só que metida em um corpo de mulher. E por certo, uma formosa mulher. Por um momento desejou ir com eles e saber o que estavam tramando, mas Hellen o olhou do salão arqueando as sobrancelhas.

— Eram os meninos?

Ele negou, lhe dedicando um sorriso.

— Era sua irmã. Deveria lhe dar permissão para que saísse de seu dormitório, parece bastante recuperada.

Hellen suspirou, meditando-o.

— Ainda é muito cedo. Não crê?

— Depende, se quiser que te jogue o que fica da casa abaixo. — Por ele não tinha problema nenhum. Caminhou até

Hellen, que tinha aberto uma caderneta sobre a mesa, e deu uma olhada nos planos da construção.

— Isto era do Jhon. Ele mesmo o tinha desenhado. Para estas coisas era muito metódico — contou emocionada, passando os dedos pelos traços delineados.

Colbert olhou o desenho e sorriu ao descobrir uma grande semelhança com a casa de sua infância. O imponente caminho arborizado que conduzia à residência, o meio-fio para as carruagens, galerias amplas e frescas, colunas altas, uma escada em forma de ferradura no vestíbulo principal…

— Incluiu o cemitério de animais — murmurou triste. No jardim de sua residência natal tinha existido um pequeno afastado que ao princípio tinha sido uma pequena horta, mas com o passar do tempo, Jhon tinha começado a enterrar ali todos os animais que encontrava. Ele tinha sido muito sensível.

Hellen girou para ele com velocidade e começou a repreendê-lo:

— Te disse mil…! — Em seguida pareceu dar-se conta de sua confusão e se calou repentinamente.

Colbert conteve a respiração quando lhe acariciou a bochecha com um gesto comovedor e os olhos cravados nos seus.

— Hellen — a chamou, despertando-a à realidade. Com suma delicadeza pegou a mão que roçava seu rosto e levou os dedos aos lábios. — Eu não sou Jhon.

— Sinto muito, Colbert, de verdade. Não sei o que me aconteceu — disse, desculpando-se. Aflita, levou o olhar ao mapa. Sua voz tremia quando falou de novo. — Por um

momento acreditei que era Jhon falando do cemitério de animais. Eu ria muito quando me contava que você sempre queria desenterrar os bichos.

Ele apertou os lábios e assentiu, recordando aqueles tempos.

— Eu gostava de fazê-lo passar raiva. Coisas de pirralhos. Os gêmeos me recordam tanto a nós quando tínhamos sua idade…

Hellen gemeu, e Colbert não duvidou em aproximá-la a ele e abraçá-la pelas costas. Não suportava vê-la sofrer por seu irmão.

— Em suas cartas me falava de você. Amava-te muito, Hellen. É compreensível que sinta falta dele, eu também o faço e me arrependo de não haver podido me despedir dele. Mas eu não sou Jhon. Não valho nem a metade do que ele valia — disse em um murmúrio apagado contra seu cabelo vermelho.

A mulher girou entre seus braços e explodiu em fortes soluços.

— Não diga isso, Colbert. Você é muito bom conosco.

Ele tragou com dificuldade.

— Nem sempre fui…

— Não quero saber — o interrompeu entre lágrimas. — Não me concerne o que tenha feito nem nada disso. O que interessa é que está aqui.

Os olhos de Colbert se umedeceram repentinamente sem lhe importar que as lágrimas de sua cunhada molhassem sua camisa. Durante um momento se abraçaram em completo silêncio.

— Atrapalho? — Perguntou a voz fria de Alana da porta. Hellen e Colbert giraram para ela. — Parece que estão muito ocupados — seguiu dizendo. Seus olhos verdes brilhavam com absoluta frieza. Estava erguida, com o queixo elevado e o cabelo caindo sobre um ombro até a estreita cintura. Usava a bata atada e delineava perfeitamente seus quadris. Não usava calçado, e os pés apareciam tímidos sob a roupa.

— Lania! — Exclamou Hellen, apartando-se dele, nervosa, como se estivessem estado fazendo algo mau. Colbert franziu o cenho, desconcertado e zangado, e não pela reação de Hellen, mas sim pela maneira acusadora com a qual Alana seguia olhando-os. Desejou agarrar a moça e sacudi-la com força para fazê-la entender que nem todos eram tão fortes como ela. Que Hellen necessitava de um pouco de compaixão... — Estava mostrando ao Colbert os planos de Jhon, recorda que o ajudou com isso?

— Tia Lania, tia Lania, vem.

Assim como tinha chegado, Alana se foi de repente quando seus sobrinhos a chamaram, deixando-os com uma forte sensação de culpabilidade.

Colbert tencionou a mandíbula e franziu o cenho. Escutou o tremente suspiro de Hellen e a raiva ferveu em seu interior.

— Ainda lhe custa manter suas emoções sob controle. Essa atitude sua não é nada boa — declarou ele retornando à mesa e aos planos.

— Não acredito que tenha pensado que você... e eu...

— Hellen, sugiro-te que não falemos do tema — resolveu ele irritado. — Sua irmã sempre verá mal em tudo o que eu faça ou

deixe de fazer. — No fundo tinha pensado que entre eles havia uma espécie de trégua, mas Alana lhe acabava de demonstrar que não era assim.

Hellen mordeu o lábio.

— Falarei com ela. Não quero que haja mal entendidos.

Tragando a irritação Colbert assentiu. Caminhou para uma das estreitas janelas abrindo as cortinas verdes e assinalou o terreno contíguo.

— Devo entender que esse terreno é o que meu irmão pensava?

A mudança de conversa funcionou para relaxar o ambiente.

— O que lhe parece?

Colbert sorriu satisfeito. Olhou com atenção a superfície, agora cheia de barro, pedras e atoleiros de água. Por um fugaz momento os olhos verdes de Alana retornaram à sua mente. Maldita moça!

— O que te parece? — Insistiu Hellen.

— Está bem — respondeu, carente de emoção alguma. Alana o tinha perturbado mais do que queria admitir. Sentiu, como já lhe tinha acontecido outra vez, que a cidade o afogava. — Vou falar com alguém para que inicie as obras, e enquanto isso partiremos todos a Londres.

— A Londres? Mas…

— Não podemos ficar aqui com os meninos — respondeu sensatamente.

Não lhe importou que Hellen notasse sua mudança de humor, além disso, pelos brilhantes olhos de sua cunhada

soube que a ideia de viajar não lhe desagradava.

— Fala a sério, Colbert?

— Tenho negócios pendentes e devo viajar, se não agora, dentro de pouco — respondeu pensando no *Demônio russo*. Naquela mesma manhã tinha enviado uma carta ao Paddy lhe falando sobre a suspeita da morte de Jhon. Conhecendo-o como o fazia, sabia que viria para ajudá-lo. E o *Demônio* tinha muitos contatos e informantes para descobrir quem da alta sociedade caçava com ou sem permissão. Em Londres ninguém se movia se Seth Presley não o dizia. Era o rei dos subúrbios, e quem controlava os bandos de delinquentes. Quando algum jogador fazia armadilhas, ou se alguém não queria pagar uma dívida, ele se ocupava de lhe proporcionar o castigo adequado. Um pouco parecido ao que Colbert se dedicou em Paris. — Necessito que vá preparada com bonitos vestidos e coisas dessas que usam as mulheres, tenho amigos que nos convidarão a sair mais de uma vez.

— É muito cedo para sair, Colbert! Fazê-lo seria como faltar o respeito com Jhon.

— E o que me diz de sua irmã? Outro dia me contou que não teve muita oportunidade de fazê-lo.

— Talvez tenha razão — meditou Hellen. — A todos virá bem uma mudança.



Alana fingia escutar William, mas realmente sua cabeça estava repassando o que acabara de ver no salão. Hellen e

Colbert tinham estado a ponto de beijar-se. Dessa vez ela os tinha interrompido, mas apostava que haveria mais oportunidades.

Não podia acreditar! Hellen com seu cunhado! Ora! E logo a mesma Hellen lhe vinha com o conto da educação e os bons costumes quando ela estava se apaixonando por Colbert. Ou ao contrário, nesse momento não importava.

Enquanto o menino seguia falando, ela não podia deixar de dar voltas ao assunto. Certo que Colbert era um homem muito bonito. Muito bonito, assumiu. E Hellen… ela era ainda jovem e bonita, e merecia outra oportunidade. Mas com ele?

Não! Não queria que eles… Que droga! Não desejava que estivessem juntos porque a deixavam ciumenta. E se estava ciumenta só podia significar que ela também se sentia atraída pelo Colbert. Sentia-se atraída por ele?

Assustada, voltou para a realidade quando Andy lhe reprovou não estar escutando-o.



Nem Weymouth nem Christchurch oferecia muita distração, e tal e como havia dito Hellen, os melhores lugares para passar a noite estavam perto do porto.

A saída veio ao Colbert estupendamente. Encontrou vários lugares onde se jogava cartas com fortes apostas, e em um deles pôde surrupiar alguma informação sobre lorde Huntington. O homem estava acostumado a viajar no inverno à sua residência em Londres, e isso animou Colbert a pedir ao

Demônio que lhes buscasse logo um alojamento ali. Nessa mesma noite o destino quis que coincidisse com Thomas Baxter, prefeito da cidade, e sua formosa filha Claudia em um restaurante famoso.

Colbert pôde perceber que Thomas parecia bastante ansioso por apartar-se dele, em troca, não foi igual para sua filha, que empregou vários truques para conseguir que compartilhassem uma mesa. Colbert não recordava que alguma mulher tivesse flertado com ele tão descaradamente diante de seu progenitor como essa jovem. E isso o fez sentir-se bastante incomodo, sobretudo quando Claudia não vacilou em caluniar Alana, referindo-se a ela como a selvagem.

Antes de chegar às sobremesas sentenciou que a vagabunda de olhos cinzas era desagradavelmente estúpida, invejosa e uma cadela de muito pouco cuidado. E que se ele não partisse nesse momento via-se capaz de denegrir Claudia, humilhando-a em frente a todos os comensais tal e como ela estava fazendo com Alana, que nem sequer estava ali para defender-se.

— … nem sequer tem a culpa que o bêbado de seu avô a criasse como a um animal a mais de sua fazenda. Jamais encontrará um marido no condado…

Colbert preferiu partir após despedir-se com educação. Chegou a um clube bastante curioso que alguém lhe tinha recomendado durante a noite. Sua intenção ao chegar à porta tinha sido a de saciar-se com alguma moleca, mas perdeu toda a vontades. Ao final, acabou em um botequim fumando e bebendo até que as luzes da alvorada apareceram no horizonte.

Capítulo 11

— Pode acreditar ou não fazê-lo, Lania. Não posso te obrigar a que o faça, mas te repito que entre Colbert e eu não há nada. Quando você nos viu estávamos recordando ao Jhon — disse Hellen em tom solene.

Alana não podia acreditar, embora estivesse tentando.

— Ele te atrai?

Hellen se ofendeu.

— Não entendo, por que me faz estas perguntas? Não estou nem há um ano viúva e não gosto de seguir com esta conversa. Só vim esclarecer-te para você não dar mais importância da que tem. De todos os modos, Lania, agora que estamos falando disto, eu gostaria que em Londres se interessasse por algum possível candidato como marido. Acredito que é hora de que conheça alguém.

Alana se engasgou com a própria saliva.

— Quer que me case?

— É uma oportunidade muito boa. — Hellen a olhou trocando a expressão de aborrecimento por uma mais amável. — Deseja se casar, não é?

Alana fez uma careta com os lábios. Não era contrária ao matrimônio, e mais, desejava ter filhos e uma família grande,

mas sempre tinha imaginado que ia conhecer alguém fortuitamente e iam se apaixonar pouco a pouco; não que tivesse que ter em um prazo limitado. Ou como se não tivesse outro momento para fazê-lo. Não era tão velha!

— Lania, sei que será judiciosa em sua eleição, e tanto Colbert como eu estaremos ao seu lado te ajudando. Às vezes, o primeiro e mais importante é conseguir uma estabilidade econômica, já sabe, que seu marido tenha o dinheiro suficiente para que te mantenha toda a vida. O amor irá nascendo da convivência e da confiança.

Alana ficou triste. Colbert e Hellen tinham falado às suas costas? Não podia imaginar ele lhe dando nenhum conselho sobre esse tema, e certamente ela não queria que o fizesse. Nem sequer estava segura de querer que Hellen opinasse nesse assunto. Lhe saltaram as lágrimas.

— Você e Jhon se amaram desde o primeiro momento que se conheceram. Por que não pode me acontecer o mesmo? Por que tenho que me fixar em cada homem que veja para saber se vou quere-lo por marido?

O rosto de Hellen adotou uma expressão atormentada e olhou para outro lado.

— Pensa que posso dizer que fui afortunada ao ter perdido meu marido tão cedo? Jhon ainda tinha muita vida por diante…

Sim, Hellen tinha razão, pensou Alana, mas também sabia o que era amar e ser amada. Ela não estava segura que fosse conhecê-lo nunca. Deixou o tema em paz. Não havia motivos para martirizar a sua irmã mais do que já estava, além disso, a

ideia de viajar a Londres tinha alegrado o dia. Estava completamente emocionada. Sentia alívio de poder escapar de Christchurch durante uma temporada e não pôs nenhum impedimento em acompanhar Hellen para comprar a roupa que necessitavam. Não queria que ninguém a acusasse de não colaborar; entretanto, não pensava aceitar que comprassem a ela coisas que não necessitava. Nunca tinha sido esbanjadora e sempre aproveitava a roupa até que estava desgastada ou imprestável.

— Não quero, Hellen! Não pode me obrigar a fazê-lo - advertiu, detendo-se de braços cruzados em frente à porta da loja da senhorita Ship, uma costureira bastante conceituada. — Entende agora que preciso trabalhar e conseguir meu próprio dinheiro? Não posso depender de alguém que não é nada meu.

— O que tem de mal? O próprio Colbert me sugeriu que saíssemos para comprar vestidos. Sabe o tempo que faz que não tenho nada novo?

— Pois então faça-o você — resmungou. — Eu não quero lhe dever nada. Ainda posso me arrumar bem com minha roupa.

— Tem todo o vestuário passado de moda. Por que é tão orgulhosa?

Alana encolheu os ombros.

— Não sei, devo ser como o avô.

— Lania, faça-o por mim, toma-o como um empréstimo. — Consciente de que paradas ante a porta da costureira atraíam os olhares dos transeuntes, Hellen agarrou o braço de Alana e a arrastou até o interior do estabelecimento.

Alana soltou um suspiro de resignação e sorriu com acanhamento à senhorita Ship, que tentava decifrar o que falavam.

— Quanto tempo não as vejo! — Exclamou a mulher saindo de trás do balcão para as saudar com um débil abraço e um beijo jogado à bochecha de uma distância prudente. — Que alegria lhes ter de novo por aqui! Eu senti tanto a falta de vocês! Até recentemente tinha pensado que tinham partido de Dorset, mas justo ontem mesmo vieram umas clientes, entre elas Claudia Baxter, e me falaram do senhor Wakefield. Não sabia que Jhon tinha um irmão.

Alana torceu o rosto com desagrado e não pôde evitar a pergunta:

— Claudia conhece Colbert?

A senhorita Ship assentiu com um sorriso.

— Ouvi dizer que se viram várias vezes.

Hellen se voltou para sua irmã, negando com a cabeça.

— Colbert me contou que se conheceram na outra noite em um restaurante. — Dirigiu-se à costureira. — Que eu saiba não tornaram a coincidir, ou melhor, já sabe como se exageram nos comentários.

Alana se voltou para sua irmã com indignação.

— Você sabia que eles se conheciam?

— Sim, por quê? Ele disse-me na outra noite — repetiu.

Alana aspirou com força controlando uma quebra de onda de fúria. Preferia-o mil vezes com sua irmã que com a hipócrita da Claudia.

— Podia me haver dito — recriminou Alana. Nunca tinha

gostado de ser a última em inteirar-se das coisas e, infelizmente, sempre era assim.

A proprietária do estabelecimento as interrompeu.

— Sinto curiosidade por conhecê-lo. Parece que tem revolvido a todo o galinheiro.

— Como? — Hellen voltou o rosto para ela arqueando as sobrancelhas, sem entender.

Alana elevou os olhos ao teto em uma silenciosa súplica. Parecia mentira que sua irmã não soubesse o que significava aquilo. Ela imaginava desde que o conheceu. Colbert, com seu atraente rosto e seu imponente físico, causava estragos entre as mulheres. Se em cima lhe acrescentava que tinha fortuna, era o candidato ideal para qualquer uma.

— Não sabem as coisas que comentam as moças. Que é muito bonito, que é um bom partido... — a costureira riu e Alana se afastou um pouco, fingindo observar atentamente uns estilizados manequins. — Acredito que esse homem está ganhando muitos corações em Christchurch e arredores.

— Não sabia que meu cunhado tinha gerado tanta comoção — disse Hellen com voz ligeiramente ácida.

Alana apertou os dentes com força até lhe doerem. Malditos fossem seus ciúmes incontrolados! *«Ciúmes?»*, repetiu-se. Não, veementemente, não. Ou sim. Já não sabia nem queria sabê-lo. Mal conhecia Colbert para acreditar-se apaixonada por ele, e não tinha nem ideia de onde saíam todos esses sentimentos.

— É normal, — respondeu a senhorita Ship — faz muito tempo que nenhum homem bonito se instala na cidade e, ainda

por cima, solteiro.

«De modo que algumas já lhe jogaram o olho», preconcebeu Alana com fúria.

— Meu cunhado não está procurando esposa — comentou Hellen, sabendo de sobra que a costureira não ia demorar nem cinco minutos depois que elas saíssem da loja para ir contar aos outros.

— É o único que falta ao Colbert — disse Alana com a voz carregada de ironia. Hellen a olhou com o cenho franzido, e a senhorita Ship, com interesse. — Vaidoso como é, vai se sentir um autêntico palerma quando souber que tem tantas admiradoras.

— E você não está interessada nele, senhorita Sanders? — Quis saber a costureira. — Cada dia que passa fica mais bonita.

— Por favor, senhorita Ship! — Admoestou-a Hellen, irritada. — Colbert jamais se fixaria nela dessa maneira, seria como tentar se apaixonar por sua irmã mais nova.

Uma adaga de dor atravessou o peito de Alana, que apertou os lábios com tanta força que desapareceram em sua boca. Ao fazê-lo a costureira ocultou um sorriso retorcido e Hellen a olhou com intensidade.

Mais tarde, quando saíram da loja, Hellen se dirigiu a ela com tom preocupado, mas direto.

— Lania, não está apaixonada pelo Colbert, não é?

O coração da moça começou a retumbar em seu peito. Tragou saliva e negou com a cabeça.

— Claro que não!

— Não mente? Necessito que seja sincera comigo.

Alana pestanejou. Sua irmã estava lhe implorando.

— A que vem isso agora?

— Colbert não vai casar-se.

Alana encolheu os ombros.

— Nunca pensei nele como candidato.

— Eu gostaria que me olhasse nos olhos e me dissesse isso.

— O que te acontece, Hellen? Não me acredita? Eu tenho que acreditar no que você me diz, mas o que eu te digo não!

Alana tinha adivinhado. Hellen não lhe acreditava. Via-o em seus temerosos olhos azuis.

— Colbert não leva a sério nenhuma mulher. Entende o que quero te dizer? Dar-me-ia pânico só de pensar…

— Pois não pense, Hellen! Vou procurar marido. Recorda?



A cidade despertou coberta de um grande manto de neve. Tudo, desde as ruas e praças até os telhados das casas apresentavam um magnífico panorama invernal de um branco imaculado quebrado pelas fumegantes chaminés que pintavam o céu de cinza.

Colbert tinha levantado muito cedo para ir à agência de correios, onde o esperava uma carta de Seth. O *Demônio russo* lhe tinha conseguido em Londres uma casa de aluguel bastante centralizada e lhe explicava os detalhes e a localização exata. Nesse mesmo dia também pensava reunir-se com Mike Newton, o arquiteto que se encarregaria de dar forma à casa de

Christchurch. Tudo estava saindo como foi pedido, exceto pelo maldito oficial que não dava sinais de vida. Tinha passado outra vez por sua casa, nesta ocasião o senhor Reed comentou sua preocupação que lhe tivesse ocorrido algo grave.

— O senhor Baxter não sabe nada? — Perguntou Reed, curioso.

Colbert negou.

— Mandou gente averiguar, mas no momento também está desconcertado. Reed, o que acha de me deixar olhar em seu dormitório? Pagaria bem.

Reed não se opôs e o guiou até ao andar superior. Foi simples abrir a porta sem forçar a fechadura. Colbert era um perito nessas coisas, e Reed ficou com a boca aberta ao sentir o clipe da porta em questão de segundos.

— Como fez isso?

Colbert sorriu sem lhe responder e entrou nos aposentos. O quarto parecia estar ordenado, apesar da capa de pó que cobria os móveis. Era uma habitação integralmente varonil, do espesso tapete de tons castanhos até a colcha que cobria a cama, passando pelas paredes escuras. A lareira estava completamente fria. Falou sobre o ombro.

— Pelo visto partiu por uma longa temporada — fechou o roupeiro, estava vazio. — Pode ser que se deu umas longas férias. — Nas gavetas da mesinha não havia nada, e sob a cama, tampouco.

— É possível — respondeu Reed, confuso. — Deve ser algo muito importante para fazê-lo sem avisar. É muito estranho. Tenho que ir dizer ao prefeito.

Colbert sacudiu as mãos e as calças à altura das coxas.

— Não o faça — avisou com uma careta de contrariedade. — O que acabamos de fazer é ilegal.

Reed se ergueu franzindo o cenho.

— E o que faço então?

Colbert encolheu os ombros:

— Nada, simplesmente, deixa estar. É melhor que não comente a ninguém que estivemos aqui. — Fechou a porta de novo e lhe entregou uma soma mais que generosa para sossegar sua boca. — Se por acaso escutar algo dele, se ponha em contato comigo o antes possível.

— Sim, senhoria, assim o farei. Por certo, — Reed o observou com olhos entrecerrados — não saberá de alguém que necessite de mão de obra? As coisas andam muito apertadas ultimamente e muito me temo que acabo de ficar sem trabalho.

— Seguramente encontro algo para você. Passe em casa no final de semana e lhe darei um posto. Enquanto estou de viagem me vai bem ter alguém vigiando a casa.

— É um santo, senhoria.

Colbert sorriu com ironia. Um santo era o que menos parecia.

— Uma pergunta mais. Sabe que relação há entre lorde Huntington e o oficial?

— Isso eu sei, nem sequer são amigos, embora tenham estado várias vezes juntos. Lorde Huntington se interessa bastante por esta cidade e dá generosas doações ao prefeito.

— Não saberá se esse lorde perguntou pelo oficial ultimamente?

O homem vacilou um momento antes de responder.

— A mim não, e por aqui não passou. Faz tempo que não o vejo pela cidade.

— Obrigado, Reed.

— Sua senhoria... todo isto tem algo a ver com as acusações da senhorita Sanders?

Colbert arranhou uma orelha.

— Poderia ser. Tenho que partir, Reed. Se lembre de passar em casa.

— Claro que sim, obrigado, sua senhoria, muito obrigado.

Mal-humorado por aquela contradição, Colbert chegou em casa pensativo. Não era possível que o homem que supostamente protegia a cidade tivesse sido tragado pela terra. Teria partido por vontade própria ou o tinham feito desaparecer?

Colbert entrou com passo firme na casa e escutou as vozes de seus sobrinhos que vinham do segundo piso. Não os tinha visto em todo o dia e sentiu vontade de unir-se a eles e compartilhar suas brincadeiras. Com pressa, pendurou seu casaco no cabideiro e tirou as luvas. Ao ir coloca-las sobre a escrivaninha da entrada, observou, confuso, outro par de luvas de homem que não eram dele. Nesse momento várias gargalhadas saíram do interior do salão. Com passo lento, totalmente intrigado, foi se aproximando das portas duplas.

— Meu segundo nome é *Impaciente* — escutou que Alana dizia com voz jovial. Voltaram as risadas.

Capítulo 12

No preciso instante em que Colbert chegava à sala escutou de novo as risadas de Alana. Ela, ao vê-lo parado no vão da porta, ficou paralisada de repente. A jovem usava um singelo vestido cinza de saias volumosas e um recolhido frouxo sob a nuca. Seu cabelo apanhava os reflexos avermelhados da lareira, lhe dando uma cor muito bonita. Suas bochechas estavam rosadas e não havia amostras do resfriado que tinha padecido aqueles dias. Sentado em frente a ela, havia um cavalheiro jovem que a olhava com olhos faiscantes.

Colbert pigarreou com suavidade.

Alana foi a primeira em levantar-se, e o homem a imitou.

— Senhor Newton, deixe que o apresente a sua senhoria, Colbert Wakefield. Colbert, o senhor Newton tem uma entrevista com você esta manhã.

— Ah, sim. Você é o arquiteto, equivoco-me? — Perguntou Colbert, chegando até ele com a mão estendida. De soslaio levou seus olhos cinzas ao rosto de Alana. Encontrou-a diferente, mais bonita que nunca. Era a primeira vez que via aquele humor divertido nela e, embora gostara, sentiu certa inveja, e isso o pôs de mau humor.

— Bom dia, senhor Wakefield, deve desculpar que tenha

chegado com antecipação, mas estava desejando começar meu trabalho e não pude resistir.

— Se eu soubesse teria vindo antes, senhor Newton. Importa-se que lhe chame de Mike? — Sem esperar resposta indicou-lhe que se sentasse no lugar que tinha ocupado e se dirigiu a Alana. — Vejo que já conheceu a bela senhorita Sanders. — Seus olhos cinzas percorreram o esbelto corpo com intensidade, para depois lhe sorrir de um modo bastante impessoal. Voltou seus olhos ao arquiteto. — Não o terá entediado muito, não é?

Alana avermelhou, irritada com o comentário.

Com uma ligeira sacudida de cabeça Mike Newton negou.

— Nada disso, ao contrário. A senhorita foi muito amável. Estávamos falando de como ia ficar a casa quando concluir as obras. A senhorita Sanders está muito empolgada com o projeto.

— Sim, já me dei conta. Não pude evitar ouvir que seu segundo nome é *Impaciência*, — disse aproximando uma cadeira — mas deverá ser paciente, não é, Mike?

Alana captou logo o tom sarcástico de Colbert. O que ele estava jogando?

— É certo, vamos demorar vários meses antes de vê-la concluída — afirmou o arquiteto.

— Isso é o de menos, senhores — declarou Alana, tentando que sua voz seguisse soando igualmente alegre e tranquila que antes da chegada de Colbert. Tomou assento de novo. — O desenlace segue sendo o mesmo. Sinto uma enorme curiosidade por ver o resultado. — Zangou-se ao ver a zombaria

no sorriso de Colbert e, com dissimulação, lhe deu de presente um olhar furioso, que se fosse uma faca, o teria atravessado.

— Eu também sinto muita curiosidade — disse ele voltando a vista ao outro homem, satisfeito de ter feito a jovem zangar-se. Não era justo que a visita do arquiteto a tivesse posto tão alvoroçada. — Chegou até meus ouvidos que vocês são um dos melhores arquitetos da Inglaterra.

— São exageros, senhoria — respondeu Mike Newton modestamente.

— Bom, então vamos comprovar, vejamos. — Colbert deu uma olhada ao seu redor e indicou a mesa grande. — Estou preparado para começar. Até que não me proporcionem um escritório, deveremos arrumar nossos assuntos aqui. Espero que isso não lhe cause aborrecimento.

— Não há nenhum problema, sua senhoria.

Colbert estudou atentamente o arquiteto. Notava-lhe um entusiasmo especial por sua profissão, e ele necessitava de gente disposta e empreendedora. Não duvidava de sua capacidade para a missão encomendada, mas não lhe agradou nada ver o interesse que mostrava por Alana. O tipo não podia deixar de olhá-la com um sorriso panaca em sua cara.

Colbert conteve a vontade de grunhir e por alguma razão especial sentiu a necessidade de ser cruel.

— Alana, verá como se fará curta a remodelação. Em Londres estará muito distraída com toda a parafernália que lhe será apresentada.

Ela se esticou ligeiramente.

— Irão para fora, senhorita Sanders? — Perguntou Mike

Newton com a vista cravada sobre ela e um brilho de desilusão em sua voz.

Alana se levantou com um sorriso, deliciosamente ruborizada. Esticou sua saia com sutileza, liberando-a de rugas.

— Sim, partimos dentro de pouco tempo.

— Passaremos o Natal fora — atravessou Colbert, captando a atenção do arquiteto. — Não deve se preocupar, Mike, eu tentarei vir uma vez por semana para nos reunirmos, se por acaso surge algo.

Mike Newton assentiu com uma careta de desalento que incomodou Colbert. Não devia ser assim, em Londres tinha a intenção de acompanhar Hellen na caça de um marido para a jovem, mas decididamente Mike Newton não era o tipo ideal para ela. Embora duvidasse que existisse algum. Para ser sincero consigo mesmo, o aborrecia ter que fazê-lo, mas quando Hellen o tinha comentado não tinha podido desentender-se disso. Essa tarefa o punha de mau humor. Não se via nem com vontade nem com tempo de fazer de acompanhante.

— E se demorarão muito na viagem? — Insistiu o arquiteto.

Colbert esteve a ponto de lhe dizer que se esquecesse de Alana. Por Deus! Newton mal conhecia a moça e só lhe faltava pedir sua mão.

Esforçou-se em mostrar-se racional.

— Tudo está sujeito à duração de seu compromisso — seu tom de voz soou bastante frio, e isso o chateou. Ele nunca deixava suas emoções aparecerem. — Alana, importar-se-ia de

dizer a Noelle que nos sirva algo quente? Faz um dia terrivelmente frio.

Alana só atinou a assentir com a cabeça em gesto afirmativo, enquanto cada fibra de seu ser lutava por deixar escapar a ira que sentia. Que demônios acontecia com Colbert? Parecia que, de algum modo, o arquiteto o tinha posto de mau humor, e ela não conseguia entendê-lo.

Mike Newton tinha chegado um pouco inquieto. As referências sobre Wakefield não eram muitas, entretanto, os relatos levantavam que era um homem admirável que tinha pertencido à marinha inglesa e que tinha participado da batalha de Trafalgar junto ao almirante Horátio Nelson.

Ao vê-lo entrar na sala pareceu-lhe um cavalheiro agradável, mas foi descobrindo, enquanto conversava com a formosa Alana, que Wakefield era uma pessoa orgulhosa, altiva e bastante exigente. Mike admirava os indivíduos assim. Certamente sabia o que ansiava e ele estava disposto a fazer um bom trabalho em troca de que lhe proporcionasse certo prestígio em seu grêmio. Desejava ser o melhor, e isso só podia obtê-lo acotovelando-se com homens como ele. Havia outros que lhe permitiam levar toda a carga e logo não acabavam de acordo com o produto de suas ideias.

Sem dúvida, naquela manhã, a melhor maravilha tinha sido o recebimento da formosa senhorita Sanders. Não tinha conhecido uma jovem mais linda em toda sua vida e foi incrível inteirar-se que vivia a só um par de quarteirões de seu lar. Perguntou-se onde se teria metido ela para não terem coincidido em nenhuma ocasião. Entretanto, também, ao notar

um pequeno vislumbre de posse no olhar do anfitrião, suspeitou que possivelmente a moça lhe pertencesse de algum modo. Aquilo o deixou um pouco vacilante e esperou que qualquer dos dois, ou sua senhoria, ou ela, ilustrassem que espécie de relação existia entre eles. Considerava a moça demasiado velha para que Wakefield fosse seu tutor e pelo que ele sabia, o cavalheiro era solteiro.

À medida que foi passando o tempo, Mike não acreditou ver nenhuma pauta carinhosa entre eles e respirou. Talvez, com o tempo, ele poderia chegar a frequentar de um modo mais íntimo à beldade de cabelos acobreados. Estava seguro de que podia encontrar facilmente alguma desculpa para viajar de vez em quando a Londres e assim vê-la de novo. Isso sempre e quando o senhor Wakefield e ela não fossem consortes ou… amantes.

— Utilizarei tudo o que estiver ao meu alcance para que sua residência se encontre disposta e habitável na primavera. Espero que não haja nenhuma contrariedade com a matéria-prima, porque basicamente dependo disso.

Colbert se surpreendeu ligeiramente. Pôr uma data tão cedo era algo muito prematuro.

— De caráter pessoal, confessar-lhe-ei que não tenho nenhuma presteza.

— Eu pressupus que lhe urgia.

— Comigo é difícil pressupor qualquer coisa. — Colbert sacudiu a cabeça e ambos os homens guardaram silêncio ao perceber que a criada, junto com Alana, ingressava na sala para servir o chá.

O salão era um dos lugares mais agradáveis da casa, em especial naquela ventosa amanhã de novembro. A lareira de pedra estava acesa e as espessas cortinas mantinham o lugar isolado dos ventos gelados que sopravam fora.

Ela tinha escutado muitas vezes, como dizia o avô à sua mãe, que um prego tirava outro prego. Nunca tinha gostado de seu marido e até há alguns anos, Alana não sabia o que significava aquilo. Não entendia por que, naquela manhã, quando viu o atraente senhor Newton com um guarda-chuva na mão, um sorriso amável em sua boca de lábios largos e uns olhos escuros tintos de galanteria, aquela frase a perseguiu com insistência até acabar admitindo que ela também podia seguir esse conselho. O arquiteto era um homem jovem e interessante, e embora não fosse tão fascinante como Colbert, era um candidato muito adulador, além disso, ele também dava amostras de que lhe agradava. Alana não podia pretender desposar um cavalheiro de alto status, embora sua irmã opinasse o contrário. O fato de que Hellen se educou em uma famosa escola para senhoritas de Londres e tivesse travado amizade com duas damas bastante importantes e influentes como eram lady Needs, neta do falecido Sir Douglas, e Erika Hamilton, filha de um Laird escocês e agora recém esposa de um conde, convenciam-na que Alana poderia desposar qualquer pessoa que escolhesse, sendo da linhagem que fosse. As três mulheres seguiam mantendo uma estreita correspondência, mesmo depois que Hellen partiu ao condado de Dorset com Jhon.

— Vai necessitar de alguma coisa mais? — Perguntou

Alana com uma graça deliciosa.

Colbert a olhou aos olhos e se sentiu derreter nos poços verdes. Que demônios lhe estava ocorrendo? Por uma parte desejava que ela não saísse de sua vista, e por outra, não queria que Mike seguisse observando-a como se fosse se pôr a babar de um momento a outro. O pior de tudo era que ela mostrava interesse pelo imberbe rapaz.

— Não, obrigado. — Despediu-a com um gesto de cabeça. Ela partiu, seguida de Noelle, e a manhã transcorreu com quietude até que Hellen mostrou a cabeça pela porta do salão com uma careta de desculpa.

Nesse momento, Colbert e Mike desfrutavam de um conhaque e estavam relaxados.

— Me perdoem se lhes interrompo. Acreditei conveniente anunciar que se aproxima a hora do almoço.

Por um momento Colbert sorriu para si e benzeu a interrupção. Estava cansado. Tirou o relógio do bolso superior de seu colete e observou a esfera fingindo surpreender-se.

— Ora, o tempo passou voando! — Ficou em pé, e Newton fez o mesmo. — Hellen, conhece o senhor Newton? Vai se encarregar de fazer as obras.

A mulher se aproximou cortesmente, lhe estendendo uma mão.

— É um prazer, senhor, conhecê-lo enfim. Sua mãe me falou muito de você.

Mike levou com cavalheirismo a mão de Hellen aos lábios.

— O prazer é meu. Não sabia que se conheciam — admitiu com estupor.

— Hellen é minha cunhada, a senhora Wakefield — explicou Colbert.

— Sim, claro! Devem perdoar minha estupidez! Acabo de recordar que escutei o que aconteceu ao seu marido. Seriamente, acompanho-lhes no sentimento, senhora Wakefield. — Até aquele momento Mike não tinha relacionado o professor com aquela família. Muitos tinham falado do estranho acidente, mas reconheceu que não tinha prestado muita atenção ao assunto. Observou atentamente a mulher de olhos azuis. — Intuo, por sua semelhança, que têm certo parentesco com a senhorita Sanders. Ou me equivoco ou é casualidade que possuam a mesma cor de cabelo?

Hellen riu bobamente.

— Alana é minha irmã. Estou segura que ela apreciaria que você acompanhasse o almoço.

— Com muita pena devo declinar seu oferecimento. Temo que hoje não posso, senhora Wakefield.

Colbert juntou os papéis formando uma pilha ordenada e guardou tudo em uma pasta que entregou ao Mike.

— Será melhor que você guarde os planos.

Mike assentiu.

— De verdade não pode ficar? — Insistiu Hellen.

Mike Newton sorriu com pesar, e seu rosto se escureceu.

— Já conhece minha mãe, é um pouco autoritária, e neste momento estará perguntado por que me atraso tanto. — Olhou ao Colbert, em parte esperando que ele reiterasse o convite. Se fosse assim ele estaria encantado, mas o anfitrião não o fez. — Há alguma coisa mais que deseje me comentar, sua senhoria?

— Isso é tudo por agora. Iremos manter-nos em contato, Mike.

— Sim, certamente — respondeu. Dirigiu-se à mulher. — Possivelmente possa aceitar em outro momento, senhora.

Hellen e Colbert o acompanharam ao vestíbulo. Noelle já estava ali com o casaco de Mike nas mãos.

— Por favor, se despeçam da senhorita Sanders — disse Mike, decepcionado de não vê-la por ali. — Foi um prazer conversar com ela.

Colbert assentiu com rosto inexpressivo. Não era o correio de ninguém e não pensava lhe dar nenhum recado daquele… mequetrefe.

— Não se preocupe — respondeu Hellen, lhe entregando as luvas e o guarda-chuva depois que ele abotoou o casaco. — Eu o direi. Dê lembranças à sua mãe.

Assim que Mike partiu Noelle correu a pôr a mesa. Hellen parou ao Colbert antes que ele subisse para lavar-se para o almoço.

— O senhor Newton parece um homem muito agradável, não é?

«Muito», pensou ele, contrariado, em troca respondeu:

— Espero que faça bem seu trabalho.

Ela encolheu os ombros.

— Com certeza que sim, e o melhor de tudo é que viva tão perto.

Colbert olhou à Hellen bastante sério.

— Há algo que desejo te comentar, de agora em diante eu gostaria de expor à sua irmã que não tem por que entreter as

minhas visitas.

Hellen ficou uns segundos com a boca aberta.

— Não é nenhum aborrecimento para ela, Colbert. Ela o faz com complacência.

Ele apertou os lábios.

— Não o discuto, mas a realidade é que não conheço muito bem o homem e não sei quais são suas intenções — respondeu secamente.

Alana, que tinha seguido a conversação do piso de cima, desceu as escadas com as mãos nos quadris e com o rosto furioso. Elevou o queixo quando ficou em frente a ele.

Ali estava a raiz de seus delírios e suas frustrações. Que demônios lhe acontecia? Ela o avivava. O pulso lhe acelerou e sentiu uma forte sacudida. Uma quebra de onda de desejo agitou seus sentidos.

— Segundo você, como eu devia ter atuado, Colbert? Parece-lhe razoável ter que deixá-lo sozinho no salão?!

Outra vez havia tornado a Alana altiva que se ofendia por tudo. *«Não durou muito sua mudança, — pensou — embora tenha que reconhecer que toda a culpa é minha por me haver sentido… Como! Afastado? Invejoso? Ciumento?»*

Franziu o cenho.

— Não precisava deixá-lo no salão, simplesmente podia ter lhe dito que viesse mais tarde.

— Como ia fazer isso com o frio que faz? Viu que começou a nevar de novo? Não sou tão descortês!

«Só comigo», admitiu para si mesmo.

— Não vou iniciar nenhuma discussão, Alana — começou a

dizer ele calmamente. Não era nem seu pai nem nenhum parente que tivesse a obrigação de suportar suas birras. — Só trato de te fazer entender que não pode deixar entrar todos que chamem. — Certo que esperava ao Newton, mas e se tivesse sido algum inimigo dele? Alguém que estivesse averiguando qual era seu paradeiro? Não tinha pensado que algo assim pudesse acontecer, entretanto, devia ser cauteloso. — Qualquer um poderia entrar e lhes pôr em perigo.

— Alana, Colbert não está te repreendendo — intercedeu Hellen com voz carinhosa, como se estivesse falando com uma menina pequena.

— Você crê que não? — Perguntou ela totalmente cegada pela ira. Não esperava que sua irmã ficasse do lado dele, e isso lhe doía mais que qualquer outra coisa. — Desde que ele chegou… — o assinalou com o índice e agitou a cabeça com obstinação — … está pondo nossas vidas ao reverso. Esquece que todo este tempo nos cuidamos sozinhas?

— Lania!

— Não, Hellen! Não tem nenhum direito de me tratar como o faz!

— E como faço? — Quis saber Colbert com uma fingida expressão de inocência.

— Sabe bem! Pretendeu me humilhar em frente ao Mike!

— Mike? — Ele elevou uma sobrancelha, zangado. — Agora o chama Mike?

O rosto de Alana ficou vermelho.

— Ele me disse que podia chamá-lo por seu nome.

— Conversam cinco minutos e já temos essa confiança.

Não o convidou a te visitar, por exemplo?

— Sabe o que te digo, Colbert? — Aproximou-se dele e levantou o rosto para poder enfrentar-se com seus olhos cinzas. — É um mentecapto.

— Lania! — Exclamou Hellen, aterrada.

Colbert ficou em silêncio, olhando-a fixamente, consciente que ele tinha começado tudo aquilo.

Alana pareceu assustar-se de repente e correu às escadas. Hellen fez o intento de segui-la, mas Colbert a segurou pela mão, detendo-a.

— Tenho que falar com ela! — Disse Hellen. — É intolerável que te falte o respeito desse modo.

— A culpa foi toda minha, Hellen — assinalou ele, arrependido. Indubitavelmente, passou-se. — Não sabia que ela estava escutando e não sei o que me aconteceu. Lamento-o muito, não pude me conter.

— Lania é capaz de fazer que qualquer um saia de suas casinhas, mas desta vez foi muito longe. Nem Jhon nem eu a educamos para…

— Repito-te que eu sou o culpado de tudo. Não me convenceu que deixasse um desconhecido entrar na casa, foi só isso. Desculpar-me-ei com ela.

Hellen se acalmou.

— Não tem por que fazê-lo, Colbert. Minha irmã é bastante teimosa, mas assim que raciocinar um pouco se dará conta de que tem razão. — Encolheu os ombros, triste. — Antes, Jhon sempre saía em sua defesa, mas ultimamente se encontra um pouco sozinha.

Colbert se sentiu terrivelmente mal. Tinha atuado como um estúpido sem ter em conta os sentimentos de ninguém, salvo os seus próprios. Esfregou a testa com pesar e assentiu, sério.

Olharam-se durante um momento; depois, com uma expressão mais animada, Colbert subiu para trocar-se para o almoço. Não pôde evitar deter-se ante o dormitório de Alana, de cujo interior saía um suave pranto. Esteve a ponto de entrar e desculpar-se, entretanto, soube que não era o momento. Ela estava furiosa e com toda a razão do mundo.

Durante o almoço, à exceção dos olhos vermelhos, Alana desceu à sala de jantar como se não tivesse ocorrido nada fora do normal. Ao princípio o ambiente estava um pouco tenso, mas depois, Colbert lhes contou, aos gêmeos incluídos, que tinham conseguido uma casa em Londres.

— Se seguir nevando desta maneira, vai ser muito difícil embarcar — disse Hellen. — Certamente fecham os portos pelo gelo.

A neve seguia caindo com força e o ar arrastava os flocos em uma dança selvagem contra os cristais das janelas e as fachadas das casas.

— Poderíamos partir logo — assentiu ele, evitando encontrar-se com o olhar de Alana. Ela também o evitava. — Talvez poderíamos partir em um par de dias.

— Quando você dizer estará bem — respondeu Hellen concordando. — Você o que diz, Lania? Parece-te bem?

A jovem assentiu, submissa.

— Como você disser.

Capítulo 13

Nessa noite Colbert foi incapaz de conciliar o sono. Cada vez que fechava as pálpebras evocava a discussão com Alana e o invadia uma asfixiante sensação de culpabilidade. Sobretudo quando ela tinha adotado durante o resto do dia uma posição fria e distante que começava a aborrecê-lo. Preferia mil vezes que lhe reprovasse a que o ignorasse tão deliberadamente.

Também sentia enormemente por Hellen ao não saber para que lado inclinar a balança. Por um lado, lhe dava a razão, pela sensatez de suas palavras quanto a não abrir a porta a qualquer um, mas ao mesmo tempo desculpava a sua irmã porque só tinha pretendido mostrar-se educada.

Com uma terrível dor de cabeça Colbert abandonou o quarto para não despertar seus sobrinhos e procurou Noelle para que lhe preparasse um chá bem quente. Ao encontrar tudo envolto na escuridão deu-se conta do cedo que era, a luz do dia mal se deixava entrever pelas espessas nuvens cinzas que cobriam o céu.

Com um suspiro resignado foi ele mesmo à cozinha e a contragosto acendeu o fogão à lenha.

— Necessita que eu te ajude?

Colbert negou com a cabeça e observou, com olhos

alertas, sobre seu ombro, a responsável por sua insônia. Ela usava um vestido de tecido de excelente corte em tom cinza.

— Me deixe fazê-lo, por favor — pediu Alana.

— Não — respondeu ele com aspereza. — O que te traz por aqui?

— Não conseguia dormir, escutei ruído e pensei que podia ser algum dos meninos — respondeu cruzando os braços sobre o peito. — Por que está zangado?

— Não estou.

Alana ia sair da cozinha, mas Colbert a deteve, arrependido.

— Sinto muito, Alana, não foi minha intenção te falar assim.

Ela aceitou as desculpas retornando sobre seus passos.

— Importa-se se eu esquentar água para o chá? — Perguntou-lhe.

— Sim, por favor, digo... não. Não... me incomoda que o faça, temo que eu seja bastante torpe na cozinha — respondeu Colbert cortesmente. Apartou-se para deixar que ela se movesse livremente.

Alana encheu o bule com a água e em apenas uns minutos serviu em um par de xícaras, enquanto Colbert, ciente de todos os seus movimentos, não lhe tirava a vista de cima.

— Alana, lamento muito sobre o senhor Newton. Estive completamente fora de lugar e te peço mil perdões se te ofendi de algum jeito.

— Senti-me insultada — assentiu ela sem olhá-lo. — Mas já esqueci — respondeu em um fio de voz, emocionada porque ele

se preocupara com seus sentimentos. — Tinha razão, não tenho por que atender a todos que perguntem por você.

Colbert a olhou estranhando muito, não esperava que fosse tão fácil. Ela carregava uma bandeja oval e a seguiu até a sala.

— Fui bastante obstinada. — Alana encolheu os ombros sem lhe dar mais importância.

— Vais sair? — Perguntou-lhe dando-se conta que usava as botas de rua.

— Sim, desejava aproveitar um pouco do tempo para fazer algumas coisas antes de partir.

— Eu não gostaria de te importunar, mas onde vai?

— Disse ao cocheiro que viesse à primeira hora. Eu gostaria de visitar Jhon.

Colbert, concentrado em tomar a xícara que lhe entregava, não viu a expressão de dor nos olhos verdes que olhavam seu rosto tão atentamente.

— Posso te acompanhar?

— Sim — foi a resposta macia da moça. Naquele dia ela não desejava estar sozinha. Não importava se era esse homem ou qualquer outro quem lhe fizesse companhia.

Assim que Richard lhes avisou que já estava parado na porta esperando, eles colocaram os casacos e saíram em silêncio. Acomodaram-se um em frente ao outro e desse modo Colbert pôde devorar, no curto trajeto que havia até o cemitério de Poundbury, o encantador rosto de Alana. Era linda. Mais que isso! Era um corpo digno de admirar, de acariciar, de saborear. Enlouqueceu-lhe sua figura magra e a curva suave

de seus seios marcados sob o casaco. Não devia comer-lhe com os olhos como se fosse um rapazinho, mas o certo era que o tinha fascinado. Estava indiscutivelmente irresistível com aquele aspecto submisso e inocente.

— Colbert — chamou ela com voz trêmula. — Não vi o momento de te agradecer o que fez naquela noite com o Thommy, o homem da estalagem. — Ele arqueou uma sobrancelha, incrédulo. — Em realidade sentia-me envergonhada de falar sobre o tema.

— Não foi tão difícil.

Para o orgulho de Alana, um verdadeiro suplício.

Uma ligeira névoa cobria a cidade e convertia casas e árvores em sombras difusas. A neve ameaçadora do dia anterior se dissipara deixando um dia completamente pétreo e frio.

Ante a lápide de Jhon se detiveram um momento, depois Alana preferiu deixá-lo a sós para que se despedisse em paz. Afastou-se e o observou furtivamente de um distante banco de pedra situado sob um telhado sustentado por duas colunas barrocas. Sobre o gélido assento repassou, com um nó no estômago, tudo o que tinha acontecido desde que Colbert tinha chegado em Christchurch.

Estava se apaixonando por ele!

Não queria ter esses sentimentos. Tinha estado lutando contra eles desde o princípio, entretanto, um só sorriso transtornava todos os seus sentidos, e o pior de tudo é que se via incapaz de lutar contra seu coração. Desde que ele chegou este pulsava de uma maneira distinta quando o tinha perto.

Era como se todo o sangue de seu corpo se acelerasse ficando louco. As borboletas em seu estômago, o pulso acelerado, o crescente desejo de ser beijada, amada... tinha sido parva ao não reconhecer aqueles sentimentos. Mas por que com ele? Gemeu. Colbert a tirava de seu juízo. Fazia com que se sentisse pequena e insignificante. A fazia zangar-se...

Viu-o inclinar-se sobre a laje de mármore e percorrer, com os dedos enluvados, o nome de Jhon nas letras de bronze.

Alana recordou um dia em que os gêmeos ainda não tinham nascido. Hellen estava grávida e o médico tinha aconselhado que fosse prudente e não se movesse da cama. Mas Hellen não suportava ficar inativa e convenceu Jhon para que as levasse a passear pelo Weymouth até o poço dos desejos, no topo de uma ladeira que olhava ao mar. Uma lenda dizia que aquele lugar possuía poderes mágicos. Daquela colina os saxões tinham visto os navios vikings alcançarem a costa quando estes chegaram para invadir a Inglaterra. Dizia-se que os monges, aterrados ante o iminente ataque dos homens do norte, congregaram-se junto ao poço criando uma profecia. *«A história contava que verteram veneno».* Os invasores estavam sedentos de água depois de tanto navegar e beberam do poço dando uma pausa antes de declarar guerra ao Rei. Ansiosos por sentir em suas gargantas a água fresca e doce, um a um foram caindo envenenados sem chegar a fazer nenhum mal aos habitantes. A água do poço não era doce. Provinha de um escuro buraco próximo ao escarpado, e pelo interior corria a água salgada do oceano.

Hellen, Jhon e Alana fizeram o pedido de que o parto fosse

singelo, e assim foi. Alana não sabia se aquilo realmente tinha funcionado ou se simplesmente Hellen teve um parto fácil, mas quis acreditar na magia. Depois daquilo, depois da morte de Jhon, ela subiu uma vez mais. Desta vez para pedir que Hellen voltasse a ser feliz, prometendo não o ser ela até que se cumprisse seu desejo. E se realmente sua irmã também amasse Colbert? Como alguma das duas iria ser feliz?

Rompeu a chorar.

— Sente-se bem, Alana?

Sobressaltou-se. Não o tinha ouvido chegar. Uma súbita rajada de vento frio varreu o chão levantando flocos de neve que paravam em seu cabelo, e pestanejou.

— Estou bem.

Ele a puxou pelo queixo com delicadeza, mas ela, incômoda, separou-se dele e limpou as lágrimas. Incorporou-se sacudindo a saia.

— Será melhor que partamos — disse.

Colbert assentiu e lhe ofereceu o braço. Quando Alana ia pôr a mão sobre a manga do casaco ele girou repentinamente apoderando-se de seus lábios, beijando-a intensamente, procurando sua língua no interior de sua boca. Os joelhos de Alana tiveram um momento de debilidade e os olhos masculinos arderam ao perceber que ela respondia ao seu beijo. Ele se permitiu o luxo de estreitá-la contra seu corpo, mas Alana se recuperou da surpresa e lutou por desenredar-se dos braços de Colbert. Ele percebeu sua repentina oposição e com uma desculpa inconclusa separou-se dela com os olhos fixos nos insondáveis poços verdes. Em nenhum momento lhe

tinha passado pela cabeça beijá-la. Entretanto tinha-o feito e sentia em sua boca o doce sabor de Alana e a calidez de seu fôlego.

— Sinto muito, *chérie*.

Alana tomou uma grande baforada de ar, reuniu coragem e com porte orgulhoso, sem dizer nenhuma só palavra, de tão surpreendida e... maravilhada que estava, procurou proteção no faetón. Ainda estava em choque quando ele subiu indicando ao cocheiro que retornasse à casa.

Alana estudou Colbert dissimuladamente. Seu corpo comprido e musculoso estava completamente envolto em negro e tinha um aspecto perigoso e varonil. Sua atração era feroz. Isso a assustou, sobretudo quando os olhos cinzas se pousaram nela e a percorreram lentamente.

— Por que o fez? — Perguntou-lhe.

— Espero que possa me perdoar. Não sei o que me aconteceu. Vi-te tão... doída, que só queria te consolar. — Embora gostou muito mais de pensar no corpo nu de Alana debaixo do dele. Não se arrependia de havê-la beijado, mas se de algo estava seguro, para seu próprio bem e o de sua família, era que não podia voltar a fazê-lo.

Ela se manteve firme e o olhou com um espantoso desconcerto. Abriu a boca para responder, mas não pronunciou palavra. Assentiu com a cabeça. Não era isso o que tinha desejado escutar. O beijo ainda flutuava em seus lábios e estava encantada com aquela sensação.

Durante os seguintes dias todos estiveram bastante ocupados. Empacotaram a roupa, recolheram tapetes, empilharam móveis que cobriram com cobertores, guardaram os objetos de cama e armazenaram todos os livros em caixas. Colbert ultimou os detalhes necessários com Mike Newton e foi uma emoção verdadeiramente agradável sentir-se como um a mais da família. Ansiava que Jhon, lá onde estivesse, sentisse orgulho dele.

Quanto ao ocorrido no cemitério, nem Alana nem ele voltaram a falar do tema, embora ambos, cada um por sua parte, levavam-no na memória gravado a fogo vivo.



— Outra vez com isso, Lania! — Exclamou Hellen quando voltou a lhe insistir que Colbert e ela faziam um bom casal. Os meninos estavam se acomodando no interior do coche e Colbert conversava com o condutor e expressava à Noelle seu desejo de que permanecesse com eles no veículo. Ele estava muito bonito e elegante naquela manhã. Recolheu o cabelo com uma fita negra que descia entre suas omoplatas em um rabo-de-cavalo baixo com uma elegância aristocrática.

Como Hellen tinha augurado, o porto fechou por conta do gelo e deviam empreender a viagem por terra.

— Não pode negar — brincou Alana com uma pequena pontada de ciúmes. Tinha que saber a verdade sobre o que Hellen sentia por ele. Desde que se tinham beijado não podia suportar sua culpa. — Sei que ele te atrai muito. Vi como o olha

quando não se dá conta.

Hellen avermelhou dos pés à cabeça, confirmando-lhe, Alana se angustiou. Tinha esperado que sua irmã negasse veementemente, mas não foi assim.

— Agrada-me bastante, — lhe confessou em um sussurro com as bochechas acaloradas apesar do vento gelado que soprava naquela manhã — mas não imagine nada, Lania. É o irmão de Jhon e ainda… é um pouco cedo.

Alana não insistiu. Seu coração acabava de murchar-se como uma flor no inverno.



Na viagem à Londres se detiveram uma noite para pernoitar em uma estalagem, atracando à cidade no entardecer do segundo dia. O trajeto não tinha sido nada prazeroso, exceto para os gêmeos, que não cessavam de mover-se na menor oportunidade.

Os caminhos estavam destroçados e, em sua maioria, escorregadios. O forte vento os acompanhou arrastando chuva e neve constantemente contra o coche. Às vezes uivando lastimosamente entre as árvores que deixavam ao seu passo, como mil lobos escondidos esperando o momento de atacar.

Colbert ia preparado com a arma no bolso de sua jaqueta, e embora cuidou de as tranquilizar assegurando que nenhum bandido se atreveria a sair à intempérie, ele mesmo se encontrou nervoso. Muito disso tinha a ver com o desconforto de ser seis pessoas ocupando o interior.

Dizem que em espaços reduzidos é quando os indivíduos se conhecem mais estreitamente, e no caso de Colbert foi certo. Impressionou-lhe a ternura com a qual Alana tratava seus sobrinhos, a maneira de lhes contar contos e histórias, o engenho que, como por arte de magia, tirava-se da cartola nos momentos mais difíceis... nunca tinha passado tanto tempo junto a ela. Alana não manifestava nada da frivolidade que era comum nas jovens de sua idade. Admirou seus gestos e caretas tão naturais, o modo em que lhe brilhavam os olhos verdes quando brincava com os gêmeos, ou a maneira de franzir os lábios ao repreendê-los.

Em um dado momento Andy apoiou a cabeça sobre o regaço de sua tia, e Colbert desejou fazer o mesmo. Não se teria limitado tão só a fechar os olhos, não. Ele teria afundado sua boca saboreando a união de suas coxas, lambendo a pele cremosa e absorvendo o quente fogo que estava seguro que existia. Certa parte de seu corpo acusava a dor e, mesmo assim, não podia deixar de especular o gosto que teria Alana.

Devido aos seus pensamentos impudicos estava convencido que algum dia arderia no inferno. Ele não seduzia jovens virgens! Não gostava delas, repetiu.

O veículo, de maneira preguiçosa, deteve-se em uma luxuosa mansão de Grosvenor St, muito próxima ao Maddox.

Capítulo 14

— Não terá se confundido, Colbert? — Perguntou Alana sobressaltada.

Através da janela do coche viu que se detiveram ante uma majestosa casa de duas plantas. Uma fileira de magras árvores cobria muitas das janelas da planta baixa e onde começava o primeiro piso, a pedra lisa de tons claros, com a qual a fachada estava edificada, deixava lugar ao tijolo deixando a construção mais ornamentada.

— É a direção correta. — A cara dele se iluminou com um amplo sorriso, satisfeito de havê-la surpreendido. Desceu quando o cocheiro lhes abriu a portinhola, e ajudou que as mulheres fizessem o mesmo. Sustentou a mão de Alana e lhe piscou um olho, divertido. Inesperadamente apartou-lhe uma mecha acobreada que caía sobre sua bochecha. — Alana, é muito impressionável, deve aprender a manter suas emoções ocultas.

— Por quê?

Colbert encolheu os ombros. Ele sempre o fazia e ia bastante bem.

— Qualquer um poderia aproveitar-se de sua... inocência. Veriam em ti uma pessoa fácil de enganar.

Ela arqueou uma sobrancelha, risonha.

— Inocência? — Repetiu com uma risada suave. — Se vê que não me conhece nada.

Ele ia replicar, mas justo nesse momento um homem uniformizado saiu para recebê-los. Alana se ergueu, nervosa, e olhou ao Colbert pela extremidade do olho. Possivelmente ele tinha razão e sua cara registrava mais entusiasmo do que o mordomo tinha esperado.

O servente se apresentou como o senhor Drew, e em seguida lhes fez passar ao interior da casa, enviando um lacaio para descer a bagagem.

Colbert deixou que a família o precedesse para poder ver suas reações. Andy correu a tomar a mão de Alana e foram os primeiros em ingressar em um amplo vestíbulo de brilhante chão de mármore.

— O que lhes parece? — Perguntou Colbert com certo ar de complacência. Desprendeu-se do casaco e das luvas observando como sua família olhava, perplexa, a estadia, entretanto, não entregou os objetos ao criado quando este foi recolhê-las.

Alana foi consciente do contraste entre suas roupas modestas e o rico cenário do interior. A galeria era um espaço grande rodeado de bancos acolchoados apoiados contra as paredes. No centro luzia o princípio de uma larga escada com corrimãos de mármore rosáceo e grades esculpidas em grosso cristal. Vários castiçais, pendurados ordenadamente nas paredes, proporcionavam luminosidade através de ostentosas telas brancas com um fino cordão dourado.

— É uma casa muito formosa! — Exclamou Hellen lançando-se impetuosamente aos seus braços.

Em um ato reflexo Colbert lhe devolveu o abraço com carinho, deu-se conta que Alana os olhava pela extremidade do olho e como com sutileza se apartava um pouco deles.

— Você gosta, Alana? — Perguntou-lhe Colbert soltando Hellen.

— É linda, e muito grande.

Alana se repetiu que Colbert e ela não eram nada, que de uma maneira ou outra devia esquecer-se dele. Desabotoou a capa ao mesmo tempo que se ocupava, junto à Noelle, dos casacos de seus sobrinhos. O senhor Drew se aproximou para recolher a roupa e Alana o agradeceu. Depois o mordomo fez com que o serviço da casa se reunisse no vestíbulo e se apressou a apresentá-los, indicando ao que se dedicava cada um. Dispôs que um par de criadas lhes mostrassem o resto da casa.

— Necessito que me desculpem — advertiu Colbert dirigindo-se em especial à Hellen. — É cedo e eu gostaria de saudar várias amizades. — Desejava visitar Seth e lhe informar de sua chegada. Também tinha em mente passar bem e fazer real suas fantasias sexuais. As mesmas que o tinham atacado durante a viagem. O *Demônio russo* dispunha das melhores *garotas* da cidade, e se não fosse assim, ele mesmo ia se encarregar de buscá-las. Tinha que afastar-se de Alana o quanto antes.

Alana lhe deu as costas e encolheu os ombros como se não lhe interessasse onde ele fosse, mas em seu interior se

sentiu… decepcionada. Tinha pensado que aquela primeira noite iam passar todos juntos.

— Terá que dizer ao senhor Drew a que horas retornará aproximadamente. Seria de mau gosto que o fizesse levantar da cama em plena noite — lhe disse com aspereza.

Colbert cravou seus olhos nas magras costas de Alana com o cenho franzido.

— E por que isso? — Não sabia a que vinha a reação dela. Podia ser que não quisesse que ele saísse? Perguntou-se estranhando.

Alana soprou com desprezo. O mordomo lhe adiantou:

— Por mim não devem se incomodar. Eu posso abrir, mas o senhor Presley deixou outro jogo de chaves — recolheu um envelope da mesa do saguão e o entregou ao Colbert. Este olhou rápido em seu interior e não viu a careta compungida de Alana.

Sem mais argumentos, ela seguiu à Noelle e aos meninos à planta superior.

— Estaremos bem, Colbert, vá tranquilo — disse Hellen com um pouco de acanhamento. Ela tampouco entendia muito bem o comportamento de sua irmã. Sempre tinha sido muito rebelde e um pouco contestadora, mas tinha que reconhecer que com Colbert se superava muito.

Ele elevou a vista até a mais jovem, que seguia subindo com os gêmeos, e assentiu. Compreendia que Alana estava experimentando diferentes emoções e isso a confundia fazendo-a vulnerável. Quando ele viajou à Paris havia sentido algo parecido. No caso dela era a primeira vez que visitava uma

cidade tão grande, que se alojava em um lugar desconhecido, com pessoas estranhas, e sobretudo saber que sua irmã... queria lhe procurar marido. Certo que o consumia à exasperação que seu mau humor sempre fosse destinado a ele, mas ele tinha sido o último em chegar à sua vida.

Com uma corrida rápida Hellen chegou até sua irmã e, com afeto, puxou-a pelo braço.

— A casa é impressionante, não é?

— É um lugar muito formoso.

— Desde que ele chegou sinto como se tivesse despertado de uma longa letargia — confessou Hellen. — Os meninos estão entusiasmados. Olha-os!

Ambas riram ao ver como os gêmeos, igual a dois cabritos percorrendo o monte, entravam e saíam dos dormitórios brincando de ser mosqueteiros.

— Me dá vontade de fazer o mesmo — disse Alana. Suas palavras não tinham nada a ver com o que realmente sentia. Aproximou-se de uma das janelas. A rua era muito central e larga, e apesar da hora havia muitos transeuntes que passeavam sob o guarda-chuva. Desde que tinham chegado havia uma contínua e aborrecida garoa que golpeava brandamente os cristais das altas e estreitas janelas. Nem Colbert nem o cocheiro estavam mais à vista.

Uma vez que lhes mostraram os dormitórios, William e Andy começaram a brigar ao escolher o mesmo quarto. Como Alana já estava cansada de ter lutado com eles durante a maior parte da viagem, deixou que Hellen e Noelle se encarregassem enquanto ela se dedicava a desembalar sua bagagem e a

admirar, sobressaltada, seu próprio quarto. Era enorme, com as paredes forradas de cetim rosáceo e vários medalhões com pinturas rupestres as decorando. Os prateados e os rosas abundavam, enquanto que o chão estava coberto de tapetes macios com intricados desenhos geométricos. A cama, um enorme monte de quatro postes com cortinas rosadas, estava coberta por uma colcha de brilhante cetim do mesmo tom. Tudo se encontrava tão luxuosamente mobilado que sentiu uma repentina vontade de chorar. Como era possível que apenas uns meses atrás estivessem passando penúrias e agora se encontrassem vivendo em um lugar tão impressionante?

Cansada do trajeto e com o traseiro mais que dolorido pelo desconforto e os trancos que tinham sofrido no carro, tomou assento em uma poltrona estrategicamente situada em frente à lareira de mármore esculpido e junto à janela.

Não tinha sono, estava emocionada, nervosa e desejava sair e percorrer a cidade, ver as cristaleiras das lojas, visitar museus, tomar um chá na famosa rotatória. Mas também queria saber onde estava Colbert e por que partira tão apressadamente.

Chamaram brandamente à porta, e Alana se aproximou para abrir.

Uma criada, que respondia pelo nome de Lucy, levou toalhas e várias roupas de cama. Alana se sentiu um pouco envergonhada. As roupas da empregada estavam em melhor estado que as dela. Arrependeu-se de não ter dado atenção à Hellen e haver comprado ao menos um par de vestidos. Tampouco tinha imaginado que Colbert ia as alojar em um

lugar como aquele. Ficou louco para levá-las ali? Ou possivelmente a pergunta mais correta teria sido: como diabos poderia permitir-se aquilo?

Até onde Alana sabia os Wakefield não tinham deixado uma fortuna substanciosa. Ao menos Jhon não tinha herdado grande coisa ao morrer seus pais. Era certo que ela tampouco tinha muita noção do que se podia ganhar no exército ou com a contabilidade.

— Saberia me dizer a quem pertence esta casa? — Perguntou Alana, curiosa.

— Está vazia ao redor de um ano — balbuciou Lucy. — Seu último dono foi a condessa viúva de Hámster Sould, mas agora a residência se encontra à venda.

— Seriamente? É tão bonita que seguramente se venda muito em breve.

— Oh, sim, senhora! A companhia nos enviou na semana passada. O senhor Presley disse que se formos eficientes poderia ser que nos contratassem para sua nova casa em Christchurch. — Alana assentiu, atônita. Não sabia que iam levar pessoal à sua residência. — Disse que o senhor Wakefield procurava empregados.

— E você esteve empregada antes de agora? — Quis saber.

— Sim, senhorita, entreguei minhas referências ao senhor Presley.

Alana franziu o cenho:

— Quem é esse senhor? Temo-me que não tenho o prazer de conhecê-lo.

Lucy pareceu ficar nervosa de repente.

— É a pessoa que nos contratou por ordem do senhor Wakefield. Realmente o senhor Presley é o dono da companhia e de... vários lugares mais.

— Imagino que é um homem muito influente. Equivoco-me?

Lucy negou com a cabeça e olhou, aterrada, à jovem.

— Por que pergunta, senhorita? Fiz algo mau?

— Não, claro que não! — Alana tranquilizou a criada com um sorriso amigável. Era uma moça gordinha de frisados cabelos escuros e rosto aprazível. — Só queria saber, isso é tudo.

A criada suspirou mais tranquila.

— O senhor Drew me encarregou de lhe atender pessoalmente. Se me necessitar só deve puxar aqui e eu virei em seguida. — *Aqui* referia-se a uma argola dourada que pendia de uma fina corrente com pequenas pedras brilhantes.

— De acordo, Lucy. Chamar-lhe-ei puxando por aqui.

A criada sorriu divertida.

— Nunca o tinha visto, não é?

Alana não pôde reprimir uma gargalhada.

— Não, — negou — é... extravagante.

Lucy encolheu os ombros lhe dando razão. Em outros lugares se estava acostumado a chamar o serviço através de uma campainha que os senhores levavam sempre consigo, entretanto, ali havia correntes por todos os dormitórios e salas.

— Eu nunca venderia esta casa — afirmou Alana acariciando o dossel da cama. — A condessa devia estar muito desesperada para fazê-lo.

— É possível. — Lucy encolheu os ombros. — Escutei dizer que depois quis voltar a recuperá-la, mas na verdade... — agitou a cabeça — ... não sei o que aconteceu.

— Pois é uma lástima, está cuidada até o mínimo detalhe.

Lucy repassou o dormitório. Tinha-o visto outras vezes, mas até aquele momento não o apreciara de tudo.

— É verdade. — Voltou-se para a jovem com o queixo ligeiramente apontando para ela. — Necessita que lhe ajude em algo?

— Não, obrigada, pode partir, Lucy.

— Senhorita, a cozinheira deseja saber a que horas se servirá o almoço e o jantar.

— Irei pessoalmente falar com ela. Eu gostaria de tratar diretamente com eles e, por favor, não incomodem a minha irmã com essas coisas. — Hellen ainda não estava preparada de tudo para encarregar-se da casa.

— Obrigada, senhorita — se despediu Lucy com uma curta reverência.

Alana suspirou e fez um pouco de tempo antes de descer para falar com o resto dos serventes. Não conhecia a condessa viúva de Hámster Sould, nem sequer tinha ouvido falar dela, mas a compadeceu profundamente. Como era possível desprender-se de um lugar como aquele?

Os empregados, em seu desejo de serem aceitos por uma das anfitriãs, mostraram-se solícitos e agradáveis, conversando além do devido. Tanto que Alana não demorou para descobrir quem era o chefe da companhia. Parecia que todo mundo conhecia Seth Presley, e não necessariamente por ser uma das

pessoas mais honradas de Londres. E com aquela nova informação Alana não teve mais remédio que perguntar-se que trato teria Colbert com ele e como podiam conhecer-se. Em alguma ocasião o tinha escutado referir-se a ele como amigo.



Colbert observou as empregadas com olhos entrecerrados. Estava sentado junto ao Seth, fumando um comprido charuto em uma sala completamente vermelha, exceto pelo chão coberto de madeira escura, e não parecia sentir-se atraído por nada do que via.

— São formosas, amigo, não me diga que não.

Colbert encolheu despreocupadamente os ombros.

— São — respondeu com cara de contradizer suas palavras. Quando chegou ao clube sentia-se animado, mas depois de meia garrafa de uísque começava a apressar o cansaço da viagem. Olhou à terceira mulher da esquerda com um pouco mais de interesse. Era magra e alta, com generosos seios e um espesso cabelo castanho caindo sobre seus ombros.
— Pode ser ela.

— Ah, Rose! Não é muito magra para o seu gosto, Iron? — Seth riu jogando os cabelos loiros para trás. Ele era apenas uns anos mais jovem que Colbert, com um rosto de aparência agradável e corpo forte.

Colbert se surpreendeu. O *Demônio* tinha razão. Sempre tinha gostado das mais robustas. Quando tinham mudado seus gostos? Fingiu não estar muito atento à conversação e

tomou a taça de repente.

Uma forte tormenta tinha descido sobre a cidade com atrocidade. A chuva caía em torrentes como espessas cortinas e os relâmpagos sulcavam o céu acompanhados de ensurdecedores trovões que faziam vibrar os cristais das janelas.

— Rose é uma gatinha — continuou dizendo Seth, devorando a jovem com seus olhos azuis.

Colbert fez uma careta com os lábios. Gatinha era o que ele tinha em casa, ou melhor, uma gata selvagem de olhos verdes que o tinha mantido excitado até poucos minutos antes de entrar no local. Agora estava inapetente, escolhendo uma mulher como quem escolhe um chapéu, bom, havia quem se esmerasse mais com o chapéu.

— Noto-te distraído, Iron, há algo que te preocupa? — Disse, por fim, Seth. Deu-se conta de que seu amigo tinha visto que algo ocorria.

— Nada importante — respondeu retirando a atenção das mulheres. — Estou pensando em retornar para casa. Pode ser que Hellen necessite de ajuda com os meninos.

Seth o olhou com um brilho zombador em seus olhos claros.

— É verdade, esqueci que agora tem uma família. — Esticou-se um pouco, olhando-o. — O que acontece, o serviço que contratei não está lá?

Iron o observou com o cenho franzido, sem entender. Logo, ao dar-se conta, assentiu.

— Está tudo bem, *Demônio*, sou eu quem me sinto um

pouco intranquilo de havê-los deixado assim que chegamos. — *«E culpado ao recordar a reação de Alana»*, pensou.

Concordando, Seth relaxou e apoiou suas costas largas no respaldo do sofá.

— A mansão foi de seu agrado?

— Mais que isso, *mon ami*. — Colbert o olhou fixamente. — Por que escolheu algo tão chamativo?

— Foi um negócio rentável e não acredito que isso suponha um inconveniente para ti.

— Não, sempre e quando não começarem a perguntar de onde obtenho a maior parte do meu capital. -Decididamente não lhe agradava absolutamente que Alana se inteirasse da verdade. E maldita fosse se entendia por quê. Nunca lhe tinha importado o que pensassem dele. No caso dela era diferente.

— As mulheres não costumam perguntar-se de onde se consegue os recursos enquanto as tenham agradadas.

— Isso é válido para as damas de linhagem. Este não é meu caso, *mon bon ami*.

— Você indicou que seu irmão vivia bem. Não era assim?

Colbert se inclinou para frente, apoiou os cotovelos em seus joelhos e sustentou sua taça vazia.

— Ao que parece, não tão perfeitamente como supunha. Jhon não as deixou em muito boa situação, digamos assim. Não sei o que aconteceu. Ele sempre foi inteligente e previdente.

— Tudo isso é bastante estranho — assentiu Seth endireitando-se. — Desde que me escreveu me contando sobre o acidente consegui me reunir com alguns contatos e sei onde

se acha seu oficial.

Colbert deixou o copo na mesa.

— Meison? Conseguiu encontrá-lo?

— Me deu um pouco de trabalho, mas depois de muitas pesquisas adquiri certa informação. O homem não se encontra na Inglaterra.

— Como é isso!? — Grunhiu Colbert.

— Embarcou no *Ice Maiden* para a América. Dois de meus homens o seguiram até Boston, que é onde se encontram agora mesmo esperando novas instruções. Assim que diga, fazem-se com ele.

— Preferiria que fossem cautelosos e lhe surrupiassem o que preciso saber. Meison sabe o que ocorreu com meu irmão, e se foi ele quem o matou eu mesmo me encarregarei de acabar com ele.

— Como quiser, Iron. — Seth fez um sinal às mulheres para que partissem. Rose foi a única que ficou, e Colbert a despediu com a mão. Realmente não gostava de nenhuma naquele momento.

— Tenho que te pedir outro favor, ouviu falar de lorde Huntington?

— Por desgraça — afirmou o *Demônio* com desgosto. — Lhe enviei um par de moças e foi à mão com elas. Meus homens tiveram que lhe dar uma boa advertência. Após, só se dedica às apostas no ringue. — Encolheu os ombros. — Não sei como o faz, a maioria das vezes o depenamos. Não é um homem com muita sorte. — Riu.

Colbert assentiu, repentinamente interessado.

— Possivelmente seja uma insensatez o que vou dizer-te. Mantive uma estranha conversação, e após pressinto que este homem poderia ter algo a ver com o assunto.

— A que se refere?

— Ao que parece, quando meu irmão morreu, ele interessou-se bastante por minha cunhada, não sei, — agitou a cabeça pensando em tudo o que Alana lhe havia dito — pode ser que tudo seja uma simples coincidência.

— Se sua cunhada for formosa, não é de estranhar. -Seth encolheu os ombros. — Huntington é um depravado. Dizem que sua primeira esposa se suicidou porque engendrou um filho defeituoso.

Os olhos de Colbert brilharam com surpresa.

— É certo que chegaram para mim os rumores da esposa, mas não tinha ideia sobre o pirralho.

— Se desejar posso enviar alguém para que averigue mais exaustivamente.

— Poderia fazê-lo, ao menos até que chegue Paddy.

Seth soltou uma sonora gargalhada.

— Mandou vir a cavalaria.

— Totalmente completa. — Sorriu Colbert. — Não acredito que demore muito.

— E me diga, como é sua cunhada? — Perguntou Seth com um movimento de cabeça.

Colbert elevou as sobrancelhas interrogante.

— Por que quer saber?

— Por nada em especial, é só que te vejo tão desejoso de se reunir com ela que imagino que... já sabe... — de propósito

deixou a frase incompleta.

Tocou ao Colbert rir.

— Tornou-se completamente desequilibrado!

Seth fixou nele seus olhos azuis, com interesse.

— Então, vai me responder ou não?

— Em realidade, Hellen é muito bonita, — Colbert mordeu o lábio inferior, pensativo — mas jamais ousaria ter nada com ela.

— Por quê? Não me diga que tem objeções por ter sido a mulher de seu irmão!?

— Pode rir se desejar, — assinalou tranquilamente — mas só por esse motivo seria a última mulher de quem me aproximaria com essas intenções que nublam sua mente, camarada.

— Ah, então não é amor! Ainda segue sendo dono de ti.

— Não, *Demônio*. Digo a sério. Hellen é uma boa mulher e tem uma família estupenda — lhe falou um pouco por cima dela e dos gêmeos. Seth era um tipo que sabia escutar, embora muitas vezes levava as coisas na brincadeira.

— Eu sempre soube que debaixo de toda essa frieza insensível que tem havia um coraçãozinho. Quem é ela então? — Insistiu.

— Quem é quem?

— Não me oculte isso, Iron! Se não é a doce Hellen quem te tem assim, alguém deve ser. Rejeitou Rose! Isso só pode significar que há outra mulher.

Colbert estalou a língua, incômodo.

— O que te faz pensar isso?

Seth não lhe respondeu. Limitou-se a beber de seu copo com a vista cravada nele.

— Não há ninguém, é só que me veio outra contrariedade em cima.

— Do que se trata?

— Hellen tem uma irmã e está em idade casadoura. Minha cunhada quer que procure um marido e conta comigo para ajudá-la.

Seth assobiou.

— E como pensa fazê-lo? A duquesa de Bedford leva um amplo controle sobre quem pode acessar ou não a essas classes de festa. Essa mulher é um pouco suscetível e embora seja capaz de fazer com que uma dama desfrute de todo seu apogeu, também…

Colbert se pôs-se a rir com diversão, e Seth guardou silêncio, intrigado.

— Verá, *mon ami*, ainda fica muito por aprender. Se eu quisesse que Alana se apresentasse em uma dessas pomposas festas não teria nenhum problema.

— Me ilustre, por favor.

— Num bom dia, enquanto ainda dirigia o Hércules no porto de Plymouth, descobri um passageiro que alguém tinha jogado em uma nebulosa noite de outono. O pobre desgraçado tinha bebido tanto que não entendia o que fazia em meu bergantim completamente nu e… totalmente ridicularizado. O melhor, este indivíduo era um dos sobrinhos prediletos da duquesa de Bedford. A boa dama teve que me pagar por guardar silêncio e que a sociedade nunca se inteirasse desta

briga. Mas já me conhece, camarada, eu gosto de esperar para cobrar meus favores. Digamos que a duquesa e eu temos um pacto especial.

Seth explodiu em gargalhadas.

— Agora compreendo o motivo pelo qual o marquês se bateu em duelo há alguns anos! Ou me equívoco?

— Descobriu que um de seus pares queria vê-lo morto.

— Muito bom — disse Seth, admirado. Tocando o lábio com o dedo indicador, voltou para tema inicial. E se não é nenhuma dificuldade acessar estas reuniões... qual é a sua desavença? Essa moça o terá singelo com o favor de lady Bedford.

Colbert soprou:

— Não quero que qualquer um tenha acesso a ela. Estou seguro que terá muitos admiradores, e eu necessito de nomes que minha cunhada possa explorar, mas não quero que se converta na fofoca da cidade pelo modo em que pode acessar a estes lugares. Vamos, não quero que se relacione com esta gente. Vale-me qualquer família decente com uma classe meio alta. Entende?

Um sorriso divertido se desenhou no rosto de Seth.

— Ainda não a levou à cama?

Iron lhe lançou um olhar assassino e ficou em pé. Os relâmpagos rasgavam a escuridão do céu, e os cristais brilhavam com miríades de gotas de chuva.

— Alana não me interessa absolutamente. — Assinalou-o com o dedo. — Além disso, minha maldita ética moral não permite.

— Você tem isso? — Riu Seth com zombaria. — Onde estava

até agora?

Colbert encolheu os ombros com uma careta maliciosa.

— Ao que parece a descobri há algumas semanas. E eu não gosto de ser tão honrado, de verdade. Se não fosse a irmã de Hellen e tia dos meus sobrinhos… — torceu os lábios em um sorriso matreiro. — Já sabe, a moça bem que vale.

— E que classe de homem deseja para ela?

— Não entendo disso — respondeu a contragosto. Não gostava de nenhum. Ia invejar a quem fosse.

— Nunca te vi tão confuso, nem tão decente, Iron.

— Não estou confuso, asseguro-lhe isso. — Seus olhos cinzas brilharam, maliciosos. — Mas é verdade que a condenada me provocou mais de uma dor nos rins.

Seth soltou uma sonora gargalhada.

— De verdade quer casá-la antes de prová-la?

— Não me tente. Há muitas mulheres mais que dispostas para desonrar a esta.

— Mas te passou pela mente, não é?

Colbert riu entredentes assentindo com a cabeça.

Seth ficou pasmado e agitou a cabeça.

— Amigo, está vendido. Desfaça-se dela o quanto antes.

— Sei — respondeu Colbert perdendo o olhar no exterior da noite.

Não tinha que haver dito nada ao Seth. Colbert jogou a culpa à bebida. Se não tivesse bebido teria se calado como um santo. Conhecia *Demônio russo* e não ia parar até conhecer Alana e saciar sua curiosidade.

Maldita língua traiçoeira!

Entretanto, admitir em alto e bom som que Alana não lhe era totalmente indiferente lhe tirou um peso de cima. Sentia apreço pela jovem e não desejava nenhum mal para ela, mas estava cansado de que despertasse nele seus instintos mais baixos e de haver se prometido não tocá-la. Era por isso que se sentia tão frustrado.

Capítulo 15

— Tia Lania! Tia Lania!

Alana se sentou de repente na banheira transbordando água pelos quatro cantos. Os desesperados gritos de Andy a afetaram despertando-a do agradável estupor no qual estava inundada.

— Tia Lania! — Repetiu-se o grito infantil.

Assustada, saiu com pressa da tina, empapando o grosso tapete. Recolheu a bata que tinha colocado no tamborete e, colocando-a sobre o corpo úmido, saiu do quarto de asseio para o de seu sobrinho.

Os gritos do pequeno continuavam escutando-se. O corredor se achava fracamente iluminado por um candelabro de prata situado em cima de uma mesinha baixa, contra a parede. Esse único ponto de luz formava sombras espessas no inicio das escadas.

— Já vou! — Gritou ela, alterada, atravessando o corredor com uma corrida.

Antes de chegar ao quarto de Andy esteve a ponto de se chocar contra Colbert, que mostrou a cabeça, com o comprido e escuro cabelo revolto sobre os ombros. Seus olhos seguiam sonolentos, como se acabasse de despertar.

Em um intento por frear-se Alana escorregou no piso. Agitou os braços antes de cair, mas nunca chegou ao chão. Colbert a segurou pelos quadris, e ela, em um ato reflexo, aferrou-se aos seus ombros apertando-se contra ele. Elevou o olhar e por um momento se perdeu nas chapeadas lacunas que refulgiam como as estrelas. Colbert tinha o torso nu, e seu tato era quente e aveludado, assombrou-se; durante o beijo do cemitério não percebeu que ele fosse tão… duro. A pele morena se assemelhava a puro granito sob as gemas de seus dedos.

Colbert a olhou com intensidade. Toda ela reluzia com um fino filme de água e várias mechas se aderiram às bochechas. Era uma ilusão?

Andy rompeu o momento com outro alarido.

Alana se separou dele com um ofego nervoso, ruborizada da cabeça aos pés, e prosseguiu com velocidade para o quarto do menino.

Colbert saiu de seu atordoamento e a seguiu.

— O que ocorre?

— É Andy! — Disse-lhe sobre o ombro. — Pode ser algum de seus pesadelos.

Colbert quis entendê-la, mas por escassos minutos tinha estado sonhando com ela e de repente, assim que abriu os olhos, apresentava-se semidesnuda, com a pele brilhando e seus formosos olhos cor das olivas cravados nos seus. Alana era consciente do quão bela estava?

Maldição!

Andy tinha começado a lançar histéricos alaridos quando ambos entraram no quarto. Alana acendeu o pavio do abajur

de azeite e se voltou para o menino. O pobre não fazia mais que revolver-se entre os cobertores e um de seus pequenos pés tinha ficado aprisionado entre as roupas.

— Andy, querido, estou aqui! — disse-lhe ela, aproximando-se dele. Com doçura liberou-o. Logo inclinou-se para abraçá-lo com força. — Estou aqui, sou Lania, meu amor!

Colbert se tinha detido no batente da porta totalmente imóvel. A bata de Alana se aderira ao seu corpo como se fosse uma segunda pele e com a luz do pavio cada curva, cada recanto marcava-se com absoluta precisão. Extasiado, deixou que seus olhos cinzas se alimentassem de prazer.

— Andy, meu anjo, acorda — sussurrou ela obrigando o menino a abrir os olhos. O gêmeo se bateu contra ela, resistindo a despertar. Uma das mãozinhas golpeou o rosto da jovem, e Colbert se apressou a entrar.

— Me deixe — ordenou lhe tirando o menino dos braços. Sentou-se no colchão com Andy sobre seu regaço e pouco a pouco começou a acalmá-lo.

Os olhos de Colbert lutavam para não pousar nela, sentia que Alana tinha uma força especial. Um potente ímã que embotava seus sentidos. Cheirava o perfume de seu sabonete, que ainda tinha no cabelo recolhido sobre o cocuruto. Toda ela desprendia um aroma fresco, uma fragrância cativante que o arrastava ao fundo do abismo.

Obrigou-se a concentrar-se em seu sobrinho.

Assim que Andy recuperou a consciência lançou-se aos braços de Alana, que tinha se sentado junto ao Colbert. Lhe regou o rostinho e a cabeça de beijos.

— É só um pesadelo, querido. Nos sonhos não podem te fazer nada, Andy — murmurou com ternura.

Colbert viu que Alana tinha uma débil vermelhidão na bochecha, onde tinha recebido o golpe. Com voz rouca dirigiu-se ao menino:

— O que aconteceu, moço?

Andy demorou um momento em responder, como se estivesse pensando por onde ia começar. Colbert não gostou de vê-lo assim, sobretudo porque Alana sofria. Sem dar-se conta do que fazia levantou a mão até a bochecha da moça observando-a com fixidez. Sentiu a pele fresca e suave e desta vez sua excitação mesclada com um desconhecido sentimento apoderou-se dele com ferocidade.

Como hipnotizada Alana também o olhou e com lentidão seus quentes olhos verdes desceram sobre seu peito nu. Ele acreditou ver admiração refletida em suas pupilas e se esticou. Não podia ser! Ela não tinha por que olhá-lo assim! *«Uma maldita virgem!»*, repetiu-se. Apartou a mão de sua bochecha e ela despertou do transe voltando a beijar a testa do menino, completamente ruborizada.

— Já passou, Andy — murmurou Alana lhe secando as lágrimas. — Se encontra melhor?

Colbert se levantou, incômodo, e caminhou até a janela. Precisava respirar, sentia que se afogava com a sensação de ter ainda sobre ele os formosos olhos verdes. Não entendia o que lhe estava acontecendo.

Andy soluçou.

— Sim, tia Lania, acreditei que tinham me pego!

Colbert, mais sereno, voltou-se para eles, detendo-se em frente. Aplaudiu a cabeça do pequeno.

— Só foi um pesadelo, moço, não deve ter medo disso. — Agachou em frente à cama e de repente se encontrou junto às cremosas e acetinadas pernas de Alana que apareciam pela bata entreaberta. Pôde ver, através do fino tecido, o encaracolado pêlo escuro existente no nascimento de suas coxas. O próprio diabo o tentava! Esforçou-se em manter as mãos quietas, lutando contra o desejo de acariciá-la. Sua testa se cobriu de suor.

Alana seguiu seu olhar quando ele se calou de repente. Afogou uma exclamação e arrastou os cobertores enrolados sobre suas pernas. Colbert, sobressaltado, levantou o olhar para o menino.

— Aqui ninguém pode te ferir, pequeno.

— Se vierem você os deterá? — Perguntou ele em um fio de voz.

— Quem vai vir, Andy?

Colbert notou que Alana deixava de respirar ou era imaginação dele?

— Os lobos dos pesadelos! — Respondeu.

— Aqui não há lobos.

— Há sim!

Alana fez uma careta de desgosto e enredou seus dedos no cabelo de Andy.

— Mas se vierem, posso te assegurar que seu tio os enfrentaria e não os deixaria entrar. Ele é muito mais forte que os lobos, e sabe que eu tampouco permitiria que se

aproximassem. Sabe, não é?

Andy procurou a confirmação do que Alana havia dito nos olhos de seu tio.

— Assim é. Eu nunca deixaria que lhes acontecesse nada. Seria capaz de matar todos os lobos com minhas próprias mãos.

— E não nos abandonará? — Perguntou timidamente o gêmeo.

O coração de Alana golpeou com força em seu peito e repentinamente lhe encheram os olhos de lágrimas. Sabia que Andy pensava em seu pai. Apartou o olhar para que nem Colbert nem o menino percebessem. Mas Colbert o fez e embora não entendera, absteve-se de comentar algo. Pegou a mão do moço.

— Prometo-lhe isso, sempre estarei perto de vocês.

— Você também promete, tia Lania?

Ela sorveu e com dissimulação passou a manga da bata sob o nariz. Quando se encontrou com o olhar do menino esboçou um sorriso.

— Pois claro que sim! O que acreditou?!

— Embora se case, seguirá estando conosco?

Alana assentiu sem duvidar.

— É claro.

— Mas irá viver em outro lugar? — Insistiu o jovenzinho.

— Não estive sempre contigo, Andy?

O menino assentiu:

— Mas mamãe disse que se você casar terá que partir e viver fora.

Alana franziu o cenho e lhe dedicou um sorriso divertido.

— O que saberá sua mãe disso?!

O menino pôs-se a rir.

— É verdade, tia Lania, você sempre faz o que quer.

— Isso mesmo que eu ia dizer — atravessou Colbert unindo-se à brincadeira.

— Eu poderia me casar contigo, tia Lania — Andy se ofereceu com tanta sinceridade que Alana sentiu desejos de enchê-lo de beijos.

— Parece-me que é um pouco pequeno para isso.

— Pode esperar que eu cresça.

— Então eu serei muito velha.

— E se se casar com tio Colbert? Então viveremos juntos.

Alana se engasgou, e Colbert se incorporou como se um inseto lhe tivesse picado no traseiro.

— Isso não pode acontecer, moço.

— Por quê?

— Digamos que há pessoas que se casam porque desejam fazê-lo, e outras não.

— Você não deseja, tio Colbert?

— E aguentar o mau gênio da sua tia? — Agitou a cabeça com uma gargalhada. Olhou à Alana, que o observava séria, e se calou. Dirigiu-se ao seu sobrinho. — Alana não quer.

Pálida como a parede Alana o olhou entortando os olhos.

— Não o quer, tia Lania?

Ela tragou com dificuldade. Como tinham chegado a essa conversa? E como ele foi capaz de torcer o assunto dessa maneira?

Colbert estava pensando o mesmo.

— Não… como marido.

— Sei que não entende, pequeno — disse Colbert. — É muito jovem para isso, mas algum dia entenderá — resolveu com um sorriso.

— Ele tem razão querido. Há pessoas que evitam a responsabilidade porque a temem. Porque no fundo são inseguras e acreditam que seguirão sendo jovens e atraentes para sempre, mas não se dão conta que os anos passam igual para todos.

Colbert se sentiu ferido de que Alana o julgasse tão injustamente e não quis seguir escutando-a. Ficou em pé e pegou o pequeno nos braços para que ela esticasse os cobertores. Caminhou com Andy para a janela.

— E agora… lhe vamos reparar a cama, vai se colocar a dormir e sonhará com coisas bonitas.

Alana aproveitou para refazer a cama. Não percebeu que Colbert, em vez de olhar para o exterior, observava atentamente seu reflexo no cristal. Uma das vezes que ela levantou o olhar encontrou-se com seus olhos cinzas perdidos na fresta da bata vendo seus seios. Ela se ruborizou e inexplicavelmente seus mamilos se ergueram. Mudou de posição e terminou de colocar o travesseiro com uma careta de desgosto.

— Pronto — disse atando a bata mais forte ao mesmo tempo que se separava da luz.

Ele pôs Andy sobre a cama e o cobriu com os cobertores enquanto Alana atiçava o fogo.

— Tio Colbert, fica um momento comigo? — Perguntou-lhe

o menino.

Alana se girou com brutalidade. Sempre tinha pedido a ela.

— Não quer que eu fique?

— Prefiro o tio Colbert — respondeu com toda inocência. Uma inocência que destroçou o coração de Alana.

— Compreenda que é coisa de homens... — disse Colbert tomando assento junto ao seu sobrinho.

Teria gostado de lhe replicar, mas não o fez. Agora era coisa de homens, mas quando não tinha havido nenhum, ela tinha se encarregado de consolá-lo. Controlou sua decepção e, orgulhosa, assentiu com a cabeça.

— Então vemo-nos amanhã. Que ambos descansem bem.

Andy percebeu algo em sua voz e a deteve.

— Tia Lania, espera!

Ela lutou para que não aflorassem as lágrimas que tinham ido aos seus olhos e com um tremente suspiro voltou a cara para eles, que indevidamente viram sua tristeza.

— Amo-te muito, tia Lania — disse Andy, envergonhado.

Ela tragou com dificuldade, apertou os lábios com força e conseguiu sorrir.

— Eu a ti também, meu amor. Sempre.

Colbert em seguida ficou em pé para ir para ela, entretanto Alana saiu correndo do dormitório, antes de romper a chorar como uma boba e fechou a porta.

Capítulo 16

Em toda a noite Alana quase não pôde dormir pensando no acontecido e para cúmulo, à primeira hora da manhã, a criada foi lhe avisar que Colbert desejava vê-la no escritório. Não estava muito segura do que queria conversar com ela, embora imaginou que se tratava de algo ocorrido na noite anterior.

Vestiu-se sem a ajuda de Lucy. Despir-se em frente a estranhos a incomodava muito, mas deixou que lhe escovasse o cabelo e lhe fizesse um elegante trançado. Depois desceu ao primeiro andar e um servente lhe indicou o escritório. Golpeou a porta brandamente e esperou alguma resposta durante um longo minuto. Do interior não chegou nada e se Colbert respondeu, ela não escutou. Ao final, entrou.

O homem moreno, tão bonito como um deus, estava sentado em frente à escrivaninha com a cabeça inclinada para algo que estava lendo.

— Bom dia. Desejava falar comigo? — Perguntou-lhe com receio.

Ele elevou a cabeça como se não a tivesse ouvido entrar e se endireitou ligeiramente, olhando-a com seus penetrantes olhos cinzas.

— Por favor, entre e sente-se. Será só um minuto.

Ela observou o gabinete de maneira nervosa, suspirou com força e caminhou para a cadeira que estava em frente à mesa, lhe advertindo:

— Os gêmeos e eu íamos sair ao parque.

Ele curvou as sobrancelhas interrogativamente.

— Os meninos já despertaram?

— Faz um tempo. — Sentou-se, tensa como um pau, e com uma rápida olhada se certificou que tinha deixado a porta meio aberta. Não queria fechar-se no mesmo lugar que ele para que os serventes pudessem dizer algo mal, nem para que Hellen pensasse mal dela.

O escritório era uma sala bastante escura e sobrecarregada. Alguém tinha aberto as cortinas que cobriam uma janela muito alta, e essa única luz natural era a que iluminava o lugar. Na lareira estavam brasas brilhantes enquanto ao lado havia uma pilha de troncos disposta a ser introduzidas em qualquer momento.

— Não penso te entreter muito — disse ele voltando para seus papéis. — Tem frio?

Alana apartou os olhos da lareira.

— Não, estou bem. Do que queria me falar? — Perguntou em um fio de voz. Tinha a boca seca e seu coração retumbava alterado no peito.

— É sobre o Andy.

Alana voltou a suspirar, desta vez mais profundamente.

— Por que não pergunta à Hellen?

— Poderia fazê-lo, — asseverou ele — mas não desejo lhe

causar nenhuma dor.

Ela se disse que devia ter paciência apesar de sentir-se tão tensa como a corda de um violino a ponto de romper-se.

— De acordo.

Colbert guardou várias coisas na gaveta e por fim levantou a vista para ela, recostando-se na cadeira. Usava uma camisa tão branca que seu cabelo parecia mais negro do que o normal sobre seus ombros. Estava formoso apesar da dura linha de seu queixo.

— Eu gostaria que me falasse sobre os pesadelos do Andy. Quando começaram?

— Pouco depois que Jhon faleceu. Estávamos todos reunidos no salão quando o oficial entrou para nos informar.

— Os meninos também estavam?

— Estávamos todos — repetiu. — Não nos deu tempo para dizer à Noelle que os subisse ao quarto, e Meison teve muito pouca delicadeza. Sim, não me olhe assim — disse ao ver que ele tinha aberto os olhos com surpresa. — Esse homem contou diante dos gêmeos como tinha acontecido o acidente. Ao princípio falou de cães de caça que atacaram ao Jhon e logo trocou a versão por lobos.

— Hellen me contou isso. Dizia que fazia tempo que não se viam lobos em Dorset. Então… — disse, pensativo, como se ela não estivesse em frente — é por isso que Andy sonha com eles.

— Por isso e porque esse… esse… Meison. — Não pôde evitar que sua voz soasse zangada ao recordar, sentia muito rancor pelo oficial que tinha feito todos passarem tão mal. — Não sei o que te contou minha irmã, Colbert, mas o cavalo do

Jhon se encabritou e saiu disparado pela ravina. Os cães não devem ter ficado muito de acordo com a queda, já que o seguiram e... — Só de pensar quando teve que ir reconhecer o corpo de seu cunhado todo seu pêlo se arrepiava. — O tinham no chão coberto com mantas velhas e um montão de sangue ao seu redor. Os cães o destroçaram de uma maneira horripilante. — Guardou um soluço tampando a boca com a mão. Não podia separar da mente aquela imagem tão impactante. — Andy foi o mais abalado. Sempre teve medo dos cães, mas a partir desse dia... não suporta estar na presença de nenhum.

Colbert a olhava fixamente, com a testa sulcada de preocupantes rugas.

— Parece que Hellen omitiu essa parte. Me diga, Alana, por que Andy chama a ti em vez de chamar a sua mãe?

— Naquele momento Hellen estava destroçada. Não tinha nem forças nem ânimos para consolar aos meninos, além disso, eu sempre estive com eles. Jhon e Hellen trabalhavam e deviam descansar bem para confrontar o dia, de modo que era eu quem me levantava às noites para dar um copo de água ou para acompanhá-los ao asseio...

— E Noelle?

— Ela ajuda enormemente na casa, mas Hellen e Jhon diziam que como o carinho de um familiar não havia nada igual. E tinham... têm razão. De todos os modos, eu sou quem melhor entende os meninos.

— Mas pensa que estou te tirando esse papel, não é?

Sua pergunta a apanhou despreparada e outra vez as malditas lágrimas alagaram seus olhos, deixando-os

excessivamente brilhantes.

— Não sei por que me diz isso, Colbert!

— Não quero usurpar nem interferir em tudo o que sente por eles e o que eles sentem por ti. — Ele a olhou intensamente sem perder um só detalhe de seus gestos, embora Alana procurasse aparentar serenidade. — Andy e William lhe necessitam, mas também querem falar com um homem.

— Crê que sinto inveja de você?

Ele assentiu com sinceridade e a desarmou. Não tinha esperado que focasse o assunto de uma maneira tão profunda.

— Não inveja, mas sente que quero te afastar deles.

— Não estou acostumada a compartilhá-los com ninguém, — admitiu após meditar uns segundos — e desde que você apareceu, sinto... sinto... às vezes sinto que... — tragou com dificuldade. De repente era como se não pudesse respirar. — ... acredito que vou perdendo pouco a pouco e que estou deixando de pertencer à família. Antes estávamos muito unidos, e agora, já não me necessitam. — Uma solitária lágrima rodou por sua bochecha e a apartou com a palma da mão. Não gostava que ninguém a visse chorar.

Colbert agitou a cabeça e lhe entregou um lenço dobrado.

— Não sabia que se sentia assim, mas está confundindo totalmente, Alana. Desde que cheguei a esta família parece que tudo acontece ao seu redor. Vi Hellen te pedir conselhos, os meninos, a Noelle... você é quem está levando o peso de tudo. A que se faz responsável pela maioria das coisas quando é Hellen quem deveria fazê-lo.

— Ela esteve atravessando um mau momento. Ocorreram

muitas coisas desde que seu irmão nos deixou, mas agora noto que se encontra muito melhor e que está mais animada. É graças a você, — lhe confessou, embora odiou fazê-lo — está ajudando muitíssimo a todos.

— Então por que eu sinto que me apresenta uma batalha cada vez que me aproximo de você? É como se esperasse a cada momento algum enfrentamento. Não pode ser que você goste de estar zangada comigo em todo momento!

— Não sei — admitiu ela com os olhos fixos na escrivaninha.

— Por favor — disse Colbert esticando a mão para a ela. Agarrou-lhe o queixo com doçura e lhe fez levantar a cabeça.

Nunca tinha estado tão nervosa em toda sua vida. Ele soltou seu rosto e Alana aspirou uma grande baforada de ar disposta a enfrentá-lo com a mesma sinceridade com a qual ele lhe tinha falado.

— Acho muito estranho que tenha aparecido da noite para o dia querendo se encarregar de Hellen e dos meninos. Pode ser que eu que seja desconfiada, e em certo modo sou. Desconfio de tudo porque tudo tem sua parte má. — Encolheu os ombros percebendo que estava se atando com suas próprias palavras. — Hellen te escreveu, mas eu lhe disse que nunca viria. Jhon me disse que não tinha intenção de pisar na Inglaterra nunca mais. Entretanto, não sei por que, Hellen confiou em você. Não sei… se nos tivesse avisado que viria ou que nos convidaria a ir viver contigo…, mas deixou lá seu trabalho, sua vida, para vir nos ajudar. Sei que soa egoísta, mas não posso evitar. — Inclinou-se um pouco para frente na mesa procurando seus

olhos. — O que busca em nós, Colbert?

— Parece-te mal que queira viver com minha família?

Alana juntou os lábios com força e o olhou com fixidez.

— Não é como eu, — agitou a cabeça — e absolutamente não lhe conhecemos, por mais irmão do Jhon que seja. Ele falava muito de você. Amava-te muito, inclusive brincava conosco contando algumas de suas aventuras. Houve uma vez que nos relatou que durante uma de suas farras, cinco mulheres chegaram a te leiloar na vitrine de um clube. Ao que parece toda a cidade falou disso um tempo.

— Eu era muito jovem! Acabava de entrar na marinha! — Exclamou ele lembrando do momento. — Foi uma espécie de trote!

— Não tem porque se desculpar — respondeu ela envergonhada por haver comentado. — Há muitos homens que se divertem de qualquer forma, e Jhon nos contou isso como algo divertido. Dizia que tinha um caráter muito forte e que em seguida se zangava por tudo.

— Por Deus! — Colbert ficou em pé. Alana o olhou com apreensão, vigilante. — Não estou acostumado a me zangar quase nunca, ao contrário, sou bastante paciente. Não sei de onde Jhon tirou isso!

— Agora está zangado — lhe fez notar.

Ele apoiou os punhos sobre a escrivaninha.

— Não, não estou. É minha forma de ser. Não sou uma pessoa que goste de rir continuamente se não tiver motivo para fazê-lo. Eu não sou desses que querem que todo mundo goste dele só por puro convencionalismo, porque não me importa o

que pensem, porque nem todos são o que aparentam ser. A ninguém tem por que importar como estou se não me conhecem. Nunca permiti que dirigissem a minha vida. Isso é tão mau? — Perguntou com firmeza.

— Não sei — respondeu Alana, impressionada por aquela revelação tão inesperada. Algo no chapeado olhar de Colbert lhe dizia que tinha que lhe acreditar, entretanto ficavam muitas coisas pendentes…

— Quando meus pais morreram, muitos de nossos parentes que não nos tinham visto em anos ou que nem sequer nos conheciam, vieram como urubus ver qual era a fortuna que meu pai tinha deixado. Jhon e eu éramos menores de idade, e o primeiro que escutei foi que nos enviariam a um colégio para estudar. Meu irmão era mais conformista, sempre foi — disse recordando-o. Separou-se da escrivaninha e se aproximou da janela, apoiando uma mão no marco, com a vista perdida no exterior. — Ele era muito crédulo. — Agitou a cabeça, com tristeza. — Se lhe diziam que era para saltar, ele o fazia. Mas eu não. — Voltou-se para ela, que o olhava confusa. — Lhes disse que queria ser oficial, e eles me negaram isso. Não podia ser porque devia ser professor como Jhon queria ou administrador como o tio Arthur! Devia ser qualquer maldita coisa que eles dissessem! — Caminhou lentamente para a mesa e se deteve atrás da cadeira em que tinha estado sentado, olhando-a tão fixamente que Alana sentiu que seu coração galopava grosseiramente descontrolado. — Eles não queriam me deixar ser como eu era.

— E como era, Colbert? — Atreveu-se a lhe perguntar com

um nó na garganta. — No final você decidiu acabar como administrador por quê?

— Sempre me senti orgulhoso por pensar por mim mesmo sem necessitar da ajuda de ninguém. Acuso-me de ser… soberbo, mas não suporto que ninguém me diga o que está bom ou o que está mau. Não quero compaixão… sabe o que foi que meus parentes fizeram primeiro? — Alana não respondeu. — Venderam a casa dos meus pais. Diziam que era muito custosa para mantê-la vazia. Nem sequer perguntaram ao meu irmão e a mim se algum dia pensávamos retornar.

— Não sabia — murmurou Alana.

Colbert não a escutou.

— Quando saí do maldito colégio, retornei, mas já não havia nada. Nem sequer as terras nos pertenciam. Tudo tinha se esfumado e nada me retinha. Jhon conseguiu seu título e alugou um apartamento aqui em Londres. Eu ingressei na marinha. Não queria ter nada a ver com meus parentes nem com gente falsa e egoísta. — Fez uma careta sarcástica e cruel que pôs a jovem arrepiada. — Alegrei-me quando Jhon me disse que não tinha contato com ninguém da família. Confessou-me que tinha sido um covarde por calar-se tantas e tantas vezes…, mas a vida foi boa com ele. — Alana se sentiu mal quando descobriu que os olhos de Colbert brilhavam aquosos. Notou sua angústia como própria. Por que Jhon não havia dito nada disso? — Mantivemos o contato, pouco, mas o fizemos. Logo Jhon conheceu Hellen, e de certo modo eu me senti liberado. Como se já não tivesse que me preocupar mais por ele, porque embora não creia, sempre o fiz. Transladaram-se para

Christchurch, e eu, na maioria das vezes, encontrava-me em alto-mar. Sabe por quê? — Alana agitou a cabeça. Colbert tinha conseguido reprimir sua dor e agora a olhava como se a estivesse repreendendo. — Porque ali havia o que eu esperava. Gente da pior índole, que fraudavam, enganavam e roubavam as pessoas boas como Jhon. Queria me vingar de todos.

Ele guardou silêncio, com a cabeça baixa, perdido em suas próprias lembranças. Alana intuiu que nunca tinha contado essa verdade a ninguém e se sentiu privilegiada.

— E o fez? — Perguntou, incauta. — Conseguiu seu objetivo?

Colbert levantou a cabeça e lhe sorriu com cinismo.

— O que você acha?

Alana aspirou com força.

— Que não conseguiu nada. Se houvesse feito não teria deixado a marinha. Entrou contra a vontade de todos, mas a deixou. — Agitou a cabeça. — O que ocorreu?

— Garota esperta — sua voz foi fria, mas seu olhar era cálido e terno. — Não se pode lutar contra eles, Alana, me acredite, essa gente sempre ganhará.

— E a deixou por isso? Se rendeu?

Colbert assentiu com um encolhimento de ombros.

— Se não pode com eles, una-se a eles.

Alana o olhou com os olhos como pratos. Tão surpreendida que demorou uns segundos em reagir.

— É a isso que se dedica agora? A roubar as pessoas? É por isso que tem tanto dinheiro e pode se permitir…? — Ficou em pé, espantada, abrindo os braços como se abraçasse a

estadia. — Isto é fruto desses atos?

Ele assentiu.

Ela girou para a porta, mas Colbert se aproximou com grande rapidez e a reteve pelo braço. Obrigou-a a dar a volta para ele.

— Agora não, Alana. Deixei tudo isso, agora estou com vocês. Dei-me conta que contigo, com Hellen, com todos, sou uma pessoa melhor.

— Isso são mentiras, Colbert! — Exclamou. — Uma pessoa não pode trocar como… como se se trocasse de camisa.

— Me escute.

— Não! — Ela o empurrou soltando-se de suas mãos e lhe deu as costas. Não saiu do escritório, embora ficou fixamente olhando à porta, indecisa. — Sobre a contabilidade com o marquês era mentira?

— Sim. Senti que era isso o que devia dizer ao Jhon.

— Mentiu todo este tempo — murmurou Alana em um fio de voz. Não podia acreditar.

— Alana — sussurrou ele. Estava atrás dela, estudando sua reação. — Me deixe ficar com vocês…

A jovem se ergueu com valentia e se voltou para ele, olhando-o de frente, com o queixo elevado para alcançar seus olhos prateados. Como podia resistir àquela expressão de arrependimento? Sempre soube que ele ocultava algo, e agora o tinha confessado. Ele não merecia a oportunidade que estava pedindo? Não tinha chegado quando mais o necessitavam? Não suportou ver a tensão que ele refletia em suas bochechas e no duro queixo. Havia tanta sinceridade nele que não pôde resistir

à sua súplica.

— Jamais, nunca, fará mal à minha família — disse ela querendo que sua voz soasse severa e fria, mas estava tão nervosa que não resultou como ela esperava, mesmo assim Colbert assentiu. — Nem tampouco dirá aos meninos nem à Hellen, sobretudo a ela. Minha irmã pensa que pouco a pouco foi despertando nela sentimentos que tinham morrido com o Jhon. — Fez uma pausa, vacilante. Tinha a obrigação de lhe advertir, além disso, ele tinha franzido o cenho sem saber o que era que lhe estava dizendo. — Está se apaixonando por você, Colbert, e eu não vou permitir que lhe faça mal.

Colbert se tornou para trás, surpreso e exclamou:

— Eu não quero que se apaixone por mim! É a mulher do Jhon!

Repentinamente triste, Alana assentiu.

— No coração não se pode mandar. Se seus sentimentos não são os mesmos, aconselho-te que a faça entender. Não lhe dê esperanças se não vai poder cumprir.

— Nunca fiz tal coisa, Alana, para mim Hellen é sagrada.

Ela agitou a cabeça e encolheu os ombros. Era verdade que ele nunca tinha dado mostras de sentir algo especial por Hellen, mas obviamente alguém tinha que demonstrar à sua irmã e o indicado só podia ser ele.

— Não suportaria que lhe quebrasse o coração, Colbert. Deve dizer-lhe.

— Claro que o farei! Não desejo criar maus entendidos.

— Não deve lhe ferir. Tenta ser sutil, por favor.

— Farei isso! — Grunhiu retornando à sua cadeira. Colbert

não tinha esperado que Alana lhe confessasse aquilo. Era certo que tinha visto Hellen mudada desde que a conheceu, mais alegre. Mas ele tinha pensado que era graças à ajuda econômica e ao passar mais tempo junto aos meninos, não que visse nele algo mais.

Alana se aproximou depressa à mesa.

— Os gêmeos estão me esperando, mas antes de ir eu gostaria de saber se seguirá investigando sobre o Jhon daqui.

— Estou nisso — assentiu. — Espera! — Deteve-a antes que saísse. — Huntington aluga suas terras para caçar, mas escutei que ele não o pratica, sabe se isso é verdade?

— Não sei. Sempre falei das minhas suspeitas com Hellen, mas ela não quis me dar atenção. De todos os modos, quando eu perguntei ao prefeito, respondeu-me que o conde é contrário à caça embora alugue suas terras. Já te disse uma vez que não tenho provas, que só são hipóteses, mas acredito que Lorde Huntington se obcecou com Hellen. Ela mesma me disse como a olhava quando coincidiam em algum lugar. Acredito que ele matou o Jhon, — afirmou — mas se pensar que o oficial ou o prefeito vão ajudar a esclarecê-lo, está muito equivocado. Esses homens trabalham para ele. Não sei de que maneira nem de que forma, mas se Huntington disser: *«venham e me beijem as botas»*, eles o fazem encantados. -Levantou a cabeça escutando as vozes dos meninos que desciam saltando as escadas. — Colbert, se tem tanto dinheiro como parece, compra a quem precisar para descobrir.

Capítulo 17

Alana, William e Andy estiveram percorrendo o Hyde Park de carruagem e assim que apareceram uns poucos, embora frios, raios de sol, aproveitaram para esticar as pernas e continuar o caminho a pé. No penúltimo passeio tinham descoberto uma loja de algodão de açúcar e nesse dia voltaram a entrar. Desfrutavam muito com o aroma do açúcar temperado, a baunilha e do fogo aceso. Era uma lojinha pequena, mas muito agradável. Na volta, tiveram que fazê-lo inevitavelmente em faetón. O céu ficou com um denso tom cinza escuro e começou a nevar de novo. O coche se deteve ante a porta da residência e o cocheiro, com o guarda-chuva aberto, correu para lhes abrir a porta.

Alana não acreditava em casualidades, e no mesmo momento que punha os pés na calçada e seus olhos registraram o veículo estacionado bem diante deles, soube com certeza que o tinha visto mais vezes e que se tratava de lorde Stephen Huntington.

Sua mente não lhe permitia ser tão ingênua para acreditar nas casualidades, e que a carruagem desse senhor estivesse a escassos metros deles não era nenhuma providência. Era difícil confundir-se ao reconhecê-lo. Só a uma pessoa como seu dono

lhe ocorreria ornamentar a boleia com ridículas plumas vermelhas. Além disso, havia outras marcas, como o escudo de um leão erguido sobre suas patas traseiras, e todos os cordões dourados que enfeitavam embaixo e os tetos.

— Acredito que a senhora Wakefield tem visita, senhorita Alana — ouviu que dizia Richard.

— Isso parece, Richard. Andy, Willy. Venham rápido. - Pegou com força as mãos dos meninos e os obrigou a caminhar para a entrada.

— O que acontece, tia Lania? — Perguntou o pobre William, ofegando.

Ela o olhou de soslaio. O menino ia sujando tudo com o doce de açúcar. Andy já o tinha comido e, obedientemente, caminhava junto a ela.

— Nada, anjo, só tenho vontade de chegar em casa - mentiu. Por sua mente passou a imagem do lorde assediando Hellen e sentiu um forte calafrio. — Por favor, sacudam os sapatos antes de entrar em casa para que o senhor Drew não se zangue — recitou chegando à porta. Golpeou a aldrava com força e limpou o peito de William, lhe esfregando o algodão. — Andy, antes de tocar qualquer coisa, primeiro lave as mãos.

— Mas estão limpas! — Queixou-se.

— Sim? Deixe-me ver — lhe agarrou um pulso e o obrigou a lhe mostrar a palma. — Sujas! Andem, vão procurar Noelle ou Lucy para que lhes ajude.

O menino enrugou o nariz, contrariado.

Alana estava para chamar outra vez quando o mordomo abriu. Entrou como um torvelinho, seguida dos pequenos.

— Tudo bem, senhor Drew? Minha irmã está?

O mordomo, por uns segundos, ficou com a boca aberta, mas rapidamente demonstrou seu profissionalismo e se recuperou.

— Está tudo bem, senhorita Sanders. A senhora Wakefield está na sala saudando um cavalheiro.

Alana empurrou os meninos com suavidade em direção à escada.

— Façam o que lhes disse! Agora mesmo subirei para comprová-lo. — Tirou o casaco com pressa e o entregou ao homem. — O senhor Wakefield também se encontra com Hellen?

— Não. O senhor saiu e deixou dito que viria à hora do almoço.

Com os nervos à flor da pele, Alana passou pelo escritório e a biblioteca e se deteve ante a porta da saleta, arrumando o cabelo e tentando apaziguar sua respiração. Quando acreditou ter tudo sob controle ingressou sem chamar, de forma cautelosa. Não sabia se estava mais assustada ou nervosa.

Hellen estava de pé, junto a uma mesa, vendo como Lucy servia o chá. Lorde Huntington, sentado em um divã com suas extravagantes roupas, contava algo. O conde se vestia ridiculamente. Gostava de usar rendas no pescoço, nos punhos, no peito da camisa... rendas, babados, calças folgadas, meias, laços de seda. Era tão chocante e passado de moda, como seu landau.

Fora, o vento se levantou com força arrastando os flocos de neve contra os cristais, e o dia se converteu em noite.

Hellen levantou a cabeça da baixela assim que ela entrou.

— Olá, Alana. Que tal seu passeio?

— Desfrutamos bastante. Agora piorou o tempo.

— Recorda de lorde Huntington? Teve a deferência de vir nos saudar.

O pomposo homem ficou em pé com lentidão, quase com preguiça. Aproximou-se com uma mão de dedos longos estendida para ela como as garras de um urubu. Era pior do que Alana recordava. Vestia-se de azul e prata. Tinha os olhos muito juntos sobre um nariz largo e aquilino, e um queixo que se confundia com a papada, em troca, não era tão gordo como ela tinha acreditado no princípio. Seu cabelo comprido e escuro estava preso com um laço firmemente seguro na nuca. Não ficava tão bem e tão natural como ao Colbert, mas ao menos não era uma peruca.

Com receio, Alana olhou à Hellen, quem lhe indicou, mediante gestos, que devia ser educada. Propôs-se a obedecer. A hora do almoço estava por vir e Colbert não demoraria muito em chegar.

— É um prazer voltar a vê-lo, milorde. Como se encontra?

— Muito bem, senhorita Sanders. E você? Parece um pouco mais… fortalecida que na última vez que lhe vi.

Alana lhe sorriu com falsidade.

— Se não recordar mal, era um dia de funeral, milorde. — Entregou a mão com relutância e ganhou uma ligeira cotovelada de Hellen. Ele mal roçou seus nódulos com a boca, e Alana se apressou a apartar-se dele fingindo ir avivar o fogo da lareira.

— É verdade, foi um dia bastante lamentável. Além disso, lembro que ia com os meninos e coberta de negro dos pés à cabeça. Mudou, está muito formosa. — Observou-a com admiração aproveitando que ela estava de costas com o fole. Hellen se se deu conta e se esticou.

— Tome assento, milorde.

— Sim, claro. Acompanha-nos, senhorita Sanders?

Alana limpou as palmas com um pano colocado junto ao atiçador para tal fim e se voltou para eles. Recordou que no dia do enterro era sua irmã quem estava totalmente coberta e não ela, mas não quis entrar em detalhe com ele.

— Um chá bem quente me fará muito bem — disse olhando à Lucy.

A criada serviu outra xícara.

— Agora que eu me lembro... — começou a dizer Huntington com um sorriso presunçoso — ...recentemente estive conversando sobre você, senhorita Sanders.

Ela elevou as sobrancelhas, intrigada. Pegou uma cadeira que adornava um rincão da sala e a aproximou um pouco às duas poltronas que eles ocupavam. Lucy acendeu vários abajures e fechou a cortina. A escuridão se havia espalhado no exterior.

— Ah, sim? Me diga como é isso? O que se pode falar de alguém como eu?

— De você poderia se dizer muitas coisas, senhorita Sanders, a cada segundo que passa lhe vejo mais bela.

— Olha-me com bons olhos milorde. Mas me diga, em que circunstâncias me nomeou?

— Ocorreu recentemente que tive que retornar à Dorset por uma complicação.

Hellen o interrompeu.

— Espero que não seja nada grave, milorde.

— Nada de especial importância. O caso é que coincidi com um senhor... não recordo seu nome, vá! Como era? Agora mesmo o tinha em mente... — Alana sentia tanta curiosidade por saber que sem dar-se conta respirou com mais força que o normal, mostrando sua impaciência. Ele se deu conta. — Deve me desculpar, senhorita Sanders. São tantos assuntos na cabeça que às vezes me desoriento um pouco.

— Compreendo-o.

Ele se inclinou para pegar uma massa de nata e canela.

— O que estava dizendo? Ah, sim. Note-se que estranho! Foi com o capataz que contrataram para a ampliação da casa.

Alana curvou as sobrancelhas, não só pela espera. Como sabia o lorde o que iam fazer na residência? A notícia já teria se deslocado por todo o condado?

— Sabe a quem me refiro? — Perguntou ele.

Alana assentiu.

— Suponho que fala do Mike.

Um sorriso zombador se desenhou no rosto do homem.

— Mike? É esse seu nome?

Alana se deu conta de sua falha e retificou.

— Oh, sinto muito! O senhor fala do senhor Mike Newton.

Hellen voltou a repreendê-la com o olhar.

— Isso! O senhor Newton. Pois bem, comentando sobre que vocês partiram. — Olhou à Hellen com um sorriso bobo e logo à

Alana, com a mesma expressão. — Me perguntou quem era você. Resulta que o senhor Newton tinha perguntado pela região e não vai acreditar! — Soltou uma gargalhada estridente, desagradável. Hellen fingiu lhe devolver o sorriso. Alana estava tão atenta que esperou com inquietação que ele continuasse. — Pensou que era a babá. A babá! — Desta vez não fez nenhuma graça, ao contrário, fez-se o ofendido pelo mal-entendido. — Eu o tirei de seu engano, é óbvio. Que tenha passado todos estes anos cuidando de seus sobrinhos não a converte em nenhuma babá. Deixei-lhe muito claro quem era você, e ele... se sentiu mais decidido.

Alana franziu o cenho. O senhor Newton sabia que era a irmã de Hellen. Mas babá? Em realidade.... havia cumprido essa função durante anos. Tampouco o podia culpar, mas decidido?

— Mais decidido a quê? — Perguntou absolutamente curiosa.

— Senhorita Sanders, quando o senhor Newton pensou que você era uma... humm... como dizer... que não era ninguém importante, sentiu-se ligeiramente defraudado. Já sabe, logo mudou de opinião.

— Não, não sei. Quer dizer que esse homem está interessado em mim se não for a babá?

Lorde Huntington afirmou. Alana não acreditou em nada, e Hellen tampouco. O conde só procurava provocá-la para que explodisse em algum de seus monumentais aborrecimentos, mas Alana não ia fazê-lo. Por outro lado, o senhor Newton lhe tinha parecido mais amável. E, entretanto, e se fosse certo que

Mike era um interesseiro?

— Seja uma empregada ou não, tem razão ao pensar que não sou ninguém importante — disse, solícita.

Hellen percebeu a faísca de desilusão que pintou nos olhos verdes de Alana e aplaudiu sua mão com naturalidade.

— Alana, querida, você mesma me disse que esse homem não era de seu total agrado, recorda?

A moça demorou só uns décimos de segundo em perceber a mentira de sua irmã, e outros em ver o sorriso satisfeito do lorde.

— Claro, claro! Só estava pensando em como irá avançando a reforma.

Lorde Huntington não se deixou enganar.

— É claro, senhora Wakefield, que sua irmã não pode relacionar-se com alguém como um… capataz.

— Arquiteto — corrigiu Alana. E ela tinha todo o direito de relacionar-se com quem quisesse, pensou zangada.

— Isso é mais ou menos o mesmo. Além disso, chegou aos meus ouvidos que durante sua estadia aqui estaria interessada em procurar marido.

Ambas as mulheres se olharam, atônitas. Alana se engasgou.

— Como diz, milorde? — Como diabos isso tinha chegado aos ouvidos do conde?

— Não é algo muito normal que no White´s se converse sobre alguém que não sustenta nenhum título, mas imagino que ultimamente as pessoas se aborrecem e estão confeccionando uma lista de candidatos. Ao que parece o

senhor Wakefield pensa entregar um dote importante.

— O White´s? — Perguntou Alana.

Foi Hellen quem respondeu.

— É um dos clubes mais elitistas e elegantes de Londres. Minhas amigas comentaram que costumam fazer muitas apostas. Não é certo, milorde?

— Assim é.

Alana se ergueu como de se de repente se queimara com as brasas. Maldito, maldito Colbert! Por que lhe teria ocorrido tamanha tolice?

— Senhorita Sanders, não se incomode! É um privilégio que seu nome esteja em tão prestigioso lugar.

Alana lançou uma maldição baixa e franziu o cenho.

— Não estou muito convencida de que para mim o seja, senhor. Não desejava causar nenhuma expectativa. Mas sobretudo me aborreço que as coisas que me afetem se façam sem minha permissão.

O conde levantou a cabeça para contemplá-la.

— Neste momento há muitas damas que a invejam.

Alana sorriu com ironia.

— Sorte que não conheço muitas. — Por sua mente passou o insípido rosto de Claudia e por um instante quis que ela se inteirasse. Conhecia-a bem e sabia que ia sofrer um ataque de inveja.

— Alana não está muito acostumada a estas coisas, milorde. Inclusive me tomou por surpresa. Colbert deveria nos haver avisado.

Huntington sorriu à Hellen com gentileza.

— Adivinho que esse… Colbert é seu cunhado, ou deveria dizer seu futuro marido? Era disso que falávamos antes que chegasse sua irmã, não é?

Alana olhou à Hellen franzindo o cenho e tentou acalmar o inquieto pulsar de seu coração. Mas que diabos lhe tinha contado? Que ia se casar com Colbert?

— Assim é — respondeu Hellen, envergonhada. — Não acredito que tarde em vir, possivelmente possa conhecê-lo. Graças a ele estamos desfrutando como nunca.

O lorde cruzou as pernas e as meias prateadas brilharam ao apanhar a luz dos abajures

— Não sabem quanto me agradaria! Irmão do Jhon! Estou pensando que poderíamos sair alguma vez juntos. Poderia ser o acompanhante da senhorita Sanders, claro, se você permitir isso.

— Como? — A voz de Alana quase soou estridente. — Meu acompanhante? — Mas de onde escapou esse homem?

— Para mim seria toda uma honra. Vou repassar meus convites e vos envio uma mensagem.

Alana seguia sem poder sair de seu assombro e fazia coro a tudo o que ele dizia.

— Repassar convites?

— Alana, é que não te disse que lorde Huntington tem uma casa aqui perto — explicou Hellen levantando-se para deixar a xícara na mesa.

— Têm uma casa aqui? — Claro que tinha! Colbert tinha comentado, mas nesse momento não ligava a conversa. Não podia acreditar que o conde estivesse pensando em um

encontro com ela como companheira.

— Assim é. Estou acostumado a vir um par de vezes ao ano. Os invernos no condado costumam ser muito duros.

Ele e Hellen continuaram falando uns minutos mais sobre o clima, embora Alana não se inteirou de nada mais. Só conseguia pensar que esse homem queria ser seu acompanhante. Nem louca! Sentia por Hellen, mas não aceitaria nunca sair com ele nem para dar uma volta na esquina. Colbert não quereria sair com ele! Ninguém em seu são julgamento quereria fazê-lo!



Ia fazer.

Ia deixar se acompanhar por lorde Huntington porque Colbert queria conhecê-lo. Convenceu-a; segundo ele, esse modo era o mais rápido para saber o que queria. Não seria tão fácil! Lorde Huntington jamais se delataria. Podia ser um homem estranho e até ridículo, mas não era tolo. Como podia haver se deixado convencer tão facilmente? Possivelmente porque Colbert havia dito que não ia deixá-la sozinha com ele? Não! Não o havia dito, o tinha prometido!

Hellen estava pasma. Certamente não tinha esperado que Alana aceitasse, embora Colbert já lhe houvesse dito que compartilhava suas dúvidas sobre o lorde quanto ao acidente de Jhon. O que Alana ainda não sabia era se também lhe tinha comentado que não tinha nenhum interesse especial nela. Isso era algo que não deveria demorar muito, pois não queria que

Hellen continuasse iludindo-se, muito menos depois de deixar cair ao Huntington que existia algo entre eles.

— De modo que Alana e ele sairão juntos só para você recolher informação? — Perguntou Hellen depois que contou ao Colbert sobre a visita de Huntington.

— Alana vai estar segura, nós estaremos ao seu lado em todo momento — jurou ele.

Hellen gemeu.

— Eu não gosto da ideia. Olhou-a igual olha a mim. Com cara de…

Alana respondeu por ela. Hellen era muito afetada para falar sobre alguns temas.

— De ansiar me colocar em sua cama, mas isso é só ao que pode aspirar esse homem. Duvido que possa tirar as meias sozinho.

Um músculo na bochecha de Colbert se esticou.

— Estou desejando conhecê-lo, começo a acreditar que ambas estão exagerando. — Se não fosse assim ele teria muitas coisas a esclarecer com o lorde. E Por Deus, que respondesse corretamente!

Hellen agitou a cabeça negativamente.

— Não, Colbert, não exageramos, se dará conta por você mesmo antes que Huntington seja capaz de abrir a boca.

O homem assentiu.

— De todas as maneiras, devemos evitar que fique a sós com qualquer uma de vocês. Se ocorresse algo que nos obrigasse…

Alana o interrompeu.

— Colbert, pára! Disse que o farei, mas, por favor, se continuar dando advertências... não se dá conta que me assusta? Não estou feliz tendo tomado esta decisão. Se acontecer algo mau, você será o causador e carregará a culpa pelo resto de sua vida, — lhe prometeu, embora todos soubessem que não estava falando a sério — mas... não me pressione mais.

Ele não entendeu a palavra *pressionar*. Esteve muito perto de lhe ensinar a combater com os punhos. Menos mal que Hellen intercedeu e mandou Alana descansar. Só esperava saber para que lugar o lorde os chamaria.

Capítulo 18

Ao Colbert não parecia nada bem o que Huntington lhes recomendou em uma pequena lista que chegou no dia seguinte. Dizia que o museu era muito barulhento e que a obra de lorde Byron em Covent Garden ia levar público em excesso, sem contar que o sujeito podia ter camarote privado e isso não entrava dentro dos planos. O lorde tinha sido bastante previdente ao enviar várias opções para que não pudessem negar todos, e Hellen e Alana começavam a cansar-se de escutar todas as desculpas de Colbert.

— Passear a cavalo! — Bufou ele jogando a missiva, de mau humor, sobre a mesa. — Quem em seu são julgamento iria cavalgar com este tempo?

Menos entusiasmada que um gato atravessando um atoleiro de água, Alana replicou:

— O que importa? Não sei montar a cavalo.

Estava sentada com as pernas cruzadas sob sua saia verde e arranhava o tecido com a unha como se quisesse tirar algum fio. Estava tão concentrada que franzia o cenho enquanto mordia o lábio inferior com esforço.

— Pois nos estão acabando as ideias e ainda não decidimos nada — observou Hellen. Os três estavam no

escritório onde, como meio de calefação, uma estufa de lenha crepitava entre o aço. — Poderíamos ir à reunião que faz em sua casa. Diz que será algo mais íntimo e que não haverá muita gente.

Colbert golpeou o lábio com o dedo indicador e olhou à Alana com intensidade esperando ver o que opinava. Ela elevou os olhos e encolheu os ombros; cansada de brincar com a roupa, levantou-se da cadeira.

— O que vocês disserem está bem, — respondeu — mas a ideia do teatro não me parece tão má. É um lugar onde haverá muita gente, além disso, Sara Yaron vai, não é?

Colbert a olhou com surpresa.

— Conhece a esposa do Alexander?

— Veio à Dorset quando nasceram os gêmeos. Sua irmã Erika é muito amiga de Hellen, não é? — Dirigiu-se à sua irmã.

Hellen sorriu com nostalgia e assentiu.

— Agora Erika é condessa. Você também os conhece, Colbert?

— Topei-me várias vezes com Yaron em alto-mar. Se não recordar mal, era o dono de um navio chamado *O Diabo*.

Hellen encolheu os ombros.

— Agora tem uma embarcação chamada *A escocesa*, em honra à sua esposa Sara.

Colbert agitou a cabeça. Não tinha nem ideia de que Hellen se relacionasse com gente tão importante na capital. Tinha escutado dizer que Yaron tinha tido uma estreita relação com um famoso pirata apelidado *o Cigano*. Esqueceu-se disso e retornou à conversação inicial.

— Durante a obra reduzem as luzes ao mínimo, e prefiro evitar que esse tipo se sinta tentado, de algum jeito, a... aproveitar-se da situação. — Em outras palavras, não suportava que Alana e Huntington estivessem às escuras em nenhum lugar. De fato, não lhe agradava a ideia de que saíssem juntos. Tinha sido uma tolice por sua parte havê-lo sugerido! Com um pouco de paciência o *Demônio russo* lhe teria dado respostas às suas perguntas.

— E patinar? — Voltou a perguntar Hellen.

Ele franziu o cenho. Sua intenção não era fazer o ridículo. Não tinha posto uns patins em muitíssimo tempo.

Alana riu.

— Pode ser divertido ver o Huntington deslizar-se sobre o gelo com aquelas roupas.

— Ou ver a mim, — resmungou ele — não patino desde que tinha sete anos.

— Tampouco imagino-o fazendo — brincou Alana com olhos faiscantes.

Colbert limpou a garganta.

— Não? Por quê?

— Se olhe! É muito grande para se mover com graça, além disso, não tem aspecto de sair muito para se divertir, ao menos de fazê-lo de maneira... decorosa. E mais, você não gosta do museu. — Levantou um dedo, começando a enumerar. — Nem da ópera nem de patinar. E quando Hellen te disse sobre a reunião, se pôs tão vermelho que parecia que estava se engasgando.

Colbert se ofendeu.

— Não sabe o que está dizendo! Eu não me pus de nenhuma cor!

Hellen decidiu intervir antes que se encetassem em algum debate.

— Não tem por que patinar, Colbert. Você e Huntington podem aproveitar para conversar enquanto nos divertimos com os patins — assinalou Hellen. — Desse modo não estaremos perto dele, nem tampouco tão longe. E você poderá conseguir a informação que deseja.

Colbert pareceu pensar. A ideia não era tão má. Alana recolheu a nota da mesa e a olhou com olhos entrecerrados.

— Mas é verdade que sugere patinar nessa lista? Acreditava que estava brincando.

— Sim, querida, Huntington pôs na lista tudo o que se pode fazer. Também li algo sobre fazer uma excursão com pic-nic — respondeu Hellen bastante animada com aquela saída. Desde que Jhon havia falecido, aquela ia ser a primeira vez que ia a algum lugar.

Colbert agitou a cabeça. Realmente esse homem se assegurou de que não tivessem escapatória.

— Não diz nada de fabricar nosso próprio iglu? — Zombou Alana. — Só faltou pôr isso! Ou uma batalha de bolas de neve!

Aquela ocorrência serviu para relaxar um pouco mais o ambiente e para que Hellen soltasse uma gargalhada divertida. Colbert segurou a risada ao mesmo tempo que se levantava para servir-se uma taça de brandy da bandeja das bebidas. Alana conseguia surpreendê-lo, ela convertia algo sério em uma brincadeira. Além disso, a maneira em que ela lambia o lábio

inferior tão provocantemente, ou como mostrava a ponta da língua por entre os lábios... todos seus gestos eram excitantes, sensuais. Não se cansava de olhá-la. Não, certamente não pensava ceder-lhe ao Huntington!

— Ir patinar me parece bem — disse ele finalmente. — Hellen tem razão, não tenho por que entrar na pista e aproveitarei para manter um bate-papo com o lorde.

— Por fim! — Exclamou Alana.

O senhor Drew os interrompeu mostrando timidamente a cabeça no escritório.

Colbert se voltou para ele balançando com suavidade sua taça.

— Quer algo?

— Lamento muito lhes incomodar, senhoria, mas acaba de chegar uma visita. É o senhor Seth Presley.

O *Demônio russo*! Então o muito rufião tinha ido em pessoa? Já estava pensando que demorava para fazê-lo.

— Lhe diga que o receberei em um momento. — Levou seu olhar primeiro sobre o verde de Alana, e depois sobre o azul de Hellen. — Vão ter que me desculpar.

As irmãs o notaram repentinamente tenso.

— É algo mau? — Inquiriu Hellen, olhando-o.

— Não, nada mau, o senhor Seth foi quem nos alugou a casa. Deve ter vindo nos saudar.

Alana cruzou os braços com certa arrogância.

— O dono da agência? — Perguntou com fingida inocência. Estava muito bonita, com um vestido verde que ressaltava seus olhos. Várias mechas escaparam de seu penteado e caíam lhe

roçando o pescoço quase até o início do arredondado decote. A roupa se ajustava ao seu magro corpo e marcava os seios recatadamente. Não podia dizer que se vestisse de forma voluptuosa, entretanto, Colbert não tinha conhecido nunca uma mulher que o excitasse tanto quanto ela.

Desde que Alana tinha entrado no escritório acompanhada de Hellen, teve que empregar muita força de vontade para apartar seus olhos dela, de sua pele cremosa e de seu magnífico cabelo acobreado.

Desejava-a e estava ficando louco! E o pior de tudo era que dissimular em frente à Hellen estava se convertendo em uma autêntica tortura, não queria que se sentisse deslocada, assim como não desejava que soubesse que estava apaixonado por sua irmã. Porque não duvidava que Alana era uma paixão passageira.

Hellen usava o cabelo vermelho recolhido em uma profusão de cachos de cabelo que caíam do cocuruto até os ombros e também estava formosa vestida de um cobre em pó tão escuro que parecia negro. Não tanto como Alana, admitiu. Mas é que a jovem tinha algo indescritível que o arrastava a um mundo ilusório. Por que não conseguia tirá-la de sua cabeça?

Com a chegada de Seth Presley à Grosvenor St, sentiu uma escura advertência que entranhava um risco acrescentado, sobretudo porque estranhou que Alana tivesse escutado falar dele. Não ficou outra alternativa que lhe confirmar o que desejava ouvir.

— Efetivamente, foi ele quem proporcionou os empregados.

— Então o deixaremos sozinho, Colbert. Enviarei ao

Huntington nossa decisão — intercalou Hellen.

— Por que, Hellen? — Atravessou Alana. — Eu gostaria de saudar esse homem. Depois de tudo, foi muito atento por nos encontrar um lugar como este.

Colbert assentiu, cada vez mais preocupado.

— Então me permitam que vos apresente. — Por um lado, se não o fizesse, Seth não ia partir satisfeito e era provável que retornasse. E por outro, possivelmente aplacando a curiosidade de Alana, está lhe contasse o que sabia do *Demônio*. — Gostará de lhes conhecer.

— Esse homem é teu amigo ou só conhecido? — Quis saber Alana alisando o tecido da cintura para manter as mãos ocupadas. Por sua maneira de perguntar ele teria jurado que ela já conhecia sua resposta.

— Amigo — admitiu. — Faz anos que nos conhecemos.

Alana assentiu repetidamente com a cabeça, satisfeita, ao mesmo tempo que Colbert cruzava os dedos atrás das costas, temeroso que o *Demônio russo* dissesse algo inconveniente.

— Senhor Drew, acompanhe-o até aqui — ordenou Alana com um doce sorriso que continha perigo.

O mordomo, que todo esse tempo tinha estado junto à porta, partiu em busca do visitante. Alana e Hellen se afastaram para a janela, e Colbert, depois de dar um comprido sorvo em sua bebida deixou a taça sobre a escrivaninha.

Seth Presley, um homem alto e robusto vestindo à última moda, entrou com passo decidido no escritório. Usava uma camisa de seda creme sem nenhuma classe de estampa, colete castanho igual aos calções largos, e um lenço de seda marfim

no pescoço. Era um tipo bonito, de cabelos dourados recortados sobre a nuca e olhos azuis de um tom escuro. Seus traços não eram tão fortes como os de Colbert, possivelmente tinha um queixo mais delicado e arredondado, e seu sorriso, espetacular, expressava jovialidade. Era um tipo muito interessante.

— Bom dia, espero não incomodar — saudou com um cativante sorriso. — Não interrompi algo importante, não é?

Hellen não podia sair de seu assombro. Ficou com a boca entreaberta, percorrendo-o com o olhar de cima a baixo procurando nele alguma imperfeição. Alana não podia culpa-la. Depois de Colbert, certamente Seth Presley era o homem mais bonito que jamais tinham conhecido. Mike Newton comparado com esses homens era como tentar equiparar um príncipe com um mendigo.

— Não interrompe nada, Seth. É um prazer que tenha vindo — Colbert lhe estreitou a mão sobre a mesa. — Vou apresentar-te a minha cunhada, Hellen Wakefield.

Seth se encaminhou para ela, tomando sua mão com galanteria.

— Muito bela.

As bochechas de Hellen adquiriram um repentino tom rosado quando ele se inclinou sobre sua mão, percebendo com encantamento seus ombros largos e os fortes músculos de seus braços. Seu cabelo loiro, ligeiramente ondulado, parecia suave. Todo ele desprendia um potente aroma a fragrância masculina.

— E ela é a senhorita Sanders, Alana, irmã de Hellen - disse Colbert.

Seth se voltou para ela com olhos brilhantes.

— É um prazer conhecer duas das damas mais formosas de Londres. É uma lástima não ter coincidido em nenhum lugar. Temo que Colbert as tem escondidas aqui para seu próprio deleite.

As damas riram. Hellen, ruborizada; Alana, nervosa.

Colbert viu o brilho malicioso nos olhos de Seth e sentiu desejos de golpear seu bonito rosto e lhe apagar o sorriso da cara durante uma longa temporada. Atuou com prudência, aproximando-se do grupo, e amigavelmente aplaudiu as costas de seu amigo.

— Estava comentando que nos conhecemos há muito tempo e que, graças a você, pudemos chegar a Londres sem dificuldade.

— Assim é — respondeu Seth, vendo-se de repente afastado da bela Alana. Não estranhava que seu amigo se sentisse tão atraído por aquele filhotinho. Era uma jovem esbelta de uma beleza sublime. As roupas, muito simples, não lhe faziam justiça, mas saltava à vista a faísca de engenhosidade que expressavam seus olhos verdes. — Me agrada conhece-las por fim — repetiu. — Colbert me falou muito da estupenda família que tem. Espero que se sintam a gosto com a mansão e o serviço.

— Como não poderíamos fazê-lo? Tudo está… incrível — Lhe assegurou Hellen com olhar faiscante. O rubor das bochechas não a abandonava. Um rubor que não passou desapercebido para Colbert, e isso o preocupou. Seth era muito propício a apaixonar as mulheres com sua aparência. Era

educado, amável e até divertido, mas também era um homem muito perigoso que não duvidava em utilizar as damas ao seu desejo.

Hellen continuou falando.

— É mais do que nós tínhamos esperado, não é, Alana?

Alana assentiu sem tirar a vista do *Demônio russo*. Colbert podia ter pensado que ela também o olhava com fascinação porque fosse atraente, entretanto, reconheceu o brilho suspeito em seus olhos verdes. A jovem não era tola e perfeitamente sabia que classe de homem era Seth, o que o deixava em um mau lugar depois de lhe assegurar que se retirara de seus antigos interesses. O confirmou quando cruzou com ela o olhar. Alana franziu o cenho, inquieta.

— Por que não vão preparando a carta para o lorde? — Sugeriu Colbert aproximando-se da escrivaninha, de onde tirou materiais para escrever.

Alana os colheu com ímpeto, lhe dando de presente um frio olhar de advertência. Se tivesse jogado fogo, o teria chamuscado. Logo, deliberadamente, ela deu a volta para Seth e se deteve ante ele com os ombros erguidos e o queixo elevado.

«Perigo», sussurrou uma vozinha na mente de Colbert.

— Por que uma casa tão bonita e central está à venda?

Seth não soube a que vinha aquela pergunta e olhou ao Colbert, estranhando. Este encolheu os ombros. Não sabia no que pensava Alana, mas por seu tom malicioso não era nada bom. Que diabos ocorria?

— Não sei a que vem o interesse mostrado, senhorita Sanders, entretanto, acredito que o antigo dono se arruinou, —

respondeu Seth com rosto inexpressivo — por que pergunta? — Voltou a olhar Colbert. — Lhes interessa a mansão?

Ele negou com a cabeça, mas foi Alana quem lhe respondeu.

— Não se trata disso, senhor Presley, é porque escutei dizer que enganaram a condessa em uma falsa aposta e que ela queria recuperar a casa. Ao que parece agora é sua, mas não quer vender-lhe de novo. Pergunto-me por quê. Além disso, se estivesse arruinada, não tentaria voltar a recuperar o que é dela, não é?

Colbert ficou sem palavras. Não tinha ideia do que ela estava comentando.

Seth conseguiu esboçar um débil sorriso. Alana o tinha deixado pasmo.

— Não entendo do que me fala, senhorita Sanders. Não quero contradizê-la, mas temo que não escutou corretamente, lamento-o, a condessa de Hámster Sould não tem recursos suficientes para recuperá-la. De todas as formas, não sei o que a senhorita diz.

— Sinto muito haver perguntado, senhor Presley -declarou Alana. Voltou a olhar Colbert com os dentes apertados e tal frieza em seus olhos que teria sido capaz de congelar todos os oceanos do planeta. — Tenham um bom dia — sem dizer uma palavra mais abandonou o escritório.

Hellen não tinha prestado muita atenção aos comentários de sua irmã. Estava mais interessada no formoso cabelo dourado do senhor Presley, em sua atitude elegante e no bonito sorriso que formava várias rugas na comissura de sua boca.

— Foi um prazer conhecê-lo, senhor Presley — se despediu dele com uma curta reverência. — Espero voltar a vê-lo em outra ocasião.

— Eu anseio o mesmo, senhora Wakefield. Possivelmente peça ao Colbert que me convide para jantar um dia destes. — Pegou a mão da mulher e a beijou com suavidade, fazendo-a estremecer da cabeça aos pés.

— Pode fazê-lo quando quiser — lhe sorriu. — Está em sua casa. Até mais tarde, Colbert.

— Até mais tarde, Hellen.

Colbert se apressou a fechar a porta e olhou, iracundo, ao Seth.

— Que diabos te acontece? É minha cunhada, diabos!

— Não fiz nada!

— Vi como a olhava!

— Não me havia dito que era tão formosa! Se houvesse feito teria estado preparado. Tinha imaginado que seria uma matrona mais velha de cabelo grisalho…

— Se esqueça dela!

Seth fingiu ofender-se.

— Convidou-me para vir quando quiser. O que acontece contigo, Colbert? Trata-me como se quisesse tomar a sua cunhada…

— Não siga, Seth — lhe avisou, lhe advertindo com seu escuro olhar que não estava para brincadeiras.

— De acordo. — O homem fez uma careta. — Acredito que é uma mulher muito bonita, isso é tudo. Nada a ver com sua irmã, certamente.

Colbert uniu as sobrancelhas esperando que continuasse.

— O que acontece com sua irmã?

Seth soltou a gargalhada que tinha estado retendo.

— Pequena tigresa! Não estranho que esteja tão aflito. Com esse caráter não sei se conseguirá lhe encontrar um marido. — Não notou o vislumbre de aborrecimento que brilhou nos olhos de Colbert. — Como certo, a que veio sobre a condessa? Conhecem-se?

Colbert se deixou cair pesadamente na cadeira.

— Não sei. Ultimamente descobri que Hellen tem amizades muitos influentes. Ao que parece mantêm bastante relação com Alexander Yaron, possivelmente tenha escutado por ali.

Seth entrecerrou os olhos e alcançou uma cadeira.

— Relação com o *cigano*?

— Sim.

— Uau! E ela sabe que Yaron foi pirata?

— Ninguém nunca pôde provar que Alexander e o *cigano* são a mesma pessoa e conforme os relatórios, o último morreu, de modo que se não sabe, é melhor não dizer nada. Entendeu? A esposa do Yaron é sua amiga e é melhor que deixemos as coisas tal e como estão.

Seth assentiu, estranhando.

— Certamente elas tampouco necessitam verdadeiramente de sua ajuda para estes fins. Refiro-me sobre procurar um compromisso para a fera.

— Efetivamente parece que não. De todas as maneiras, terei que falar com Alana. Estou seguro que ela suspeita que nós estamos associados em algo turvo.

— Não entendo — Seth o olhou curioso.

— Recentemente tive uma conversa com ela e lhe confessei, ou melhor, deixei-lhe saber ao que estive me dedicando. É óbvio, assegurei-lhe que sou um homem diferente e honrado. Não sei onde diabos escutou sobre a condessa!

— Sua linda gatinha acredita que segue no negócio?

Colbert assentiu, furioso e doído.

— Acabou não confiando em mim.

— Se quiser, falo com ela. Sua irmã sabe?

— Se ela não contou, não tem por quê. — Olhou seu amigo. — É verdade que enganou a condessa?

Seth encolheu os ombros.

— Não foi um engano. Ela apostou e perdeu. Já sabe como são estas damas, não querem que se saiba que adoram o jogo.

Colbert arqueou uma sobrancelha.

— O que apostou? A casa?

Seth assentiu.

— Sim, foi com lady Sullivan. Karen é minha amante atual — lhe explicou. — Elas não são muito amigas, mas a condessa apostou que eu me casaria com ela e obviamente perdeu.

— Essa mulher tinha algum indício de que poderia ser sua esposa?

Seth soltou uma gargalhada ao mesmo tempo que assentia.

— Estive rondando-a durante vários meses.

— E conhecia a aposta que sua amante fez?

— É óbvio! Karen não tem segredos comigo. Mas veja, amigo. Eu não a enganei.

— Não, claro que não, foi lady Sullivan — respondeu Colbert, mais furioso ainda. — Como pôde cair tão baixo, Seth?

— Pareceu-me um jogo! — Reconheceu encolhendo os ombros. — Estou arrependido e fiz a reparação.

— Sim, eu já conheço sua classe de arrependimento.

— Não se preocupe com isso, Colbert, de verdade. A condessa está a ponto de casar-se com um homem bastante rico, eu os apresentei, amigo. Farei um preço especial se quiserem comprar a mansão, de acordo?

Colbert agitou a cabeça. Estava mais preocupado pela reação de Alana que pela sorte de uma mulher que tinha sido capaz de entregar tudo por uma aposta.

E se Alana contasse algo à Hellen? Não queria ficar sem sua família agora que se encontrava tão bem. Não queria ficar sem Alana, embora só se limitasse a observá-la e sonhar com ela.

Na noite anterior, depois de intuir que Huntington estava mudando a direção de seus cuidados para ela, chegou a pensar, pela primeira vez, em matrimônio. Ah! A própria palavra lhe causava ansiedade. Claro que, embora a ideia de casar-se que começava aflorar em sua mente não o convencia absolutamente, havia outro obstáculo muito mais difícil de superar. Alana jamais o aceitaria. Não só por seu passado. Como ia lhe acreditar se desconfiava tão abertamente dele? Por que tinha que ser tão receosa? Todos tinham direito a mudar e começar uma nova vida. Supostamente lhe tinha dado um voto de confiança e por seu olhar antes de sair do escritório esse voto tinha caído no vazio. E se supostamente não fosse assim,

Helen seria o maior obstáculo. Enquanto a mulher estivesse apaixonada por ele Alana não se atreveria a interferir. A muito cabeça dura seria capaz de recusá-lo e à sua felicidade para não fazer mal à sua irmã.

Capítulo 19

Alana estava impaciente para que Seth partisse. Precisava falar com Colbert para que lhe explicasse que classe de relação mantinha com Seth Presley. Apenas uns dias antes lhe tinha suplicado uma oportunidade dizendo que tinha mudado e... e canalha! Por que tinha acreditado? Mentiroso!

Escondida sob o oco da escada de serviço escutou como os homens saíam do escritório e se despediam na galeria. Às suas vozes se uniu a do senhor Drew entregando o casaco ao Presley.

— Vemo-nos, logo — disse Colbert. A porta se fechou e de novo ele voltou falar. — Senhor Drew, vou sair.

— Sim, senhor.

Alana apareceu às escondidas e o viu partir outra vez ao escritório. Não perdeu a oportunidade e saiu disparada atrás dele. Quando Colbert estava pondo a jaqueta ela entrou fechando a porta de repente.

— O que deseja, Alana? — Ele perguntou como se tivesse estado esperando-a.

Ela ficou nervosa de repente. Evitou seu olhar, e seus olhos seguiram os movimentos dos dedos de Colbert abotoando a jaqueta.

— Necessito de dinheiro.

Colbert franziu o cenho observando-a fixamente. Pegou uma bolsinha de couro do bolso interior da jaqueta com rosto impassível.

— Quanto?

Alana encolheu os ombros desejando que lhe perguntasse para que o queria, entretanto Colbert não parecia se importar muito.

— Quero um par de vestidos, umas botas e um casaco.

Ele soltou um suspiro aliviado.

— Isso é tudo?

Alana levantou os olhos para ele com um olhar cheio de assombro.

— Acreditava que eu ia te chantagear?

Ele inclinou a cabeça.

— Me passou pela cabeça, sim.

— Não sou essa classe de pessoa! — Queixou-se Alana, doída porque pensasse isso dela.

Colbert suspendeu o porta-níqueis.

— Recentemente se negava a comprar qualquer coisa com o meu dinheiro.

Ela cruzou os braços. Um sentimento de culpa encheu seu coração enquanto contemplava Colbert brincar com a bolsa de couro.

— Agora as coisas mudaram.

Ele curvou os lábios em um sorriso zombeteiro que esteve a ponto de fazê-la esquecer seu propósito. E seu plano inicial era lhe jogar na cara todas as suas mentiras.

— Por que não é sincera e pergunta o que te queima na língua?

Alana se esclareceu a garganta.

— Seriamente quer que o faça?

— Fará de qualquer forma. Não tenho nada a fazer e te acompanharei à costureira.

— Não quero que venha comigo!

— Mas quer meu dinheiro. — Colbert a puxou pelo cotovelo pressionando com suavidade, mas com firmeza. Voltou a colocar a bolsinha na jaqueta e a guiou ao vestíbulo. — Senhor Drew — chamou.

— Não penso sair contigo, Colbert — soprou.

O mordomo não demorou para chegar.

— Prepare também o casaco da senhorita Sanders.

— Sim, senhoria. — O homem deixou os objetos de Colbert sobre a mesinha e desapareceu com passos ligeiros para o lugar onde guardavam os casacos.

— Não penso sair contigo — repetiu Alana, revolvendo-se contra ele.

Colbert não a soltou e ela começou a assustar-se seriamente. Agarrava-a com bastante força e lhe estava cravando os dedos no braço.

— Me solte, Colbert — lhe ordenou.

— Vamos sair às compras queira ou não. Não esqueça que você começou tudo isto — murmurou com frieza. — Eu só estou te seguindo.

— Eu não comecei nada.

Alana conseguiu soltar-se porque ele a deixou. Estava

zangado quando a olhou intensamente.

— Eu não gosto que mude de opinião quando eu já tinha esperança.

— Não é certo! Quão único pretende é me intimidar, mas sabe que eu poderia contar tudo à Hellen — o ameaçou corajosamente.

Ele assentiu. Seus olhos brilharam com fúria.

— O que te detém?

Alana o olhou, sacudindo a cabeça. Desafiava-a?

Agarrou uma grande baforada de ar e fazendo uso de seu sentido comum, respondeu-lhe:

— Que minha irmã é incapaz de pedir ajuda às suas amigas, e neste momento não temos para onde ir, e em Christchurch é quase provável que nossa casa não tenha teto.

Ele fez uma careta vitoriosa.

— Suponho que tem razão. Me deixe que te pergunte por que mudou de opinião a respeito do meu dinheiro. Já se deu conta que o meu é tão bom como o de qualquer outro?

Ela encolheu os ombros com teima.

— Tão bom não sei. Mas o fato de saber de onde procede me produz menos pudor em gastá-lo. Disse-me…

Colbert lhe tampou a boca com a mão no mesmo momento que chegava o mordomo com as roupas. Soltou-a antes que o homem os visse.

— Aqui tem, senhoria, senhorita.

Alana, completamente atônita, deixou que Colbert a ajudasse. Desconfiava dele tanto quanto de uma jibóia.

— Necessitarão do coche?

— Não, obrigado, senhor Drew. Daremos um passeio pelo centro — dito isso Colbert abriu passo para a saída.

Alana o seguiu com o cenho franzido, consciente que se não o fizesse ele seria capaz de arrastá-la.

— Onde me leva? -Quis saber.

— Ao centro. — Colbert levantou o rosto para o céu avaliando se ia chover de novo ou não. Colocou as luvas e pôs-se a andar para a rua em frente. — Não queria ir às lojas?

Com olhos entrecerrados ela olhou ao seu redor. Não havia muita gente passeando àquelas horas. Correu até alcançar os passos de Colbert.

— Disse-me que tinha mudado! É assim que crê que o esteja fazendo? Junto ao senhor Presley?

Colbert caminhava depressa, e ela tinha verdadeiros problemas para manter-se ao seu lado.

— Não vejo por que tenho que renunciar às minhas amizades. O que Seth faz não me incumbe absolutamente.

— É verdade! Não se importa que enganem pessoas inocentes, sinto muito, tinha esquecido — respondeu com acidez.

Colbert a olhou, carrancudo, por cima do ombro. Ela ofegava pelo passo apressado e reduziu a velocidade.

— Quem te disse que essa condessa é inocente? Talvez a mesma pessoa que fez a intriga?

Alana não soube o que dizer, exceto que não era nenhuma fofoqueira.

— Que eu goste de me inteirar de certas coisas não me converte em nenhuma fofoqueira.

Colbert uniu as sobrancelhas e lhe ofereceu o braço.

— Algumas pessoas discordariam sobre isso.

A contragosto Alana se agarrou a ele.

— Era inocente? A condessa.

Colbert a olhou nos olhos, e um relutante sorriso apareceu em seus lábios.

— Por que te interessa saber?

— Não me interessa! — Era mentira. Estava mais que intrigada.

O sorriso de Colbert se alargou.

— Pois dissimula muito mal. — Fixou a vista na rua. Ao dobrar a esquina comprovou que, como de costume, a via estava cheia de carruagens e circulava de maneira lenta. — Essa mulher apostou a casa dizendo que se casaria com certo cavalheiro, e não o fez. Fim do assunto.

Olhou-o, contrariada. Tinha pensado em algo mais rebuscado.

— Isso é tudo? Nem sequer jogou cartas nem nada disso?

— O que acontece? Não acredita?

Alana elevou o queixo.

— Não sei. Parece-me irreal que alguém possa apostar uma fortuna dessa maneira. Por que não se casou com o homem? Não estavam prometidos?

Colbert riu entredentes, deteve-se ao mesmo tempo que girou para olhá-la. Alana pensou que ia dizer-lhe algo, mas ele ficou olhando seus lábios com ânsia.

Ia beijá-la? Podia sentir seus olhos acariciando suas bochechas, sua testa, seus lábios... se assustou. Estava segura

que ia fazê-lo e estava desejando. Queria voltar a sentir sua boca, seu… sabor.

Estavam muito perto um do outro, faltando ao decoro. A pouca gente que caminhava pela calçada os esquivava.

Colbert levantou a vista por cima de sua cabeça, e Alana viu como o pomo-de-adão subia e descia com nervosismo. Como se estivesse lutando contra algo que ela não podia ver. Por fim ele baixou a cabeça com uma estranha careta.

Colbert pôs uma mão sobre a bochecha de Alana e curvou os lábios em um sorriso triste.

— Não conheço a condessa, e mais, não tinha ouvido falar dela até que você a mencionou. — Encolheu os ombros lhe retirando a mão do rosto e voltou a incitá-la a caminhar. — Como vê, sabe mais que eu sobre ela.

Decepcionada, Alana passou a língua pelos lábios. Tinha a sensação de que algo mágico tinha ocorrido. Subitamente recordou de Hellen e se sentiu mal.

— Falou com a minha irmã? — Perguntou.

— Sobre o quê?

— Não se faça o parvo! Sabe perfeitamente!

— Ah, sobre isso! Não tive tempo de pensar no que vou dizer-lhe.

Alana colocou-se em seu lugar, compreendendo-o, mas se ele não fizesse algo logo, Hellen ia passar muito mal.

— Sei que vai ser muito doloroso para ela, talvez te conviria lhe dizer que está apaixonado por outra mulher, não sei, desiludi-la pouco a pouco antes que faça a loucura de declarar-se e passe o maior ridículo de sua vida.

Colbert agitou a cabeça.

— Poderia me apresentar com um par de prostitutas pelo braço…

— Não!

— Não? — Olhou-a.

Alana se alterou. Não queria nem imaginar a cena, além do mais, só com a sugestão ela sentiu um puxãozinho no peito.

— Ao menos não na casa. O que pensariam Andy e Willy se lhe vissem chegar com essas mulheres?

— Estava brincando, Alana.

— Sei — mentiu não muito convencida. — Quem pode estar com duas mulheres de uma vez?

Colbert se calou e ela o olhou intrigada.

— Esteve com duas mulheres ao mesmo tempo? — Lhe escapou a pergunta antes de saber que ia fazê-la.

Ele respondeu cortante:

— É melhor que não te responda, doçura.

Alana ficou sem fala. Certamente Colbert era muito capaz de havê-lo feito. Era possível fazer isso?

Detiveram-se ante a porta de uma loja pequena de toldos verdes e vitrine de cristais quadriculados. Colbert a abriu fazendo com que uma campainha tilintasse no interior.

— Entra, Alana.

— Já tinha vindo antes aqui? — Perguntou-lhe em um sussurro.

Ele negou com a cabeça.

— Mas ouvi falar deste lugar.

Alana se surpreendeu de não ver muitos artigos expostos,

só um par de cilindros de tecido, fitas coloridas e esboços de vestidos. Sobre uma estante havia uma fileira de chapéus, e mais abaixo, vários calçados.

A lojista, uma mulher roliça embutida em um estreito vestido vermelho, atendeu-os com um sorriso amável e uma língua faminta de fofoca.

Os dois vestidos de Alana se converteram em meia dúzia, dois casacos, uma capa forrada de camurça, um par de sapatos de dança, várias botas de cano longo e alguns complementos.

Cada vez que Colbert escolhia algo, ela se recusava, mas a costureira, vendo uma boa fonte de rendimento, não parou de mostrar catálogos e texturas de diferentes classes.

— Seu marido é muito generoso, senhora Wakefield - elogiou a costureira.

Alana olhou ao Colbert, que tinha escutado perfeitamente, embora fingisse estar observando com indiferença através da porta. Ia dizer-lhe que Colbert não era seu marido quando ele lhe adiantou:

— Minha doce esposa merece o melhor. Acredita que pode ter algo preparado para amanhã à tarde? — Colbert se aproximou de Alana e lhe rodeou a cintura de maneira muito íntima. — Amanhã vamos sair para patinar e eu gostaria que usasse algo novo.

— Me deixe ver. — A mulher abriu um grosso livro, repassando-o.

Alana olhou ao Colbert, que ainda a tinha agarrada, e franziu os lábios com desgosto.

— Importar-se-ia de deixar de ser tão amoroso? — Sussurrou-lhe, nervosa. Sentia seu braço quente sobre sua cintura.

A mulher levantou a cabeça para observá-la.

— Como diz?

Alana lhe deu de presente um bonito sorriso enquanto pisava no pé de Colbert com força.

— Não... nada, estava falando com meu marido.

Colbert a soltou afogando um gemido que Alana escutou junto ao seu ouvido com total nitidez. Sorriu, satisfeita.

Capítulo 20

— Por que disse à costureira que somos... casados? — Recriminou Alana ao sair do local.

Colbert encolheu os ombros com indiferença.

— Supus que era o mais prudente. Não tinha plano de lhe contar nossa árvore genealógica. Por certo, por que me pisou? Sabe que mesmo parecendo fraquinha tem bastante força?

— É um descarado, Colbert — respondeu muito nervosa. — Além disso, eu não gosto que mude de conversa como se eu fosse estúpida.

Ele, divertido, soltou uma risadinha baixa.

— Fica linda cada vez que se zanga.

Alana se voltou para ele, atônita, adulada e um pouco zangada, mas antes de dizer qualquer coisa foi interrompida pela voz rouca e áspera de um homem.

— Boa tarde, *Lorde Iron*.

Colbert se esticou de repente e com olhos entrecerrados observou atentamente o recém-chegado ao mesmo tempo que agarrava Alana pela cintura, desta vez sem nenhum olhar, e a colocava atrás de suas costas.

Ela não tinha esperado e encerrou entre seus dedos uma porção da jaqueta de Colbert, disposta a lhe recriminar de

novo. Seu sexto sentido a obrigou a guardar silêncio ante a situação. Um calafrio percorreu sua coluna vertebral ao mesmo tempo que parecia que tudo ao seu redor se detinha. Como em um segundo plano ficaram os veículos que circulavam pelo meio-fio, que a essas horas tinham diminuído. Também os transeuntes eram escassos. A rua se via meio vazia sob o céu cinzento que cobria a cidade.

Alana teve que mostrar a cabeça pelo lado esquerdo do ombro de Colbert para poder ver quem era o cavalheiro que os tinha detido. O tipo vestia-se de roupa escura, da cabeça aos pés, com um elegante traje de corte moderno, cartola e bengala com punho de prata esculpida. Ficou vermelha quando ele a estudou com um sorriso malicioso em sua boca de lábios finos.

— Não se encontra um pouco longe de seu lar? — Perguntou Colbert em tom frio. — Este era o último lugar onde esperava lhe ver, visconde de Lancaster.

Alana não podia ver o rosto de Colbert, só escutava sua voz, sentia a rigidez de seu braço sob seus dedos… a maneira em que seu corpo se assemelhava ao de um tigre esperando mostrar as garras de um momento para o outro. O conjunto das condições lhe causou pavor.

— Penso que lhe surpreendi com minha presença, *Lorde Iron*.

— Assim é e lamento não poder me deter para conversar com você. Temo que estamos com pressa, e breve pode explodir uma tormenta.

O visconde levantou os olhos ao céu e, seguidamente, olhou ao Colbert. O vento empurrava grossas e escuras nuvens

com velocidade, e todo o ambiente desprendia um latente aroma de umidade.

— Na Inglaterra o tempo está horroroso, mas sabe tão perfeitamente como eu que não vim para falar da temporada, de modo que não se faça de estúpido comigo.

Colbert puxou Alana para seguir caminhando, mas o visconde se moveu diante deles lhes impedindo de continuar.

— É melhor que se separem da via e tenha a bem nos deixar completar nosso trajeto — ameaçou Colbert em um sussurro glacial.

Alana tragou com dificuldade junto ao seu braço. Temia que os homens se encetassem em uma cruel briga e nem sequer sabia a que se devia tudo aquilo.

— Temos algo pendente, *Iron*, e posso jurar-lhe que não vou partir de Londres até não havê-lo solucionado.

— Você já disse isso. Esse algo pendente é entre nós, e como pode ver, neste momento, estou acompanhado por uma bela dama que não merece passar nenhum embaraço por nossa culpa. — Colbert baixou o olhar até o lenço de seu pescoço e o seguinte falou tão baixo que Alana não foi capaz de escutar: — se ela não estivesse aqui abriria-lhe a garganta com minhas próprias mãos.

O visconde encolheu os ombros e repassou com a vista a jovem. Pôs-se a rir quando Colbert cresceu interpondo-se com descaramento ante ele.

— O que ocorre, Colbert? — Perguntou ela com voz trémente querendo saber o que estava acontecendo e quem era aquele homem.

— Não ocorre nada, querida — respondeu brandamente. A olhou de esguelha e notou quão assustada estava. Um ligeiro sorriso se formou em seus lábios tentando tranquilizá-la, mas não alcançou os olhos. — O senhor Lyton e eu temos um assunto pendente, e como poderá notar, não nos compreendemos bem.

— Não se preocupe, senhora. *Lorde Iron* é um homem muito inteligente para cometer alguma imprudência em plena rua. — O visconde assinalou com a cabeça a dois tipos que estavam situados atrás dele a curta distância, ambos com pinta de valentões. Se Colbert e Alana não os tinham visto até esse momento era porque ficaram na retaguarda como simples olheiros. Agora, entretanto, suas presenças eram inconfundíveis, um deles tinha a mão metida no interior da jaqueta, junto ao peito, o que indicava que ia armado. Certamente o outro também. Não precisava ver as pistolas para saber.

— Já me parecia estranho lhe ver só — disse Colbert.

O visconde tirou um cartão do bolso de seu casaco.

— Será melhor que vá aqui.

Colbert olhou a direção com o cenho franzido. Tratava-se de um lugar próximo ao Plymouth, onde se desatavam conflitos quase todos os dias.

— Aloja-se no *Drake Golden*? — Zombou Colbert. — Não é um pouco modesto para você?

— Não sei. Certamente você sabe melhor que eu. Ultimamente me vejo obrigado a estar em certos lugares que me aborrece. — Olhou ao seu redor como se abrangesse toda a

cidade e fingiu estremecer-se de aversão. — Lhe espero lá digamos que... esta noite, ou... amanhã. O que lhe parece amanhã?

— Não, obrigado — Colbert rejeitou o convite.

— Não aceito nenhuma negativa! — Respondeu o visconde perdendo pela primeira vez as maneiras. — Será melhor isso do que eu ter que sair para lhe buscar, não crê?

Colbert ficou em silêncio uns segundos para depois dizer:

— Na *Dama Branca*, na sexta-feira à noite.

O visconde assentiu.

— Assim será então, *Iron*. Na sexta-feira à noite. — Tocou ligeiramente a aba de seu chapéu. — Senhora, lamento muito que tenhamos nos conhecido assim, meu nome é Edward Lyton, visconde de Lancaster. *Iron* é um trapaceiro que teme que lhe roube a sua formosa dama.

Alana o olhou com receio e só conseguiu assentir com a cabeça.

— Vá, visconde — amaldiçoou Colbert, segurando com força a cintura de Alana.

— Até sexta-feira — respondeu Edward. Colocou-se ao lado para que o casal passasse e os viu deter um coche de aluguel e meter-se com pressa em seu interior.

Colbert não deu a direção correta ao condutor e começaram a dar voltas pela cidade.

— Quem é esse homem? — Quis saber Alana, assustada.

— Curiosidade?

— Você também a sentiria se estivesse em minha situação. Quem é esse visconde?

Os olhos de Colbert adquiriram um brilho frio e perigoso.

— Um porco! — Explodiu apalpando seu bolso esquerdo. Tirou uma pequena pistola e depois de olhar que estivesse carregada, voltou a guarda-la. — Um desgraçado que devia ter matado em Paris quando tive a oportunidade! Maldito seja! — Bramou furioso. Em um arrebatamento golpeou com ferocidade a porta do veículo. Rachou a madeira e seu punho começou a sangrar ao cravar-se várias lascas.

Alana deu um pequeno salto, assustada pelo impacto. O cocheiro abriu a portinhola observando-os carrancudo.

— Não acontece nada, — respondeu ela à sua muda pergunta — pagaremos o custo da porta.

O condutor retornou ao seu lugar resmungando baixo e calculando mentalmente o preço.

Colbert a olhou.

— Sinto muito, Alana — disse com profundo pesar. Colocou um dedo sob o queixo da jovem e lhe elevou a cabeça. — Sinto não haver me controlado ante ti.

Ela assentiu, preocupada, e lhe buscou a mão tratando de ver o dano que se produziu. Ele se mostrou resistente a deixá-la fazer.

— Me deixe ver, Colbert.

— Não é nada.

— Me deixe vê-lo! — Insistiu ela. — Não seja tolo, não vou te machucar!

Colbert cheirava seu medo, via o temor em seus olhos verdes, a angústia. Entregou-lhe a mão para que ficasse mais calma, e ela tomou-a com muita doçura, como se se tivesse

tratado de qualquer um dos gêmeos. Era a primeira vez que alguém parecia preocupar-se com ele, e isso o fez vulnerável.

— Por que te chamou de *Lorde Iron*? — Perguntou ela sem apartar os olhos de sua mão ensanguentada.

Ele agitou a cabeça sem lhe responder.

— O que é que tem que arrumar? — Apressou-se limpando com a parte interior de sua saia. Fez-se vários cortes que não pareciam muito profundos.

Colbert continuou calado, seguindo seus movimentos com a vista.

— Preciso saber — implorou Alana com um nó na garganta. — Agora forma parte da nossa família, e por alguma estranha razão sinto-me no meio de tudo isto.

Aquelas palavras lhe chegaram ao coração, mais ainda provindo dela.

— Não vai gostar, Alana — lhe disse com um forte suspiro.

— Tenta, Colbert. Sei parte de seu passado, um pouco mais não acredito que vá ter muita importância a estas alturas.

Ela estava fazendo um esforço sobre-humano para não aparentar o horror que havia sentido segundos antes, quando pensou que podiam pegar-se a golpes no meio da rua. Uma preocupação que a ele não podia ocultar. Tremia-lhe ligeiramente o lábio inferior e as mãos. Lia em seus olhos verdes a angústia, e isso o enfureceu mais que as silenciosas ameaças de Edward Lyton.

— De acordo, mas já te disse que não vai gostar.

— Estou preparada.

Colbert apoiou a cabeça no respaldo do assento, com a

vista à frente.

— Na Europa me conhecem pelo apelido de *Lorde Iron*, daí que esse tipo me chamasse assim.

Colbert guardou silêncio, e Alana esperou com paciência. De repente deu-se conta que ele não pensava falar mais e o golpeou com o cotovelo.

— Colbert!

— Bem... eu te adverti. Em Paris conheci uma mulher, a viscondessa de Lancaster, esposa deste homem. Seu matrimônio já estava mal antes de conhecê-la e ambos viviam separados. Era de domínio público que ambos se odiavam e não se suportavam.

— Era sua amante?

— Como? — Sem mudar de posição olhou-a confuso. Negou ligeiramente com a cabeça. Alana tinha os olhos baixos e seguia limpando o sangue de sua mão. — Não era minha amante — disse. Soube que não lhe acreditava e curvou o lábio com desgosto. — Alana, me olhe. — Ela o obedeceu. Suas bochechas estavam vermelhas. — Não era minha amante. Dorine tinha os mesmos gostos que eu. Sentia inclinação pelo gênero feminino.

Os olhos de Alana pareceram sair de suas órbitas ao entender o significado do que havia dito.

— Mas acaba de dizer que estava casada!

— Entretanto ela adorava as mulheres, e eu tinha um lugar onde podia encontrá-las facilmente.

— Tinha um... um... prostíbulo? — Perguntou em voz baixa. Embora não conhecesse o cocheiro, não queria que ele a

escutasse falar dessas coisas.

Colbert pensava que estava deliciosa com cada gesto que fazia e teve que refrear-se para não se apoderar da gloriosa boca de lábios vermelhos e saboreá-la com prazer. Nada o impedia, exceto sua maldita honra e a ameaça de Edward Lyton.

— Antes tinha.

Alana assentiu olhando-o boquiaberta, espectadora, com a mão dele esquecida sobre o regaço.

— Entre a viscondessa e eu surgiu uma amizade. Confessou-me que seu marido a tinha enganado ao casar-se com ela por sua fortuna. Ele mal tinha onde cair morto, mas Dorine lutou por sua liberdade, ofereceu-lhe tudo o que tinha, exceto uma linda vila em Bois do Boulogne. É óbvio, Edward se negou, ele queria essa propriedade, como deveria.

— Dorine suspeitava que seu marido confabulava um plano para acabar com sua vida e assim herdar tudo. — Fez uma pausa curta. — Um dia, Dorine chegou ao clube... — encolheu os ombros — ... e me ofereceu a casa em troca de muito pouco dinheiro. Todo seu afã era que esse homem não ficasse com ela. — Aspirou com força. — Finalmente assassinou-a e as autoridades não puderam provar nada. Ela sofria do coração e todos pensamos que tinha morrido disso, em troca, foi ele quem acabou com ela.

— Isso é horrível! — Murmurou Alana, escutando a história com espanto. — Quando essa mulher morreu a casa já era sua?

— Sim, e a última vontade de Dorine foi que ele não se apoderasse nunca dela.

— É isso o que quer? Deseja comprá-la?

— Não. A casa não é minha. Naquela época coincidiu que recebi a carta de Hellen me notificando sobre Jhon. -Apertou os lábios até deixá-los brancos. — Repassei a propriedade ao barão, um de seus piores inimigos. Foi então que decidi começar uma vida nova aqui com vocês. Não pensei que Lyton seria tão estúpido para vir me procurar.

— Mas o que é que ele quer?

Colbert deu um sorriso quebrado.

— Suponho que vingar-se. — Encolheu os ombros, despreocupado. — Mas isto não tem nada a ver com você, Alana, nem sequer quero que pense nisso.

Ela estremeceu. Como era possível que ele não sentisse nenhum pingo de medo?

— Colbert, não pensa em ir a esse encontro, não é? — Perguntou-lhe com o rosto alterado.

Voltou-se para ela. Não desejava ver aquela preocupação em seus olhos inocentes.

— Não vai acontecer-me nada, Alana. A *Dama Branca* é o melhor lugar para o encontro. O local pertence ao *Demônio russo,* Seth Presley, e na sexta-feira chegarão Paddy e outros.

Ela o olhou com o cenho franzido.

— Outros?

— São todos amigos de confiança, e na *Dama Branca* Edward não poderá nos preparar nenhuma emboscada.

— Esse homem não vai se meter na boca do lobo, Colbert.

— Eu não o faria, mas ninguém sabe o que pode passar pela cabeça de um insensato como ele.

— E se te acontece algo?

— No caso de ser assim, tanto Seth como Paddy conhecem os meus desejos. — Retirou-lhe uma mecha de cabelo que caía solto por sua bochecha e o levou para trás da orelha, fascinado com seu tato. Teria dado qualquer coisa para que Alana não presenciasse aquele encontro, que não se inteirasse jamais do acontecido. — Hellen e você ficarão em uma boa situação.

— Mas isso é uma loucura, Colbert! Além disso, não se trata do que nos deixe ou não — exclamou ofendida. — Sua vida é muito mais importante que tudo isso.

Ele apartou seu olhar dela e se endireitou no assento retirando a mão de seu regaço. Tirou um lenço do bolso da jaqueta, pressionando-o sobre sua palma.

— É algo que tenho que fazer — repetiu com voz dura. Nem ela nem ninguém podiam convencê-lo do contrário. Não era nenhum covarde e quanto mais cedo resolvesse o assunto com o visconde, muito melhor para todos. Agora existia um novo problema, ela. Edward os havia visto juntos e se não era tolo, que Colbert não acreditava absolutamente, teria visto quão importante era Alana para ele. Não ia permitir que ocorresse nada mau à sua família. Não pensava deixar que as coisas chegassem mais longe.

— É um cabeça dura, Colbert! Seguramente há outro modo de solucionar as coisas.

— Olhe, anjo, eu só sei reparar as coisas assim. Confio no *Demônio* e em meus homens, e isso é algo que você não pode entender. Hellen e Jhon quiseram te afastar todo o possível das coisas más da vida, assim como aos gêmeos. Isso é algo muito

admirável por sua parte, de verdade, por isso vou dar um conselho: se limite a ficar calada e a se comportar bem. Deixa estas coisas para os que sabem.

— Você é exasperante! — Resmungou afastando-se dele.

— Espero que essa seja sua última palavra sobre este tema.

— É, porque não vejo modo de te fazer compreender. Não quer escutar.

— Em todos esses anos não necessitei da ajuda de ninguém para resolver meus problemas. O que te faz pensar que necessito da ajuda de uma garotinha mimada para sair desta?

De repente Alana não entendeu por que Colbert a feria daquela maneira. Só tinha pretendido apoiá-lo e lhe brindar com sua ajuda. Longe de sentir pena ou cair no choro, que era o que de verdade desejava, olhou-o com uma raiva infinita.

— Na verdade desejo que jamais necessite da minha ajuda, porque te juro que se um dia te ver agonizando no meio de um caminho tortuoso, longe de te ajudar, poria minha bota no seu pescoço para que não se levantasse.

Colbert soltou um suspiro cansado e olhou para o outro lado. Ali, onde ela não podia vê-lo, apertou os lábios contendo um sorriso. Era assim que queria vê-la, briguenta, zangada. Preferia mil vezes vê-la zangada que senti-la preocupada, e nesse momento, ela fervia de fúria. Ou isso acreditava.



Edward Lyton, visconde de Lancaster, não ia se deixar enganar de novo. A forma como *Lorde Iron* tinha tentado esconder a mulher provocou certa intriga sobre sua identidade. E qual não foi sua surpresa quando a amável costureira lhe confirmou que a senhora Wakefield era a esposa de *Iron*. Já podia esfregar as mãos com sua iminente vingança. Estava seguro que Iron ia desejar não havê-lo conhecido em sua miserável vida.

— Aqui tem, milorde. Esta é a direção onde devo enviar os pedidos. Não são um casal encantador?

— Encantador — murmurou, guardando zelosamente o pedaço de papel em seu bolso.

Desta vez saldariam suas contas de uma vez por todas.

Capítulo 21

Era totalmente impossível fingir que não tinha acontecido nada, que não tinha descoberto quão descarado tinha sido Colbert… em Paris.

«Não, — se corrigiu Alana — esse não tinha sido Colbert, e sim um ser desconhecido chamado Lorde Iron».

A quem pretendia mentir? Ambos eram a mesma pessoa.

Alana se benzeu pensando no pobre Jhon e em quão enganado tinha sido. Não queria nem pensar o que teria acontecido se soubesse a verdade. Mas agora, o mais importante e primordial, era que Hellen não suspeitasse de nada. Não obstante… que Colbert lhe pedisse que se esquecesse de tudo o que tinha vivido e escutado nessa tarde, era como lhe exigir que se esquecesse de falar.

Impossível! Não podia tirar da cabeça tudo o que lhe tinha contado.

Na manhã do dia seguinte, depois de haver passado a noite dando voltas no colchão, declinou o chá trocando-o por uma forte infusão que amenizasse seu nervoso. Justo esse dia era o previsto para sair com lorde Huntington para patinar e não estava em seu melhor momento. Em realidade, para sair com aquele homem, nenhum momento podia ser bom. O que

importava o ridículo homenzinho e todas as suas suspeitas quando Colbert estava ameaçado de morte?

Soltou um tremente suspiro e deixou que seus olhos viajassem através da janela sem ver nada em particular. Por que Colbert não deixava que o apoiasse nesta situação? Não era nenhuma menina tola e ingênua e tinha que haver algum modo de poder ajudá-lo!

— Entregou-me um novelo de lã e crê que com isto vai me manter distraída — sussurrou pesarosa. Passou as mãos pelos olhos retirando a umidade deles. Sempre tinha sabido que Colbert era alguém… especial. Sua forma de atuar, de mover-se… recordou o dia que o viu entrar na estalagem envolto naquele ar de autossuficiência, de ter controle sobre tudo o que o rodeava. Não importava a roupa que usasse. Era um tipo perturbador a quem o orgulho não lhe permitia ver além de seus olhos prateados.

Sem pensar Alana se separou da janela e soltou um breve aplauso. Que bom ator era. Surpreendente! Tinha conseguido enganar Hellen e os meninos e, sobretudo, a ela. Como era possível ter se apaixonado por uma pessoa assim?

— Porque me fixei em seu lado encantador e divertido e não vi… o farsante e insensível que é — respondeu enfrentando a si mesma no espelho da penteadeira. — E como faço para te tirar daqui? — Golpeou-se o peito com os nódulos. — Sei que não devo te amar e, entretanto…, não posso deixar de fazê-lo. Maldito seja, Colbert, *Iron* ou como demônios realmente se chame!

Deixou-se cair na cadeira e se observou atentamente.

— Estou tão aborrecida com minha existência que preciso passar por esta aventura? — Perguntou-se contrariada. Por um momento fechou os olhos pensando no passado. Quão singela tinha sido sua vida junto à Hellen e aos meninos até o momento que ele chegou! Era como se todo o seu mundo virasse de pernas para o ar de repente e… o desejasse.

Abriu seus olhos, e os círculos verdes do espelho lhe devolveram o olhar de maneira inflexível.

— Vou te mostrar que não sou nenhuma estúpida, Colbert Wakefield. — Sorriu com malícia. — Te entregarei de bandeja a informação de Huntington sem que você tenha que mover um dedo. Demonstrar-te-ei…

Uns golpes na porta a tiraram de seus pensamentos.

— É Noelle, senhorita. Trago uma encomenda da costureira.

Alana ficou em pé.

— Pode entrar.

A enorme caixa que a criada deixou sobre a cama serviu para acalmar um pouco sua ansiedade. Noelle exclamou admirada quando viu o vestido bordô de decote em V. Não era tão luxuoso para ir a um baile, mas muito elegante para patinar.

— É formoso!

— Sim, é — admitiu elogiando o gosto de Colbert. Esse era um dos modelos que ele tinha eleito. O pôs e ao ver-se coberta com ele sentiu de novo a sensação das grandes mãos em sua cintura, do amplo peito roçando suas costas e do aroma tão varonil que ele desprendia.

Como mordida por uma serpente, tirou-o de seus pensamentos. Agora conhecia muitas coisas dele que não teria gostado de saber.

Possuiu um prostíbulo! Queria chorar.

— Ocorre algo, senhorita? — Perguntou Noelle lhe recolhendo o cabelo sobre o cocuruto.

— Não, nada, nada. Estava pensando, isso é tudo. — E pensava que Colbert era bonito, de aparência agradável e não tinha nenhuma necessidade de enredar-se com... mulheres de má vida que podiam lhe contagiar com qualquer enfermidade venérea. Como tinha sido capaz de possuir um prostíbulo? — Noelle?

— Diga, senhorita.

— O que pensa dos homens que vão aos bordéis em busca de prostitutas?

Outra criada teria avermelhado, em troca Noelle estava acostumada às perguntas um tanto diretas de Alana.

— Não sei, senhorita. Isso deve ser algo normal, não?

— Ouvi que muitos o fazem, mas eu não gostaria que meu marido o fizesse nunca.

A criada encolheu os ombros sem deixar de formar cachos de cabelo e prendê-los com forquilhas.

— Você permitiria ao seu marido, Noelle?

— Não, nunca, mas porque eu algum dia me casarei por amor. Quando duas pessoas se casam por amor não precisam procurar outras coisas fora do matrimônio, à diferença das cerimônias arranjadas.

— Ah, não sabia!

— Também dizem que se um homem provar essas mulheres antes de casar-se, uma vez que contraia núpcias não sentirá desejos de voltar a vê-las porque é algo que já conhece.

— Dizem isso? — Elevando a cabeça olhou à Noelle.

— Você se preocupa em agradar seu marido e mantê-lo entretido e ele jamais lhe enganará a este respeito. O que lhe acontece, senhorita? Por que fala disso agora? Conheceu algum candidato para o matrimônio?

Alana voltou para sua posição.

— Não, ainda não. É só que me dei conta que há muitas coisas que não sei e que fazem com que eu pareça tola. Minha irmã me protegeu muito, não é?

— Pode ser. Levante bem a cabeça, senhorita Alana, vou prender estas últimas mechas.

A moça obedeceu, e desta vez sua mente retrocedeu à noite do pesadelo do Andy quando viu Colbert com o torso nu. A maneira fascinante em que os músculos que formavam seu peito, seus ombros e seus braços se contraíam e se ampliavam com cada movimento. Quão formosa era sua pele dourada brilhando com o resplendor do fogo que crepitava na lareira. Naquele tempo pôde apreciar a força que desprendia, a mesma com a qual virtualmente a tinha levantado para ocultá-la do vingativo visconde de Lancaster.

— Está pronta, senhorita. Está tão linda e… diferente.

Alana se olhou no espelho e seus olhos verdes se abriram com surpresa.

— Essa sou eu? — Inclinou-se para frente admirando o penteado.

— Como se vê?

Alana duvidou. Não sabia quão modesta ficaria se dizia o que na verdade pensava.

— Bonita — se atreveu a dizer.

Hellen ingressou agitando suas saias escuras. Seus lábios pintavam um sorriso esplendoroso. Ficou com a boca aberta parada na entrada.

— Lania!

Noelle se apartou e a moça ficou em pé olhando à sua irmã com as bochechas rosadas.

— Lania! Não posso acreditar! — Hellen deu umas voltas ao seu redor observando-a com orgulho. — É incrível! Está esplêndida!

Timidamente Alana roçou o cabelo sem poder evitar voltar seus olhos ao espelho para olhar-se de novo.

— É incrível o que Noelle fez com meu cabelo!

— Não é só seu cabelo, querida, é você! E a roupa! Como não me dei conta de tudo o que cresceu? — Hellen a olhou com carinho e Alana lhe deu de presente uma careta divertida.

— Não me diga que vai se pôr a chorar?

— Claro que não! — Desmentindo suas palavras, Hellen tirou um delicado lenço de renda da manga e o passou embaixo de um olho. — Está pronta, Lania? Colbert está esperando lá embaixo.

— Acredito que sim — respondeu.

— Esperem um momento. — Noelle colocou sobre a cabeça de Alana um bonito chapéu. Era um modelo singelo, pequeno, da mesma cor que a capa bege que descansava sobre a cadeira.

A moça não estava acostumada a usar chapéus. Sentia-se grotesca e extremamente desgostosa pensando que em qualquer momento podia cair. Mas Colbert o tinha eleito, e só por esse motivo ela queria usá-lo. *«Que tola! Não que ele tenha fingido gostar dela!»*, disse-se com um ligeiro formigamento na barriga. Estava desejando que ele a visse. Recolheu a capa e deixou que Hellen a arrastasse até o vestíbulo. Sua irmã estava totalmente emocionada, e Alana sabia, mais que intuía, que era por ir acompanhada de Colbert. Se ela soubesse…

Assim que desceu o último degrau da escada sentiu a presença de Colbert. Seu coração começou a ganhar velocidade e evitou olhá-lo diretamente para que Hellen não notasse quão turvada estava.

— Boa tarde, Alana — saudou ele interpondo-se em seu campo de visão, obrigando-a a olhá-lo. Estava muito bonito vestido com uma camisa de seda verde, colete e calções escuros. — Te assenta bem… o chapéu.

Ela estremeceu quando encontrou seus olhos. Observava-a com tal intensidade que sentiu que suas pernas se derretiam como manteiga. O rosto de Colbert expressava muitas coisas, mas entre elas, estupor e assombro. Nervosa, apartou a vista dele.

Hellen riu, alegre, e se apressou a lhe pôr a capa sobre os ombros.

— Não está linda, Colbert? Deveria usar mais chapéus e sair frequentemente.

— Tem razão, Hellen — murmurou ele sem poder apartar os olhos de Alana.

— Senhor Wakefield, — os interrompeu o mordomo com voz baixa — lorde Huntington acaba de chegar.

Todos voltaram o olhar ao senhor Drew, que observava pela janela como a carruagem se detinha em frente à porta.

Alana passou a língua pelos lábios em atitude nervosa e ofegou assustada.

— Vamos viajar no mesmo coche, não é? — Olhou à sua irmã com ansiedade e, com força, agarrou-a pela mão. — Não vou permitir que me deixem sozinha com ele.

— Não se preocupe, diremos ao nosso cocheiro que nos siga. Alana, — chamou Colbert com um ar preocupado — está bem?

Ela o olhou com as pupilas dilatadas e agitou a cabeça.

— Tenho muita vontade de sair correndo e me esconder no dormitório. Poderia lhe dizer que Andy passou mal e que eu deveria ficar.

— Os meninos estão no parque com Lucy — avisou Hellen colocando seu próprio casaco. — Tudo vai sair bem, já verá.

Alana lhe deu de presente uma careta carregada de desconfiança.

— Tem medo? — Perguntou-lhe Colbert apoiando a mão em seu ombro para chamar sua atenção.

Ela tragou com dificuldade e negou com a cabeça. Embora tivesse, não ia deixar que ele o visse. Tinha que lhe demonstrar que era totalmente capaz de adaptar-se a qualquer situação. Optou pela rebeldia que demonstrava constantemente.

— O que não sei é como vou aguentar sem mandar esse homem ao inferno, ou talvez decline por um murro na boca do

estômago. Pressinto que hoje vou ter muito pouca paciência.

Os olhos de Colbert relampejaram divertidos. Assim era como gostava de vê-la. Seria interessante contemplar como Alana desmoralizava o homem.

— Não seja muito dura com ele, ao menos até que consigamos averiguar o que queremos.

Alana assentiu soltando a mão de Hellen.

— Já está aqui — disse o mordomo segundos antes que golpeassem a porta.

Colbert deu sua permissão para deixá-lo entrar, e lorde Huntington abriu caminho até o centro do vestíbulo, onde o esperavam.

— Não me atrasei muito, não é? — Perguntou ao ver que todos já tinham o casaco posto. Estendeu a mão para Colbert. — É um prazer, senhor Wakefield, conhecê-lo enfim. Estou ditoso de que tenham aceito algum dos meus convites.

Alana olhou pela extremidade do olho a reação de Colbert ao ver a cara do Huntington. Pareceu-lhe ver que guardava um sorriso discreto em seu rosto sério.

— Não podíamos rejeitar, milorde, muito menos depois de descobrir a atenção que dispensou à minha cunhada todo este tempo.

Huntington assentiu tragando nervoso. Vestia uma casaca grossa com babados no peito e nos punhos. O objeto estava cheio de adornos dourados e retalhos de peles. Completava seu traje umas calças claras introduzidas em lustrosas botas de montar.

— Eu não pude deixar de me comportar assim. Fomos

vizinhos durante muitos anos. — Curvou os lábios em um sorriso nervoso. — Imagino que também lhe contou sobre minha ousadia ao lhe propor matrimônio.

— Assim é. Não posso culpá-lo disso, Hellen é uma mulher muito bela.

O lorde assentiu.

— Estou muito feliz de que esteja refazendo sua vida - expressou satisfeito.

Alana não quis olhar ao Colbert, embora pousou a vista em sua irmã com um sorriso doce.

— Por favor, milorde — disse Hellen notavelmente sobressaltada. — Já lhe disse que meu cunhado é um apoio muito grande, entretanto, a morte de meu marido ainda é muito recente para pensar nestas coisas.

— Querida, nove meses é bastante tempo já. Além disso, com a carga de sua irmã e de seus dois filhos…

— Para mim não são nenhuma carga, o asseguro!

Huntington girou à Alana, que o olhava contrariada.

— Surpreende-me, senhorita Sanders, sua beleza cresce a cada momento. Agora entendo perfeitamente aquele pobre moço que se crê fervorosamente apaixonado pela senhorita. Eu mesmo me encontro fascinado.

— Que jovem? — Quis saber Colbert olhando-a fixamente.

Ela respondeu tensa:

— O senhor Newton.

Colbert curvou as sobrancelhas com um estranho brilho em seus olhos cinzas.

— O arquiteto?

Alana assentiu com a cabeça, chateada. Nesse momento ele a olhava de uma forma tão estranha que a incomodou. Podia ser que ele não visse seus atributos, mas estava claro que outros o faziam. Demasiadamente absorta em seus pensamentos não percebeu que o que Colbert sentia nesse momento eram ciúmes.

— Eu não sabia que o senhor Newton tinha um interesse especial por você — comentou, mordaz.

— Bastante diria eu — intercalou Huntington com presunção. — Ao que parece o homem está tendo ilusões.

«Por que lorde Huntington tinha que tirar esse tema?», perguntou-se Alana. Estava criando uma tensão desnecessária entre todos. O rosto de Colbert se tornou duro, e um músculo nervoso pulsava em sua bochecha.

— Ilusões infundadas — advertiu ela, em tom seco, dirigindo-se exclusivamente ao lorde.

— É óbvio, eu só espero que o homem perca seu tempo — admitiu Huntington com expressão risonha.

Alana não foi suficientemente rápida em responder. Com ímpeto o homem girou para Hellen com uma leve reverência, recordando de repente sua boa educação.

— Me permita lhe dizer que está maravilhosa. Está mudada, muito mais fortalecida que da última vez que nos vimos.

Enquanto o homem e Hellen se saudavam, Colbert dirigiu sua atenção à Alana, observando-a com o cenho franzido como se esperasse alguma explicação sobre o amor do senhor Newton. Pela forma de examiná-la qualquer um diria que era

de sua propriedade.

— Por que me olha assim? — Recriminou lhe zangada.

Colbert encolheu os ombros com mau humor.

— Quando esse homem se pôs em contato contigo?

— Nunca — respondeu observando de soslaio Hellen e Huntington. — O próprio arquiteto perguntou ao lorde por mim. Foi ele quem me disse que Newton está interessado. — Encolheu os ombros com uma risadinha travessa que pretendeu ser maliciosa. — Tão difícil te resulta acreditar que alguém possa gostar de mim?

Não lhe respondeu, preferindo guardar para si um sem-fim de motivos pelos quais ela não podia fixar-se no Newton. Com uma careta zombeteira seus olhos cinzas a repassaram de cima a baixo um par de vezes, com lascívia, entretendo-se sobretudo nos seios, com descaramento. Seu plano era envergonhá-la e fazê-la sentir o que um homem desejava dela e sorriu satisfeito quando as delicadas maçãs do rosto dela se avermelharam.

Alana tragou o nó que lhe formou na garganta ao ver-se estudada daquela maneira. Foi como se seus olhos a tivessem inventariado mentalmente. O que não soube era se tinha gostado do que viu. Lhe deu vontade de perguntar, mas Colbert poderia confundir com presunção e vaidade. Ela não era nenhuma das duas coisas. Ao menos não era até aquela data.

Para não cometer nenhuma imprudência, como lhe chutar as canelas ou lhe soltar uma ofensa diante dos outros, baixou o olhar e fingiu tirar bolinhas imaginárias de sua capa. Colbert tinha obtido que lhe acelerasse o pulso até limites inesperados.

Lorde Huntington lhe estendeu o braço.

— Está pronta para passar uma tarde inesquecível?

Ela assentiu sem atrever-se a olhar os seus companheiros, e abriram a marcha até o coche. Pelo menos começavam a mover-se, e era um alívio poder romper toda aquela tensão. Pensou que a viagem a acalmaria o suficiente para poder agir com tranquilidade.

No coche, lorde Huntington se sentou extremamente perto de Alana, tanto que suas pernas se roçaram faltando ao decoro.

— Tenho um pequeno problema no joelho e devo ficar na posição que me sinto melhor — se obrigou a dizer o homem quando a jovem o admoestou com o olhar. — Espero que vá cômoda.

Alana se esmagou tudo o que pôde contra a porta. Ele ocupava grande parte do assento com as pernas abertas e mostrando a maior parte de suas calças.

Hellen entrou detendo-se somente um instante. Ruborizou-se ao sentar-se em frente a ele e procurou com ânsia o olhar de Alana que, vermelha como o tomate, mantinha os lábios franzidos com desagrado. Colbert seguiu a sua cunhada e percebeu em seguida a confusão das damas.

— Alana, sente-se junto à sua irmã. Eu ficarei melhor com lorde Huntington.

A jovem o olhou duvidosa. Não sabia se preferia seguir onde estava ou observando a desagradável protuberância do mal-educado Huntington. Colbert nem sequer a deixou pensar. Puxou-a pela mão e a ajudou a trocar de lugar. Logo, com suas próprias pernas, fechou um pouco as de Huntington. Suficiente

para ocultar aquilo dos olhos femininos.

O lorde se removeu, incômodo, e optou por fechar a casaca sobre suas pernas.

— Se tiver um problema não poderá patinar, não é, milorde? — Perguntou Alana com voz muito esperançada ainda que só para ela. Ao falar chegou até ela uma potente fragrância masculina com uma mescla de almíscar que nada tinha a ver com a colônia que Colbert usava. O mesmo aroma flutuava no sobrecarregado coche de assentos azuis com cortinas combinando. Todo o chão se achava acarpetado em negro, assim como as paredes. A janela que comunicava com o cocheiro consistia em umas pequenas portas duplas douradas, e em um canto pendurava uma lanterna, também simulando ser de ouro. Era tão lúgubre e escuro que serviria perfeitamente como carro fúnebre.

Tossiu meio asfixiada. Se pudesse teria ordenado que abrissem as janelas, mas fazia muito frio no exterior.

— Vou tentar, não acredito na senhorita — disse ele. — Quando era jovem, mais jovem que agora, — riu por sua própria piada — fui um bom patinador, a senhorita sabe patinar, senhorita Sanders?

— Defendo-me um pouco — respondeu. Era mentira. Não conseguia dar nem dois passos sem agarrar-se a alguém, mas certamente teria sido uma loucura confessar isso ao Huntington. Só de pensar naquelas mãos tocando-a, simulando ajudá-la, sentia seu estômago revolver-se. — Andy e Willy me ensinam quando vamos.

— Estupendo! Vai ser muito divertido!

Disso Alana não tinha nenhuma dúvida. O homem parecia um palhaço de feira e com toda segurança seria o bobo da pista.

Capítulo 22

Embora o trajeto para as pistas de gelo fosse curto, Alana seguia acreditando que era muito longo para poder baixar-se e tomar um pouco de fôlego fresco. O ambiente no interior do coche era tão asfixiante como escutar as argumentações de Huntington, que ao que parecia sabia de todos os temas e não havia nada que não entendesse.

— É um homem agourento — chegou a sussurrar Alana com impaciência junto ao ouvido de sua irmã. Hellen tinha oculto um sorriso atrás do punho de pele da manga de seu casaco, assentindo em silêncio.

Atravessaram a avenida principal, que era mais larga que todas as ruas adjacentes e que estava flanqueada por comércios e moradias de uma e duas plantas. Alguns estabelecimentos pareciam bastante sofisticados. O céu estava carregado de nuvens, mas ao menos não chovia nem nevava. O vento, embora frio, era bastante moderado, por isso era um dia ideal para patinar.

— Esta é uma das zonas mais visitadas de Londres. Houve uma época em que os caminhos de Hyde Park estavam completamente acessíveis aos veículos, mas faz alguns anos que se reformaram boa partes dele — explicou Colbert.

— Antes havia muito menos vigilância e os bandidos apostavam em cada esquina para poder roubar os pobres viajantes — apostilou Huntington com um sorriso presunçoso. — Graças ao céu estamos acabando com a corrupção deste país em decadência.

— O senhor disse em decadência?

— Sim, senhor Wakefield. Os dias de glória de Londres terminaram antes que entrássemos em conflito com o senhor Bonaparte. Aqueles foram anos prósperos, onde bem se podia distinguir a nobreza do proletariado…

— Prósperos para assassinos e ladrões, talvez. O resto dos cidadãos foram sangrados para pagar impostos…

Alana não quis seguir prestando atenção à conversa. Era óbvio que os homens não compartilhavam do mesmo ponto de vista. O certo era que nenhum deles parecia ter nada afim. Eram tão diferentes como a noite do dia.

Ia tão distraída pensando em suas coisas, que demorou um pouco em dar-se conta que o coche se deteve. No exterior foram recebidos pelo barulho que formava uma fila para comprar uns sanduíches que cheiravam muito bem. Alana se permitiu respirar o ar com força, agradecida pela súbita mudança. Um momento mais e teria acabado desmaiando. Hellen deve ter pensado o mesmo, porque suspirou aliviada assim que pôs os pés no chão. Ambas as irmãs intercambiaram olhares mal dissimuladas.

— Tenho a sensação de acabar de sair de um armário antigo — Alana murmurou à Hellen.

— Antigo e abandonado. É como se tivesse caído em uma

pestilenta tina de azeite de rícino antes de vir. Sorte que chegamos sãs e salvas.

— Pelo menos você está contente.

— Você também deveria desfrutar, Lania. Vamos aproveitar o dia e passá-lo bem.

Alana franziu o cenho observando como o lorde passava as mãos pela casaca liberando-a das rugas que se formaram no caminho.

— Não sei se será possível.

— Tenta-o.

Colbert se aproximou delas com galanteria e lhes ofereceu os braços. Encaminhou-as para uma das pistas escolhendo uns assentos próximos à cerca e a uma das entradas do recinto. Haviam várias mais ao longo do retângulo artificial que formava a pista de gelo, mas naquela parte se concentrava menos gente.

Alana em seguida se contagiou pelo ambiente festivo. Cheirava a castanhas assadas, a chocolate quente e a doces de canela. Os patinadores deslizavam com movimentos graciosos, mostrando suas habilidosas piruetas, e outros aprendiam ajudados por seus companheiros enquanto lutavam para não cair sobre o piso frio. As risadas e uma suave melodia flutuavam animando o lugar.

Quando os homens ficaram acomodados com umas suaves mantas sobre seus regaços, Colbert as animou para que saíssem à pista enquanto eles ficavam conversando. As moças não se fizeram de rogadas, e Hellen puxou Alana para colocar os patins.

— Por favor, — rogou Alana à sua irmã — espero que o dia nos faça curto. Não suporto mais seus olhares de espertalhão e o aroma tão nauseabundo. É possível que vomite antes de chegar em casa.

— Sei, está demonstrando ter muita paciência, querida. Acredito que os dois estão demonstrando.

— Os dois?

— Faz uns minutos pensei que Colbert ia se lançar ao seu pescoço.

— Devia fazê-lo — murmurou. — Esse homem é insuportável. Alguém tinha que lhe dar um prêmio por ser a pessoa mais estúpida do planeta Terra.

Hellen soltou uma gargalhada.

— Alegra-me ver que não perdeu o senso de humor. Se esqueça um pouco dele. — Segurou sua mão ajudando-a a levantar-se. — Vamos patinar.

— Hellen, crê que o volume de suas calças é de verdade?

— Lania! — Exclamou cobrindo a boca com uma mão enluvada. Ambas voltaram a rir.

— É uma pena que os gêmeos não estejam aqui. Seguramente eles teriam um ótimo momento.

— Podemos voltar outro dia com eles. Não te parece? — Disse Hellen adiantando-se a entrar pelo vão pequeno que fazia as vezes de porta.

Por um breve momento Alana pensou que devia ser antes da sexta-feira. Mais tarde Colbert… talvez não seguisse com vida. Com velocidade apartou esses pensamentos de sua cabeça. Sua irmã tinha razão, devia tentar passar um bom

momento.

A maneira em que Hellen patinava era invejável, tinha vivido ali antes de casar-se e ela e Jhon tinham patinado muitas vezes. Em troca Alana era patética dando passos curtos de uma esquina a outra esperando afiançar uma confiança que não chegava. Como não queria estorvar a sua irmã, insistiu que a deixasse sozinha.

— Não se preocupe por mim, Hellen, prefiro estar perto do muro se por acaso tiver que me sustentar e olhar os outros. Hoje faz um dia estupendo para estar fora de casa.

— De acordo, de todos os modos estarei por aqui, e se necessitar de algo não tem mais que me avisar. Sorria, Lania, possivelmente seu príncipe azul esteja por aqui.

Alana a viu impulsionar-se com graciosos movimentos para o centro da pista. Com seu casaco branco com pele nos punhos e no pescoço de cor celeste se assemelhava a um elegante anjo deslizando sobre nuvens. Ela desejou fazer o mesmo e possivelmente se lançaria totalmente se o olhar prateado de Colbert, seu secreto príncipe azul, junto ao do Huntington, não estivesse seguindo-a fixamente. Ela mesma ia além deles. Por uma parte por temor a que o lorde decidisse unir-se, e por outra, porque não havia homem mais bonito em todos os arredores que Colbert. O muito condenado, mesmo sem fazer nada, chamava a atenção de todas as mulheres que estavam ali.

Depois de uns breves passeios Alana se agarrou com força à barreira e se deteve para admirar o resto dos patinadores. Estava contente de ver a sua irmã desfrutar. Tinha pensado

que nunca mais o faria. A morte de Jhon a tinha deixado completamente deprimida e vê-la sorrir de novo era algo incrível.

— Vai entrar na pista — escutou Colbert dizer atrás dela.

Girou-se sobressaltada. Ele tinha a cabeça muito perto da sua e sentia seu fôlego sobre a bochecha.

— Huntington vai entrar na pista — repetiu ele.

Alana seguiu seu olhar com olhos entrecerrados e gemeu.

— Me diga que conseguiu lhe surrupiar algo, por favor.

Colbert arqueou suas escuras sobrancelhas e seus olhos cinzas a olharam com calidez.

— Não tive muito tempo.

— Colbert, entra aqui — rogou lhe agarrando uma mão.

Ele agitou a cabeça.

— Não sei patinar, já falamos sobre isso no outro dia.

— Faz por mim.

— Não me ponha essa cara, Alana, não vou deixar que me convença. — Escapou dela.

— Se não o fizer juro-te que abro a cabeça do Huntington com as lâminas das botas.

Colbert soltou um grunhido, sabia que era capaz de cumprir sua ameaça.

— Maldita seja, Alana! Não posso fazê-lo, não tenho nem ideia. Corre, ainda está em tempo de sair. Finge algo.

— Colbert, me deve isso — recriminou furiosa. Huntington estava preparado para entrar.

— Não te devo nada, doçura. Está se comportando como uma menina!

— Não estou! — Defendeu-se com rapidez

— Ah, não? — Colbert sorriu mordendo o lábio inferior com ironia. Pela extremidade do olho viu o lorde atravessar a pequena entrada. — Te aconselho a se mover.

Alana soprou e elevou a cabeça procurando Hellen entre as pessoas. Viu-a e com desespero começou a lhe fazer gestos para que se aproximasse. Assim que chegou explicou-lhe as intenções de Huntington.

— Me dê a mão, levar-te-ei a dar um passeio. Não se preocupe, não permitirei que caia, simplesmente se deixe levar.

Quando Hellen patinava sozinha, o fazia fenomenal, em troca, carregando-a eram torpes e lentas. Mesmo assim conseguiram dar um par de voltas antes que o lorde as interceptasse. No mesmo momento que ele ficou em frente a elas, foram conscientes de haverem se convertido de repente no centro das atenções. As chamativas roupas do homem eram como vagalumes na noite, atraíam o olhar dos assistentes com sorrisos que alguns nem sequer tentavam ocultar.

— Ah, vá, estão aqui! Dava-me a impressão de que fugiam de mim.

— Você é um brincalhão, milorde! — Hellen riu querendo abrir passo junto a ele. Lorde Huntington as deteve com uma mão em alto.

— Me deixe, senhora Wakefield, eu guiarei a linda senhorita Sanders sobre o gelo. Prometo-lhe que comigo estará segura.

Alana se agarrou mais forte à mão de Hellen, negando-se a lhe soltar, e replicou:

— Não se incomode, milorde, com minha irmã estou estupendamente bem.

— Seriamente, não é nenhum aborrecimento, e mais, desejo-o fervorosamente. Será agradável passarmos um momento… juntos.

Alana estremeceu pelo significado implícito de suas palavras. Hellen puxou-a para um lado.

— Eu anseio levá-la, milorde.

Huntington segurou a mão livre da jovem Sanders, empurrando em sentido contrário.

— Pode provar me chamar de Stephen, em privado, é óbvio.

Alana lhe implorou com angústia.

— Por favor, milorde, está me prejudicando! Me solte ou cairei!

Nem Hellen nem Huntington queriam dar seu braço a torcer e cada um puxava-a como se lutassem por uma apreciada posse. Alana notou que pela inércia começava a perder o pé e a escorregar incontrolavelmente. Soltou um grito ante o iminente perigo de desabar. Um grupo de pessoas tentaram esquivá-los, e Hellen se viu na necessidade de soltá-la antes que desencadeasse uma queda entre os assistentes.

O lorde girou à Alana justo quando já se via caída no frio e duro gelo. Ela sentiu como a abraçava contra seu corpo e uma de suas mãos gordas pousava escandalosamente sobre seu traseiro, cravando os dedos em sua tenra carne. Então Alana voltou a gritar:

— Milorde! — Empurrou-o pelo peito tentado apartá-lo. Os

olhos verdes o fulminaram com raiva. — Me libere agora mesmo!

Alguém mais se uniu a eles rodeando a estreita cintura de Alana com força. Incômoda e assustada, sentindo-se esmagada entre dois corpos, tentou escapar de tantos braços, mas se deteve ao escutar a voz seca e áspera de Colbert muito perto de sua orelha.

— Solte-a neste mesmo instante, Huntington.

O lorde, que não tinha esperado ver Colbert ali, balbuciou uma desculpa pressurosa e obedeceu imediatamente.

— A senhorita Sanders ia cair, mas se você se encarrega dela eu irei dar uns passeios. — Sem prévio aviso partiu efetuando vários giros com os braços abertos. Poucos segundos depois unia-se à Hellen.

Alana quis girar para Colbert e lhe agradecer sua pronta intervenção, não tinha esperado que ao final entrasse. Mas ele não a deixou mover-se e a manteve esmagada contra seu corpo, com os braços em torno de sua cintura.

— Se se voltar para mim ambos cairemos, Alana — avisou ele com um grunhido suave. — Te disse que não sei patinar.

O queixo de Colbert estava apenas a uns centímetros acima da nuca de Alana e então ela percebeu, com surpresa, que não usava patins.

— Entrou sem patins?

— Parece que sim — murmurou sem mover-se nem um ápice de onde estava.

— Por quê?

— Acreditei que era mais importante te salvar daquele tipo

que calçá-los — respondeu de mau humor.

O coração de Alana disparou, provocando-lhe um torvelinho de emoções. Estava ditosa de que ele tivesse ido em seu resgate.

Colbert não estava tão feliz. As solas de seus sapatos não se aderiam ao chão e se sustentava em pé só pela firmeza com a qual segurava a jovem. Várias pessoas passaram olhando-os intrigados.

Alana escutou que Colbert amaldiçoava baixo.

— Te acontece algo?

— Isto é completamente ridículo!

Ela se atreveu a lhe perguntar:

— Como conseguiu chegar aqui sem cair?

— Não sei. Nem eu mesmo posso acreditar que tenha feito tal loucura. Não pensava no que estava fazendo quando me lancei.

— Não sei como poderei agradecer isso Colbert. -Olhou-o sobre o ombro e então pousou seus olhos sobre a boca. Aquela boca que lhe provocava tantas emoções. Sem fôlego conseguiu sussurrar: — Acredito que agora seria melhor se me soltasse.

— Você crê?

Alana não só acreditava, mas necessitava. Estava tão colado a ela que notava todas as curvas do corpo varonil sobre o seu, e em especial o duro músculo que pressionava um pouco mais acima de suas nádegas.

— Por favor.

Colbert pigarreou nervoso antes de responder.

— Lamento te dizer que não sei como fazê-lo, e dado que

eu te salvei daquele tipo, o justo é que me leve a um lugar seguro.

Alana se agitou turvada, mas ele seguiu segurando-a com firmeza.

— Colbert, me tire daqui! — Exclamou mortificada.

— Seja razoável, Alana — implorou ele com uma estranha voz gutural. Era tão consciente como ela de sua posição e de seu estado. Não podia fazer nada para controlá-lo. O redondo traseiro que apertava o tinha totalmente excitado. Qualquer traseiro nessa disposição teria feito com que sua ereção cobrasse força, esse em especial mais que nenhum outro.

— Colbert! — Ela ofegou, acalorada. — Está me... está... me cutucando!

Ele se pôs a rir ao escutar aquela expressão na boca dela. Possivelmente em outro momento lhe teria demonstrado o que era cutucá-la de verdade, mas naquele preciso instante sua intenção não era aquela.

Alana fez um dramalhão e estiveram a ponto de cair como piões. Com esforço recuperaram-se.

— Não ria, Colbert. Estou passando um momento muito incômodo. As pessoas não deixam de nos olhar.

— Sinto muito, doçura, achei engraçado você falar em cutucar. Uma dama não deveria dizer essas coisas.

— E um cavalheiro não deveria me causar está vergonha.

— Um cavalheiro? — Escutou-a dizer, estranhando. — É a primeira vez que me chamam de cavalheiro.

— E a mim, de dama — repôs instintivamente.

— *Cravate*[2].

O tom rouco com o qual ele disse isso fez com que Alana fechasse os olhos. Era tão fácil esquecer de tudo estando entre seus braços... mas não! Não podia permitir que ninguém visse um abraço tão íntimo! Que Hellen visse...

Via-os, via-os e se aproximava com rapidez, com o cenho franzido e um gesto aborrecido em seu delicado rosto de porcelana. Por sorte tudo isso desapareceu assim que descobriu a causa do problema. Pôs-se a rir com vivacidade enquanto a irritação de Colbert crescia a passos aumentados. Alana sentiu sua irritação e quis fazer algo por mitigá-lo.

— Hellen, quer deixar de fazer isso e nos ajudar? Acaso não se dá conta que estamos a ponto de cair?

— Estão muito graciosos. Deixa-me ver. — Hellen tentou ficar séria. Seus olhos azuis brilhavam faiscantes. — Eu o segurarei por um braço e você pelo outro. Iremos levá-lo à entrada. Por que entrou sem patins, Colbert?

Ele soltou uma imprecação com uma mescla de fúria e alívio ao mesmo tempo. Não suportava que rissem dele, mesmo que fosse Hellen de modo inocente. Em segurança, mais tarde, no calor de seu quarto, ele recordaria e riria também, mas justo nesse momento não.

— Me tirem de uma maldita vez daqui!

Quando Colbert se retirou das costas de Alana, ela chegou a sentir frio e... ausência.

— Não deveria amaldiçoar, Colbert. Seus juramentos nos ofendem — o repreendeu Hellen com zombaria.

— Não seja má com ele, salvou-me que Huntington me tocasse.

— Atreveu-se a fazê-lo? — Hellen chiou parando a poucos metros da barreira.

Colbert voltou a queixar-se.

— Querem fazer o favor de me tirar daqui? Já terão tempo de falar depois e rir tudo o que lhes dê vontade. Agora quero sair!

As irmãs Sanders seguraram as gargalhadas até que ele se agarrou com força à mureta e a saltou com pernas trementes.

Colbert nem sequer girou para olhá-las, conhecedor de que nunca tinha sido mais ridículo em toda a sua vida. Que diabos lhe tinha passado pela cabeça para fazer aquilo? Esperava que nenhum conhecido o tivesse visto nem chegasse aos ouvidos do *Demônio russo*. Certamente Seth não pararia de rir em muitos meses.

Capítulo 23

— Gosta? Está quente e te assentará bem — disse Colbert entregando uma xícara de chocolate à Alana. Ela tinha ficado como espectadora nos assentos. Hellen continuava na pista dançando de um lado a outro sem dar a possibilidade ao Huntington de alcançá-la. Era divertido ver como uma e outra vez conseguia esquivá-lo e ele tentava agarrá-la igual a um cão seguindo seu amo.

Colbert sorriu olhando à Alana de soslaio. Nunca lhe tinha parecido mais formosa como nesse momento. Com o chapéu se via elegante, embora já tinha escapado de seu recolhido uma de suas longas mechas acobreadas, que caíam revoltas, acariciando sua bochecha. Tinha as maçãs do rosto rosadas e seus olhos verdes brilhavam. Não sabia se de alegria ou de vergonha pelo ocorrido.

Colbert pigarreou esclarecendo a voz:

— Quanto ao que aconteceu antes…

Alana não apartou a vista do gelo.

— Sim, não precisa dizer mais nada, Colbert. Não quero falar disso.

— Entrei para te ajudar! Não era isso o que tinha me pedido? — Ela o olhou, aniquilada. — É muito ingrata, não sabe

o mau momento que…

Alana o interrompeu, franzindo o cenho, olhando-o de soslaio.

— Ia dizer que eu te fiz passar? Que eu te fiz passar um mau momento?!

Bastante sério, Colbert assentiu.

— Precisamente isso. Você…

— Eu? — Alana estava totalmente assombrada. — Não sei se me incomodou mais que aquele porco me toque ou seu… seu…! — Baixou a vista às calças de Colbert e, envergonhada, voltou a subi-la com as bochechas ardendo. Agitou a cabeça com pesar. — Basta! Sempre consegue me fazer sentir culpada! — Retornou o rosto de novo ao centro da pista. — Hellen nos viu!

— Todo mundo nos viu, doçura — respondeu ele removendo-se incômodo. Alana acabava de despertar novamente o intruso de suas calças.

— Não a conhece, eu vi seu olhar e pensou que estávamos nos… abraçando. E te peço que não volte a me chamar de doçura, meu nome é Alana.

— Alana, por favor! Hellen não é nenhuma parva. Deu-se conta que era impossível nos mover. — Sentou-se junto a ela com um sorriso divertido, esquecido já da confusão que ele mesmo tinha passado.

— Por que ri agora? — Perguntou-lhe estranhando.

— Pensava.

— No quê? — Quis saber.

— Não acredito que sua irmã percebeu que eu estava te

cutucando — após dizer aquilo Colbert soltou uma sonora gargalhada. Fazia tempo que ele não achava uma simples palavra tão engraçada nem, certamente, excitava-o tanto. Alana lhe incrustou um cotovelo no peito, a julgar pela pouca força que levava, soube que não estava tão aborrecida como aparentava.

— Não se aproxime — lhe avisou arrastando-se pelos assentos para fazer maior o espaço entre eles. — Além disso, não penso discutir com minha irmã por um homem. Supõe-se que você é seu par hoje, de modo que se comporte como tal.

Colbert encolheu os ombros.

— Você não me interessa, Alana.

— Ah, não? Pois há uns minutos não parecia isso - respondeu, altiva, fingindo que não doía sua resposta. Mas doía horrores. Já não se lembrava do beijo do cemitério? Que rápido o tinha esquecido.

Colbert fez uma careta zombeteira. Se ela tivesse estado atenta aos seus olhos cinzas dar-se-ia conta que acabava de lhe mentir.

— Juro-te que o que aconteceu antes não é algo que tenha feito de propósito.

Por um momento Alana o olhou atentamente com olhos apagados.

— Não voltemos a falar disso — segurou com força a xícara e olhou para frente. — Não foi tão complicado me dizer que não te interesso. Por que não consegue fazê-lo com Hellen?

Colbert suspirou. Não tinha sido muito difícil lhe mentir porque era um perito nisso. Não levava anos fazendo-o? Mas

reconheceu que Alana tinha razão, estava demorando muito o assunto de sua cunhada.

— Farei isso logo.

— Antes da sexta-feira, se possível.

— Você gosta de ser cruel comigo.

Alana não o olhava.

— Alana — a chamou brandamente. — Na sexta-feira não vai acontecer nada.

Ela tragou com dificuldade e se voltou para ele com os olhos cheios de lágrimas. Estava tão bonita que parecia uma fada dos contos.

— Jura-me isso?

Colbert passou a mão pelo cabelo e respirou fundo. Antes de saber o que estava fazendo, abraçou-a. Alana se fundiu em seu abraço, respirando a colônia de seu casaco.

— Juro-lhe isso, doçura — murmurou saboreando a agradável sensação de tê-la entre seus braços.

Ambos sabiam que aquele juramento carecia de valor. Ninguém era capaz de prever o futuro. A contragosto Colbert se separou dela e a olhou. Sentiu-se mal, os discos verdes se obscureceram como as profundas águas de um lago. Foi muito evidente ver que Alana sentia por ele algo mais que lealdade. E isso lhe causou assombro, regozijo e pavor. Lhe acelerou o pulso.

Nesse momento Huntington se uniu a eles. Ao vê-lo, Colbert empurrou Alana com gentileza em seu assento para ceder ao homem um espaço. Não estava disposto a deixar que voltasse a se aproximar dela. E mais, o ter agora ao seu lado só

causava uma irritação incrível, tinha muita vontade de lhe dar um murro que quebrasse a sua boca em pedaços pequenos. De repente deu-se conta que não queria compartilhar com ninguém o tempo que passava com Alana e se assustou. Quando lhe tinha acontecido isso com uma mulher?

— Já se cansou de patinar, milorde? — Colbert lhe estendeu uma mão indicando que tomasse assento.

O lorde sacudiu as meias.

— Há muita gente na pista, e muitos não têm nenhuma consideração. Há um desajeitado por ali que esteve a ponto de me lançar ao chão um par de vezes. Deveria estar proibida a entrada para alguns!

Alana olhou de esguelha onde o lorde indicava e descobriu uns marotos assinalando-o ao mesmo tempo que riam de cair o queixo. Era normal que ocorressem essas coisas vestindo-se daquela maneira. Ele não se dava conta de que se expunha a isso e muito mais?

— O que acha de irmos jantar em algum lugar para completar o dia? — Perguntou Colbert não dando importância às queixas do homem. Há uns minutos o vento começou a levantar o ar e fazia frio para estar ali parado sem fazer nada, além disso, tinha fome.

— Para jantar está bem — respondeu o lorde.

— Vocês gostam de veado? É uma carne que me satisfaz muito. Em Paris não abunda muito, e faz tempo que não a provo. Vamos esperar Hellen para ver o que diz. Alana, o que opina?

Ela o olhou com o cenho franzido.

— Não quero veado.

— Te fará bem comer um pouco — seguiu dizendo Colbert. Voltou-se para Huntington. — É uma pena que haja poucos restaurantes aqui que o sirvam. Você conhece algum?

— Não é algo que se coma com frequência. — Passou seus olhos sobre Alana com ar de preocupação. — Como se encontra, senhorita Sanders? A machuquei?

— Estou bem, obrigada — respondeu, muito reta. Não queria recordar que quis se aproveitar dela.

— Por certo, milorde — Colbert lhe chamou a atenção. Não confiava o suficiente em si mesmo para deixar que Huntington seguisse falando daquele tema. Teve que reunir todas as suas forças para conter-se e não se lançar sobre ele como era seu desejo. — Usa uma casaca muito formosa, e parece cara. A pele é de algum animal em particular?

A princípio o tom de voz de Colbert foi desconcertante para Alana, tanto por sua insistência em comer veado quanto agora pelo material da casaca do lorde. Entretanto, em poucos segundos ela se deu conta que tentava puxar a língua de Huntington levando-o para o tema do qual queriam averiguar. Curiosa, aproximou-se até o flanco de Colbert, roçando-o estreitamente.

O lorde se olhou as roupas e pôs-se a rir, embora não houvesse nem rastro de humor em sua gargalhada.

— Refere-se a isto? Não é uma das minhas melhores roupas, tenho outras que seriam capazes de lhe deixar com a boca aberta. Gosta das peles?

Colbert assentiu. Viu-se obrigado a pôr uma de suas

facetas mais amáveis quando no fundo desejava desafiar o lorde a duelo.

— Imagino que isso não se encontra nas lojas, porque são autênticas. Certo ou me equívoco?

— Claro que são autênticas! — Exclamou totalmente ofendido. — Toda a minha roupa é feita por um magnífico alfaiate. — Levantou-se uns grossos babados de um punho e lhe mostrou uma suave camurça marrom. — É de raposa das neves.

— Interessante e muito cara — atravessou Alana. — O que significa *das neves*? Trazem-lhe isso de algum lugar em especial? Eu poderia me fazer um casaco com isso, parece muito suave.

— É algo excessivamente caro.

— Acredito que poderei permitir-me — respondeu Colbert, voltando a cara para a jovem, com cumplicidade. — Quer que eu encomende a roupa, Alana?

Ela estremeceu com a voz de Colbert. Estavam tão juntos que notava a calidez de seu corpo através do casaco. Antes dela assentir lorde Huntington se apressou a dizer:

— Não é tão fácil, estas peles as caço pessoalmente — assim que disse aquilo olhou ao Colbert com olhos dilatados e suspeitou por onde iam suas perguntas. — Há um lugar no Norte, perto da fronteira, onde o duque de Sherwood tem uma propriedade a qual vou muito de vez em quando.

— De modo que caçam — disse Colbert. — Pode ser que eu esteja interessado em caçar também.

Lorde Huntington se esticou.

— Não é algo que eu goste muito. Já sabe, toda a culpa é da moda. Faz anos que não vou devido ao meu problema na perna — repôs com o rosto avermelhado. Pareceu aliviado quando viu chegar Hellen e ficou em pé para recebê-la. Colbert também o fez.

— Ele e seus cães foram os culpados — sussurrou Alana contra a orelha de Colbert ao incorporasse. Ele assentiu dissimuladamente.

— Não temos provas.

— Como não? Acaba de admitir…

— Nada, Alana — reconheceu ele sem mais. — Com isso não há nada.

Ela sabia que tinha razão e não podia rebater suas palavras. Deu-lhe muita raiva não poder fazer nada a respeito.

Mais tarde foram jantar em um luxuoso restaurante da zona. O chef era francês, e Colbert não só desfrutou com a comida, mas se permitiu propor os pratos. É óbvio, não havia veado.

Em mais de uma ocasião percebeu que seus olhos não lhe obedeciam e viajavam continuamente para Alana. Ela estava linda com seu vestido bordô que parecia destacar mais o cabelo acobreado que aparecia sob o chapéu. Os olhos verdes, qual duas gemas acesas, ressaltavam enormemente em seu rosto cremoso de traços perfeitos. Estava tão apetecível que Colbert teria preferido comer-lhe em vez da suculenta lagosta que tinha sobre o prato. Mas ele não era o único que a devorava. Huntington não fazia mais que insinuar-se e tratá-la com atenção de todas as maneiras possíveis. E para cúmulo, o

vinho não devia ter assentado bem em Hellen que tentava chamar sua atenção com olhares risonhos e tolas risadinhas. Cada vez que isso acontecia percebia que Alana baixava a vista ao seu prato ou apartava a vista deles. Apesar do desagradável da situação, a noite se desenvolveu de um modo tranquilo.

— Senhor Wakefield. — Huntington o tirou de seus pensamentos uns minutos antes de despedir-se. Estavam no vestíbulo principal do restaurante esperando que as damas terminassem de preparar-se. Nesse momento o humor de Colbert não era do mais sereno a respeito dele. — Agora que você é o responsável pela família, eu gostaria de solicitar sua permissão para visitar a senhorita Sanders.

Colbert suspirou, cansado, e o observou com dureza. Essa foi a gota que encheu o copo.

— Não tenho nenhuma responsabilidade sobre a senhorita Sanders.

— Pensei que ao viver no mesmo lar…

— A irmã da minha cunhada sempre será bem-vinda, entretanto, não posso decidir por ela o que deve fazer e o que não.

— Pensa que eu deveria perguntar-lhe?

Colbert soltou uma risada ácida.

— Verá, milorde. A moça tem um gênio de mil demônios e não duvidará em lhe pisotear se você perguntar isso. Não acredito que a agrade que lhe trate como a uma boneca.

Huntington enrugou a testa ao observá-lo.

— Já sei que tem um caráter forte, não sou tolo, senhor Wakefield, mas acredito que ela necessita ao seu lado de um

homem que saiba... domá-la.

— Domá-la? — Repetiu com brutalidade. — Acaso estamos falando de uma égua?

— Um... potro — se atreveu a dizer o lorde com um sorriso lascivo.

Colbert o olhou com expressão áspera e ameaçadora antes de dizer:

— Suponhamos milorde, que seja como você diz, embora nunca teria me ocorrido comparar uma dama com um animal... — sua voz era extremamente suave, como a afiada folha de uma faca ao cortar a carne. — Crê que eu não gostaria de montar o potro também? — Ignorou a surpresa refletida na cara de Huntington. — E quem não gostaria de fazê-lo? — Perguntou-lhe cravando com ferocidade seus olhos sobre ele. Agradou-lhe ver como o lorde se encolhia em sua pesada casaca. A noite tinha finalizado e o sujeito escondido que levava dentro de si saiu como uma flecha de seu arco. — Quer apostar em ver quem prefere? A você ou a mim?

Huntington deu um passo atrás, confuso.

— Não entendo...

— Não? — Igual a um touro encolerizado, Colbert moveu a cabeça de um lado a outro. — Deseja que lhe explique?

— Lamento-o, senhor Wakefield, pensei que você e a senhora Wakefield... — começou a gaguejar quando Colbert o puxou pelas lapelas com delicadeza. Seu rosto, temível sob a luz dos lustres pendurados nas paredes, contraiu-se em uma máscara de absoluta frieza capaz de congelar todos os fogos do inferno.

— Hellen é minha cunhada e me vejo na necessidade, por um pouco de respeito para com meu irmão, de lhe advertir que se voltar a aproximar-se dela vos mato. — Os olhos de Huntington se dilataram aterrorizados. A pressão que exerciam as mãos de Colbert perto de seu pescoço o tinha imobilizado. — Quanto à Alana, não acredito que você gostasse de ver como ri de um tipo tão extravagante como você. Viu-se? É uma piada para todo mundo, e ela é muito… potro para pouco cavaleiro, de modo que esta será a última vez que se dirige a ela. Tudo isto, milorde, é por seu bem. Se lhe ver espreitando, se notar seu olhar sobre minha família, irei mete-lo em um buraco tão escuro que rogará para que o diabo em pessoa vá lhe buscar — o ameaçou. Com um sorriso metódico afrouxou suas mãos e lhe alisou as lapelas antes de soltá-lo. — Agora se despedirá delas amavelmente e me faça um favor, um grande favor, se comporte. Que não se note que lhes tremem as pernas, por Deus! Não quero que pensem que sou um néscio e, por conseguinte, pouco cavalheiro. Entendeu?

—É… sim, sim — Huntington era incapaz de pronunciar palavra e de manter as pernas estáveis. Se Colbert o tivesse deixado teria se posto a correr apavorado ao abrigo de sua carruagem.

Hellen e Alana se aproximaram deles comentando detalhes do jantar que tinham desfrutado.

— Já partimos? — Perguntou Colbert.

Hellen assentiu.

— Estamos muito cansadas. Deve ser a falta de costume de sair.

Ele assentiu e piscou um olho ao lorde, zombeteiramente.

— Tivemos um dia comprido. Milorde, foi todo um prazer conversar com você. Possivelmente possamos coincidir em outra ocasião e conversar sobre seu alfaiate. Sozinhos, sem aborrecer as damas.

— Terei que ver — respondeu com voz trêmula. — Realmente não sei quanto tempo vou ficar em Londres.

Hellen lhe estendeu a mão.

— Foi um prazer, milorde.

Ele se limitou a estreitar seus dedos brevemente, e de Alana se despediu com um murmúrio entrecortado que ninguém, exceto o pescoço de sua casaca, entendeu.

Lorde Huntington foi o primeiro em abandonar o estabelecimento, e quando os outros saíram à rua já não o viram.

— O que lhe aconteceu? — Perguntou Hellen estranhando e olhando ao seu cunhado.

Colbert não respondeu e fez um sinal ao cocheiro para que não descesse e ele mesmo ajudou as mulheres a subir. No curto intervalo que agarrou a mão de Alana foi capaz de cheirar seu perfume fresco embargando todos os seus sentidos.

Ela se sentou perto de uma janela e jogou a manta sobre o regaço ao mesmo tempo que brincava, aliviada de ter perdido Huntington de vista.

— Pode ser que lhe tenha assentado mal o jantar. Se for assim espero que passe a noite inteira vomitando.

— Deve ter sido isso — disse ele por fim. Sem dar-se conta sentou-se junto à Hellen, e ela aproveitou para recostar-se

sobre seu braço. Alana estava em frente, envolta nas sombras.

— Estava tudo delicioso, Colbert. Nunca tinha estado em um restaurante francês

— É verdade — corroborou Alana desviando seus olhos para a janela. — Eu adoro esses molhos com um sabor picante.

Colbert encontrou seu olhar através do reflexo do cristal e lhe deu de presente um sorriso, mas o frustrou que não lhe correspondesse e, ainda por cima, ignorasse-o.

Maldita fosse! Não era cômoda sua situação. Por não querer ferir Hellen estava machucando Alana, e só Deus sabia quanto lamentava. Não dava certo ele ser um homem honrado e ético. Por que tinha tido que irromper em suas vidas dessa forma? Tinha que haver se limitado a protegê-las de longe para não estar naquela encruzilhada. Dessa maneira também teria evitado conhecer a ruiva feiticeira que mantinha seu corpo em completa tensão e não o deixava pensar com prudência.

Suspirou com força precisando romper o intenso silêncio que acabava de se formar.

— Já não teremos que ver mais ao Huntington.

— Como assim? — Hellen o olhou sem levantar a cabeça. Seus olhos azuis brilhavam alegres, muito bêbados.

— Lhe fiz uma pequena advertência e não acredito que se atreva a lhes incomodar de novo.

Colbert sentiu como os pares de olhos se pousavam sobre ele.

— Como? — Perguntou Alana. — Não vi que lhe tenha quebrado nada.

Hellen levantou a cabeça como uma mola.

— Quebrar?

Colbert riu ao recordar aquela conversação com Alana e tranquilizou a sua cunhada.

— Sua irmã brinca de novo. — Alana olhou à Hellen e assentiu com uma careta divertida. — Quanto àquele impertinente, lhe fiz saber que não é bem-vindo em casa. O que mais me interessava era conhecê-lo, e esse objetivo já está completo. E por certo tinham razão. É o tipo mais ridículo que já vi, e isso porque ao longo dos anos encontrei de tudo.

— Mas o que acontece se ele for o culpado do acontecido ao meu marido? — Perguntou Hellen sem entender o tudo o que estava acontecendo.

— Pagará por isso, Hellen. Encontrarei as provas para levá-lo ante o tribunal, agora o importante é que eu também suspeito dele.

Alana ficou repentinamente séria.

— Isso significa que então você tampouco tinha acreditado em mim?

— Nunca disse que não te acreditasse, mas sim que era possível que exagerasse. Que se vista com peles ou que tenha admitido que é caçador não quer dizer que alugou suas terras, que foram seus cães ou que ele mesmo jogou Jhon pela ravina. Conseguirei saber tudo o que necessito, mas devemos lhe dar tempo. Roma não se construiu em um dia.

Hellen ficou a chorar, e Alana mudou de lugar para ficar junto a ela.

— Não se preocupe, vingaremos a morte de Jhon, e esse maldito pagará. Prometo-lhe isso, Hellen — jurou Alana.

Colbert deixou que se acomodassem melhor no banco e ele passou a ocupar o lugar de Alana. A manta que tinha tido sobre suas pernas seguia quente.

— Eu mais que ninguém desejo esclarecer tudo isto, Hellen. O primeiro de tudo é saber ser paciente e esperar.

Alana o olhou com rosto triste.

— Mas é tão difícil... faz tanto tempo que estamos esperando.

Colbert se inclinou para elas.

— Às vezes a justiça não funciona como devido, por isso temos que nos assegurar de conseguir bem as provas. Acredito que têm que estar alegres de não ter que voltar a estar com ele.

— Parece que esquece que ele também é de Dorset. Tanto faz aqui ou ali, seguiremos vendo-o ou sabendo dele de igual maneira.

Colbert agarrou a mão de Alana e a olhou fixamente.

— Confia em mim. Tenha paciência — disse tentando convencê-la.

— Quero fazê-lo — sussurrou ela perdida na força de sua mão grande e seu calor. Teria desejado sentar-se em seu regaço, lhe abraçar o pescoço e deixar que uma e outra vez lhe dissesse que sempre ia estar ali com elas.

Hellen ficou a chorar mais forte, e Alana se obrigou a voltar-se para sua irmã e consolá-la.

Colbert as observou em silêncio. Alana não deixava de fasciná-lo e surpreendê-lo, sua ternura o afetava. Não a conhecia bem e tinha a impressão que jamais poderia fazê-lo de tudo. Era uma mulher muito mutável, espontânea, sincera,

teimosa como uma mula, mas com um feroz sentido da honra, bruta como uma vaca brava e mais doce que os querubins do céu. O laço de união que sustentava com Hellen era inquebrável, imune a todo o resto. Talvez o mesmo que um dia o uniu com Jhon.

Capítulo 24

Nessa mesma noite, quando Colbert chegou em casa, recebeu uma nota de Paddy lhe avisando que tinha chegado algumas horas antes à cidade. Sem esperar muito, saiu de novo. Precisava limpar-se um pouco, beber uns goles e se tivesse vontade, para fechar uma autentica noitada, unir-se a algumas das contendas que certamente os marinheiros criariam. Tinha que tirar da cabeça os sentimentos estranhos que cruzavam sua mente, e não lhe importava que fosse mediante alguns murros. Possivelmente o que verdadeiramente queria era que alguém lhe devolvesse a prudência que parecia ter perdido.



Enquanto isso…

Alana, da janela de seu dormitório, viu-o sair. Sua imagem junto à lembrança de suas palavras, *«você não me interessa»*, fez com que se enfurecesse. Não podia acreditar que Colbert partira tão tranquilamente, e não precisava ser muito inteligente para saber onde ia. O muito… imbecil.

Mordendo o lábio inferior observou-o entrar no faetón.

Tragou saliva com amargura. Ainda podia cheirar o aroma masculino de sua pele. Sentir seus músculos contra suas costas…

A voz de Noelle atrás dela fez com que se voltasse com rapidez.

— Necessita que lhe ajude?

— Se pudesse lhe pediria uma loucura — respondeu caminhando para ela ao mesmo tempo que lhe mostrava as costas para que desprendesse os broches do vestido.

— Sabe muito bem que a isso não lhe ajudaria. Que tal passaram a tarde?

— Quase é melhor que não pergunte. Lorde Huntington é mais desagradável do que eu imaginava. Menos mal que não terei que voltar a sair com ele jamais.

— Por que está tão zangada?

Alana segurou o vestido pelo decote jogando-o para frente e o deixou cair no chão com um ligeiro suspiro. Seguiram-lhe o chapéu, as anáguas e as meias.

— Não sei, Noelle. O nervoso de estar aqui, o fato de ter que conviver com o irmão do Jhon. São muitas coisas juntas, e todas tão complicadas…

— Eu pensei que era pelas apostas naquele clube.

Alana agitou a cabeça.

— Não! Ao princípio eu não gostei muito, mas na realidade quase me agrada que alguém tão… assim como eu… tenha seu nome em um lugar tão reconhecido. — Quando Hellen tinha comentado com Colbert, este lhe disse que ele não tinha tido nada a ver com aquilo.

— Imagino. Para muitas seria um sonho — admitiu Noelle.

A criada atiçou o fogo depois de recolher a roupa. Alana tinha ficado olhando-a fixamente.

— Alegra-me muito que Colbert e minha irmã voltaram a contratá-la. Senti sua falta.

— Eu também, senhorita, além disso sabe que se não fosse pela senhora Hellen que me obrigou a partir depois daquilo, eu teria ficado.

— Não tínhamos com o que te pagar.

Noelle encolheu os ombros com um sorriso triste.

— Sei. Deu-me muita pena quando soube que trabalhava na estalagem.

— Você, o que fez?

— Tive que me alojar na casa da minha prima e de vez em quando a ajudava a limpar o lar no qual estava empregada.

Alana convenceu a criada a buscar um pouco de xerez e que se sentasse com ela em frente à lareira para conversar de todas as coisas que tinham feito durante aqueles meses que não se viram. Depois foi dormir e lutou sem nenhum êxito para tirar de seus sonhos o homem moreno de olhos cinzas que despertava nela um desejo desconhecido. O que a princípio começou com algo terno e apaixonado, ao final acabou sendo um horrível pesadelo com um duelo em uma pradaria coberta de neve. Colbert estava de um lado e o visconde de Lancaster do outro.

Despertou sobressaltada antes de saber quem caía derrotado em seu sonho. E se acontecesse algo ao Colbert e Hellen lhe recriminasse por não lhe haver avisado? Não estava

muito segura de poder guardar aquele segredo.

Com esses pensamentos olhou a hora, surpreendida de que tivesse amanhecido fazia um bom momento. Colocou a roupa e desceu para averiguar entre os criados se Colbert tinha chegado e quando o tinha feito. Foi bastante árduo surrupiar algo do senhor Drew, mas uma vez que Alana conseguiu que lhe dissesse que tinha chegado minutos antes do amanhecer e que se encerrou em seu dormitório ordenando que ninguém o despertasse, foi mais fácil saber que tinha vindo com aspecto cansado, cabelo revolto e o lenço de seu pescoço sem nó e pendurando sobre seus ombros.

Quem também estava muito decepcionada era Hellen. Não tinha esperado que naquela noite Colbert saísse, embora tampouco podia lhe reprovar. Na verdade, nem sequer tinha direito para fazê-lo. Desde que ele tinha chegado comportara-se fenomenalmente com os gêmeos e com ela, incluindo a sua irmã, com a qual tinha um desentendimento ou outro, mas é que Alana era um caso à parte, como o cão do jardineiro.

Hellen não conseguia entender muito bem o comportamento de Alana, e dois dias antes, quando tinha estado falando com lady Erika, está lhe tinha comentado que existia a possibilidade de que Alana se apaixonara pelo Colbert. É óbvio, ela respondeu que não podia ser. A mesma Alana havia dito isso em Christchurch ao sair da costureira. Entretanto, agora, voltando a vista atrás e pensando na forma em que ela atuava, começava a pensar que o que Erika havia dito era certo.

Que este fato a preocupava era óbvio, mais que tudo

porque se Colbert desejava algo de Alana, ela mesma ia fazê-lo agir como um homem honrado, por mais irmão de seu falecido marido que fosse. Se tivessem que casar, que assim fosse! Já tinha se dado conta que Colbert recordava muito ao Jhon, e ela não se via capaz de entregar-se a ele. Em realidade, até há uns dias, quase nem sequer se expôs ao fato de refazer sua vida, e tinha dado o nome de Colbert ao Huntington só porque era o homem que tinha mais perto. Em troca, a quem não podia tirar da cabeça desde o mesmo momento em que o conheceu, era o elegante e atraente senhor Presley. Seus olhos claros pareciam persegui-la constantemente, assim como seu encantador sorriso.

Teria gostado de saber mais dele, mas ela não podia ir perguntando essas coisas. Era uma viúva recente, apesar de seus nove meses de luto. Tinha amado com loucura ao Jhon e não podia entender por que este homem tinha despertado nela uma pequena faísca que acreditava extinta. No fundo tinha medo de estar fazendo algo mau; devia pensar seriamente em seus filhos e em seu futuro, e com a chegada de seu cunhado não sentia necessidade de voltar a casar outra vez. Mas esse Presley... era tão... esplêndido.



Em uma das salas privadas do clube londrino do *Demônio russo*, Colbert conversava com seu amigo sobre sua topada com o visconde ao mesmo tempo que se deleitavam com uma boa garrafa de conhaque da melhor safra. Da planta baixa

subia o barulho dos clientes que jogavam no cassino. A noite estava muito avançada, mas ninguém parecia querer abandonar o local. O edifício, muito central, encontrava-se localizado em uma larga rua e recentemente lhe tinham posto um letreiro muito chamativo. Tinha duas plantas, que estavam construídas em tijolo cru avermelhado. Em cima albergava habitações amplas de decoração exageradamente carregadas onde os clientes podiam acalmar suas ânsias com algumas das moças. Na planta baixa se achava o vestíbulo, daí se abria em duas salas, uma totalmente dedicada ao jogo, com mesas de apostas, roleta e partidas de cartas, onde no fundo havia um espaço menor, mas luxuosamente mobilado, exclusivo para desenvolver as grandes partidas de *poker*. A outra sala era formada por um elegante balcão de ébano e divãs vermelhos onde as mulheres passeavam semidesnudas.

Seth Presley esfregou as mãos.

— Muito bem, *Iron*, pois se assim quer, receberemos esse homem. Habilitarei um dos gabinetes para poder ficarem cômodos. Ele seria um completo idiota se quisesse entrar com uma arma aqui, mas vamos ver se ele se arrisca. Mas o que posso te assegurar é que deve estar muito zangado para ter feito uma viagem tão longa. Amigo, esse homem quer seus ovos em uma bandeja de prata.

— Não acredito que pretenda nada, possivelmente queira negociar algo. — Colbert encolheu os ombros. Entre Huntington e Lancaster, certamente Lancaster lhe preocupava mais, sobretudo depois de prometer à Alana que não ia acontecer-lhe nada. — Você já deve estar informado que chegou Paddy e o

resto dos homens.

— Sim, sabe bem que dessas coisas me inteiro logo. Ouvi dizer que ontem à noite você armou uma boa confusão. Saíram-lhe caros os danos àquele botequim?

— Não creia — Colbert recordou, de passagem, a bronca do dia anterior. Tudo tinha acontecido porque, casualmente, e com certa alegria, descobriu que um dos últimos marinheiros que se uniram à partida de cartas lhes estava fazendo armadilhas. Certo que aquela briga tinha sido muito conveniente para ele, que a tinha estado procurando desde que chegou, mas podia se gabar de não ter começado pessoalmente a briga. — O dinheiro valeu a pena pelo que se formou ali. Nunca tinha visto tantas cadeiras voar em minha vida! — Pôs-se a rir. — Posso assegurar que meus homens e eu desfrutamos muitíssimo.

O *Demônio* pareceu ficar sério de repente.

— *Iron*, me diga que não se instalará em Londres.

Colbert o olhou com olhos entrecerrados.

— Por que o diz? Tem medo da concorrência? Recordo-te que eu estava aqui antes que você se deixasse pendurar no galho de uma árvore por aquele oficial do exército.

O *Demônio* ameaçou sorrir, mas o certo é que aquelas lembranças não eram muito boas. Supostamente, ele trabalhava para esse oficial sem saber que o era e que quão único pretendia era lhe roubar a mercadoria, umas armas de contrabando que devia levar ao comprador. Este, que tinha pago adiantado e que fortuitamente tinha sido *Lorde Iron*, ficou sem armas. É óbvio, quando *Iron* foi reclamar-lhe, não esperou

encontrá-lo pendurado em uma árvore a ponto de ser assassinado. Colbert o tinha salvo de morrer naquela vez, tinha recuperado suas armas e o tinha iniciado naquele mundinho.

Seth aspirou longamente. A fumaça dos charutos flutuava como uma nuvem sobre suas cabeças.

— Deixa-o, não me recorde isso. Estive falando com o Paddy e lhe recomendei que vá à *Ferradura de Prata*.

— Para se alojar ou para ajudar a proteger o local? Você é descarado!

Seth agitou as mãos de dedos largos.

— Não vou te cobrar nada! — Soltou uma gargalhada.

Colbert o olhou com certo afeto. Apreciava a amizade do *Demônio*.

— Há uma coisa mais, eu gostaria que preparasse um combate.

— Um combate? — Seth bebeu um longo gole e o olhou, assentindo preocupado. — É sobre aquele homem? Huntington?

— Assim é. Disse-me que apostava, e quero que lhe façam chegar a notícia de fortes apostas. Vou tirar-lhe até as calças.

O *Demônio russo* riu estrondosamente.

— Já vejo que o conheceu. Não se pode ser mais estrambótico!

— É, mas há algo nele… não consegui entendê-lo.

— Chama-se enfermidade. Esse homem foi expulso da câmara dos lordes faz tempo. É um dos melhores segredos guardados da história, embora não para mim. Assassinou a sua esposa quando lhe deu um filho… estranho.

— O que quer dizer com estranho?

Seth agitou a cabeça.

— Não sei, amigo. Alguns dizem que é disforme ou algo assim, outros… — se apontou a cabeça fazendo o dedo girar -… que é louco. O lorde o mantém encerrado em sua casa. Está desesperado para contrair matrimônio e ter um herdeiro válido. O que pretende fazer com ele?

— Quero vê-lo em panos menores. Sei que não vai ser tão divertido como despir uma de suas garotas, mas vou fazê-lo passar medo.

— Por certo, Iron, apostará no ringue?

— Sim. — Inclinou-se para frente apoiando os braços sobre a mesa. — Quero que jogue forte pelo perdedor. Fazer chegar ao Huntington por onde vão as apostas, e antes de fechar dobra a oferta pelo ganhador. Não aceite menos de mil.

Seth soprou.

— Vai forte, amigo. Por certo, falando de minhas garotas… tenho verdadeiras beldades esta noite.

Colbert levantou uma mão.

— É certo, antes que me esqueça, necessito a… Rose?

Seth elevou as sobrancelhas com um sorriso risonho.

— Sabia que viria procurá-la.

Colbert lhe entregou várias notas de sua carteira de couro e fumou seu charuto. Uma longa espiral subiu ao teto de maneira lenta.

— Não é o que imagina. Necessito que lhe compre algum vestido bonito e a envie à minha casa. Quero que interprete um pequeno papel ante minha cunhada.

— Vamos, Colbert! Tenho rameiras, não atrizes!

— Muitas rameiras são autênticas atrizes.

— Sabe por experiência?

— Você gostaria de me ouvir dizer que sim, mas o sinto, não. Estou acostumado a deixá-las muito, mas muito satisfeitas.

Sua concentrada expressão fez com que Seth se perguntasse o que estaria tramando.

— Do que se trata?

Colbert quis tornar a rir ao ver seu amigo tão intrigado.

— Hellen está se apaixonando por mim, e tenho que desencantá-la. — Recordou o que lhe havia dito Alana. — E tem que ser de forma sutil.

— Já entendi por onde vai. Quer lhe fazer acreditar que está com Rose. Na qualidade de amante? — Serviu duas taças e entregou uma ao Colbert, que a fez girar entre os dedos.

— Sim, não me importa — respondeu. — Só te peço que não demore muito. Olha! Tampouco que vá fazer um escândalo em minha casa. Hellen tem filhos. — Não necessitava que lhe montassem um drama. Que a mulher deixasse entrever que de vez em quando saía com ele seria mais que suficiente.

— Se o necessitar, posso passar depois para consolá-la de algum jeito — brincou Seth com zombaria. Sua cunhada lhe tinha parecido uma mulher muito bonita e educada. Lástima que fosse tão fina, se não fosse bem poderia ter sido seu tipo.

— Juro-te, Seth, que se não te conhecesse até te animaria. Eu gostaria muito de ver-te passar pelo altar como um botão de rosa, e sobretudo beijando os pés de uma mulher.

— Antes me converto em bailarino, e sabe que odeio a música. E falando um pouco de tudo. Tenho um forte candidato para sua fera.

O estômago de Colbert se revolveu de repente.

— Não importa, não quero saber. — Ficou em pé, aborrecido. — Retira a aposta do White´S.

— Vamos lá, não posso fazer isso!

Colbert o olhou seriamente.

— É claro que pode, então faça.

— Mas…

— Do mesmo modo que a pôs.

O *Demônio* se manteve pensativo durante um bom momento e assentiu.

— De acordo, farei, mas o homem, Sean MacArthur, seria um bom partido para a garota. Reside na Escócia e tem seu próprio castelo.

— Não quero saber! — Repetiu. — Neste momento tenho outras coisas mais importantes nas quais pensar que em uma merda de matrimônio ou qualquer coisa parecida.

Capítulo 25

Doce loucura que me faz perder a sanidade.
Saia da minha vida e me liberte.
Ou fica comigo e… me ame.

Alana dormia placidamente em sua cama quando um golpe seco a despertou no meio da noite. No início abriu os olhos bastante confusa. Não estava segura se o que tinha escutado era real ou só fruto de sua imaginação. No quarto, tudo era escuridão, exceto por uma tênue brasa que morria preguiçosamente na lareira com um leve, e quase imperceptível, chiado. Com atenção escutou todos os outros ruídos. Fora chovia, e a água caía sobre a janela, um relógio marcava as horas com um suave *tic-tac* de cima do suporte da lareira… voltou a fechar os olhos de novo querendo conciliar o sono, mas mal se acomodou o ruído voltou a soar. Desta vez foi uma espécie de *bumm* que fez com que seu coração saltasse enlouquecido. Com brutalidade sentou-se sobre a cama esfregando os olhos, limpando sua mente adormecida. Ficou imóvel tentando adivinhar o que podia ser aquilo. Por um momento pensou no Andy e alguns de seus pesadelos, e inclusive imaginou que alguém tinha entrado na casa para

roubar ou talvez fosse algum dos empregados que tinha subido ao segundo andar para algo. Uns segundos depois o som se repetiu e ela se levantou, intranquila. Tateou a mesinha em busca do acendedor e quando acendeu o abajur, abrigou-se em sua bata. Rapidamente abriu uma pequena porção de cortina e observou o exterior. As gotas de chuva desenhavam borbulhas nos rios de água que se deslizavam pela rua. Não havia ninguém à vista, porque ninguém em seu são julgamento era capaz de sair em uma noite invernal como aquela.

Completamente acordada, deixou a habitação sem fazer ruído. O corredor estava envolto em sombras, mas não havia nada que indicasse que houvesse alguém escondido. O candelabro de três braços que estava na mesa tinha um pavio aceso que estavam acostumados a deixar assim se por acaso os meninos tinham que levantar durante a noite, e a chama se balançava piscando.

Com passo lento percorreu o corredor, com os ouvidos bem alertas. Empurrou e fechou portas assegurando-se que tudo estava em ordem, pensando que aqueles ruídos bem podiam ter chegado por culpa de alguma corrente de ar, entretanto, antes de chegar à habitação de Andy, o som se repetiu.

Estranhando, deteve-se ante a porta de Colbert, parecia que era dali que o som provinha, além disso, notando-se bem, distinguiu a luz que se filtrava por debaixo da porta. Sentiu alívio e desprezou a ideia de que qualquer intruso tivesse entrado na casa. Desde que tinha conhecido o visconde temia constantemente que tentasse aproximar-se de Colbert a todo

custo. Dizia-se que era um medo infundado, já que lhe tinha assegurado que não tinha que preocupar-se com seus assuntos, mas a verdade era que não podia evitar.

Ainda seguia um pouco aborrecida com ele porque mal o tinha visto esses dois últimos dias. Pelas noites Colbert saía, e pelo dia era com Hellen e seus sobrinhos que ia conhecer a cidade ou visitar as amizades de Hellen. Mesmo assim, não podia deixar de pensar uma e outra vez nele e em quão rápido tinha entrado na pista de gelo para liberá-la de Huntington, ou quando a apartou deliberadamente do visconde de Lancaster, ou seu cenho franzido ao saber que Mike estava interessado nela. Não podia evitar iludir-se com seu comportamento, embora também soubesse que com Hellen ou com qualquer outra mulher teria feito o mesmo. Ou não?

Morta de curiosidade por saber o que ele fazia acordado àquelas horas, pôs a orelha contra a porta. Era possível que acabasse de chegar. Sim, certamente era isso. Possivelmente estava acompanhado, estaria?

Um calafrio percorreu sua coluna vertebral, com medo, e deu um passo para trás, cruzando os braços sobre o peito e esfregando os ombros. Sabia que o mais coerente era retornar ao calor de sua cama, mas se fizesse isso sem saber o que acontecia mil imagens diferentes em sua imaginação não iam deixá-la dormir.

Não! Tinha que saber o que estava ocorrendo.

Olhou a ambos os lados do corredor, ninguém mais despertara, ainda. Paralisada, observou a porta desejando que seus olhos fossem capazes de atravessar a madeira. De verdade

queria saber o que estava acontecendo lá dentro? Escutava seus batimentos do coração retumbando com força em seus ouvidos. Aquilo era uma loucura. Não devia estar ali. Girou para seu dormitório e antes de dar um passo soou outro golpe. Tomou uma forte baforada de ar insuflando-se coragem, caminhou para a porta e a tocou brandamente com os nódulos, tão suave que ela duvidava que alguém, incluído o próprio Colbert, tivesse podido escutar com o escândalo que de repente tinha começado a formar-se lá dentro. Acaso estava sendo atacado?

Insistiu com mais contundência. Se realmente não estava acontecendo nada tinha a desculpa perfeita de que a tinha despertado.

Passados uns longos segundos Colbert abriu impulsivamente a porta, provocando um desagradável chiado. Olhou-a aturdido. Alana se esticou e percorreu com a vista ambos os lados do corredor se por acaso alguém despertara. Mas ninguém parecia ouvir nada, exceto ela.

Só o vendo, descobriu o estado de embriaguez no qual se encontrava. Tinha o cabelo negro revolto sobre os ombros emoldurando seu formoso rosto. A camisa, aberta de cima a baixo, deixava o torso descoberto mostrando o escasso pêlo escuro que se introduzia em uma magra linha pela cintura de sua calça. Levava uma bota posta, como se o tivesse surpreendido descalçando-se.

Com olhos entrecerrados ele a observou com uma careta de desgosto nos lábios. Quão último tinha esperado era que ela fosse ao seu dormitório em plena noite. Não sabia o que era o

medo ou o quê? Pelo amor de Deus! Ele não era um santo nem um eunuco para ter que suportar aquilo. A jovem vestia uma roupa larga e branca que segurava em seu corpo mediante um cordão, do mesmo tecido, que atava por diante de sua cintura. O cabelo, cachos de cabelo grossos que caíam sobre suas costas, apanhavam a dourada e tênue luz do candelabro igualando-se ao ouro velho. O rosto ficava melhor em sombras, por isso seus olhos azeitonados brilharam ao olhá-lo. Se já era uma tentação vê-la durante o dia, de noite devia controlar a forte excitação que sentia só de sabê-la a uns metros de seu dormitório. Tendo-a ali, desejou arrastá-la à sua cama e não deixá-la sair até que as primeiras luzes do dia começassem a aflorar. Controlou-se. Com a mão elevada apoiada no marco de sua porta, olhou-a de cima a baixo.

— O que acontece? — Perguntou com voz rouca em um tom mais alto do que o desejado.

Alana quis olhar além de seu corpo para assegurar-se que estava sozinho, mas ele cobria todo o oco. A pele dourada e brilhante de seu torso era a única coisa que podia ver. Obrigou-se a levantar os olhos até os dele. De repente, estava zangada.

— O que acontece com você?

Colbert franziu o cenho com seriedade e depois voltou-se para o interior de seu quarto deixando a porta aberta, convidando-a a entrar.

— Estou muito cansado e quão único desejo é me colocar na cama. Não sei o que é que quer a estas... horas, mas seja o que for, diga-o e parte rápido.

Alana suspirou. Aproveitou para colocar a cabeça no quarto, percorrendo a sala com um olhar rápido. Estava sozinho. Bem!

Sobre a lareira havia um abajur de azeite colocado perigosamente na beirada, lançando uma luz intermitente. O chão era um alerta de combate, uma bota, uma garrafa de licor atirada sobre o tapete, os cobertores meio caídos da cama, uma jaqueta feita um figo sobre um divã azul. Alana abriu os olhos com espanto, entrando atrás dele.

— Com quem brigou?

Colbert esticou os lábios em um sorriso cínico.

— Muito graciosa, doçura — respondeu.

Alana fechou a porta apressadamente para que ninguém percebesse sua presença ali.

— Estou falando sério. O que aconteceu aqui?

Como se a desordem de seu dormitório fosse a coisa mais normal, Colbert encolheu os ombros.

— Por que ia acontecer algo?

Ela o admoestou.

— Pelos golpes que está dando, acaso quer despertar a todos?

Ele tentou tirar a bota que lhe faltava com o pé descalço. Alana o olhou fixamente. Colbert parecia a ponto de cair de um momento a outro. O homem era tão alto e estava teimando tanto em controlar seus movimentos para fingir que não tinha bebido, que cambaleava igual a um junco movido pelo ar na ribeira do rio; só que seu corpo estava rígido e onde ia sua cabeça, iam seus pés. O esforço era assombroso, muito

exagerado.

Alana sorriu divertida.

— Sente-se, homem! Vai cair.

— Quem diz isso? — Ela curvou graciosamente as sobrancelhas, e Colbert se ofendeu. — Não sou nenhum dos gêmeos para que venha me dar ordens! — Com passos inseguros caminhou até o divã e se afundou nele. — Não espere que te dê nenhuma explicação. — Com expressão de triunfo descalçou-se e piscando um olho, apontou para a parede.

Alana correu a lhe tirar a bota da mão antes que a lançasse, como era sua intenção.

— É muito rabugenta, bonita — disse olhando-a com olhos turvos.

— Não se comporte como um pirralho, e tenha por seguro que não te direi nada! — Respondeu com tranquilidade. Aproximou-se dele e se inclinou sobre seu ombro para lhe tirar a jaqueta que se aprisionava às suas costas. Cheirava a couro, brandi e tabaco, mas também ficavam restos do aroma varonil que estava acostumado a usar. Sentiu-se embriagada pela cercania e se apartou correndo.

Colbert terminou de tirar a camisa e enrugando-a em um punho a fez voar para ela, caindo aos seus pés.

— Ninguém te ensinou a ser ordenado? — Resmungou Alana recolhendo a roupa. Pegou a garrafa e a olhou com olhos entrecerrados. — Parece que veio com sede.

Ele soltou uma risadinha.

— Se pensar que estou bêbado, equivoca-se, só estou... alegre. Faz anos que não me embebedo. Você deveria saber,

bonita, trabalhou em uma estalagem e terá visto tipos ébrios.

— Verdade — assentiu. — Vi como alguns homens fazem o completo ridículo quando tomam uns goles a mais ou quando tentam dissimular que o fizeram.

A linda boca de Colbert desenhou um sorriso largo.

— Faltou você dizer que exatamente igual a mim, mas não é o mesmo ficar bêbado e… contente.

Alana assentiu e seguiu recolhendo as coisas do chão. Se lhe sorria daquela maneira podia esquecer o motivo pelo qual estava em seu dormitório, e sua única intenção era que não despertasse o resto da casa, não é?

Colbert controlava sua voz e seus gestos. Era verdade que cambaleava um pouco, mas sabia muito bem onde estava e o que fazia. Passou a mão pelo cabelo e a olhou:

— O que quer, Alana? Por que veio?

— Porque me despertou com seus golpes — lhe respondeu, girando-se para ele. Com os objetos nas mãos, deteve-se, observando-o. Mesmo com a aparência desgrenhada seguia sendo o homem mais bonito do mundo. Seu peito nu brilhava sob o resplendor do abajur e as chamas da lareira.

Nesse momento Alana reparou que se achavam sozinhos. Bom, não foi nesse momento, mas por alguma estranha razão começou a ficar nervosa e a notar a boca seca. Tinha a sensação de ter irrompido em uma situação bastante incomoda. Passou a língua pelo lábio inferior e, com as bochechas ardendo de vergonha, correu a deixar os pertences sobre o baú, endireitou o abajur e se dispôs abandonar o dormitório. Estar ali supunha um perigo para seu anseio

virginal.

— Não me disse o que quer, Alana. — A voz de Colbert foi extremamente suave, fazendo com que seu coração saltasse no peito com brio.

— Nada, só pensei que te ocorria algo. — Segurou-se com força à maçaneta da porta. Ele tinha se posto em pé e caminhava para ela com lentidão. — Mas já vou embora.

E podia haver partido antes que ele chegasse ao seu lado, entretanto ficou imóvel olhando seus movimentos lentos e pausados como os de um elegante felino. Ele tinha razão. Não havia restos de álcool em sua aparência. Se não fosse pelo bulício de antes nunca haveria dito que Colbert tinha bebido.

Suas pernas começaram a tremer quando ele apoiou uma mão no alto da porta e cravou seus olhos de prata nela, com intensidade, deixando-a sem fôlego. Os largos ombros lhe impediam de ver além dele, como se de repente se elevara um muro e lhe tivesse tirado toda a possibilidade de escapar. sentiu-se aturdida pela força masculina que ele desprendia.

— Até amanhã, Colbert — sussurrou, muito consciente de sua cercania. Tragou com dificuldade. Sentia medo, mas também, curiosidade. A forma em que ele a olhava a inquietava. Por que ele não dizia nada? Possivelmente porque seus olhos ardiam de desejo dentro dos dela, ou possivelmente porque não queria falar e só procurava outra coisa? Beijá-la? Seu coração pulsou a mil por hora.

Colbert levantou a outra mão até sua bochecha e Alana, agora sim, deixou de respirar. O desejo que Colbert transmitia era tão forte que assustava.

— Doçura — murmurou ele aproximando sua boca da dela.

Ia beijá-la, e o esperou com os lábios entreabertos, incapaz de fechar os olhos nem de mover-se, só sentia o rosto moreno muito perto dela, seu fôlego quente e ardente sobre suas bochechas com um ligeiro aroma adocicado do licor. E aconteceu. Os lábios dele acariciaram os seus como a seda, em um contato muito delicioso. Hipnotizada, deixou de pensar. Tudo ao redor deixou de existir, exceto aquela boca sobre a sua, lambendo seus contornos com lentidão, mordiscando seus próprios lábios. Um monte de sensações viajou por seu corpo, uma maré revolta que inflamou cada poro de sua pele. Fechou os olhos desfrutando do prazer dos sabores aveludados e quentes que alagavam sua boca, deixando-se arrastar por um torvelinho de fogo. Sentia que se afogava, que só respirava por ele, e não lhe importou. Não queria que se afastasse, não queria que se separasse dela e quebrasse a magia daquele beijo. Involuntariamente fechou os olhos.

Muito longe de distanciar-se, a língua de Colbert penetrou nela, enchendo-a. Uma de suas mãos lhe sustentou a nuca afiançando o beijo. Roçou-lhe os dentes, o céu da boca, os lados do interior da boca com sua língua. Era toda doçura, como mel derretendo-se em sua boca, e o mais excitante de tudo eram os prazerosos gemidos que ela exalava. Era um autêntico êxtase.

Colbert a esmagou contra seu peito, com força. A mão de sua nuca se enredou nos longos cabelos, pressionando-a para ele, para sua boca, como se quisesse roubar sua alma. A outra desceu da bochecha até as costas, empurrando-a mais ainda.

Era impossível que uma só lâmina de ar corresse entre seus corpos.

Alana deixou escapar uma débil queixa quando os lábios de Colbert se apartaram deixando os seus frios, famintos. Abriu os olhos topando-se com os discos cinzas que a observavam intensamente.

— Mais — sussurrou sem pensar.

Ele voltou a tomá-la com sua boca. Não pensava deter-se. Era muito difícil apartar-se dela sem saciar seu desejo. Estava ansioso, toda sua corrente sanguínea se concentrou no músculo latente sob seu ventre e tinha que liberá-lo. Tinha esperado muito tempo…

Esse beijo foi mais potente que o anterior, e Alana, em sua agitação, levou as mãos aos ombros robustos, atrevendo-se a roçar a pele ardente e dourada com acanhamento. Queria colaborar, precisava fundir-se nele, desejava algo que não entendia. Seus dedos o apertaram, era duro, macio; seguramente os anjos também eram assim. Mais animada ao senti-lo gemer contra sua boca, lhe demonstrando que desfrutava tanto quanto ela, acariciou-lhe os firmes músculos das costas. Uma incrível sensação que a fez sentir-se pequena e protegida entre seus braços.

O coração de ambos pulsava à mesma velocidade.

— Doçura — voltou a sussurrar ele transladando seus beijos à orelha de Alana, lambendo o oco debaixo do lóbulo, onde o pulso saltava disparado. Sua voz era uma espécie de advertência. Metade lamento, metade ameaça. Como se dissesse *"rogo, mas exijo"*. Mal podia lutar contra seu controle

tanto tempo reprimido, muito menos contra sua prudência.

Ela procurou seus lábios outra vez. Beijou-o várias vezes, com avidez.

— Não me deixe agora, Colbert, não se detenha. Quero mais. — Se alguém lhe houvesse dito alguma vez que imploraria pelos beijos de um homem, teria rido até a loucura, entretanto, estava fazendo e estava muito sã. Não queria pensar. Não tinha nenhum sentido fazê-lo. Estava desfrutando como nunca tinha feito e não importava o resto. No dia seguinte podia ser que o visse com outros olhos e inclusive se arrependesse pela vergonha, mas naquela noite não. Nessa noite o homem mais bonito do universo a estava beijando, estava-a amando. O futuro ficava longe, muito longe. Esse preciso momento era seu instante, seu sonho. Algo que ninguém poderia lhe arrebatar. Era ele quem tinha bebido, em troca ela era a bêbada, a que saboreava aquela situação com tal intensidade que pensou não poder saciar-se.

Ele suspirou aliviado com sua resposta e a levou à beira da cama. Apartou-se ligeiramente com os olhos entrecerrados. Era uma deusa! Estava completamente entregue; seus lábios, adoravelmente inchados e rosados, e seu olhar verde, transbordante pela paixão.

Colbert levou as mãos ao cinto da bata e, com destreza, desatou o nó. Não ia lhe dar oportunidade de arrepender-se. Ao diabo com Hellen e o resto do mundo! Voltou a beijá-la e se afastou um pouco para lhe tirar a roupa.

Ela seguia agarrada aos seus ombros, onde os negros cabelos acariciavam seus nódulos como a seda. Olhou-o.

Estava formoso, os lábios úmidos e excitantes, seu olhar sensual carregado de paixão e promessas. Um rosto esculpido pela mão de algum deus.

— Desejo-te tanto, Alana — murmurou ele junto ao seu ouvido. Beijou-lhe as bochechas sentindo seu aroma, as pálpebras, a testa… — Me deseja também, amor?

Ela tremeu com a sorte do que essas palavras refletiam. Possivelmente mais tarde se desse conta que era uma frase obrigada em um momento desesperado.

— Desejo-te, Colbert — respondeu com um som gutural nascido do mais profundo de sua garganta. E o que desejava era que ele seguisse beijando-a, que fizesse o que fizesse, mas apagasse a crescente ansiedade que roía seu estômago. Baixou os olhos ao seu peito, enfeitiçada com o pêlo encaracolado em forma de v. Escutou-o guardar a respiração e a animou a tocar sua pele com lentidão, com as palmas das mãos abertas. Sua compleição era tão esplêndida que lhe custava não gemer e suspirar ao acariciá-lo.

Colbert se manteve imóvel, deixando que suas mãos inexperientes o levassem à mais extrema das loucuras. Não sabia quanto tempo mais poderia reprimir a vontade de terminar de despi-la e tomá-la como realmente desejava, mas recordava, porque não podia esquecer, que ela era virgem e inocente.

Alana levantou a vista para ele com olhos nublados, e então voltou a estreitá-la pousando os lábios em seu pescoço, lhe elevando pôr fim a camisola com tanta suavidade e delicadeza que ela se deu conta só quando a roupa saiu por

sua cabeça.

Era linda, a mulher mais linda de todas as que tinha conhecido. Curvas perfeitas, cintura estreita, ventre ligeiramente fundo, seios bem formados e juvenis que se elevavam a ele com graça, e suas longas e espetaculares pernas. Alana era melhor do que ele tinha imaginado, e ainda não podia sair de seu assombro pela sorte de tê-la ali. Rosada da cabeça aos pés e com a juba caindo atrás das costas, roçando seus quadris.

Ela exclamou ao sentir o ar fresco percorrendo seu corpo, ou talvez fossem suas terminações nervosas ao ver-se nua ante ele, envergonhada de ter um corpo magro com seios diminutos. E Colbert a olhava tão profundamente que quando seus olhos cinzas se deslizaram por seus peitos teve a sensação que a estava tocando.

O olhar continuou descendo pelo contorno de sua cintura admirando seu umbigo e o latente triângulo que escondia a união de suas pernas.

Colbert adivinhou suas intenções, e antes de poder se cobrir com as mãos ele a puxou pelos pulsos negando com a cabeça.

— É linda — afirmou apoderando-se de seus lábios outra vez.

Alana quis soltar-se. Naquela posição se sentia indefesa. Não podia ocultar-se nem tocá-lo nem abraçá-lo, rogou, beijou-o; sentiu que fogo a percorria, abrasando-a, lhe precipitando o pulso.

Compassivo, Colbert a levantou nos braços recostando-a

sobre a cama, depois tirou as calças sem separar seu olhar dela nem por um segundo. Não tinha nenhuma pressa apesar de sua urgente necessidade de possui-la, por isso tomou um tempo precioso em acariciar cada curva, cada fenda… começou a percorrê-la entre gemidos e sons de aprovação, massageou as pernas de Alana devastando a carne branca, pressionando com as mãos, lambendo a parte interna de suas coxas, fazendo-a suspirar uma e outra vez; acendendo sua ânsia.

Alana o rodeou com os braços e o animou a continuar enredando os dedos em seu cabelo. Deslizou uma mão por suas costas e se arqueou contra ele. Jamais em sua vida tinha pensado que umas carícias em suas pernas pudessem fazer com que os músculos de seu corpo se contraíssem daquela maneira, com aquele prazer indescritível que foi enchendo-a de fogo.

Colbert se colou a ela de maneira mais íntima, e Alana sentiu uma quebra de onda de desejo na parte baixa de seu ventre, sobretudo quando ele começou a lhe acariciar os seios. As palmas se cavaram sobre a redondeza de seus seios, e a fricção conseguiu lhe arrancar o ar.

— Me toque — sussurrou ele contra seu ouvido, lhe guiando uma mão para seu membro endurecido.

Alana ficou boquiaberta, mas o obedeceu, encerrando entre seus dedos aquele falo duro como o aço. Não tinha nem ideia do que fazer, por isso ao princípio só o apertava e o soltava. Ele mostrou como deviam ser suas carícias, e Alana logo pegou um ritmo.

Um minuto depois Colbert apanhou a ponta de seus seios

com a boca, castigando todos os seus sentidos com uma aberta ofensiva de emoções que não sabia que existiam. Ela se desesperou, perdendo o controle por completo.

Colbert se incorporou um pouco sobre ela, e seus olhos ardentes continuaram um caminho imaginário que foram desde seu bonito rosto até os seios, depois viajaram mais abaixo, justo onde ela prosseguia acariciando-o.

Alana avermelhou. Aquilo era... indecente... erótico... excitante...

— Toca-me — disse ele deslizando sua mão entre as pernas de Alana. Ela, sem deixar de tocá-lo, fechou os olhos e se sentiu explorar. Os dedos de Colbert a estimularam provocando uma forte tensão que parecia querer acabar com ela. Deixou-se levar pelas sensações.

Colbert inspirou profundamente. Aquilo era mais do que podia suportar. Segurou-a pelas coxas, deteve-se um segundo e a olhou aos olhos. Viu nela fogo e desejo. Estava mais que preparada para recebê-lo, e a penetrou.

Ela se elevou contra ele, aferrando-se aos seus ombros, cravando as unhas em suas costas, desejando chegar mais alto, alcançando um infinito que explodiu em seu ser com a força de uma onda gigantesca que arrastava tudo ao seu passo, levando-a ao fundo de um mar em calma. Choramingou, e ele se emocionou. Sua agitada respiração lhe provocou um calafrio na coluna vertebral. Sabia que ele tinha gostado, e isso era muito importante para ela.

Colbert deu-lhe vários beijos seguidos nos lábios antes de cair a um lado dela, deslumbrado pelo que acabava de sentir.

Nem todas as postitutas do mundo o teriam podido preparar para as emoções que Alana lhe tinha provocado, e isso porque era uma virgem, ao menos até há uns segundos. Não queria nem imaginar como seria com um pouco mais de prática. Decididamente, ela não era um capricho. A verdade dessa afirmação guardou em um rincão de sua mente. Naquele momento podia confundir-se com o álcool e não queria falar além da conta ou criar falsas ilusões.

A acobreada e espessa juba dela cobria parte do travesseiro como uma manta de arminho. Seu rosto rosado e formoso tinha uma expressão feliz quando Colbert a olhou.

— É linda.

— E você, extraordinário — respondeu maravilhada e adulada. Seguia emitindo curtos ofegos. Seu coração lutava por regular seus batimentos a uma velocidade mais moderada. Tendo Colbert junto a ela, olhando-a com um sorriso enigmático, resultava difícil.

Alana elevou sua mão pousando-a na bochecha forte. Era ligeiramente áspera com o início de uma nova barba que ele raspava a cada manhã. Colheu-lhe com encantamento uma longa mecha de seu escuro cabelo, fascinada por seu tato fino.

— É tão bonito — se escutou murmurar. Inclinou-se a ele e apertou o rosto contra seu peito.

Os lábios de Colbert jogaram sobre seu cocuruto. Sua mão acariciou os quadris de Alana para logo deixá-la imóvel na estreita cintura. Não sabia o que dizer nem como encarar aquele assunto. Esperou que ela expressasse algo, que o insultasse se fosse o caso, entretanto Alana parecia totalmente

relaxada contra seu corpo. Ela saberia das possíveis consequências? É claro que devia saber! Tinha dois sobrinhos e não era tão estúpida para não saber que os meninos não cresciam nas árvores.

Colbert era tão grande que as pernas dela se enredavam entre as suas sem chegar a lhe tocar os pés. Sentiu-a tremer, e alargando a mão ao chão encontrou os cobertores e puxou para cobri-los.

A moça o beijou no peito e levantou os olhos para ele com uma careta.

— Devo partir — pronunciou com pesar.

Colbert voltou apoderar-se de seus lábios uma vez mais. Queria saboreá-la outra vez antes de separar-se. Teria sido capaz de voltar a lhe fazer amor se ela finalmente não tivesse rodado sobre o outro lado do colchão para sair da cama com uma risada suave.

— É uma bruxa.

Alana procurou suas roupas com pressa e enquanto se vestia observou como ele cavava o travesseiro com indiferença. Como se não lhe importasse que ela tivesse que partir. Decepcionou-se um pouco, mesmo assim atreveu-se a aproximar-se dele lhe roçando os lábios com os seus.

— Obrigada, Colbert.

— Alana. — Puxou-a pela mão antes que se afastasse. — Temos que conversar. Me espere para tomar o café da manhã.

O coração de Alana pulsou com força. Assentiu antes de partir.

Capítulo 26

Huntington observou o forasteiro intrigado. Seu mordomo, um tipo que vestia libré e uma sóbria peruca empoeirada informou-lhe que o visconde de Lancaster precisava falar com ele de um tema extremamente delicado. Seu nome, Edward Lyton, não lhe dizia nada.

O visconde entrou na maravilhosa e ampla biblioteca onde uns segundos antes o lorde tinha estado lendo sentado em uma profunda poltrona em frente ao fogo. Justo ao entrar Huntington ficou em pé e após recebê-lo com um estreitar de mãos, guiou-o até a cadeira situada junto à escrivaninha, e ele tomou assento na oposta. A sala estava decorada com elegante grandiosidade, em que os detalhes dourados reluziam como o próprio ouro. Os tons creme e rosados se elevavam sobre as aveludadas paredes verdes.

— Lorde Huntington, me desculpe ao me apresentar desta maneira irrompendo sem prévio aviso em sua casa. Sou o visconde de Lancaster, Edward Lyton, e o que preciso falar com você é de suma importância e bastante privado -advertiu jogando um olhar descarado ao mordomo.

— Esse foi o motivo de que lhe recebesse, visconde -respondeu Huntington fazendo um sinal ao seu criado para

que os deixasse a sós. — O que acha de deixarmos os formalismos e eu o chamo Edward, e você, a mim, Stephen?

— Melhor assim, é claro.

— Bem, então que assim seja, Edward. Gostaria de tomar algo?

Edward negou com a cabeça, incapaz de apartar os olhos da vestimenta de Huntington. Já o tinha visto assim na tarde que foi passear com *Iron* nas pistas de gelo, mas pensava que era para chamar a atenção.

— Então diga a que se deve sua visita. Eu, se não se importar, vou me servir um licor que me enviaram recentemente da Áustria.

— Adiante, está em sua casa — respondeu o visconde com um sorriso impessoal. Contemplou suas mãos esperando que Huntington se servisse.

— Pode começar.

— Estava pensando o modo de fazê-lo, porque agora que estou aqui acredito que me confundi com você.

— Sim? — O lorde franziu o cenho. — Como é isso?

— Veja, Stephen, pode ser que me ache um impertinente, mas na realidade vim lhe advertir sobre uma de suas amizades. Trata-se de *Lorde Iron*.

— Lamento, temo que não sei quem é esse *Lorde Iron*.

O visconde piscou, estranhando.

— É estranho, vi-lhes juntos outro dia, mas possivelmente deva perdoar minha falta. Pode ser que você o conheça por outro nome, Colbert Wakefield.

Huntington ficou em pé com um duro olhar. Não pensava

tolerar que o relacionassem com aquele homem.

— O senhor Wakefield não é meu amigo. Você se confundiu, Edward. — Dirigiu-se à porta para que o seguisse.

Edward abriu os olhos com surpresa, sem levantar-se.

— Sinto-o seriamente. Ao lhes ver suspeitei o contrário. Em troca, se não são amigos, alegra-me escutar.

Huntington sentiu curiosidade. Não entendia o que esse homem fazia em sua casa. O visconde tinha uma evidente entonação francesa e não pronunciava os erres, clara amostra de que nem sequer era inglês.

— Você me intriga, Edward — disse retornando ao seu lugar, sentando-se com as pernas cruzadas. — Por favor, me diga sobre o que veio me advertir.

Edward franziu os lábios satisfeito de ter captado o interesse do lorde.

— Não vou andar pelos ramos nem com adornos de nenhum tipo. Colbert é um ladrão, um completo desalmado, e se não me equivoco, já que diz que não são amigos, está tentado aproveitar-se de você.

Huntington o olhou com surpresa.

— De mim? — Riu acidamente. — Você não me conhece. Jamais me deixaria enganar por aquele miserável.

— Ora! — Edward se endireitou com surpresa. — Vejo que você tampouco o aprecia.

— É óbvio que você e eu sentimos o mesmo ressentimento pelo homem. Posso lhe assegurar que se neste mesmo momento me dissessem que Wakefield está morto, sem dúvida celebraria.

Edward riu agradado.

— Já seríamos dois, embora possivelmente eu vá mais longe.

— Por favor, se explique. Admito que têm todo meu interesse.

Edward se acomodou relaxando as costas sobre o alto respaldo da cadeira.

— Quando cheguei a Londres todo meu afã era acabar com o tipo e retornar a Paris, onde possuo minha residência, entretanto, nestes dias me dei conta que desfrutaria mais se o visse sofrer e padecer, não uma morte rápida, entende?

— Temo que não.

— Não importa, tenho bastante tempo e lhe contarei isso com atenção. — O visconde entrelaçou os dedos das mãos observando as unhas. Acabava de fazer a manicura e não tinha ficado muito bom. Nada lhe parecia bom desde que tinha chegado a Londres e estava desejando retornar à casa o antes possível. — Elaborei um plano para arruinar a vida do *Iron*. Em um primeiro momento não pensava compartilhá-lo com você, mas não sei, pode ser que depois de descobrir que sente o mesmo interesse que eu, atreva-me a lhe pedir ajuda. Depois de tudo, você parece um homem bastante influente e imagino que sempre terá aqui mais contatos que eu. — Edward era consciente de poder dirigir Stephen ao seu desejo. Conhecia os tipos como ele, e eram todos uns egoístas capazes de vender a sua mãe por algumas moedas. Huntington era a pessoa perfeita. Seu traje e a decoração de seu lar proclamavam aos quatro ventos que adorava não só a riqueza, mas sim aparentar

mais que os outros.

Os olhos de Stephen mostraram um brilho de curiosidade.

— Estou desejando saber, Edward.

— É seguro falar aqui? — Perguntou olhando para a porta. Não queria que ninguém, além do anfitrião, soubesse de seu plano.

— O bastante. Fale sem disfarces.

— Conheci a bela esposa do *Iron* — começou a dizer. — E tinha pensado que seria uma lástima para ele se lhe acontecesse qualquer… acidente.

Huntington o olhou fixamente, mantendo-se totalmente calado. Colbert nem sequer estava casado, de modo que Edward lhe estava mentindo ou possivelmente pensava que Hellen ou a vadia da Alana eram sua consorte.

— Pensa cometer assassinato?

Edward elevou as sobrancelhas com um sorriso malicioso.

— Eu não gostaria de fazê-lo em seu país. Aqui não sairia tão vitorioso como em Paris.

— Sempre pode pagar a alguém para que o faça por você, mas por que a mulher? Sem dúvida seria muito mais proveitoso atacá-lo diretamente. — Huntington encolheu os ombros. — Suponho que após sua morte ela ficaria desprotegida.

— Embora não pareça, Stephen, *Iron* é um tipo com bastante dinheiro. Posso lhe assegurar que à viúva não faltaria de nada. Mas de todas as formas, tampouco pensava assassinar ninguém, no momento. Tinha em mente sequestrá-la e vendê-la nas Índias. Ultimamente ouvi que dão um bom

preço pelas damas de aparência agradável, e ele certamente sofreria mais que nunca procurando-a. Imagine toda a fortuna que perderia tentando recuperá-la!

O sentimento de aversão e ódio que pôde apreciar no rosto de Edward arrepiou Stephen.

— Acho que esse *Iron* deve ter feito algo muito horripilante para… para que abrigue tais emoções — se atreveu a lhe dizer.

O visconde entrecerrou os olhos antes de responder.

— Fez, e eu jurei me vingar. Agora chegou o momento.

— Não vejo como posso lhe ajudar, já que vejo que têm tudo planejado.

— Nem tudo. Eu não conheço muita gente em Londres, e seria verdadeiramente difícil tirar a mulher do país já que, muito ao meu pesar, *Iron* tem muitos contatos e influência.

— Ah, sim? — Huntington nunca haveria pensado. Começava a compreender como era possível que pudessem alojar-se em uma das melhores mansões da cidade ao mesmo tempo que convertiam seu lar de Christchurch em um incrível casarão.

— *Iron* sempre teve umas relações muito perigosas e conhece o mundinho que ferve nos subúrbios. — Edward passou a lhe narrar algumas coisas sobre o seu passado, deixando o lorde com a boca aberta. — Indubitavelmente, se sua esposa desaparecer, virá me buscar, por isso penso que você poderia me ajudar. Meus homens capturam a mulher, e você se encarrega de tirá-la da Inglaterra. Poderia ter bons lucros com isso.

Huntington sorriu com crueldade e assentiu. O que ele

queria saber era quem o visconde acreditava que era a mulher. Desde que tinha conhecido a fera Alana já não gostava de Hellen. Riu mentalmente. A jovem merecia um bom castigo e muita dose de submissão.

— Quanto pede por ela?

Edward abriu uns olhos como pratos.

— Supõe-se que sou eu quem vos pagarei para que a tire daqui.

— Sei, mas possivelmente me interesse ficar com ela por uma temporada.

O visconde acariciou o queixo sem dissimular sua emoção.

— Será fácil chegar a um acordo. Não me interessa tanto o dinheiro e sim deixar *Iron* louco.

Huntington soltou uma gargalhada.

— Como pensa se apoderar da mocinha? Não sou partidário de que ocorra algo aos seus sobrinhos — disse, esperançado, desejando que o visconde lhe confirmasse que se tratava de Alana.

— Certamente, nem aos meninos nem à sua irmã mais velha ocorrerá nada. Pode confiar em mim.

Huntington se animou e se estivesse sozinho teria sido capaz de dançar. Já podia saborear a harpia de olhos verdes.

— Eu mesmo me encarregarei disso — disse ao Edward. — É só você me entregá-la.

Poderia lhe haver advertido que Colbert não estava casado, mas não importava, porque o plano jogava ao seu favor, e o objetivo sem dúvida era o mesmo. Vingar-se de Colbert.



Alana desceu bastante tarde para tomar o café da manhã naquela manhã. Lucy a tinha chamado um par de vezes bem cedo, mas ela se fez de lenta escondendo a cabeça sob o travesseiro e voltando-se para dormir. Quando havia tornado a abrir os olhos eram passadas as doze, e a própria Noelle lhe disse que Hellen tinha saído com os meninos e que Colbert tinha ido a uma reunião com dois empregados de Seth Presley.

Na noite anterior, quando ela tinha retornado ao seu quarto depois de ter estado com Colbert, não tinha podido deixar de pensar no que tinha feito. Entregara-se a ele. Tinha perdido sua virgindade.

Teria sido idiotice não admitir que havia se sentido entusiasmada. Nunca tinha imaginado poder sentir todas aquelas coisas por dentro, e mais, nem sequer sabia que se sentia isso. Pensou que a união seria algo agradável, nunca tão prazeroso. Agora estava maravilhada, à exceção da dúvida de saber como reagiria Colbert ao vê-la de novo ou do que falariam e no que se centraria a conversação.

Ele tinha demonstrado que era terno, atento e, sobretudo, bastante experiente na arte da sedução, mas havia dito que não estava interessado nela. Uma mentira bastante óbvia, mas com a qual podia defender-se se dissesse que tinha bebido em excesso.

Certamente Colbert não tinha falado de amor nem de nada parecido. Nem sequer estava segura que fosse fazê-lo. De fato, dentro de toda a confusão que ela sentia, quase preferia que

não o fizesse. Ou isso queria pensar para não ter a maior decepção de sua vida quando Colbert lhe dissesse que a apreciava, mas que não a amava ao ponto de casar-se.

Fosse como fosse, deixaria que ele falasse primeiro. Porque estava segura que com palavras amáveis e olhos de *"eu sou mais vítima que você"*, acabaria apartando-a de seu lado. Alana não devia esquecer que até que a conheceu, Colbert tinha sido um mulherengo, um jogador e o dono de um prostíbulo. Certamente muito experiente para uma moça como ela.

Nessa manhã tinha saído um sol morno, e seus raios banhavam o salão penetrando pela janela alta. Alana inspirou, relaxando imediatamente. Os aromas que impregnavam o ambiente, todos cotidianos, a faziam sentir-se bem, eram os da madeira queimada, o leite temperado e os bolinhos de manteiga com nata. Serviu-se de uma xícara de chá sentando-se em frente à grande mesa da sala de café da manhã, pegou o periódico que havia junto ao prato das torradas e o primeiro que viu foi o dia escrito em itálico negro. *QUINTA-FEIRA*.

A semana tinha passado voando e já estavam na quinta-feira! Mal faltava um dia para o encontro de Colbert com o visconde. De repente ficou sem fome, e um nó de nervoso se agarrou com força ao seu estômago. *QUINTA-FEIRA*. Se tudo saísse bem Colbert lhe contaria no sábado como se desenvolvera o encontro, do contrário, Alana não teria mais remédio que voltar a vestir-se de luto e ir ao seu funeral.

Durante a maior parte do dia ela esperou que Colbert chegasse, entretanto, ele mandou uma nota rogando que o desculpasse, mas que sua reunião se alargara. No almoço

comeram ela, Hellen e os meninos.

— Lania, anjo, aconteceu alguma coisa? Noto-te um pouco inquieta — lhe perguntou Hellen quando todos passavam à calidez de uma sala menor enquanto Lucy e outra criada recolhiam o serviço. Os meninos iam com o xadrez, dispostos a começar uma longa partida.

Alana olhou Hellen com intensidade. E se lhe contasse a verdade? Ela não sabia mentir e dissimulava mal, e certamente sua irmã suspeitaria de algo. Ante o longo silêncio, foi Hellen quem prosseguiu com a conversação.

— Pensei que ia gostar mais de Londres do que estar no condado. Sente falta de nossa casa?

— Não é isso — respondeu. Dorset era mais tranquilo comparado com aquela cidade, mas também muito mais aborrecida. — Quando iremos ao jantar dos Yaron?

Hellen se aproximou de sua irmã, agarrou uma de suas mãos e lhe deu um apertão carinhoso.

— Na semana que vem. Será muito divertido, não haverá muita gente, e os gêmeos poderão estar com os filhos da Sara e Alexander. É isso o que a preocupa?

Alana pensou um momento antes de responder. Não desejava lhe mentir, mas tampouco podia lhe dizer a verdade.

— Conheço os Yaron e me agradam. Ir à sua casa não me desgosta, entretanto, o que você e Colbert disseram sobre as demais festas... não quero ir, Hellen. Tampouco preciso procurar marido tão cedo. — Olhou aos meninos que estavam colocando-se sobre o tapete estendido ante a lareira de mármore, e nesse momento cruzou a vista com Andy, que

embora não parecesse, estava atento a tudo o que elas diziam. Alana lhe sorriu. — Se tiver que me casar, eu gostaria que fosse com alguém de Dorset, para ficar mais perto de vocês.

— Não há pressa em fazê-lo, sempre podemos vir no ano que vem. Sei que todo este assunto deve resultar bastante difícil para você, sobretudo depois do acontecido no White´s, pois haverá um montão de homens dispostos a fazer qualquer coisa para te conhecer. Deve ser a única mulher que causou tanto revoo. Menos mal que Colbert proibiu todas aquelas visitas, do contrário, esta casa estaria sempre cheia de gente.

Alana a olhou, incrédula. Hellen era uma exagerada. Se realmente houvesse tantos homens desejando conhecê-la algum já lhe teria abordado durante seus passeios com os gêmeos ou nas próprias saídas com Hellen. A quem sua irmã pretendia enganar? Alana não possuía título nem riquezas. Estava segura que se alguém queria conhecê-la era só pela expectativa que tinha causado que um singelo nome como o seu estivesse entre as apostas mais importantes de um dos clubes mais renomados da cidade.

Por sorte não puderam seguir falando do tema porque receberam uma visita. Ao princípio, a chegada daquela mulher à casa deixou Hellen com a boca aberta. Em troca, Alana teria sido capaz de agarrá-la pelos cabelos e havê-la arrastado até a rua, onde nesse momento o céu se tornara completamente negro, ocultando o sol.

A senhorita Rose Busbee era uma mulher muito bela, que entrou na sala com ar de pertencer à própria nobreza. Usava um vasto cabelo castanho no alto da cabeça preso por um

chamativo broche em forma de borboleta. Várias mechas soltas, ligeiramente frisadas, emolduravam um rosto pequeno de queixo fino. Seus olhos eram grandes e amendoados, da cor do açúcar queimado, com diminutas pintas amarelas. As pálpebras tinham uma leve cor artificial, assim como as bochechas e os lábios vermelhos brilhantes. E ao tirar o grosso casaco deixou ver um elegante vestido marrom que marcava seu generoso seio e deixava os ombros descobertos, muito mais indicado para ir a uma festa que para fazer uma visita.

Hellen, educada como sempre, fez a senhorita Busbee sentar enquanto pedia à Lucy que preparasse uns chocolates quentes para amenizar a baixa temperatura do exterior, ao mesmo tempo que assinalava aos gêmeos que partissem para jogar em outro lugar.

Alana, em troca, não deixava de estudar a mulher, invadida por um ciúme dilacerador que cobria seu peito. Tinha sido muito ruim por parte de Colbert comportar-se desta maneira. Não só enviava uma prostituta à sua casa, porque estava completamente segura que uma mulher que utilizava tantas cores artificiais em seu rosto não podia ser outra coisa, mas ainda por cima fosse uma mulher tão formosa, que era capaz de fazer sombra às debutantes da sociedade proclamadas beldades da temporada, era um dos cúmulos maiores e mais injustos que tinha vivido. Certamente era para cair no choro.

A senhorita Rose Busbee era bastante agradável no falar, muito charlatã.

— Colbert e eu nos conhecemos há vários anos.

Coincidimos em Paris — havia dito com um tom meloso e sensual esclarecendo de certo modo a relação que os unia. A mulher interpretava tão bem seu papel que Alana e Hellen acreditaram com convicção. Que motivo teria para mentir se dizia que era amiga íntima de Wakefield?

À medida que o desengano foi surtindo efeito em Hellen, em Alana cresceu uma forte ira destinada ao desprezível Colbert e a ela mesma. Como tinha sido tão estúpida de entregar-se a ele e ainda por cima lhe agradecer? Quanto teria rido dela e de sua inexperiência! Sentia-se ridícula!

«Não o amo», dizia-se uma e outra vez, fingindo escutar algumas das anedotas que a senhorita Busbee e Colbert tinham vivido juntos. Era certo que nesse momento quão único sentia por ele era raiva. Raiva e o ódio mais profundo que uma mulher pudesse sentir por um homem. Para ela, o ato de amor tinha tido um grande significado; para ele, nenhum. Só tinha sido uma a mais onde acalmar seu desejo. Estúpida! Estúpida!

A senhorita Busbee seguiu contando mais coisas, era como uma boneca de porcelana que dança sobre o veludo, a que alguém tivesse dado corda, por isso, quando a porta da sala se abriu e apareceu Colbert, Alana não duvidou em ficar em pé ao mesmo tempo que lhe gritava:

— Surpresa!

O cavalheiro que acompanhava Colbert poderia ter jurado que Alana os estava recebendo com um grande sorriso. Em troca, Colbert viu a irritação e a frieza que gotejavam os olhos verdes.

Hellen e a senhorita Busbee se incorporaram ficando à

vista dos homens.

Colbert ficou parado, passando a vista de Alana às outras duas mulheres, e se alguma vez desejou que o tragasse a terra, foi naquele preciso momento.

À Alana também, porque o homem que acompanhava Colbert era Mike Newton, que devorava com olhos brilhantes a jovem de marrom.

Todos os homens eram iguais, sempre pensando mais com o que guardavam nas calças que com a cabeça.

A tensão se afrouxou um pouco quando Hellen se aproximou de Mike para saudá-lo. O homem, muito cavalheiresco, depois de beijar a mão da mulher, dirigiu-se à Alana para fazer o mesmo, esquecendo-se momentaneamente da outra moça.

— Rose, o que faz aqui? — Obrigou-se a dizer Colbert. Sabia perfeitamente que o que fazia ali e o objetivo de sua visita. O que não tinha contado é com o que tinha acontecido na noite passada entre ele e Alana, e era como se lhe tivessem dado um chute nos testículos.

Alana não quis escutá-los, por isso se centrou em ser amável com Mike Newton, que outra vez a achou encantadora. Muito mais bonita do que recordava.

— Não esperava lhe ver aqui! É uma agradável surpresa, Mike.

— Quis vir antes, mas o tempo não me permitiu.

— Chegou nesse momento?

— Justo quando me dispunha a bater na porta, apareceu o senhor Wakefield — assentiu. — Espero que não seja nenhum

aborrecimento.

— É claro que não! — Respondeu Alana. — Passem à sala e nos acompanhem, estávamos tomando um pouco de chocolate.

— Já partiremos — disse Colbert estendendo a mão para recolher o casaco de Rose que o senhor Drew lhe entregava. — Mike, me deixe que vos presente a uma amiga, a senhorita Rose Busbee.

O arquiteto saudou a mulher com pura devoção em seu olhar. Um olhar que nem Hellen nem Alana conseguiram ver, já que ele estava de costas a elas.

O coração de Alana galopava entre a fúria e a ansiedade. Não tinha sido suficiente ter que conhecer essa mulher, mas ainda por cima Colbert ia partir com ela. Sentiu uma terrível vontade de esbofeteá-lo com todas as suas forças, entretanto reagiu a tempo. Não podia deixar que os outros se dessem conta de quão indignada estava.

Pouco depois que ele saiu ela teve que fugir ao seu quarto para dar rédea solta a toda a dor que consumia seu peito. Chorou como há muito tempo não o fazia.

Capítulo 27

Alana se deitou sobre os cetins da larga cama esperando com impaciência que chegasse a hora de descer para o jantar. Estava há mais de uma hora pronta e se esmerara mais que nunca para ficar bonita. Pensava que não podia comparar-se com a formosa senhorita Busbee, mas o tafetá verde musgo de seu vestido fazia com que seu olhar adquirisse um tom bastante incomum e formoso, capaz de competir com os caramelos da outra. Seus olhos eram um dos traços que mais gostava e usando o cabelo para trás, com a testa livre, pareciam duas gemas acesas. O vestido era um dos escolhidos por Colbert e ficava maravilhoso. Por si só nunca teria eleito um tom tão chamativo, inclinando-se mais pelos cremes, o cinza ou o negro. Estes últimos eram os que mais tinha usado depois da morte de Jhon.

Sua educação era incomensurável, Hellen tinha se encarregado disso, instruindo-a para um futuro dentro de suas possibilidades, mas não certamente para rodear-se de damas e cavalheiros. Aquilo ficava muito acima dela. Entretanto, desde que tinha chegado a Londres, ou melhor, desde que tinha aparecido Colbert, tudo tinha mudado. Ela não tinha sentido falta das comodidades tanto como Hellen. Seus últimos anos ao

lado dos gêmeos não lhe tinham permitido sair nem conhecer gente, e antes, com seu avô, sua forma de viver tinha distado muito da atual, sempre estando ao ar livre. Possivelmente, se o homem não tivesse abusado da bebida e esbanjado o dinheiro que ganhava, teriam destacado entre as classes sociais. Em troca, ao seu avô nunca importou mais que viver comodamente, sobretudo nos últimos dias, nos quais se achava realmente doente. Quando morreu, quão único deixou foram dívidas que graças ao céu puderam quitar com a venda da casa.

Com aborrecimento, esticou as mãos para cima observando seus dedos sem anéis. Há uns minutos Lucy lhe havia dito que a condessa viúva de Hámster Sould ia se casar com o filho de um duque, e imaginou como ficaria em sua mão um anel de compromisso. Porque essa noite ela tinha um objetivo em mente. Apaixonar Mike Newton. Sim, tinha decidido, e um arquiteto como ele era um bom partido. Amável, atento, cavalheiresco e vivia no condado. Que mais podia pedir?

Tinha desenhado o plano para atrair Mike com malícia. No fundo, pretendia provocar ciúmes em Colbert. Olho por olho e dente por dente.

— Posso entrar? — Perguntou Hellen da porta. Sem esperar resposta, ingressou em um revoo de saias celestes.

Alana se incorporou, alisando suas saias.

— Sim, claro, por favor.

— O que fazia? — O olhar azul de Hellen passou dela à cama. — Está cansada?

— Não, só estava relaxando um pouco antes de ir jantar, e pensando, que tal estou? Crê que posso fazer Mike apaixonar-se?

— Como não iria fazê-lo? Está linda — disse com sinceridade, admirando a malha de seu vestido. Logo olhou-a diretamente aos olhos e soltou um suspiro tremente.

Alana se sentiu horrivelmente mal. Ela pensando na raiva que lhe tinha dado ver a senhorita Busbee ali e não tinha tido nenhum pensamento para Hellen, que devia estar passando mal. Amaldiçoou-se em silêncio recordando a promessa que fez uma vez. Até que Hellen não achasse a felicidade, ela mesma não poderia procurá-la.

— Ocorre-te algo mau, Hellen?

— Mau não é. — Encolheu os ombros e deixou que Alana a sentasse sobre a cama, acomodando-se ela ao seu lado. — De verdade gosta de Mike Newton?

— Um pouco. Por quê? Crê em tudo o que Huntington disse?

— Claro que não! Esse homem mente mais que fala, sobretudo quando pensa que pode conseguir algo de tudo isto. De todos os modos, seria melhor que fosse com cuidado, Lania.

A moça assentiu e rodeou os ombros de Hellen, apertando-a com carinho.

— Hellen, está assim por Colbert e aquela mulher, não é? — Atreveu-se a perguntar com um nó na garganta.

Para sua surpresa, Hellen negou.

— Ah, não, não! Parece que afetou mais você que a mim.

Alana se esticou. Helen teria se dado conta de algo? Se

uns segundos antes se haviam sentido mal, agora a sensação de havê-la traído e haver se convertido no ser mais ruim e baixo do mundo se apoderou dela. Tragou com dificuldade.

— Incomodou-me que aquela mulher viesse à casa, — afirmou — mas só porque uma dama que se aprecie não se maquiaria como ela.

Hellen assentiu com a cabeça.

— Antes nunca se fixaria nessas coisas.

— Estou mudando — respondeu mordendo o lado esquerdo de lábio inferior. Acreditava-lhe?

— Eu imaginava que Colbert teria alguma amiga — disse Hellen com um profundo suspiro. — É normal que um homem tão bonito tenha alguém. Não crê?

— Sim, mas pensei que você gostava dele.

— Bom, ao princípio fiz-me umas poucas ilusões. Era como se precisasse voltar a me sentir amada, como quando estava com Jhon, mas algo no fundo de mim sabia que estava me equivocando com respeito a ele. — Agitou a cabeça pesando. — Colbert não é como Jhon. Nunca poderia ser como ele. Quando o vi em casa na primeira vez recordou-me muitíssimo o meu marido, muitíssimo. Foi como se uma parte dele tivesse retornado a mim. Mas depois… — cravou seus olhos no fogo que ardia na lareira. — Não posso substituir Jhon com seu irmão. — Encolheu os ombros. — Eu gosto de estar com ele, conversar, rir. A forma em que trata a todos, embora você e ele discutam muito. — Hellen olhou Alana, que com ar culpado escutava com atenção. — Não sei se me compreende, mas sinto Colbert como outro irmão. Um irmão ao qual de vez em quando

desejaria dar um golpe atrás das orelhas, como hoje, por exemplo, ao trazer para essa casa aquela classe de mulher. Imagina? — Riu, divertida.

Alana fingiu rir também.

— É possível que ficasse tão surpreso que não atinasse a dizer nada.

Hellen ficou mais séria e procurou o olhar de Alana.

— Jamais poderia querê-lo sem pensar que não seria a ele a quem amava, e sim ao sangue que compartilha com Jhon.

Alana se moveu incômoda. A nostalgia de sua irmã era tão patente que sentiu vontade de chorar por ela. Hellen não merecia que a vida fosse tão injusta.

— Nada te obriga a se apaixonar por alguém, Hellen. Ainda não.

— Às vezes faz falta ter alguém que te abrace à noite, ou que te dê bom dia com um beijo. São nesses momentos que mais sinto falta dele.

Abraçaram-se em silêncio durante uns minutos. Hellen se repôs.

— Sobre o Colbert, o melhor é não se zangar, — continuou lhe dizendo — sempre foi um homem livre, e agora quer fazer-se responsável por nós porque pensa que deve ao seu irmão de algum modo. Entretanto, está em sua natureza que goste muito das mulheres até que de verdade se apaixone e assente a cabeça. Eu me alegraria se isso acontecesse, mas por favor, com uma mulher normal, boa e que o amasse, conformo-me. Não com a senhorita Busbee. — Hellen riu outra vez. Alana tentou sorrir, mas em seus lábios se fez uma linha fria e tensa.

— Querida, tem razão. Não tem por que procurar marido com rapidez. É verdade que aqui em Londres terá mais oportunidade que em Dorset, mas é você quem decide. De todas as maneiras, o que acha de aproveitarmos nossa estadia aqui para sair às compras? Assim que partirmos não teremos tantas diversões.

— Não pensa vir viver na capital?

— Não.

— E se Colbert preferir ficar aqui? — Alana perguntou-lhe com curiosidade.

— Ele pode fazer sua vida onde quiser. As portas de casa sempre estarão abertas para ele, e os meninos receberão encantados suas visitas, mas ele se apaixonará, se casará e terá filhos. Eu não quero depender dele para sempre. Além disso, pensei que quero continuar com minha profissão, lutar por aquilo para o qual me preparei.

— Seguirá sendo professora?

— Sim, e pedirei emprestado ao Colbert o dinheiro necessário para poder abrir nossa própria escola. Igual queríamos fazer quando Jhon era vivo. Possivelmente até deseje fazê-lo na mesma vila onde tínhamos pensado. — Olhou-a fixamente. — Você me ajudaria, não é, Lania?

— Hellen! Isso é fantástico! Claro que eu adoraria ajudar, deixara-me mais independente — o dizia a sério, ela também devia pensar em seu futuro. Se se casasse com um arquiteto talentoso necessitaria de algo para investir o tempo que passasse sozinha em casa.

— Espero que não saia muito caro.

— Não se preocupe pelo dinheiro. Colbert nos adora - comentou Alana com um vislumbre de acidez que Hellen não notou.

— Me alegro que você goste da ideia. Além disso, falaram-me de um par de livrarias muito boas. Que tal se sairmos amanhã? — Hellen se levantou mais animada depois de compartilhar seus pensamentos com Alana. — Pode ser que encontremos homens interessantes.

— Em uma livraria? — Duvidou. Acabou rindo com a brincadeira. — Sim, por que não?

Alana a abraçou uma vez mais; Hellen fervia de emoção, ela seguia estando preocupada.

Hellen retornou ao seu quarto dizendo que ia dar os últimos retoques, e à hora assinalada voltou para o dormitório de sua irmã para recolhê-la.

Juntas e agarradas pelo braço desceram as largas escadas comentado como queriam que fosse a nova escola. As duas falavam totalmente entusiasmadas, mas se calaram pouco antes de descer os últimos degraus.

Colbert e Mike Newton estavam as esperando na galeria e se giraram assim que elas apareceram.

— Eu te disse, Mike, que esperar valeria a pena — disse Colbert, sendo o primeiro em adiantar-se a elas. Vestia-se com tons marrons, com um pequeno lenço de seda de uma cor mais escura. Usava o cabelo recolhido para trás com uma fita fortemente apertada. Seus olhos brilharam quentes sobre Alana ao vê-la tão formosa.

Ela o saudou com uma curta e educada reverência, e em

seguida tomou o braço de Mike com um sorriso coquete. Por que Colbert tinha que pô-la tão nervosa? Seu coração tinha subido até sua garganta, pulsando enlouquecido.

— Permita que lhe diga que é a mulher mais bela que jamais tive o prazer de acompanhar. — O arquiteto olhou à Hellen, inclinando-se sobre sua mão. — Você também é, senhora Wakefield.

— Você é muito amável, senhor Newton. Não fiquemos aqui parados e passemos ao salão.

Alana começou a caminhar com Mike e quando ele olhou à frente ela não pôde recusar-se a observar seu perfil. Odiava-se por estar comparando-o a todo o momento com Colbert, mas não podia evitar. E definitivamente se arrependeu no ato de fazê-lo. Mike tinha um nariz bastante proeminente, e não é que não gostasse dos narizes grandes, mas recordavam a um par de louros que seu avô tinha sempre sobre o suporte da lareira. Sabia que quanto mais o olhasse, tendo ao outro tão perto, mais defeitos ia encontrar. E isso estava mal se pensava que ambos podiam chegar a ter alguma classe de relação.

— Que tal sua estadia em Londres, senhorita Alana? Está desfrutando?

— Bastante, isto é tão distinto de Dorset, mas o que vou lhe contar? Você sabe de sobra.

Mike se inclinou um pouco sobre a orelha de Alana para que os outros não o escutassem.

— Londres é muito mais bonita com sua presença.

— Adulador — lhe disse, acariciando sua saia com a mão livre. Era consciente dos olhos cinzas que se cravavam em suas

costas. De propósito, também lhe sussurrou. — Com certeza diz isso a todas.

Os olhos de Mike se abriram alegres ao mesmo tempo que negava com a cabeça.

Colbert estava perto, mas não podia escutá-los, e isso o enfureceu. Refreou o impulso de agarrá-la pelo braço e obrigá-la a lhe contar o que estavam dizendo, mas teria sido uma solene tolice, pois depois teria tido que dar explicações à Hellen.

Muito educadamente acompanhou a sua cunhada até o salão, seguindo o outro casal que tinha iniciado o caminho, pressentindo que aquela noite ia ter que demonstrar muita paciência.

Hellen começou uma conversa com relação ao casarão, e Mike se apressou a lhe contar sobre os progressos que tinha, os quais não eram muitos devido às fortes nevascas. Os materiais chegavam segundo o previsto e naquele momento se achavam reestruturando o que seriam os alicerces da nova ala que iam acrescentar.

Alana achou a conversação bastante aborrecida, mas demonstrou estar interessada fazendo um desdobramento de seus encantos, todos dirigidos ao arquiteto. Rápidos pestanejos, sorrisos divinos, graciosas caretas…

Colbert não precisou que alguém lhe dissesse o que estava acontecendo. Outras antes de Alana já tinham jogado para lhe dar ciúmes. E embora nenhuma tivesse conseguido, teve que admitir que Alana se aproximava bastante. Não se zangou por isso. As mulheres eram muito vingativas, e sabia que ela o fazia

pela visita de Rose. Um desacerto por sua parte ao não recordar que ele mesmo tinha metido pressa em Seth. Pois não pensava lhe dar a satisfação de vê-lo irritado! Ao contrário, a um dia de seu encontro com Lyton não ia andar preocupado por essas coisas. Já teria tempo de lhe explicar quando tudo se acalmasse. Claro que, mais de uma vez durante a noite, teve que apertar os punhos sob a mesa para não agarrar a jovem e tirá-la à força da sala de jantar, ou pelo contrário, lançar-se como um energúmeno sobre o pescoço do arquiteto.

Alana o olhava furtivamente, bastante chateada por não conseguir o que havia se proposto, e o pior de tudo era que quando olhava Colbert, este lhe sorria com ironia. Possivelmente provocando-a para que se esforçasse mais. Maldito homem. Estava rindo dela.

Mike e Hellen continuaram falando sobre a mãe de Mike, que ao que parecia estava um pouco frágil. Alana se disse que devia prestar atenção àqueles detalhes, entretanto, uma das vezes que olhou ao Colbert seus olhos ficaram presos nele. Colbert estava avoado e fazia girar uma taça de vinho entre seus dedos fingindo escutá-los, mas fazia um bom momento que não dizia nada. Teria gostado de saber no que pensava. De improviso fixou a vista nela.

— Devo me retirar cedo — avisou. — Amanhã me espera um dia bastante longo e prefiro estar descansado. — De propósito dirigiu-se a Mike Newton como se o estivesse despedindo.

— Nós também temos um dia ocupado — alegou Hellen. — Lania e eu vamos passar o dia fora. Queremos visitar algumas livrarias. — Ia convidar Mike para que as acompanhasse, mas

Alana lhe fez um sinal a tempo para que não o fizesse.

A moça viu Colbert sorrir, sabendo que ele tinha percebido seu gesto. Não lhe importou. Encolheu os ombros incitando-o a dizer algo. Não o fez, ele só levantou a taça em sua direção antes de beber seu conteúdo de um só gole.

Mike não demorou muito em retirar-se. Estranhou a repentina mudança no comportamento de Alana. Até há uns minutos tinha se desfeito em sorrisos, e na hora de despedir-se foi como se lhe entrassem às pressas por perdê-lo de vista.

— No domingo retorno ao condado. Você gostaria de sair para passear no sábado, senhorita Sanders? — Atreveu-se a convidá-la.

— Deixara-me pensar sobre isso? — Perguntou ela. Tudo dependia do que ocorresse no encontro de Colbert. Uma coisa é que estivesse zangada com ele pelo desagradável incidente da senhorita Busbee, e outro muito distinto era esquecer-se do que poderia lhe acontecer. Não era tão vingativa para lhe desejar nada mal.

Mike ficou de recordar-lhe e depois de vários minutos de bate-papo, despediu-se.

Quando a porta se fechou atrás dele Alana lançou um sonoro suspiro e abandonou a galeria desejando encerrar-se em seu dormitório. Tinha sido frustrante não ter conseguido despertar ciúmes em Colbert. Frustrante e agora, além disso, sabia que ele não sentia quão mesmo que ela.

«Não importa», disse. Esquecendo o que tinha ocorrido entre eles era suficiente, além disso, tampouco podia ser tão difícil.

Era bastante tarde quando bateram na porta de Alana.

Antes de ir abri-la sabia perfeitamente quem era, e apertou a bata com força. Desta vez não ia sucumbir aos seus encantos nem aos seus olhares. Já tinham tido uma noite e era suficiente para ambos. Se ele pensava que pelo acontecido no dia anterior se convertera em sua amante ou algo pelo estilo, estava muito enganado. Que procurasse a senhorita Busbee! Ela não era nenhuma prostituta, embora com ele se comportou como tal, reconheceu. Quis convencer-se que era parte de seu passado e prometeu que nunca mais ia ocorrer outra vez.

Não abriu de tudo, só o suficiente para confirmar que era Colbert.

— Vi luz debaixo da porta.

Ela enrugou o cenho.

— O que quer? Estava a ponto de ir dormir.

— Sei, mas só queria conversar, Alana. Estive todo o dia bastante ocupado e temos uma conversa pendente. — Ela negou com a cabeça e ele sorriu com zombaria. — Teme que te faça algo? Não confia em mim?

— É possível. O que quer?

Ele suspirou. Queria despedir-se dela de um modo um pouco mais íntimo, mas sabia que não tinha nada a fazer.

— Não acredito que amanhã nos vejamos, já que vai sair e eu ficarei com o Presley. Só desejava que soubesse que se ocorrer algo, ele se encarregará de tudo.

Ela deixou escapar o ar com força.

— Você disse que não ia acontecer nada! — Recordou-lhe abrindo mais a porta. Levou uma mecha de cabelo para atrás da orelha.

— E não acredito que aconteça nada, mas nunca é demais se prevenir. E se por acaso quer saber minha opinião, Mike Newton não é uma eleição muito adequada — não pensava lhe dizer isso, mas gostava de provocá-la, além de lhe advertir, é óbvio.

Ela se enrijeceu.

— Pois precisamente não desejava saber da sua opinião. Se quisesse lhe teria pedido.

— Bom, é que te vi tão iludida enquanto falava com esse tipo, que não pude me conter.

— Ah, sim? Parecia-te iludida? — Ela sorriu com falsidade, franzindo os lábios. — Bom, então, eu vou te confessar que eu gosto bastante dele — mentiu, lhe demonstrando que não ia aceitar seus conselhos.

Colbert cruzou os braços sobre o peito e com um sorriso orgulhoso, que delatava que não lhe estava acreditando, perguntou:

— E por que não vai passear com ele no sábado?

Alana apertou os dentes.

— No caso de ter que ir ao seu enterro. Já me entende.

Colbert soltou uma ácida gargalhada.

— Alegra-me que pense em mim, e embora não creia, consola-me que não faça planos para poder ir sem falta a me fazer companhia nesse dia.

— Sabia que valorizaria meu esforço, Colbert. Não creia

que eu teria feito com todo mundo.

Se não tivesse sido pelo brilho divertido nos olhos de Alana ele teria pensado que a jovem estava lhe falando a sério.

— É um prazer para mim. Até manhã, Alana, que descanse bem. — Deu-se a volta e caminhou lentamente para seu dormitório, sabendo que ela o seguia com o olhar.

Alana passou uma mão pela cabeça ao mesmo tempo que deixava escapar um tremente suspiro.

— Colbert.

Ele tinha esperado que o chamasse, de modo que retrocedeu o caminho até chegar à porta.

— Sim?

— Terá cuidado? Desta vez estou falando sério.

— Terei. Quando chegar no sábado de madrugada golpearei sua porta te avisando que estou vivo, e poderá passear com o Newton.

Ela se esticou, zangada porque ele levasse essa situação tão levianamente. Não sabia se Colbert brincava ou não, mas era de muito mau gosto falar de funerais, embora ela tivesse começado a conversa.

— Não se incomode em golpear a porta, sempre pode enviar a senhorita Busbee para que me avise — respondeu com sarcasmo.

— Como quiser.

— Você é um porco! — Exclamou fechando a porta com força.

Colbert sorriu. Apoiou os lábios na porta.

— Ciumenta.

— Vai embora! — Escutou-a dizer.

O homem, satisfeito, retirou-se ao seu dormitório. Acaso Alana não lhe tinha demonstrado que gostava desse jogo?

Capítulo 28

Colbert atravessou a ponte quando as primeiras luzes da alvorada dissipavam a névoa do rio. O lar do *Demônio* era uma bonita casa de jardins gradeados, telhado de ardósia escura e fachada cinza. Não era nada ostentosa embora pudesse sê-lo. Estava em um dos melhores bairros de Londres, e a região estava em ascensão entre a aristocracia. O muito rufião do Seth tinha mais dinheiro do que pesava, entretanto, gostava de gastá-lo em coisas que no momento não podiam perceber-se, boas comidas, roupas elegantes, apostas…

Colbert não estava seguro de encontrá-lo acordado àquelas horas, mas não lhe importava muito. Realmente não era dele de quem necessitava, mas sim de seu coche. Tinha que devolver o próprio à Hellen e à Alana antes que decidissem partir às compras.

Sorriu levemente ao pensar em Alana em uma livraria. Não era um plano muito divertido, não obstante, como ela era uma caixa de surpresas…

O criado do Seth lhe disse o que ele já sabia, que seu senhor tinha chegado há somente um par de horas antes e que ninguém, nem sequer com um balde de água fria, podia despertá-lo. Não opôs nenhuma objeção em lhe emprestar o

veículo, e sem perder um momento partiu à *Ferradura de Prata*, onde se encontraria com Paddy.

A estalagem estava nos subúrbios da cidade e era bastante conhecida pelas brigas pugilistas e pelas grandes apostas, *a maioria legais*, que se levavam a cabo. Também porque era um lugar de passagem obrigatória às carruagens que viajavam a diferentes lugares do país.

Assim que Colbert chegou o céu se levantou de tudo e uns tímidos raios de sol iluminavam a *Ferradura* e as quadras adjacentes. O ancião que se encarregava da estalagem estava esvaziando um balde de água suja em uma lateral, e Colbert o saudou cruzando algumas palavras corriqueiras sobre o estado do dia.

Encontrou Paddy em sua habitação, vestido e esperando-o.

— Anunciaram no periódico o combate desta noite — lhe disse Colbert passando o jornal sobre a mesa.

Paddy lhe jogou uma olhada.

— A *Ferradura* está completa e não há reservas. — A julgar por seu aspecto, Paddy parecia esgotado. Colbert adivinhou que ainda não se deitara. — Huntington foi previdente e tem um par de habitações para esta noite. -Como Colbert arqueou as sobrancelhas, interrogante, Paddy o tranquilizou. — O dono diz que sempre que vem pega duas; uma para ele e outra para seus empregados. Quando viaja nunca o faz sozinho e leva um par de tipos consigo.

— Que lástima que não possa estar aqui! Tinha tanta vontade de vê-lo perder… se o visconde me disser rápido o que

quer talvez eu consiga chegar a tempo de ver o combate finalizar.

— Ainda não pudemos averiguar suas intenções, *Iron*, é bastante complicado infiltrar-se entre sua gente, é como se suspeitasse de todos. O que Pedro me disse é que Edward pagou a conta do hotel esta mesma manhã.

— Será que pensa partir depois do nosso encontro? Envia alguém para averiguar que embarcações há e quantas viajam para a Espanha ou qualquer zona do mediterrâneo. Tenho curiosidade por saber o que vai pedir-me. Vou zombar em sua cara quando o negar.

— Possivelmente não te deixe em paz e não se vá tão facilmente.

— Fiz uma promessa à Dorine e não vou faltar-lhe. Se Edward insistir com esta tolice vai me conhecer de verdade.

Carrancudo, chamou-lhe a atenção uma pequena seção do periódico e o agarrou para lê-lo melhor. Falavam da família Yaron e do jantar íntimo que preparavam para festejar o nascimento de um novo membro na família. Sabia que tanto Hellen, Alana, como ele mesmo, estavam convidados. Só esperava que Alexander não se lembrasse dele. Uma vez, enquanto patrulhava o porto, — seguia estando na marinha — viu-se obrigado a multar o *Diabo*, o navio do Yaron. Foi só mais tarde que soube que Alexander tinha atuado sob as ordens da Coroa Britânica e que todas as acusações — a maior parte rumores — de que era um pirata ficaram esquecidas. Quase sentia vontade de conhecê-lo pessoalmente, mas tampouco tinha intenção de que seus atos passados prejudicassem

Hellen.



Naquela manhã, Alana se levantou pensando em Colbert. Sentia uma estranha pressão no peito que à medida que passavam as horas foi tornando-se angústia. Não podia tirar da cabeça a reunião daquela noite. E se contasse à Hellen o perigo que Colbert corria? Fazê-lo seria como trai-lo, mas guardar o segredo era muito para ela.

Não tinha dúvida que se fizesse isso Colbert ia se zangar, entretanto, por outro lado, sua irmã saberia entender. Seu dilema a estava deixando louca, mas a preocupação a matava.

Se lhe acontecesse algo, Hellen não merecia ao menos uma despedida? Acusá-la-ia de não haver contado, calando-se como uma... uma..., não sabia como o que, mas teria se calado.

Com o aborrecimento de Colbert podia viver, mas com o ressentimento de sua irmã não. Além disso, egoistamente, precisava compartilhar a ansiedade que estava vivendo, mais que tudo que se por acaso sofresse um enfarte ou algo assim alguém de seu entorno estaria preparado.

Ia pensando em tudo isso quando Hellen a devolveu à realidade.

— Deixaremos o coche perto de Picadilli e vamos caminhando às *Letras de ouro*, o que acha? Pelo visto, a rua da livraria tem um acesso complicado e é difícil chegar até ali. Prometo-te que é o último lugar.

Ela encolheu os ombros. Não tinha nenhuma pressa em voltar para casa, além disso, gostava de ver o rosto de Hellen quando entravam nas livrarias e como seus olhos azuis brilhavam ávidos de estante em estante. Tanto ela como o falecido Jhon adoravam a leitura. Alana ia por temporadas, podia passar meses lendo, devorando folhas como uma possessa, como outros que nem sequer tocava os lombos de nenhum livro.

No interior da última livraria do dia, *As letras de ouro*, respirava-se um ar de imprensa antiga e incenso. Não era um local muito amplo, mas guardavam vários exemplares de diversos temas. Desde política a novelas de suspense, — estas últimas bastante procuradas — tomos de geografia, bibliografias, tratados, lendas, mitos, e assim uma lista interminável. Tudo isso ordenado nas estantes que alcançavam o elevado teto. O chão, as paredes cobertas de livros, suportes, prateleiras, balcão… eram de madeira brilhante à exceção de um longo tapete vermelho que cruzava da entrada até a alargada mesa onde uma moça jovem, apenas uma menina, anotava pedidos em uma caderneta.

Não havia muitos clientes àquelas horas e só se escutava um murmúrio de vez em quando, o sussurro das folhas de um livro ao serem passadas, o vaio das saias, passos lentos e, muito de vez em quando, a campainha da entrada que advertia quando alguém chegava ou partia.

Hellen tinha ficado no segundo corredor da direita olhando vários manuscritos sobre as regras de etiqueta da alta sociedade. Em sua maioria, artigos escritos por homens que

faziam poucas referências às damas, para não dizer quase nenhuma; como sentar-se na mesa e sua colocação, a ordem dos talheres e a baixela empregada, o grau dos títulos nobiliários, que palavras não dizer ante uma dama, e regras básicas de comportamento…

Alana esperou Hellen caminhando sobre o tapete, segurando algumas das obras que ia entregando para as levar ao balcão e, sobretudo, pensando a forma de lhe dizer o que verdadeiramente ocorria. Ia fazê-lo. Estava decidida a soltá-lo e que o sol saísse no dia seguinte por onde quisesse, mas esperaria a tarde, depois de retornar do parque com os gêmeos. O tinha prometido.

Ainda demoraram uma hora mais em sair. Hellen tinha comprado tantos livros que o cocheiro precisou sair para ajudá-las.

Alana, com a decisão que tinha tomado se sentia como se se tirasse um grande peso de cima. Mais tarde, almoçaram com os meninos. Os gêmeos estavam eufóricos. Faziam dias que ela não os acompanhava à loja de algodão doce. Ainda por cima, Colbert lhes tinha dado, pelo Natal, sendo barquinhos veleiros, e o único lugar no qual podiam fazê-los navegar era no lago Serpentine do Hyde Park, que por sorte naquele dia não estava gelado.

Nessas últimas horas o parque estava um pouco mais concorrido que as vezes que tinham ido. Concorrido em forma de casais passeando, ou trios quando a dama de companhia não permitia que sua pupila se apartasse. Havia também um ou outro cavalheiro exercitando seu cavalo — embora o

costume fosse fazê-lo durante as manhãs.

A neve seguia empilhando-se em forma de pequenas montanhas junto aos troncos das árvores e ao lado dos caminhos.

Ainda seguia escurecendo cedo, e Alana convenceu seus sobrinhos a primeiro brincarem com os navios e depois irem à loja de doces.

— Olhe, tia Lania! — Gritou William entusiasmado quando a diminuta vela de sua embarcação fez com que se deslizasse com velocidade sobre a água.

— Está fazendo muito bem! — Aplaudiu ela divertida. Voltou seu olhar ao Andy, que estava inclinado sobre a borda colocando o veleiro na água. Nesse momento, aproximou-se um tipo bem maior que o menino e sem mediar palavra o agarrou com força por uma mão.

Alana correu para ele zangada por tratar seu sobrinho daquela maneira, entretanto, à medida que chegava à sua altura, viu que o homem estava armado. Deteve-se de repente.

— O que quer? — Perguntou nervosa e assustada.

— Me acompanhe — respondeu o homem.

William, com curiosidade, aproximou-se de sua tia. Ela o deteve estendendo uma mão para que não se aproximasse mais.

— Não vamos a nenhum lugar! — Obrigou William a caminhar para trás.

— Tia Lania! — Exclamou Andy ao notar que o homem não o soltava.

— Não faça nenhuma tolice, senhora Wakefield — o tipo

assobiou lhe lançando um olhar tão tranquilo que todo o pelo de Alana se arrepiou. — Dispararei contra um deles, tanto faz para mim, são iguais. A quem você prefere? A este? — Sacudiu Andy, que seguia lutando inutilmente para soltar-se. — Ou àquele? — Levantou o braço armado para William. Alana o colocou atrás dela.

— A que vem tudo isto? Como me conhece? — Não lhe importou que a tivessem confundido com Hellen.

— Eu disse para vir comigo. — Com uma rapidez que a deixou pasma, deu duas pernadas até ela e a agarrou pela ombreira do casaco.

— Não me toque! — Gritou. Olhou aos gêmeos agora que Andy não tinha quem o segurasse. — Vão procurar ajuda!

— Melhor que não façam isso, senhora — lhe sussurrou na orelha de uma maneira tão íntima e asquerosa que um calafrio percorreu sua coluna vertebral. — Dispararei contra um deles.

Alana nem sequer teve que deter os meninos. Eles não se moveram do lugar e a olhavam com olhos chorosos. Ambos estavam brancos como o papel e completamente aterrados.

— Não vai acontecer nada — ela lhes assegurou com voz tremente. Se estivesse sozinha, teria dado uns gritos, embora com isso sua vida ficasse em perigo, mas com os gêmeos não podia fazer isso. Não ia permitir que nenhum deles sofresse. Meteu a mão no bolso do casaco e tirou um pequeno moedeiro. — Não tenho muito — disse, entregando-lhe.

— Guarde, não necessito do seu dinheiro. Vocês, venham aqui — ordenou aos gêmeos. — Caminhem ao nosso lado e sem abrir a boca se não quiserem que vos mate e lhes atire à água.

— Não lhes diga isso, por favor! — Implorou Alana com o pranto no olhar.

O sujeito os fez caminhar pela avenida central que saía do parque pelo Noroeste. Antes de fazê-los subir em uma carruagem, Alana se deteve, avessa a entrar, mas então ele agarrou um dos gêmeos e o lançou com força ao interior. O outro menino se atirou contra ele lhe chutando as canelas enquanto Alana corria para resgatar o que estava dentro. O cocheiro desceu ao ver a confusão e entre os dois colocaram os gêmeos e a Alana no interior. Andy e William começaram a chorar com grande barulho, e Alana, dissimulando seu próprio temor, abraçou-os com força, com a intenção de protegê-los de todo mal.

O coche em seguida marchou, perdendo-se nas ruas de Londres. Alana olhava avidamente pela janela tentando saber em todo momento onde se encontravam. Não conhecia muito a cidade e uma vez passado uma das pontes que cruzavam o Tâmisa foi consciente que não tinha nem ideia de onde os levavam. Estavam os três sozinhos. Fazia frio e toda a estrutura cheirava a umidade.

— Onde vamos, tia Lania?

— Não sei — respondeu preocupada. Obrigou os meninos a olharem para ela e lhes disse com seriedade: — prestem atenção em mim, vamos repetir todos juntos a direção onde nos alojamos. Se tivermos alguma oportunidade de escapar, temos que aproveitá-la.

— Vamos escapar? — Perguntou Andy chorando mais forte. Seu pequeno corpo tremia.

— Por favor, — rogou Alana — eu também estou muito assustada, mas temos que fazê-lo. Compreendem? Andy? Willy? — Conseguiu que eles lhe prestassem atenção. — É muito importante que saibam onde nos alojamos. Se vocês, os dois juntos, puderem escapar …

— Não! — Responderam eles ao uníssono.

— Temos que ir os três — suplicou Andy. — Tia Lania, não nos deixe! Não nos deixe!

Alana agarrou a cabeça de seu sobrinho e a apertou contra seu peito ao mesmo tempo que acariciava seus cabelos escuros. Tinha o coração galopando na garganta.

— Têm que me dar atenção. Se eu lhes fizer algum sinal… se virmos que há uma possibilidade, devem escapar e correr para casa para avisar a alguém. Tomem. — Tirou o moedeiro agradecendo que o sujeito não o tivesse pego. — Parem um coche e que lhes leve para casa, ou se virem algum oficial, lhe peça ajuda. Mas sempre, sempre, têm que ir juntos.

Assustava-lhe que realmente pudessem escapar. Os gêmeos eram pequenos e temia que se perdessem ou que caíssem em mãos piores. Era como uma moeda elevada ao ar. *Cara* era um horrível momento; *coroa*, a possibilidade de chegar sãos à casa, mas só a possibilidade.

A contragosto Andy guardou o porta-níqueis no bolso de seu casaco.

— Tenho medo — soluçou William, abraçando-a novamente.

Alana intuía que tudo isso tinha algo a ver com a ameaça que pesava sobre Colbert. Possivelmente depois de tudo, o

visconde só procurasse pedir um resgate, o valor da casa que Colbert vendeu em Paris, por eles. Mas se fosse assim, por que o chamaria? Não tinha nenhum sentido.

Arrastou-se até uma das portas levando os meninos com ela. Provou o puxador e descobriu com alívio que cedia facilmente. Só deviam esperar que o coche se detivesse ou diminuísse a marcha. Mas sua decepção se acrescentou quando o veículo começou a ganhar velocidade ao tomar um caminho largo que os afastava da cidade.

Gemeu com força e abriu os braços para cobrir de novo os meninos. Não podia deixá-los sair tão longe de casa, menos ainda com o frio que fazia. Agora não tinha mais remédio que esperar para ver o que aconteceria. Rogou para que todos saíssem ilesos daquilo.

Capítulo 29

Hellen observou a rua uma vez mais através da janela do vestíbulo. Estava tão preocupada que sua irmã ainda não tinha retornado, que os empregados se contagiaram com sua ansiedade e não faziam mais que ir dando tombos de um lado a outro. Fazia horas que tinha anoitecido e um forte vento se levantou no exterior formando redemoinhos com as folhas e ramos que se empilhavam nas calçadas. Uma névoa fina se apoderara da rua, ficando mais densa nas arcadas.

Hellen voltou a amaldiçoar uma vez mais e com passo nervoso aproximou-se da cozinha, onde o senhor Drew acabara de sentar com uma xícara de chá na mão. Levantou-se depressa da cadeira.

— Deseja que eu volte a enviar alguém para procurá-los?

Hellen passou as mãos pelo rosto, angustiada. Sentia uma infinita vontade de chorar.

— Já foram duas vezes e não acharam. — Agitou a cabeça, desconsolada. Alana jamais tinha feito nada pelo estilo. Teria acontecido algo importante para que não desse sinais de vida.

Ao princípio, Hellen, ao ver que demoravam, tinha chegado a pensar que teria levado os meninos para ver algo, perdendo a noção do tempo, mas logo retornou o cocheiro

dizendo que os tinha procurado pelo Hyde Park ao ver que demoravam e que não os tinha encontrado. Para cúmulo, Colbert esse dia não tinha passado em casa e tinha avisado que chegaria de madrugada.

— Com certeza estão bem, senhora — voltou a dizer Noelle, não muito convencida. Compartilhava a mesma ansiedade que Hellen. — Nós podemos voltar a sair para procurá-los.

— Mas onde? — Gemeu Hellen apertando as mãos até cravar as unhas nas palmas.

— Daremos voltas com o coche. Se me permitir, eu mesma irei — se ofereceu.

Contendo as lágrimas, Hellen assentiu.

— Eu também vou, Noelle. Não posso ficar aqui parada sem fazer nada.

— Mas, senhora...! — Exclamou Lucy. — Não pode sair tão tarde!

O senhor Drew se adiantou fazendo a criada calar-se.

— Possivelmente possamos encontrar o senhor Wakefield junto com o senhor Presley.

— Sabe onde ele vive? — Perguntou Hellen com uma faísca de esperança. Confiava que Colbert, conhecendo a cidade, pudesse encontrá-los logo.

— Sim. Não sei se o acharemos em casa, mas possivelmente haja alguém que nos possa indicar onde encontrá-lo. Seria melhor que a senhora ficasse aqui no caso de retornarem...

Hellen começou a negar com a cabeça.

— A espera está me deixando louca. Estou segura de que

lhes aconteceu algo. Diga ao cocheiro a direção desse homem e irei vê-lo agora mesmo. Noelle, por favor, me traga o casaco e ponha o teu. Virá comigo.

— Eu também irei, senhora Wakefield. Não vou permitir que passeie sozinha de noite — disse Drew com decisão, sem admitir nenhuma negativa.

Hellen assentiu.

— E eu o que faço? — Inquiriu Lucy.

— Fique aqui. Se minha irmã chegar diga-lhe que fomos procurá-la. — Hellen se voltou para o mordomo. — Também poderíamos dar aviso às autoridades.

— Sim, senhora — respondeu seguindo à mulher a toda pressa.

Noelle chegou com os casacos, e o senhor Drew se apressou a ir pegar o seu. Ia pondo pelo caminho ao mesmo tempo que procurava o cocheiro lhe dando as coordenadas da casa de Seth Presley. Em seguida partiram com a convicção de encontrar Colbert ali. Pelo caminho foram observando com atenção os poucos caminhantes que procuravam refúgio do frio. Mal ficava uma alma na rua.

O coche se deteve em frente a uma das casas da larga avenida e o senhor Drew desceu sozinho, depois de ordenar, mais que aconselhar, às mulheres que ficassem dentro. Abriu-lhe a porta um mordomo que o olhou estranhando por receber visitas àquelas horas.

— O senhor Presley está acostumado a frequentar alguns de seus clubes. Não poderia lhe dizer se se encontra na *Dama Branca* ou, pelo contrário, na *Ferradura de prata*. Esta noite,

na *Ferradura* se celebra um combate importante, suponho que é provável que esteja ali, mas onde melhor o podem informar é no clube. — Muito solícito, deu ao Drew ambas as direções. —. De todas formas, se sua senhoria passar por aqui informar-lhe-ei que a senhora Wakefield o está procurando.

Drew o agradeceu e correu de novo ao veículo para contar à mulher o que tinha descoberto.

— A *Ferradura de prata* está um pouco longe, nos subúrbios. No caminho norte que sai da cidade.

Hellen apertou os lábios com desgosto. Tinha tido o máximo desejo de encontrá-lo em sua casa.

— De acordo, pois então iremos a essa *Dama Branca*, que está mais perto e ver se ali nos podem dizer algo.

Passados uns segundos Richard açulou os cavalos.

O senhor Drew pigarreou, nervoso:

— Humm… senhora, a senhora sabe que lugar é esse ao qual vamos?

Ela encolheu os ombros sem se importar muito com que lugar era. Quão único desejava era achar Colbert.

— Um restaurante? Um café?

— Temo que não — respondeu.

Hellen franziu o cenho. De repente, elevou o olhar ao teto da carruagem e suspirou.

— Bem, não me diga. É um lugar para jogo ou… um clube.

O mordomo apertou os lábios com força, inchando as bochechas. Hellen lhe havia dito que não o dissesse e pensava obedecê-la.

Os cascos dos cavalos ressoavam no silêncio da noite. Ao

menos parecia que o vento se acalmara um pouco.

Assim que a carruagem se deteve Hellen apareceu à janela. Na porta do estabelecimento havia um grupo de pessoas. Seus murmúrios e gargalhadas chegaram até eles.

— Espere aqui — disse o senhor Drew voltando a descer do coche.

Hellen não pensava contrariá-lo, embora ele tampouco dera opção de lhe deter.



Quinze minutos antes de que o senhor Drew perguntasse no clube…

— Bastardo! — Bramou Colbert lendo a missiva que o visconde lhe tinha feito chegar.

Seth o observou com as sobrancelhas arqueadas.

— Amigo, parecia-me muito estranho que quisesse apresentar-se aqui. Teria sido como meter-se na boca do lobo. Se Lyton anulou o encontro e te informou que retorna ao seu país, quererá dizer que dá a dívida por saldada.

— Eu também veria assim se não soubesse que fez uma longa viagem só para vingar-se. — Agitou seus cabelos negros, inconformado. O visconde tinha tramado algo e ele não tinha modo de saber o que era. — Esse tipo planeja algo, estou seguro.

— Seja como for, não vai saber esta noite. Por que não vamos à *Ferradura de prata*? Está tenso há vários dias com este encontro. Possivelmente o combate nos relaxe um pouco.

É possível que cheguemos para ver algum assalto.

— Tem razão. Ao menos terei a oportunidade de ver como depenamos Huntington. — Passou a mão pela cabeça penteando-se para trás e prendeu o cabelo em um longo rabo-de-cavalo.

Em realidade, o que mais desejava era ver sua ruiva. Sentia a necessidade de estar com ela e lhe explicar detalhadamente sobre Rose. Ela tinha que lhe acreditar, depois de tudo, a ideia de desencantar Hellen tinha sido dela.

Tinha dado muitas voltas ao assunto sobre a relação que tinham iniciado. Estava claro que sentia algo por ela, se não fosse assim não pensaria tanto em seus olhos nem em sua boca de mel, entretanto, nunca tinha estado apaixonado e... tinha medo de está-lo. O que não duvidava era que não gostava que Newton a rondasse. Aquilo eram ciúmes, e ele nunca tinha sido ciumento em sua vida.

— Vamos então? — Perguntou Seth ao ver que ele ficara pensativo.

Seth e Colbert partiram junto com vários dos homens que tinham estado aguardando a chegada do visconde. Alguns mais se achavam na *Ferradura* junto com Paddy e Pedro para presenciar o combate e deter algumas das broncas que este evento estava acostumado a gerar. Também para vigiar ao Huntington. O *Demônio* não gostava que cada vez que se celebrava um assalto de pugilismo lhe destroçassem o local.

A *Ferradura de prata* não era como a *Dama Branca*. Seth era consciente da maioria dos negócios que se levavam a cabo, mas às vezes alguns tentavam traficar às suas costas sem

saber que ele era o dono e que só lhe deviam pedir permissão para certas atividades.



Lorde Huntington tinha passado toda a manhã esperando notícias do visconde de Lyton. Havia lhe dito que em caso de apoderar-se de Alana não a levasse diretamente à sua casa. Duvidava que aquele fosse um dos primeiros lugares onde Colbert iria procurá-la. Tinha sido um parvo ao lhe confessar que desejava a moça, sem dúvida poderia suspeitar facilmente dele quando soubesse que a tinham sequestrado.

Aproveitando o combate, tinha reservado habitação, e a sorte estava ao seu lado. O visconde lhe tinha informado que a moça já estava ali esperando-o. Também seu lacaio lhe tinha falado sobre as apostas. O nome de *Lorde Iron* estava na lista. Lyton lhe tinha assegurado que ele não iria ao combate, já que nessa mesma noite tinha um encontro com ele. O que não podia saber era que o visconde o tinha traído. E Colbert se dirigia ali naquele momento.

As apostas não terminaram de fechar, mas as fortes somas indicavam que Arlington era um dos preferidos. Ele rogava que fosse assim, já que tinha investido uma grande quantia, além disso, um de seus confidentes, a mão direita do *Demônio Russo*, tinha lhe asseverado que não podia perder.

Huntington precisava recuperar-se das perdas que tinha gerado o assassinato de Jhon Wakefield. Nunca lhe tinha saído tão caro comprar uma mulher, e embora inicialmente ele se

encantara por Hellen, seu caráter caprichoso o impulsionou a mudar de opinião escolhendo a irmã. Se tivesse conhecido Alana antes teria atuado de outra maneira, e não ordenando ao oficial que o encobrisse em seus contrabandos. Tinha pago caro seu silêncio, e agora o homem desfrutava de umas longas férias no novo continente às custas dele e toda a fortuna que ele ganhara. Se a sorte continuasse por esse caminho, logo receberia notícias da morte do oficial. Só esperava que o capanga que tinha contratado não tentasse chantageá-lo também, de outro modo ia ser um conto infinito, e ele mesmo teria que assegurar-se de lhe fechar a boca para sempre.



Acompanhada somente por um imenso terror, os minutos encerrada em um frio dormitório se tornaram horas para Alana. Assim que chegaram tinham-na separado dos gêmeos e não tinha nem ideia de onde andavam ou como podiam sentir-se. Só tinha visto o quarto quando entrara, já que a cegaram com um trapo sujo e fedorento. Era uma habitação pequena provida de uma cama com armação de ferro, uma cômoda sobre a qual havia um abajur de azeite, uma mesa e duas cadeiras.

Com as mãos atadas atrás das costas era impossível tirar a atadura que levava sobre os olhos. Sabia que estava em um lugar ruidoso pelo barulho de muita gente gritando no piso inferior. Podia ter gritado até ficar rouca, mas já lhe tinham advertido que ninguém seria capaz de escutá-la, e embora

assim tivesse sido, a maioria das pessoas que estavam ali eram homens de má índole que não duvidariam em desfrutar dela abertamente.

Esticou-se na cadeira onde estava quando sentiu que alguém abria a porta. O som do exterior se fez maior e em seguida as vozes se apagaram ao fechar. Agitou a cabeça tentando escutar quem tinha entrado. Pressentia que não estava sozinha, e sua suspeita se confirmou quando lhe arrancaram a atadura com um só movimento. Pestanejou com força acostumando os olhos às sombras do quarto. O rosto inexpressivo de seu sequestrador parou ante ela.

— Falta muito pouco tempo para que tudo isto termine.

— E os meus sobrinhos? Onde estão? Estão bem?

— Não deveria preocupar-se por eles. Amanhã mesmo retornarão para sua casa, sempre e quando você se comportar bem.

— Amanhã nos libertarão?

— Eu não disse isso. Quis dizer que eles retornarão à casa. Você não.

Alana tragou com dificuldade.

— O que pensam fazer comigo?

— Nós nada — respondeu com indiferença. — Acabamos nosso trabalho ao te trazer aqui. Agora tudo dependerá do seu novo dono.

— Meu dono? — Perguntou com voz aguda. Essa palavra a pôs furiosa. Como se atreviam a tratá-la assim? — Não tenho dono! Não podem me vender como uma mercadoria!

— Foi o que acabamos de fazer.

Alana começou a tremer. Havia uma linha fria e desumana nos lábios do homem.

No piso de baixo os gritos se elevaram mais fortes.

— Começou o combate. Tenha um pouco de paciência.

O combate? Alana, cada vez mais confusa, estudou algum modo de escapar dali. A única saída, além da estreita porta, era uma janela de sujos cristais pela qual não se via mais que a noite. O medo mal a deixou respirar.

— Se o que procuram é um resgate, Colbert estaria disposto a pagar muito dinheiro — lhe disse. Estava segura que ele faria todo o possível para tirá-la dali.

— Colbert? — Inquiriu ele curvando os lábios. Olhava-a de cima a baixo perguntando-se por que um tipo como *Iron* havia desposado uma garotinha tão… inocente. Com todas as mulheres que tinham estado ao seu serviço no clube de Paris e todos os seus contrabandos, era estranho que pudesse haver algo que unisse aqueles dois. Mas já o dizia sua mãe, o amor era cego. — Você o chama Colbert; eu, *Iron*. — Soltou uma risada miserável e cruzou os braços. Vestia roupas singelas e grossas para proteger-se do frio. — Oh! Sim, sem dúvida seu marido pagaria para te recuperar. Isso esperamos, mas tem que ter em conta que se não fosse por ele, não estaria aqui à minha… mercê.

Se queria assustá-la estava conseguindo.

— Colbert não é meu marido — lhe assegurou. O homem não pareceu acreditar. — Ele é o cunhado da minha irmã.

— Isso é muito interessante. Acredito que o visconde vai ter uma decepção.

— Foi ele quem me sequestrou? — Perguntou com os olhos exagerados. Se fosse assim havia certa esperança de que se negociasse sua liberdade com Colbert na *Dama Branca*. Possivelmente esse era o motivo da reunião. Uma mudança, ela por… dinheiro?

Pelo olhar do sujeito não esteve muito segura de que isso fosse assim. Além disso, Colbert tinha assegurado que Lyton não desejava mais que vingar-se. Através dela? Não pôde evitar sentir como a raiva se mesclava com o medo. Maldito Colbert! Isso era o que tinha conseguido ao aproximar-se deles. Pô-los em perigo por suas más ações do passado. Se algo acontecesse aos meninos por culpa dele, tirar-lhe-ia os olhos assim que o visse. E mais, pensava arrancar-lhe só por lhes fazer passar esse momento de sofrimento.

— Diga ao seu chefe — concordou ela. — Se essa for a maneira que procura de vingar-se dele por ter vendido sua casa, está totalmente confuso. Entre Colbert e eu não há nada… — fechou a boca com brutalidade. Nada a unia a ele, mas sim aos gêmeos. Teve medo de lhe haver indicado a melhor maneira de fazer mal ao Colbert.

O homem não pareceu perceber. Olhou-a com incerteza.

E se acabava de pôr em perigo o Andy e o William? Pensou com rapidez tentando emendar sua falha. Disse-lhe:

— É certo, têm razão, vamos casar-nos. Sou sua prometida.

— Ah! Por fim! — Sorriu ele, mais aliviado. — Melhor assim. Por um momento pensei que devia te matar.

O horror ofuscou sua mente impulsionando-a a levantar-

se e a correr para a porta. O sequestrador se jogou sobre ela, lançando-a sobre a cama, com um olhar carregado de irritação.

— Que diabos acredita que está fazendo? Não me entendeu quando te disse que os meninos estariam bem se seguir se comportando como até agora?

— Quero vê-los! — Gritou sem poder conter o pranto.

— Não me obrigue a voltar a te fechar a boca — a ameaçou com os dentes apertados e um olhar assassino.

Ela se encolheu sobre o colchão, o mais longe possível dele, apoiando as costas na cabeceira e as pernas recolhidas contra seu peito. Essa posição era muito incômoda, sobretudo tendo as mãos atadas. Choramingando e com olhos atemorizados, olhou-o com cautela. Ele a observava entre a cama e a porta.

— Não quero usar a força, mas se não for uma boa garota não me dará nenhuma opção.

— Colbert me encontrará e matará todos vocês — se atreveu a lhe dizer entre lágrimas. — Ele me liberará do visconde e logo lhes dará seu castigo.

O raptor encolheu os ombros. Com inapetência pegou uma cadeira que aproximou até a porta e se sentou, vigiando-a.

— Para sua informação, o visconde não é agora o seu dono.

— Não entendo. A quem se supõe que pertenço?

— Não sei. Um lorde ou algo assim, a verdade é que não me importa muito.

— Se já acabou com seu trabalho por que não parte e me deixa sozinha?

— Recebo ordens.

— Não tem família? Irmãs ou mãe? Você não gostaria que as tratassem assim!

— Não perca saliva tentando me enrolar. Não tenho ninguém.

Alana se rendeu. Precisava ficar sozinha e pensar…

— Preciso ir à casa de banho.

Capítulo 30

Lorde Huntington amaldiçoou uma vez mais quando Arlington caiu ao chão. Levantou a mão para o tipo que sustentava as apostas lhe fazendo um sinal para que se aproximasse. Queria certificar-se uma vez mais de não haver se confundido de homem. O confidente lhe tinha assegurado que Arlington ia vencer.

O sujeito demorou um momento mais em aproximar-se por não querer tirar os olhos do ringue. O combate estava muito interessante, e os espectadores não deixavam de animar-se e divertir-se.

— Em princípio todas as apostas foram com o Arlington, — lhe disse gritando para fazer-se ouvir — mas antes de fechar a aposta, deve ter acontecido algo, e os grandes subiram pelo Hardy.

— Quem, o *Demônio*?

— Ele e Lorde Iron.

— Eles estão aqui?

— Não acredito. Não pensavam vir esta noite.

Totalmente furioso, Huntington se levantou de seu lugar. O homem das apostas, indiferente, voltou-se a centrar-se na briga.

— Ocorre algo, senhoria? — Perguntou-lhe seu criado, encarregado de lhe cobrir as costas.

Huntington não respondeu. Tinham lhe estendido uma armadilha!

Subiu as escadas com passo ágil e golpeou com potência a porta da habitação que tinha reservada. Em questão de segundos abriram-lhe. Seus olhos, como pontas de alfinetes, cravaram-se em Alana com frieza. A via indefesa encolhida contra a cabeceira da cama. Estava despenteada e tinha os lábios ligeiramente roxos.

Em dois passos aproximou-se dela e a agarrou com uma mão pelo pescoço.

— Cadela! — Gritou golpeando-a contra o ferro da cabeceira. — Se esta noite eu perder, já pode ir se preparando.

A jovem foi incapaz de dizer qualquer coisa. Estava tão surpreendida de vê-lo ali que só pôde olhá-lo com a boca aberta. Parecia um louco de olhos vermelhos e um movimento cruel em seus lábios. Assustou-se por vê-lo assim.

A voz glacial de Huntington se dirigiu ao sujeito que tinha estado custodiando-a. Tinha fechado a porta.

— Ainda têm os meninos? Acredito que vou necessitar deles.

O sequestrador assentiu com um movimento de cabeça.

— Não! — Gritou Alana. — Deixa-os em paz.

O lorde a soltou, olhando-a com desdém. Alana esfregou o avermelhado pescoço.

— Verei-te mais tarde, pequena víbora, enquanto isso vá rezando o que souber.

Caminhou para a porta fazendo sua jaqueta flutuar atrás de si.

— Sua senhoria — pigarreou o outro homem, segurando a maçaneta. — Ela quer fazer suas necessidades.

— Lhe traga um urinol — disse voltando a sair com uma portada seca.

No estreito corredor aspirou uma grande baforada de ar tentando tranquilizar-se. Os aplausos e o barulho festivo seguiam enchendo a estalagem. O combate ainda continuava. Possivelmente podia ter uma pequena esperança com o Arlington, coisa que àquelas alturas duvidava bastante.

Agarrou-se na balaustrada e antes de começar a descer seus olhos voaram para Colbert, que se achava perto do balcão das bebidas fumando um longo charuto. As pernas lhe tremeram quando o homem moreno, que também o tinha visto, levantou uma mão em sinal de saudação. Huntington não se aproximou, embora se viu obrigado a descer as escadas para não despertar suspeitas. Colocou-se junto ao seu criado simulando seguir observando o ringue. O combate tinha deixado de ser sua preocupação inicial. E se o visconde havia dito ao Colbert que ele tinha Alana retida?

Passeou a vista pelo local e, aliviado, viu um par dos homens de Lyton. Deu-se conta que se houvesse dito algo ao Colbert, este já a teria ido procurar, entretanto, parecia estar desfrutando com a briga. Cada vez que Arlington caía ele proferia gargalhadas e brindava com seus colegas.

Enquanto Colbert ou o *Demônio russo* não soubessem que a jovem estava ali não teria nenhum problema. E ele escaparia

assim que tivesse oportunidade.



A porta se fechou por fora com chave, e Alana correu a pegar o nariz no sujo cristal da janela, calculando a distância que havia até o chão. Dali não parecia que estava muito alto. Apoiou-se na parede, repentinamente enjoada. Não tinha ingerido nada há horas e tinha o estômago revolto. O aroma que se respirava ali dentro piorava as coisas.

Estudou a janela; o trinco era singelo. Não podia ser muito difícil escapar. O ruim seria encontrar os gêmeos entre tanta gente, mas devia correr o risco.

Huntington era um ser desprezível. Nesse momento Alana soube que não necessitava de nenhuma prova para saber que ele tinha assassinado Jhon. O que não conseguia entender era a relação que tinha com o visconde. Mas tampouco ia se pôr a analisar naquele instante. Mais importante era sair e resgatar seus sobrinhos.

Acreditou escutar um ruído na porta e retornou à cama a esperar impaciente, que o homem voltasse com o urinol. Não demorou muito em entrar com um urinol de latão que deixou no chão e ir diretamente até ela para lhe desatar as mãos.

— Não demore. Eu esperarei no corredor.

— Chame antes de entrar, por favor — pediu ela.

Outra vez se fechou a porta, e Alana escutou uns segundos através dela, logo colocou uma das cadeiras sob a maçaneta, fazendo o menor ruído possível, e caminhou com

decisão até a janela.

Uma rajada de ar frio golpeou seu rosto agitando os cabelos que em algum momento tinham escapado de seu recolhido. A névoa cobria o exterior como um manto gélido e tenebroso. Seu corpo inteiro estremeceu. O medo de sair à intempérie era o mesmo que o de ficar e esperar Huntington. Tinha que fazê-lo, por ela e pelos meninos.

Com esforço, pelas saias e o longo casaco, encarrapitou-se sobre a mureta da janela. Visto dali, e com a névoa densa, não se discernia o chão. Devagar, girou e começou a deslizar-se até que seus dedos ficaram agarrados à beirada. Fechou os olhos com força e se deixou cair. Afogou um grito ao estatelar-se contra o chão e ficou um momento quieta esperando que passasse a dor das pernas. Graças a Deus não tinha quebrado nada.

Observou ao seu redor. No chão a névoa não era tão espessa e se apagavam as sombras das árvores sob a débil luz da lua. Das janelas saíam retalhos de luz dourada, e a forte gritaria do interior chegava apagada, como em um murmúrio.

Com um suspiro tremente olhou uma vez mais o lugar de onde se desprendeu. Seu captor parecia que ainda não percebera sua fuga. Aproximando-se à parede foi investigando com pressa o interior das janelas inferiores, rogando achar aos gêmeos em alguma das habitações.

Olhou-as com pressa de uma em uma. A cozinha, uma adega e um quarto grande ocupado por vários homens que jogavam cartas. Não se deteve a observar muito tempo, só o necessário para saber se em alguma delas estavam Andy e

William. Mas não havia sinais deles.

Desesperada voltou a olhar para cima, era possível que os tivessem ali, igual tinham tido a ela.

Apertando o casaco contra o corpo passou a uma lateral da casa. Uma estreita ruela entre a estalagem e o estábulo. Ali só havia uma pequena janela e uma porta traseira que estava aberta, segura por um barril.

Com a respiração agitada avaliou rapidamente a possibilidade de voltar a entrar. Tanto fazia estar no exterior como dentro, a iam descobrir igualmente, a não ser que se pusesse a correr para a escuridão da pradaria. E é óbvio não ia fazê-lo, estava decidida a encontrar os meninos de qualquer jeito.

Deu uma olhada no interior. Era um pequeno receptáculo com mais barris, e sobre um deles descansava um avental. Não havia ninguém à vista. A adega tinha um aroma mofado, uma mixórdia de desinfetante e secreção. Levou a mão à boca.

Um ruído na rua a obrigou a entrar sem pensar duas vezes. Correu para outra porta entreaberta. O ruído ali era muito maior e imaginou que muito perto estaria se celebrando o combate do qual o tipo lhe tinha falado. Seria capaz de passar desapercebida entre o tumulto? Certamente tinham garçonetes, como na *Garça Branca*.

Olhando a um lado e a outro tirou-se rapidamente o casaco. Estava gelada, mas a roupa era muito elegante para não chamar a atenção. Dobrou-a pelo avesso e a colocou no braço. Usava um vestido singelo de tons cinzas e verdes. Com o coração pulsando a mil por hora, caminhou devagar. Umas

fortes vozes fizeram com que se detivesse e, de repente, apareceu um homem de construção forte com as mangas de uma velha camisa arregaçadas. Ela o olhou esperando que ele dissesse algo, entretanto, depois de lhe dar uma breve olhada, passou ao longo para a sala dos barris.

Com um forte suspiro deu-se pressa em alcançar um amplo refeitório cheio de fumaça e gente. O som de jarras golpeando as mesas, de vozes animando as duas pessoas que brigavam no ringue e as risadas de algumas mulheres enchiam o lugar.

Olhou tudo sem perder nenhum detalhe. Tinha que estar atenta para que Huntington ou algum de seus sequestradores não a vissem. Alguém a empurrou ao passar muito perto, e Alana se apartou com rapidez, esquivando a todos os que encontrava no caminho. O local estava repleto, quase não cabia nem um alfinete a marteladas e em seguida se viu envolta entre fortes corpos. Ninguém parecia reparar nela estando mais atentos à briga.

Empurrada de um lugar a outro, descobriu as escadas que acessavam a parte superior, para sua consternação viu o homem que lhe tinha entregue o urinol reclinado sobre o corrimão de cima com os olhos postos no combate.

Dissimuladamente, mudou de direção, procurando avidamente uma segunda escada que não encontrou. Grunhiu interiormente e pensou que o melhor era procurar os meninos por algum dos quartos de baixo. Era menos arriscado que sair abertamente para a escada. Talvez, de todos os homens que havia, alguém quereria ajudá-la, mas quem? Via-se a léguas

que eram tipos rudes, acostumados a embebedar-se e a armar farra.

— Procura alguém, bonita? — Perguntou-lhe um homem forte, apertando seu corpo ao dela com descaramento.

Alana deu um pequeno salto e se separou dele. Escutou a voz de uma mulher dirigindo-se ao sujeito ao mesmo tempo que lhe empurrava o flanco com um sorriso picante:

— Deixa-a, Paddy! Venha logo me buscar, anda.

O homem suspirou e se esfregou o queixo com a mão. Assentiu e de novo voltou a centrar sua atenção no combate.

— Obrigada — murmurou Alana à mulher.

A garçonete a agarrou pelo braço com amabilidade. Era uma moça de curvas ostentosas. Usava o cabelo, completamente murcho, recortado à altura do magro queixo. Sua blusa tinha escuras manchas de vinho que haviam salpicado em algum momento da noite.

— Quer que a acompanhe a algum lugar? As habitações ficam acima.

Alana negou. Seus olhos voaram ao seu raptor com temor de ser descoberta. O tipo continuava entretido.

— Poderia usar o asseio?

— Não lhe recomendo isso. Não há quem suporte mais de dois segundos lá dentro — a garçonete a olhou hesitantemente de cima a baixo e agitou a cabeça, compadecida. — Vem, me siga.

Alana foi atrás dela. A mulher abria passo entre as pessoas dando cotoveladas e empurrões. Via-se que estava acostumada a tratar com eles. Alguns a olhavam franzindo o

cenho e lhe advertindo que tomasse cuidado, mas nenhum tentou detê-las. Antes de alcançar seu objetivo, outra vez agarraram Alana por um braço. Ela se revolveu para que a soltassem. A garçonete girou para admoestar a quem a tinha agarrado, mas se calou subitamente ao reconhecer o dono da *Ferradura de Prata*, Seth Presley.

Alana demorou um pouco mais em reconhecê-lo. Os olhos azuis estavam cravados nela com surpresa.

— O que está fazendo aqui, senhorita Sanders?

Alana ficou com a boca aberta tentando assimilar que esse homem estivesse ali e não no clube.

— Por favor me ajude, senhor Presley! Você é amigo do Colbert. Uns homens me trouxeram aqui à força. — Ia assinalar o tipo da escada, mas não o viu.

— Uns homens? — O *Demônio russo* passou a vista pelo salão e em seguida a empurrou ao corredor onde a garçonete estava guiando-a. — Me explique isso.

— Sequestraram-me no parque junto aos meus sobrinhos, deve me ajudar a encontrá-los. Têm que estar por algum lado e esse… homem quer levar-lhe.

O *Demônio* se esticou, e seu olhar ficou furioso.

— Os meninos estão aqui?

Ela assentiu com lágrimas de alívio nos olhos. Por fim alguém que parecia preocupar-se com o que estava acontecendo!

— Sei que estão aqui, mas não os encontro. Por favor, deve me ajudar — suplicou caindo no choro.

— Calma, solucionaremos isto agora mesmo.

— Quer que eu chame alguém, *Demônio*? — Inquiriu a garçonete.

— Não, volta para suas coisas. Não viu nem ouviu nada. — Pegou Alana pela mão e caminhou até um escritório fracamente iluminado por um candelabro de duas velas. — Vamos ver, sente-se e me conte desde o princípio — disse fechando a porta.

A jovem tomou assento em uma cadeira e ele aproximou outra sentando-se ao seu lado.



— Como escapou? — Ladrou Huntington à beira de um ataque. — É um estúpido!

— Ainda deve estar por aqui. Até a cidade há muita distância.

— Aquele *Iron* também está aqui! — Gritou colérico. — Se ele a vir antes que nós, estamos perdidos! Possivelmente já estejam juntos.

O tipo agitou a cabeça.

— O visconde não vai gostar nada disso. Eu e meus companheiros estamos indo.

— Espera! Onde estão os meninos?

— Seguem no coche. Deixamo-los no estábulo.

— Eu também partirei. — Começou a andar pelo corredor e se deteve olhar ao homem que o seguia. — Não pode descer por aqui, estúpido! Descobririam lhe, e a mim contigo.

— Mas meus…

— Quer se arriscar? O que você escolheria, salvar seus

compinchas ou pôr o traseiro longe daqui?

O homem de Lyton, zangado, apertou os dentes com força. Não lhe tinham pago para salvar a vida de seus companheiros. Se estes não se deram conta ainda do que estava acontecendo, era problema deles. Entretanto, quando saiu pela parte de trás teve a casualidade de ver um deles e lhe advertiu.

Lorde Huntington dissimulou que nada tinha acontecido. Com uma rápida olhada observou Colbert, que parecia muito entretido conversando com vários homens. Ao menos ainda não sabia nada.

Fugiu pela porta e com passo veloz chegou ao estábulo. Gritou ao seu cocheiro, que estava adormecido na boleia, e esperou que levassem os pirralhos ao seu veículo. Tinham lhes enfaixado os olhos e as mordaças afogavam seus soluços. Uma vez preparados, o coche partiu seguido pelo dos tipos de Lyton.

Capítulo 31

Colbert girou a cabeça com rapidez quando sentiu que alguém lhe golpeava as costas. Olhou ao *Demônio* e por seu gesto adivinhou que algo ocorria. Não era muito normal ver seu amigo preocupado por algo.

— Ele nos enganou, Iron.

— Quem?

— Não pode imaginar?

A expressão de Colbert se escureceu.

— Edward.

O *Demônio* assentiu:

— O maldito bastardo tinha tudo planejado! Vem comigo, rápido.

De caminho ao escritório de Seth, Colbert fez um sinal ao Paddy para que o seguisse. Não tinha nem ideia de que maneira podia havê-lo enganado.

Seth abriu a porta e o deixou passar primeiro. Ficou estupefato ao ver Alana. Ela tinha os olhos avermelhados de chorar.

— Alana! Deus santo! O que ocorreu? O que está fazendo aqui?

Ela ficou em pé olhando-o friamente.

— Odeio-te, Colbert — começou a dizer em um sussurro furioso que logo se converteu em gritos. Lançou-se sobre ele com potência e lhe esbofeteou o rosto. — Você é o culpado de tudo!

Seth foi quem apanhou as mãos de Alana por trás e, à força, separou-a dele enquanto seguia proferindo selvagens insultos contra Colbert.

— Odeio-te, Colbert. Odeio-te. Juro-te que se acontecer algo aos meninos, eu mato você.

Colbert caminhou para ela e, lhe rodeando a cintura, abraçou-a. Com um olhar fez com que Seth a soltasse e embora ela lutasse para sair de seus braços, acabou chorando contra seu peito ao mesmo tempo que seguia lhe golpeando os ombros.

— Maldito seja, Colbert! — Gemeu rendida.

Com impotência ele fechou os olhos, pousando o queixo sobre o espesso cabelo mogno.

— O que ocorreu, Alana? Por que está aqui?

Ela levantou os olhos chorosos até os seus.

— O visconde ordenou que nos sequestrassem. Agarraram-nos no parque e nos separaram aqui. Me subiram a uma habitação da planta de cima e consegui burlar a vigilância. Escapei pela janela. Oh, maldito seja, Colbert! É por sua culpa que os meninos agora estão desaparecidos. Temos que encontrá-los... são tão pequenos.... Com certeza estão assustados e chorando.

Bastante afetado, Colbert suportou todas as suas recriminações. Ela tinha razão. Só ele era o causador do

ocorrido. Estava em todo seu direito de acusá-lo por ter exposto os meninos e ela ao perigo. Pousando uma palma na bochecha de Alana, esfregou com o polegar a pele macia.

— Prometo-te que vou encontrá-los. Juro-lhe.

Bateram na porta, e Seth abriu com rapidez.

— *Demônio*, revistamos tudo e não estão aqui. Vários confirmam que viram entrar uma mulher ruiva acompanhada de dois tipos, mas ia sem os meninos.

— Porque nos separaram ao chegar! — Repetiu Alana com olhos exagerados.

— Olhou em todas as habitações? — Insistiu Seth.

— Entramos em todas e nada. Lorde Huntington tampouco está.

— Os meninos estão com ele! — Exclamou Alana de novo. Aferrou-se às lapelas de Colbert com desespero, chamando sua atenção. — Perguntou por eles. Seguramente ele os levou.

— Espera! Espera! — Colbert pestanejou com surpresa e se separou de Alana sem chegar a soltar sua cintura. — Me disse que Edward deu a ordem, mas e Huntington? O que ele tem a ver ele com tudo isto?

— O homem que me prendeu disse que tudo acabaria logo, assim que meu dono chegasse. Eu não o entendi, mas então chegou Huntington furioso porque estava perdendo. Perguntou se os meninos ainda estavam ali, e o homem lhe disse que sim.

Com o cenho franzido Colbert soltou a jovem e passou uma mão pela boca, deslizando-a para o queixo.

— Huntington e o visconde juntos? — Murmurou pensativo. Não conseguia entender que relação tinham esses

dois, exceto... Edward queria vingar-se dele. E Huntington certamente estava ansioso para humilhá-lo tal e como ele tinha feito depois do jantar. Olhou ao Paddy, que tinha ficado quieto assim que entrou no escritório e reconheceu a jovem que tinha abordado minutos antes. — Não pode estar muito longe. Se os levam no coche podemos lhe alcançar antes que chegue a Londres. Mas, maldição, não entendi nada! Huntington e o visconde juntos — repetiu. — Como?

— Já haverá tempo para isso, *Iron*. Temos que pensar na possibilidade de que não vão para Londres. Huntington sabe que vamos sair para procurá-lo e seria muito parvo retornar à sua casa neste momento. Eu apostaria em Dorset — comentou Seth.

Colbert assentiu.

— Então mandaremos homens em todas direções. O veículo do Lorde é facilmente reconhecível.

— Ordenarei que olhem em todos os coches que encontrem. É melhor que nos separemos.

— Eu cavalgarei para o condado com Paddy e meus homens. *Demônio*, vá para Londres e que seus empregados revisem as demais rotas. — Olhou à Alana pensando o que fazer com ela. Não gostava da ideia de deixá-la na estalagem sem que ele ou o próprio Seth estivessem perto para protegê-la. Entretanto, naquele momento precisavam de todo o pessoal.

— Pode ficar em uma das habitações. Minhas garotas se encarregarão de que fique bem.

— Não! — Disse Alana com firmeza ao mesmo tempo que negava com a cabeça obstinadamente. — Vou contigo, Colbert.

— Não pode, linda, faz muito frio e acabará congelada pelo caminho. É melhor…

— Não me importa o que crê que é melhor! — Respondeu com as mãos nos quadris. Tinha o cabelo revolto e longas mechas caíam sobre seus ombros até a cintura. — Não penso ficar aqui sem fazer nada enquanto os meninos andam assustados por… algum lado. — Não pôde evitar que, ao recordá-los, as lágrimas fossem em turba aos seus olhos. — Devem estar aterrados — sua voz soou quebrada. — Vou contigo queira ou não, e se não me deixar, perseguir-te-ei.

— Posso ordenar que lhe encadeiem.

Alana lhe mostrou as mãos onde umas linhas rosadas se desenhavam nos pulsos.

— Crê que tenho medo de ser atada?

Colbert passou os dedos com suavidade sobre as marcas de Alana e golpeou potentemente a mesa do escritório, fazendo com que cambaleasse. Apertou com força um punho ao mesmo tempo que se mordia o lábio inferior com raiva.

— Vou matar os dois, o Lyton e o Huntington! — Murmurou entredentes. Olhou ao Seth. — Lhe consiga um casaco e uma capa de chuva. — Dirigiu-se a ela. — O caminho não vai ser nada fácil.

— Eu não vou te atrasar — insistiu nervosa.

O homem do *Demônio* e Paddy saíram apressados procurando uma garçonete para que conseguisse a roupa e para avisar ao resto que começassem a preparar as montarias.

— Seth, faria o favor de avisar Hellen? Tranquilize-a, não lhe diga que os gêmeos desapareceram.

— Não se preocupe, será o primeiro que farei.

Colbert se voltou para Alana e disse:

— Espera enquanto lhe trazem a roupa. — Seguidamente, Seth e ele abandonaram o escritório.

A garçonete chegou com uns calções de homem, um pulôver de lã, gorro, cachecol e um casaco que pesava horrores. Ajudou-lhe a tirar o vestido e a colocar as roupas.

— Com calças viajará melhor, senhorita. Ninguém se dará conta porque irá sob o casaco comprido.

Alana não pôs nenhum impedimento. Ao contrário, vestiu-se com pressa por temor que Colbert a tivesse enganado deixando-a ali. Mas suspirou aliviada quando ele retornou, também bastante abrigado. Colbert recolheu a capa de chuva das mãos da garçonete.

— Guardá-lo-ei no alforje se por acaso chover. Está preparada? — Observou-a de cima a baixo. Pegou o gorro de lã e o colocou à cabeça. — Assim está melhor. Pronta? — Ela assentiu. — Venha, vamos.

— Vamos encontrá-los, não é?

A expressão de Colbert se suavizou. Esticou a mão e lhe passou o dedo pela bochecha.

— Nem que seja quão último eu faça.

Saíram pela porta de trás. Havia três homens mais esperando-os, montados a cavalo. Com um movimento ágil Colbert a levantou sobre a garupa de um animal e seguidamente montou diante dela.

Alana agradeceu à garçonete as calças que lhe permitiram subir escarranchada. Ela sozinha nunca tinha viajado de

cavalo, embora tivesse feito trajetos curtos acompanhada por Jhon. A altura e o movimento não a agradavam, mas a situação o requeria se desejava viajar com Colbert em busca dos meninos. Ele também se deu conta de sua vestimenta e, satisfeito, girou-se um pouco para ela.

— Você foi ferida? Lhe tocaram ou quiseram…?

Alana negou com a cabeça, incômoda, e procurou seu olhar. Interrompeu-o:

— Eu estou bem, Colbert, não percamos tempo. Morreria se algo acontecesse com os meninos.

— Não vai lhes acontecer nada, Alana. Seja para o que for, os querem vivos — respondeu, olhou à frente, esporeou o animal e se lançou ao galope, seguido por outros. Esperava não estar equivocado. Confiava que o conde os tinha levado como moeda de troca. Rogou que fosse assim.

Cavalgaram bastante tempo mesmo que às vezes espessas nuvens ocultassem a lua. Então, a noite se fechava totalmente e era impossível distinguir os enlodados caminhos. Quando isso ocorria diminuíam a marcha e se ajudavam com uma oscilante lanterna que um dos homens levava.

O vento e a umidade que desprendia a terra se aderia nos casacos em formas de pequenas gotinhas de água brilhando como diamantes. O frio penetrava metendo-se nos ossos, deixando-os rígidos e doloridos. O ambiente estava impregnado de chuva.

Colbert começava a duvidar de ter eleito o caminho correto, já tinham que ter dado com o carro de Huntington.

— O último veículo recente se desviou aqui — disse Paddy

observando o profundo sulco das rodas no barro. Era um cruzamento bastante largo em um alta esplanada que seguia a rota do oeste.

— Vamos atrás dele — ordenou Colbert depois de pensar uns minutos.

Alana, apertada às suas costas em busca do pouco calor que ele proporcionava, admirou o grande controle de Colbert para ocultar a fúria que sentia. Sabia que estava tão preocupado pelos meninos como ela mesma, mas não deixava transparecer nada, nem em seus gestos nem em sua voz.

Voltaram a lançar os cavalos ao trote. Meia hora mais tarde visualizaram o coche que, com uma marcha mais lenta, deslizava pelo caminho de terra.

— É ele! — Gritou Colbert, fazendo-se ouvir entre o forte ar que soprava. Virou-se a um lado do caminho.

Alana, inconscientemente, abraçou-o com mais força, rogando que Andy e William se achassem no interior.

O cavalo de Paddy se deteve junto ao dele.

— O que fazemos? Seguimo-lo ou o interrompemos?

— Têm os cavalos cansados e certamente necessitem de algum refresco — disse Pedro. — Se chegarem a alguma estalagem será mais difícil interceptá-los. Eu votaria por fazê-lo agora.

— E o que acontece com os meus sobrinhos? — Inquiriu Alana elevando a cabeça para que pudessem escutá-la.

— Não estamos seguros de que viajem com ele — advertiu Colbert, que também optava por lhes deter o quanto antes. — Pedro e eu daremos a volta e sairemos pela frente. Huntington

pensará que está sofrendo um assalto. Larry e Paddy os seguirão de perto por trás.

— De acordo — disse Paddy cobrindo a cara com o cachecol.

— Alana — Colbert se dirigiu a ela, embora não a olhou diretamente, e sim reconhecendo o terreno com seu olhar prateado, assegurando-se de que não os seguiam. — Será melhor que fique escondida entre as árvores. — Assinalou-lhe um pequeno arvoredo que se recortava ao longe. — Não saia dali até que lhe diga. Não sabemos quem viaja com Huntington, mas imagino que haverá alguém mais acompanhando-o. Fará?

— Sim, prometo — respondeu ela com voz ansiosa. Só esperava que tudo terminasse logo. Acusou o cansaço e os nervos do dia, que começavam a deixá-la frouxa.



O coche de lorde Huntington se deteve bruscamente, fazendo com que um dos cavalos levantasse sobre as patas traseiras. Antes que os ocupantes soubessem o que acontecia, a porta se abriu com força e um tipo encapuzado obrigou os dois homens a descerem. As pessoas eram o conde e seu criado.

O bandido deu uma rápida olhada no interior e descobriu os dois pequenos vultos sobre um dos assentos. Os sobrinhos de *Iron*.

— Isto é um desagravo! — Gritou o lorde, ofendido.

— O que é que te parece um desagravo? — A fria e dura voz

de Colbert fez com que lhe arrepiasse a pele.

— Senhor Wakefield! Você não entende!

— Tampouco necessito de muitas explicações, embora o melhor é que me diga porque você e o mequetrefe do Edward estão juntos nisto.

— Não estou com ele! O visconde queria que o ajudasse, mas eu…

— Se for contar uma mentira, economize-me. — Colbert levantou a mão para que o outro visse que estava armado. — Quero a verdade!

Arrasado e temeroso de encarar Colbert, Huntington não teve mais remédio que confessar. Dada sua situação, era o melhor que podia fazer, porque pensava que Colbert, ou *Iron*, era uma pessoa racional. E era, mas também corria por suas veias o desejo de vingar a morte de seu irmão… o sequestro de Alana e dos meninos…

O conde lhe revelou tudo, desde sua obsessão por Hellen, como tinha pago para que acabassem com Jhon. Falou-lhe de seu desejo por engendrar um menino são e não ao monstro que o esperava em casa. Tinha um filho que tinha nascido com terríveis sequelas, era surdo de um ouvido, mudo e com um cérebro tão pequeno que um peixe ao seu lado conseguia ter mais memória. Desde sempre tinha invejado os filhos sãos e fortes de Jhon. Contou-lhe como seu gosto mudou para Alana assim que começou a tratar com ela.

Enojado, Colbert escutou toda a história sem alterar-se. Acostumado a tratar com déspotas como Huntington, sentia um prazer especial ao vê-los pedir clemência. Aquele tipo de

homens o tinha empurrado a converter-se no que era. A experiência e os golpes recebidos na vida o tinham feito imune à compaixão. Nem a riqueza de Huntington, nem sua declaração, conseguiram acalmar o espírito de Colbert. O outro tinha confessado todos os seus pecados acreditando que seria entregue à justiça. Um completo engano por sua parte. *Iron* conhecia muito bem o funcionamento do sistema na hora de julgar um tipo com a influência de lorde Huntington e não quis lhe conceder essa oportunidade.

— Ficou louco! — Gritou o lorde, jogando no chão a arma que alguém lhe entregava. — Não penso me bater em duelo com ninguém. — Ajoelhou-se sobre o barro do caminho. — Me leve ante as autoridades, mas não farei isso.

Paddy o agarrou pela lapela e, de um puxão, colocou-o em pé. Era muito maior e mais forte que o conde. Voltou a pôr-lhe a pistola na mão.

— Vai fazê-lo, Stephen. Se defenda como um homem ou morre como um cão — lhe disse Colbert, assinalando a arma. Huntington já sabia o que tinha que fazer.

— Não vou tirar-me a vida! — Chorou.

— Aceite então.

Foi um duelo justo, com os homens de Colbert e o criado do lorde como testemunhas. Ao Huntington tremeram tanto as mãos que teria sido incapaz de acertar em qualquer alvo. Colbert disparou depois de escutar a explosão falhada do lorde, que se perdeu na noite.

Dos dois sujeitos que viajavam na boleia, um tinha caído grotescamente pelo braço do assento ao negar-se a parar o

veículo. O outro, muito mais sensato, rogou por sua vida junto ao criado e lhes permitiram partir. Sem duvidar um segundo, correram em meio ao cruzamento que tinham deixado para trás.

— Os meninos estão aqui. Estão bem, *Iron* — disse Paddy, assinalando o interior.

Colbert ingressou com rapidez e observou os gêmeos. Ambos levavam os olhos e as bocas cobertas e dormiam aconchegados um contra o outro.

Com cuidado, descobriu-lhes os olhos. William não se alterou de tão cansado que estava, mas Andy despertou desorientado e o olhou com surpresa. Colbert deslizou a mordaça ao pescoço, e o menino se jogou em seus braços, tremendo com alívio.

— Sabia que viria, tio Colbert! Sabia!

— Claro que sim, moço. — Revolveu-lhe o cabelo. Seus olhos se umedeceram, emocionados, e piscou para retirar as lágrimas. — Vamos tirar o Willy daqui e partiremos para casa.

Capítulo 32

O vento uivava e gemia com força. As nuvens deslizavam com velocidade no céu sob uma lua fria.

O grupo atravessou os baixos muros de um mosteiro, que *a priori* parecia abandonado, se não tivessem se dado conta que recentemente tinham estado reparando o edifício.

— Tenho-lhes aberto porque viajam com crianças. Não recebemos ninguém tão tarde — disse um surpreso monge que albergou os recém-chegados no amplo vestíbulo do claustro. Vestia um áspero hábito preso na cintura por um cordão de esparto. Sob o jorro de luz que iluminava o lugar, seu rosto se via amável e ao mesmo tempo preocupado. Enquanto deixava todos passarem ao interior, não podia deixar de observar os meninos com compaixão. Era muito tarde para que estivessem acordados e pela rua no frio que fazia.

— Agradeço-lhes imensamente, padre — respondeu Colbert entrando na galeria. Os muros eram cinzas e careciam de adornos. Carregava William nos braços, que só tinha despertado quando sua tia o abraçou com força. Andy caminhava como um valente pela mão de Alana. A noite era muito horrível para viajar e tinham decidido tentar alojar-se em qualquer lugar que oferecesse refúgio.

— Sigam adiante. Temo-me que isto não é um hotel e não tenho habitações para lhes ceder. Podem ficar no salão, e trarei um par de camas de armar para a mulher e os pirralhos.

— Por nós está ótimo — disse Paddy deixando os alforjes em um canto da galeria. Seus companheiros o imitaram. — Teriam algo para nos dar para comer?

— Irei à cozinha ver se há algo. Entrem aqui e esquentem-se. — Levou-os a um vasto salão onde um ardente fogo vibrava em uma grande lareira. — Procurarei umas mantas para que possam abrigar-se.

Alana e Andy foram os primeiros em aproximar-se da luz, estendendo as mãos para as chamas. A sala possuía vários divãs desgastados, e tapeçarias de tons apagados cobriam as paredes. Escutava-se o rugir do vento, que se filtrava por algumas frestas produzindo correntes de ar. A iluminação era escassa com apenas dois candelabros, mas suficiente para ver com absoluta nitidez. O grande tapete que cobria o chão frio de pedra ajudava a convertê-lo em um lugar acolhedor, embora muito sinistro pela antiguidade do edifício.

Alana declinou os mantimentos que o monge lhes levou e deixou que Andy, Colbert e os outros atacassem a bandeja com prazer enquanto tirava o casaco de William e o deitava cobrindo-o com os cobertores. Depois ela se deitou ao seu lado, morta de cansaço. O dia tinha sido extremamente exaustivo e os olhos se fecharam sem querer.

Colbert acompanhou Andy a fazer suas necessidades e ao voltar deixou que tombasse em outra das camas de armar. Ele ficou perto da lareira, com o olhar cravado no fogo. Alana

seguia zangada, e não podia culpá-la. Tinha lhes feito mal, e o sentimento de culpabilidade que o embargava era doloroso. Enquanto não encontrasse Lyton, nada daquilo teria acabado, e pensava emendar o problema o mais rápido possível.

— Deverão ir-se amanhã cedo — avisou o monge sentando-se ao lado de Colbert com uma caneca de caldo na mão. — O que lhes aconteceu?

— Um acidente. O abajur do carro se derrubou e tudo ardeu em dois segundos — mentiu, embora não de tudo. O veículo de Huntington tinha acabado pasto das chamas, com seu corpo no interior.

— Para onde se dirigiam?

— À Dorset. Nos fez tarde e estávamos procurando um lugar para passar a noite. Seriamente, foi muito amável por nos permitir a entrada.

— Desviaram-se um pouco — observou o monge com os olhos fixos na fumaça que subia de sua caneca.

Colbert assentiu.

— Equivocamo-nos no cruzamento.

— Esses meninos são seus filhos?

Colbert negou.

— Meus sobrinhos.

— Bem. — O monge bebeu lentamente. Formou-se um silêncio absoluto até que se incorporou. — Lamento não poder lhes oferecer nada melhor. Só espero não me arrepender de havê-los ajudados.

— Não o fará, prometo-lhe. — Colbert ficou em pé e procurou sua carteira, mas o homem o deteve.

— Guarde seu dinheiro. Meu dever é ajudar aos necessitados, e neste momento lhes vejo assim.

— Obrigado — murmurou Colbert.



Alana despertou sobressaltada. Aquele não era seu dormitório nem ela estava em sua cama. Recordou de repente todo o acontecido e se incorporou procurando os gêmeos com a vista.

Soltou um suspiro aliviado ao vê-los dormir tranquilamente. As primeiras luzes da alvorada penetravam por umas altas vidraças religiosas formando estranhos reflexos coloridos sobre as paredes.

A voz de Colbert chegou do divã onde ele se recostara.

— Dorme um pouco mais, ainda é cedo.

Ela não lhe deu atenção, levantou-se e caminhou para ele, fazendo com que lhe deixasse um lugar livre ao seu lado.

— Onde estamos?

— É um velho mosteiro. — Não se queixou quando ela puxou um pouco de sua manta cobrindo o regaço. — Na hora do almoço estaremos em casa.

— O que dirá à Hellen?

— Suponho que é justo que saiba a verdade. — Dedicou-lhe um daqueles sorrisos de lado que ela achava irresistível. Por um momento Alana desejou jogar-se em seus braços, mas se controlou.

— Espero que o senhor Presley a tenha tranquilizado. O

que aconteceu, Colbert? Não foi ao encontro com o visconde?

— Foi ele quem não foi. Sinto muito Alana, não sabia que lhes tinham pego.

— Pensava que eu era sua esposa, por isso veio por mim. Assustei-me e disse àquele tipo que não era, mas que íamos nos casar.

— Por quê?

— Para que não fizesse vingança com os gêmeos. Se o fizesse ver que eu te importava, os deixariam em paz. Disseram que hoje os devolveriam à casa.

— Mas Huntington mudou de planos quando me viu no salão — disse ele.

— Ontem à noite… — Alana não se atrevia a lhe perguntar, mas tinha ouvido os disparos, e logo o coche de Huntington ardendo. — O que aconteceu com ele?

— Morreu — respondeu.

Alana estremeceu. Quase não se atrevia a lhe perguntar, mas não pôde se conter:

— Você o matou?

— Sim.

Fez-se um longo e profundo silêncio. Logo Colbert lhe contou a confissão do Lorde sobre como acabou com a vida de seu irmão. Alana se pôs a chorar. Imediatamente os fortes braços a rodearam e ela apoiou a cabeça contra seu peito.

— Pobre Hellen quando se inteirar.

Ela deixou de chorar ao cabo de um momento, mas Colbert não permitiu que saísse de seu abraço. Estiveram assim vários minutos mais, escutando o suave rangido das

chamas e as respirações dos que dormiam.

— O que vai acontecer agora? — Murmurou ela aspirando o aroma que desprendia a camisa masculina.

— Tenho que solucionar todo este embrulho.

— Irá à procura de Lyton?

— Nem que seja o último que faça — exalou um longo suspiro como se fosse dizer algo mais, mas não o fez.

Mais tarde empreenderam a volta à Londres.

Hellen não pôde controlar as lágrimas ao ver toda sua família sã e salva.

Colbert esperou que estivessem sozinhos para lhe dizer a verdade. Foi bastante duro para ela saber que todas as suspeitas de Alana eram certas e, sem poder suportar a angústia, Hellen se encerrou o resto da manhã em seu quarto para chorar.

Pela tarde Alana foi consolá-la.

— Sei que não deveria fazê-lo, — confessou Hellen — mas me alegro muito de que Huntington tenha morrido. Crê que Deus me castigará por pensar assim?

— Então teria que castigar as duas, porque sinto o mesmo, mas Hellen, não teria preferido que o julgassem?

— Depois de saber que ele acabou com a vida do meu marido, quão último teria desejado seria voltar a vê-lo. Eu mesma teria me sentido tentada a acabar com ele.

— O que Colbert te contou?

— Tudo, Alana. Falou-me de seu passado e da vingança desse visconde. — Olhou-a fixamente. — Você deveria ter me contado isso.

— Sei — disse arrependida.

— Agora já não importa. Huntington está morto, e Colbert partiu.

Alana deu um pequeno pulo. Seu coração começou a pulsar de uma forma estranha e irregular. Completamente pálida, perguntou:

— Partiu?

Hellen assentiu, mordendo o lábio inferior.

— Pediu-me que me despedisse de você. Retornou à Paris em busca daquele homem. Conforme disse, enquanto o visconde estiver livre nós estaremos em perigo.

— Como assim partiu? — Perguntou em um fio de voz quase coerente. Colbert não podia lhe fazer isso. Não podia partir assim, daquela maneira…

— É o melhor para todos, querida. — Hellen lhe acariciou a bochecha com ternura. — O senhor Presley informou que aquele homem embarcou antes que acontecesse toda aquela loucura, e Colbert foi procurá-lo.

As lágrimas alagaram os olhos de Alana. Sentia um nó na garganta que lhe impedia de respirar.

— Mas vai voltar, não é? Lhe disse quando vai retornar?

Hellen negou com a cabeça.

— Fez todos os acertos para que não nos falte nada. Também me entregou dinheiro suficiente dinheiro para abrir a escola. Prometeu-me que escreverá quando puder. — Lhe deu de presente uma triste careta. — Conhecendo-o, será igual quando Jhon vivia. Teremos que escrever-lhe se quisermos saber algo dele.

— Mas isso não é justo! — Alana ficou em pé sem saber o que fazer nem o que dizer. Colbert tinha partido de sua vida do mesmo modo em que tinha entrado.

— Está bem, Lania? — Perguntou Hellen pegando suas mãos.

— Sim — assentiu com a voz cheia de dor. Devia ser forte. Não era nenhuma chorona afetada. Ela era forte, sempre tinha sido. — Sentirei falta dele.

Hellen a abraçou com força.

— Eu também lhe tomei muito afeto. Colbert está acostumado a viver sozinho, e devemos deixá-lo partir.

Alana só pôde responder com um angustiante gemido. Ela estava acostumada a tê-lo perto e não queria deixá-lo partir. Tinham sido vários meses de convivência, cheios de importantes mudanças. Embora ao princípio sempre esteve receosa, terminou por apaixonar-se por ele como uma boba. Ela sozinha, com suas recriminações e recriminações, fez com que ele se separasse deles.

Nessa noite, antes de deitar-se, Alana entrou no dormitório de Colbert. O roupeiro estava vazio e não ficou nada ali que lhe pertencesse.

Sentou-se sobre o sofá no qual ele se descalçou aquela noite e com o olhar fixo no oco da lareira, agora limpa e fria, compreendeu que tinha perdido o homem mais importante de sua vida. Tinha o acusado de pô-los em perigo em vez de lhe agradecer por ter lhes tirado da ruína em que viviam.

Possivelmente, os meninos aceitassem melhor. Na primavera retomariam os estudos e não teriam muito tempo

para pensar em seu tio. E Hellen, com toda segurança, derrubar-se-ia na escola. Mas ela... gemeu abatida. Sentia que não pertencia a nada de tudo aquilo, que jamais encontraria alguém como Colbert. Nunca tinha estado tão só e necessitada.

Podia estar agradecida de que nunca lhe tinha confessado seus sentimentos, assim como tampouco ele lhe havia dito nada. Era consciente que não a amava, que aquela noite mágica para ela não tinha significado nada para ele, mas a esperança de que tudo isso mudasse tinha estado latente em seu coração. Agora já não tinha nem modo de comprová-lo, de saber se podia ter funcionado algo entre eles.

Com uma última olhada ao quarto saiu dali deixando suas lembranças. Fechou a porta devagar.

No final do corredor, Hellen levava uma bandeja com copos de leite aos gêmeos. deteve-se ao ver Alana em frente à porta do dormitório de Colbert, com a testa apoiada na madeira e um delicado punho contra o marco. Os magros ombros tremiam em um pranto silencioso. Sem fazer ruído Hellen retornou por onde tinha vindo, confusa.

Capítulo 33

Nas primeiras semanas depois da partida de Colbert a casa inteira pareceu inundar-se em dias de luto. Os meninos sentiram muito, não tanto como Alana, que irremediavelmente lhe nublavam os olhos por qualquer insignificância. Sentia muitíssima falta de sua presença, mas sobretudo de sua voz. Além disso, nas noites, não deixava de recordar uma e outra vez quando o viu entrar na estalagem a primeira vez, ou quando a cobriu sob a chuva ao ir procurá-la... evocava seu formoso sorriso torcido, o brilho dos zombadores olhos prateados... de ter tornado a conhecê-lo, de poder fazer voltar o tempo atrás, possivelmente, só possivelmente, podia haver dito que o amava.

Às vezes as lembranças eram asfixiantes e nas vigílias pioravam. Entretanto, pelo dia, conseguia se entreter com algo, podia esquecer-se dele ao menos durante um par de horas seguidas.

Seth Presley se converteu em um visitante assíduo e os acompanhou a várias saídas. Era um homem muito jovial e divertido, ao mesmo tempo que protetor. Se Alana não tivesse estado tão decaída essas semanas, teria se dado conta que entre Hellen e aquele trapaceiro encantador começava a nascer

algo muito especial. Algo que ao próprio *Demônio* tinha surpreendido. Dizia-se que ia ver Hellen por pertencer à família de seu amigo, mas não era assim. Essa mulher era doce e inteligente… bela, e desde que tinham conversado várias vezes, deu-se conta que por alguém como ela era fácil tentar mudar de vida.

Hellen não era nenhuma parva e sabia como era Seth, porque Colbert lhe tinha dado certas resenhas antes de partir. Também porque tinha falado com Alana, quem confirmou que o homem era dono de vários clubes e turvos negócios. Todas aquelas coisas não bastaram para afastar-se dele. O que sabia realmente era que o homem se comportava com ela como um cavalheiro respeitoso, preocupava-se com os meninos e se encarregava de qualquer incidente que houvesse em casa, por menor que fosse. E ela, como uma adolescente recém-saída da escola, aproveitava o mínimo problema, às vezes até os inventava, só para que ele fosse vê-la e a fizesse rir.

— Seriamente está segura, Hellen? Olhe que eu não escutei muitas coisas boas dele.

— E não acha possível que de verdade esteja apaixonado por mim? Eu não gostaria de me precipitar, Erika, mas a verdade é que eu gosto bastante desse homem. Além disso, é amigo de Colbert. Pensa que só procura de mim… já sabe?

— Não, não! Seu cunhado o mataria.

— Isso é o que eu penso.

— E aos seus meninos, o que lhes parece?

— Bom. — Hellen encolheu os ombros. Ambas estavam reunidas em uma sala da elegante casa de Hamilton House,

onde Erika se alojava quando passava longas temporadas em Londres. — De momento não gostam muito. Não sei se é porque pensam que Seth quer lhes tirar o carinho de Colbert.... não sei.

— Com certeza necessitam tempo. O que diz Alana?

Hellen negou com a cabeça em atitude triste.

— Não quis lhe dizer nada. Ela está um pouco estranha, como se tivesse a mente em outras coisas.

— Será pelo senhor Mike Newton. Ainda segue rondando-a?

— Sim, vem sempre que pode. Até agora não perdeu nenhum fim de semana e inclusive reservou habitação no hotel.

— Eu acredito que pedirá sua mão — disse Erika esfregando as palmas. — Se for assim, não perderei as bodas por nada no mundo. Sabe que eu adoro festas.

— Já veremos — disse Hellen um tanto preocupada. Não via sua irmã compartilhando sua vida com o arquiteto.

Depois de passar a tarde fora, Hellen retornou à casa e decidiu começar a medir o terreno com Alana. Ela tinha que saber que Seth e ela tinham muitas coisas em comum.

— O senhor Presley insinuou que deveríamos ficar em Londres e abrir aqui a escola.

Alana estava sentada em uma profunda poltrona da biblioteca, com os olhos fixos na página de um livro.

— Ouviu-me, Lania?

A moça elevou a cabeça.

— E o que acontece com a casa de Christchurch? Não quer

retornar?

Hellen não se atreveu a olhá-la aos olhos e passeou até a mesinha para acender um abajur. Os últimos raios de sol penetravam pela janela, e a habitação começava a alagar-se de sombras.

— Você não gosta da ideia, eu sabia. Não te parece bem, não é?

— Não é isso, é só que pensei que você quereria fazê-lo. Sempre vivemos ali e... se supõe que lhe faria sentir-se mais perto de Jhon.

— O que você quer fazer, Lania?

Ela encolheu os ombros com desinteresse.

— Para mim tanto faz, Hellen. — Fechou o livro soltando um forte suspiro. — Eu gosto daqui, embora prefira a tranquilidade do condado. Ali não há tanta gente, embora suponha que a escola teria mais êxito aqui. Por que pergunta?

Hellen dissimulou seu nervosismo caminhando de um lado a outro pela estadia. Alana a seguia com o olhar e o cenho franzido.

— Queria conhecer sua opinião, isso é tudo.

— Não será porque quer ficar aqui pelo senhor Presley?

Hellen tragou com dificuldade e pegou ar com força.

— E se fosse assim?

Alana agitou a cabeça, negando seriamente.

— Não é de se confiar, Hellen. Esse homem é infiel por natureza. Se vem frequentemente é porque Colbert o mandou…

— Está equivocada — sussurrou Hellen sem deixar que acabasse de falar. Mas Alana não quis escutar.

— Sente-se obrigado porque são amigos, mas me dê atenção, posso te assegurar que o senhor Presley não é o homem que te convém. As pessoas como ele só trazem problemas, além disso, não sei se sabe, mas ouvi dizer que tem uma amante. Uma dama distinta.

— Sei, e isso foi faz tempo, ele me contou isso.

Alana curvou as sobrancelhas estranhando.

— Se deseja saber minha opinião, Hellen, eu não gosto de Presley.

— Agradeço-te muito que me tenha dito isso — respondeu com certa ironia que Alana não ignorou. — Tampouco você gostava de Colbert e te olhe, chorando pelos rincões.

— Isso não é verdade! — Ofendeu-se. — Não sei nem por que me recorda isso, já nem me lembrava dele, mas já que tirou o tema, ambos são iguais. Lembra-se do que eu dizia sobre o Colbert, que era um mulherengo e tudo aquilo? Pois me deixe te dizer que o *Demônio* não é muito melhor.

— Faria o favor de não chamá-lo assim? Chama-se Seth.

— Hellen, não posso acreditar! Seria capaz de pensar que ele possa mudar por você?

— Sim, posso fazê-lo — disse com tal seriedade que Alana se assustou. Ficou em pé e a olhou intensamente. Hellen tinha parado diante dela, observando-a à sua vez.

— Quero retornar à Dorset, e estou segura que os gêmeos também.

— Essa é a sua decisão, Lania? — Perguntou Hellen, esforçando-se para que ela não notasse a angústia de sua voz.

— É.

— De acordo. — Com um ar de tristeza, Hellen abandonou a estadia. Alana se amaldiçoou. Nunca em sua vida se comportou de forma tão egoísta como naquele momento. Disse que o fazia pelo bem de Hellen, entretanto, em seu peito nasceu a dúvida que podia estar confundindo-se. E se na verdade Hellen amava aquele homem? E se Seth...? Não, impossível! Não podia ser. Sua irmã necessitava de alguém responsável, alguém que a respeitasse. Seth não era esse tipo de homem, se convenceu.

No princípio de maio Mike Newton lhes disse que a ampliação da casa estava virtualmente acabada e que no fim do mês poderiam se mudar.

Hellen pareceu descontente por este acontecimento e voltou a insistir com Alana se de verdade era isso o que queria. Teimosa por natureza, Alana não deu seu braço a torcer e quase com maldade foi falando com os meninos de todas as coisas boas que lhes esperava em Dorset. Inocentemente, ou talvez nem tanto, de vez em quando os jogava contra Seth, lhes falando sobre ele e o mau pai que podia chegar a ser. Não sabia que estava sendo tão mesquinha até um dia que passeou com Mike Newton pelo parque em companhia de seus sobrinhos.

O homem caminhava junto a ela observando os meninos que brincavam de pega-pega.

— São uns moços encantadores — admirou Mike. — Foi uma lástima ficarem sem pai tão cedo.

— Sim, foi, mas já superaram.

Mike a olhou com incredulidade.

— Crescer sem um pai, sem a figura paterna, é algo que

não se supera com tanta facilidade.

— Você cresceu sem pai?

— Oh, não, não, — negou com a cabeça — mas tive um amigo que sim e embora parecesse um menino feliz, não era absolutamente.

— A que se refere?

— Sua mãe sempre o protegia, todos riam e zombavam dele. Ficou muito covarde para negar-se a fazer as coisas que os outros lhe pediam e acabou enchendo-se de rancor. Um ódio tão forte que acabou por lhe fazer cometer a maior das loucuras. Assassinou a sua mãe.

Alana levou a mão à boca, espantada.

— Isso é horrível! Os gêmeos nunca fariam nada assim!

— Claro que não! — Exclamou ele, envergonhado de havê-la assustado. — Têm seu tio, o senhor Wakefield, e também ouvi dizer que o senhor Presley os adora.

Alana se deteve para olhá-lo com interesse.

— Onde ouviu isso?

Ele encolheu os ombros.

— Deve me perdoar por me colocar em coisas que não devo, mas uma manhã, enquanto lhe esperava em sua casa, escutei como uma das criadas comentava à outra. Ao que parece esse homem cuida dos meninos como se fossem seus próprios filhos.

Alana levou a vista à frente sem ver nada. Como era possível que estivesse tão cega e não se dera conta? Mike podia estar confundido?

— Ocorre algo, senhorita Alana?

— Não — murmurou ela com tristeza.

— Disse algo que não devia?

— Nada disso — respondeu apertando os lábios com força. Olhou aos gêmeos, ambos felizes e alheios a todo o resto, corriam entre risadas. Inexplicavelmente, seus olhos se desviaram para um tipo que se sentou em um banco próximo. Reconheceu-o em seguida. Era um dos empregados de Seth que tinha visto naquela noite na *Ferradura de prata*.

O tipo se levantou em seguida ao vê-la chegar.

— Boa tarde, senhorita Sanders. — Inclinou apenas a cabeça. Seu olhar perseguia os meninos. Alana percebeu isso.

— Ele enviou-lhe para nos seguir?

— Como?

— Seu chefe, o senhor Presley. Ele o enviou, não é?

O homem fez um assentimento.

— Sim, senhorita, mas não lhes estou seguindo como imagina, só estou aqui para protegê-los — terminou de dizer assinalando aos gêmeos com o queixo. — O *Demônio* me contratou como... babá — disse com rosto vermelho de vergonha.

— Babá! Diga melhor, guarda-costas!

— Sim, algo assim.

Alana lhe estendeu a mão em um gesto de gratidão, despedindo-se dele.

Mais confusa que nunca, retornou para casa. O melhor era deixar o tempo correr e que decidisse por si mesmo. Não ia voltar a insistir com Hellen sobre o que acreditava que lhe convinha ou não. Se ela estava convencida que amava o

Demônio russo, Alana estaria ali para lhe levar o véu de noiva, ou para lhe emprestar um ombro sobre o qual chorar, mas não ia meter-se mais no meio. Recordou, como se tivesse passado muito tempo disso, a moeda que lançou.

«Por favor, peço-te de coração, poço dos desejos, que devolva a felicidade que arrebataram cruelmente de Hellen Sanders. Prometo-te que serei feliz se ela voltar a sorrir, se voltar a acreditar no amor».

E se o amor estava ao lado de Seth Presley? E se ela era a única que lhe impedia de ser feliz? Acaso desejava ver Hellen tão desventurada como estava ela desde que Colbert partira? Não podia fazê-lo. Não era tão cruel.

Capítulo 34

Alana estava sentada sobre a cama, rodeando as pernas com os braços e observando fixamente através da janela o céu nublado que havia coberto a cidade em questão de segundos. Era uma tormenta primaveril que passaria logo. A água da chuva escorregava pelo cristal em uma fina cortina, produzindo uma rítmica melodia. Um relâmpago rasgou o céu, seguido de um trovão ensurdecedor.

Suspirou, um pouco abatida, e seus olhos se desviaram de novo para as rosas vermelhas que estavam na cômoda. Recordou o dia anterior como se fosse algo que ela mesma não tivesse vivido. Como se não tivesse sido mais que uma mera espectadora em algum camarote de teatro. Ficou em pé, olhando sombriamente através da janela. Tufos de fumaça cinzenta saíam das muitas chaminés da cidade para o céu levadas com o vento.

O ruído da porta ao abrir-se chamou sua atenção. Noelle entrou com cara de ter alguma notícia curiosa.

— O que acontece, Noelle? Não me diga que outra vez temos visitas.

— Não é isso, senhorita. Quando lhe contar ficará atordoada.

Caminhou para a criada.

— Me diga, não me ponha nervosa.

— São notícias sobre Christchurch, resulta que encontraram na casa de lorde Huntington o seu filho. Não vai acreditar! Pobre criatura! Estava, nada mais, nada menos que trancado em uma habitação no porão. É... um monstro.

Alana cobriu a boca com a mão.

— Então era verdade tudo que diziam?

— Assim é. É horrível tratar assim seu próprio filho. Levaram-no a um centro para tentar curar suas sequelas. Dizem que tinha a pele branca como a porcelana por nunca ter visto a luz do sol. Certamente, por mais cruel que soe dizê-lo, esse homem merecia a morte. Também comentam... — continuou dizendo — ... que destituíram o prefeito por encobri-lo no assassinato do senhor Wakefield. A senhorita Cláudia deve estar subindo pelas paredes.

— É bem merecido. Dá-me um pouco de pena, não acredito, mas só um pouco. Não posso esquecer a maneira que se comportou comigo. — Apareceu à janela outra vez. Os trovões soavam bastante longe e a chuva tinha cessado. Abriu as duas folhas da janela deixando que o ar fresco carregado de umidade invadisse a antecâmara. — Pelo menos agora deixará de comportar-se como se fosse a proprietária do condado, e por fim os culpados pagaram. — Voltou-se para Noelle cruzando os braços. — Só falta saber que o oficial também foi aprisionado e dormiremos tranquilos.

— Sim, embora desse homem não se sabe nada por agora.

— Já o agarrarão. Tenho confiança nisso. Onde está

Hellen?

— Sua irmã está na saleta de baixo com o senhor Presley.

— Não disse que não havia visitas?

— O senhor Presley já não é considerado visita, senhorita Alana.

Ela assentiu, decepcionada. Teria preferido falar o que tinha a dizer para Hellen a sós. Desde o dia anterior não a tinha visto. E desde o dia anterior, assim que se levantou, tinha sabido que a manhã proporcionava algo especial. Chegou o momento em que Mike Newton se decidiu a dar o grande passo. Ela tinha estado esperando desde que começara com suas visitas e seus galanteios. Em cada ocasião tinha tentado imaginar sua reação quando lhe propusesse matrimônio, e todas as vezes tinham sido parecidas. Ela dizia que sim, e ele beijava sua boca. E dizia que sim porque sua mente escondia Colbert no rincão mais escuro e afastado. Dizia que sim porque precisava sentir-se amada, sentir que havia um motivo pelo qual devia esforçar-se em sair da solidão e da dor que a embargava.

Nessa tarde Mike tinha chegado antes do tempo e teve que esperar perto de meia hora com um buquê de flores na mão, sentado em uma cadeira da galeria porque não tinha querido passar ao gabinete onde sempre o recebia, até que Alana desceu as escadas.

A luz do sol que entrava pelas janelas do vestíbulo enchia tudo de calidez e fazia com que a estadia parecesse dourada. Alana vestia-se de verde-água, com uma fina e delicada renda branca nas mangas bufantes. Assim que ela o viu com as rosas

vermelhas, cortou sua respiração e o coração começou a pulsar mais devagar.

— Que flores mais formosas! — E tão diferentes do pequeno ramalhete que trazia sempre. — Começa a me acostumar mal, Mike. Ou hoje celebramos algo especial e eu não me lembro?

Lhe custou tragar e em seguida afrouxou o nó do lenço.

— Alana, é muito inteligente para não suspeitar a que se deve minha visita de hoje.

Ela suspirou profundamente. Mike tinha razão, não tinha por que fazer-se parva com ele.

— Me perdoe então. — Pegou as flores e as cheirou. O aroma das rosas era delicioso. Chamou Lucy e sugeriu que as pusesse em um vaso. Voltou-se para Mike, atando o porta-níqueis no pulso e o segurou pelo braço. — Vamos daqui, não importa onde, só passeemos. Hoje faz um dia lindo.

— Você é mais linda.

— Como?

— O que ouviu. Mais linda que o dia, que as flores, que o infinito. Você é muito mais linda que tudo isso.

Foi tão apaixonado que Alana ficou boquiaberta, olhando-o como se fosse a primeira vez que o visse de verdade. A honestidade daquela resposta tocou-a muito dentro, ao seu pesar.

— Fui tão sério que lhe assustei, não é?

Ela piscou com surpresa.

— Não, é só… não tinha esperado. Foi… encantador.

Mike a guiou ao exterior e caminharam pela rua de braços dados. Por coisas do destino, passaram ante a porta da

costureira onde Colbert a tinha acompanhado, e ela evitou olhar a loja. Em um momento como aquele não devia deixar que ele entrasse no assunto.

Alana estava completamente atacada dos nervos, e ele parecia querer levar as coisas com calma. Admiraram cristaleiras, compraram algumas guloseimas para os gêmeos e por fim tomaram assento no terraço de uma cafeteria sob uma gigante sombrinha de cores fortes. Foi precisamente ali onde Mike entregou uma caixa de veludo vermelho em cujo interior descansava um anel de ouro e brilhantes.

— Alana, se me pedir tempo para responder, eu lhe darei tudo o que necessitar, o único que lhe suplico é que não me rejeite sem sequer pensar. Estou apaixonado por você, não vá pensar que só me fixo em sua beleza, apesar de ser tão repetitivo, mas imagino que se os anjos existem, devem ser como você.

— Isso confirma que não me conhece muito bem — brincou ela.

Ele sorriu nervosamente.

— Não sei quais são esses defeitos que acredita ter. O que pude comprovar é a maneira em que trata seus sobrinhos, e me dei conta que quero ter filhos e que você é a única mulher com quem quereria tê-los. Se me aceitar por marido, eu seria a pessoa mais feliz do mundo. Alana, faria a honra de se unir a mim em santo matrimônio?

Já estava! Ele o havia dito, e Alana tinha que responder. Por que diabos não lhe saíam as palavras de sua boca? Não era tão difícil, só tinha que dizer… sim.

— Me deixe falar com ela, Hellen — Alana escutou que Seth dizia à sua irmã.

— Não, Seth, de verdade. Prefiro esperar um pouco, retornar à casa, possivelmente tudo se acalme e Lania compreenda que te amo.

— E eu o quê? Maldição! Amo-te! Não quero deixar de ver-te.

Alana se deteve perto da porta da sala e apoiou as costas na parede, nervosa.

Hellen acariciou a bochecha de Seth e o encarou. Tinha a linha de sua mandíbula bem quadrada e o nariz reto. Naquele momento, seu olhar claro estava cheio de ira e angústia em partes iguais. Hellen não gostava de vê-lo assim.

— Um pouco de tempo, amor. Minha irmã sempre esteve comigo em tudo e não posso abandoná-la agora.

— Parece-me muito injusto — se queixou ele. — Eu já não sei o que fazer para demonstrar que você e os meninos são o mais importante para mim!

— Tem que compreendê-la, Seth. Crê que eu quero me apartar de você? Sabe que não é assim, mas Lania me necessita. Está passando por um momento muito mau. Me apoie nisto — rogou.

Ele ficou pensativo durante uns segundos. Tinha pensado bastante e nesse momento terminou de decidir.

— Parto com vocês à Dorset.

— Não! — Hellen negou veementemente. — É algo que

temos que superar sozinhas.

— Sua irmã está se comportando com egoísmo.

— Não é assim — respondeu ela. — No fundo compreendo-a. Está preocupada comigo.

— Porque desconfia…

— Sim, porque desconfia de você — admitiu, interrompendo-o. — Tem que reconhecer que quando te conheceu, não foi no melhor momento. Não é um homem ao qual lhe possam pôr uma auréola na cabeça por seus atos de boa-fé com… tudo em geral.

— Sei, mas deu um voto de confiança ao seu cunhado. Por que a mim não?

— Por isso mesmo, Seth. Confiou em Colbert, e ele nos deixou. Por que você não iria fazer o mesmo?

— Porque te amo? Porque sei que sem você minha vida é puro lixo? Porque nunca tive estes sentimentos por ninguém? — O *Demônio* passeou intranquilo pela sala. Nesse momento, tudo o que dissesse não ia servir de nada. Hellen estava decidida a partir. — Colbert retornará. — Disse. — Outro dia recebi uma carta dele. O assunto que tinha com o visconde terminou.

— Vai voltar? — Perguntou esperançada. — Ele lhe disse isso?

— Não. Nem sequer ele sabe ainda, ainda tem que dar-se conta que ama Alana, mas eu apostei uma fortuna no White´s que ele era o candidato.

Alana fez sua aparição na sala. Não podia seguir escutando às escondidas e não dizer nada.

— Está confuso, senhor Presley. Nem Colbert me ama nem eu a ele. — Encolheu os ombros e caminhou para a bandeja das bebidas, onde se serviu um copo com água da jarra. — Escutei o que falavam e tenho que discordar do senhor. Não sou tão egoísta como pensa. — Bebeu um gole e deixou o copo sobre a mesa. — Não penso ser a culpada de sua infelicidade se assim o decidirem. São suficientemente maduros para pensar o que querem fazer e o que não.

— Lania! — Exclamou Hellen, olhando-a com emoção. — Fala a sério?

— Fui uma estúpida, Hellen. Lamento que tenha passado tão mal por minha culpa. Poderá me perdoar?

— Não tenho nada que te perdoar. As lágrimas de felicidade saltaram pelos olhos de Hellen e correu a abraçar Alana. — Eu nunca quis te ferir.

— Sei. — Alana limpou os olhos e olhou ao *Demônio*. — Quando se casam?

— O antes possível — respondeu ele sem sair de seu assombro por aquela inesperada mudança.

Alana tragou o nó de inquietação de sua garganta.

— Por que tão rápido?

— Por que esperar? — Respondeu ele com outra pergunta.

Alana assentiu, entendendo.

— Só uma coisa. Juro-te por Deus que se fizer a minha irmã chorar uma só vez, mato você.

A ameaça dita com um sorriso zombador fez *Demônio* rir.

— Terei isso em conta.

— Uma coisa mais — acrescentou Alana, tornando-se séria.

— Hellen, não quero que leve a mal.

— Do que se trata?

— Depois da cerimônia parto para Dorset. — Hellen abriu a boca com surpresa. — Mike Newton me pediu em casamento..., e aceitei.

Seth não disse nada, ao contrário, ficou olhando-a muito circunspeto. Hellen aumentou os olhos:

— Mas Lania! — Abriu e fechou a boca várias vezes. — Está segura? Quero dizer...

— Faz tempo que ele está dando voltas ao assunto. Sei que Mike me ama, e podemos ser felizes juntos. Trata-me bem, cuida-me. É um bom partido, Hellen. — Tinha tido toda a noite para convencer-se e já não havia volta atrás. — Esta manhã ele viajou ao condado para dar a notícia à sua mãe.

Realmente não sabia se tinha aceito casar-se com ele por despeito, por raiva ou por medo de ficar sozinha. Já não tinha muito sentido dar voltas ao tema.

— Felicidades — desejou Hellen, não muito convencida com sua decisão. Alana não se opunha a que ela e Seth se casassem. Como ela podia opor-se a que ela fizesse o mesmo?

— Quer que averigue sobre esse homem? — Seth perguntou à Hellen depois que Alana partiu.

— Não precisa, amor. Já sabemos quem é ele.

— Não parece gostar muito.

Ela apagou a careta de desgosto de seus lábios e sorriu, um pouco preocupada.

— Não é um mau homem, — admitiu, encolhendo os ombros — mas não pensei que Lania o aceitaria. Acreditei que

antes conheceria alguém mais ou esperaria se por acaso Colbert volta. De verdade crê que ele a ama?

— *Iron*? Não sei, de verdade. Houve um tempo que teria apostado minha vida ao afirmar. Sei que esteve muito apaixonado por ela, mas também sei que a respeitou por ser sua irmã. Mesmo assim, observe que eu haveria dito que esses dois iam acabar juntos.

Enquanto Seth falava, seu braço foi rodeando a cintura de Hellen até pegá-la contra seu corpo.

— Ela o ama, embora haja dito o contrário — lhe confessou Hellen, lhe jogando os braços ao pescoço. — A vi chorar por ele, mas sabe? — Procurou seu olhar celeste. — Ela será feliz. Saberá levar ao Newton por onde quiser, é sua natureza. E eu estou tão feliz, tão, tão feliz que nos tenha dado sua aprovação, que já tenho vontade de estar casada e vivendo contigo.

Seth sorriu com presunção à sua futura esposa e beijou seus lábios.

— Eu também estou desejando. Por certo, acredito que é melhor irmos viver em Christchurch.

— Por que mudou de opinião?

— Porque não quero que ninguém vá dizendo por aí que se casou com um demônio.



— Tia Lania, minha mãe e aquele homem vão se casar! — Exclamou Andy ofendido e triste.

— Já me inteirei, anjo. — Alana tomou a mão do menino e

chamou William, que olhava absorto pela janela. — Venham um momento, tenho que lhes dizer algo.

Com inapetência, William se aproximou deles e se sentou também sobre o tapete do quarto.

— Tia Lania, disse que aquele homem era um rabugento e que...

— Sei o que disse, Willy, mas menti. Me escutem os dois, Seth lhes ama muito, entretanto, eu estava zangada com ele e por isso vos disse tudo aquilo.

— Por que estava zangada?

— Verão — começou a dizer. — Realmente, com quem me zanguei foi com seu tio, e como Seth era seu amigo, não queria que estivesse perto de nós. Equivoquei-me e penso que deveríamos lhe dar uma oportunidade para conhecê-lo melhor. Eu sei que vai ser muito bom pai, e têm que esquecer todas as coisas que eu disse.

— Zangou-se com o tio porque nos abandonou? — Perguntou Andy.

Alana assentiu.

— Ele tinha coisas a fazer, por isso teve que ir. Prometem-me que vão se dar bem com o Seth? Sua mãe ficaria muito triste se não o fizessem.

— Tia Lania, virá conosco de viagem?

— Não, anjo, desta vez devem ir sozinhos, embora não lhes disse que Lucy lhes acompanhará também.

— Mas eu quero que venha — disse Andy com voz triste.

— Eu tenho muitas coisas a fazer. Quando forem percorrer a Europa, eu irei à casa preparar tudo para quando chegarem.

Quero que esteja linda quando verem outra vez.

— Seguirá vivendo conosco?

— Estarei muito perto. O senhor Newton também vive ali, e eu terei que ir com ele e com sua mãe.

— Então você também se casará? E se você não gostar da mãe dele?

— Que tolices diz, Andy! Claro que eu gostarei de sua mãe! E vocês também, porque embora me case, seguiremos nos vendo todos os dias, além disso, vou trabalhar com Hellen na escola.

— Vamos sentir muito sua falta, tia Lania.

— Prometo-lhes que vão passar tão bem que não vai dar nem tempo de pensar em mim. O senhor Drew virá comigo, e também a cozinheira, Noelle, Emma e Louisa. Teremos tudo perfeito à sua chegada. Hellen me prometeu que estará ali para quando eu me casar, e isso será dentro de dois meses. — Lhes deu de presente um sorriso que não chegou a refletir-se em seus olhos. Ao mesmo tempo que tentava convencer os gêmeos, procurava convencer a si mesma que tudo sairia bem. Tinha que sair bem. — Eu também sentirei muito a falta de vocês — terminou dizendo com um nó na garganta.

Andy correu a abraçá-la, e William o imitou.

Do oco da porta, Seth os observou, agradecido pela sinceridade de Alana e seus bons desejos. Agora já sabia por que os meninos o tinham tratado com tanta indiferença durante todo aquele tempo. Não quis interromper aquele momento e partiu dali sem fazer ruído.

— Estava te procurando, Seth — disse Hellen vendo-o

descer as escadas. — Falou com os meninos?

— Ainda não. — Sorriu.

— Vai escrever ao Colbert para lhe dizer que nos casamos ou prefere que eu o faça?

— Quando receber a carta, estaremos em nossa lua de mel. Vai se alegrar muito que por fim me tenha dito sim. Ele estava desejando tanto quanto eu. Mas deixa que eu o diga, possivelmente lhe interesse saber que sua irmã também se casará.

— Acredito que seria melhor não lhe dizer.

— Por quê?

— Lania já tomou uma decisão, e é preferível que as coisas sigam seu curso.

Capítulo 35

Alana se sentou ante a penteadeira, baixou a cabeça entre seus braços e chorou longamente. Essa reação era quão mesma tinha tido segundos antes de aceitar a proposição de Mike. Era normal que ele se preocupara ao vê-la tão desolada, mas lhe acreditou quando disse que era a emoção e os nervos. Entretanto, Mike não era Colbert, e o coração foi enrugando como um pedaço de papel em um rincão do quarto. Todas as emoções que uma vez sentiu se foram murchando como flores no inverno. Tinha querido tampar o sol com um dedo... reformar a um... libertino. Ora! Pobre iludida! Ainda não lhe entrava na cabeça que Colbert não tinha ido para ficar indefinidamente?

— É o suficiente — disse depois de um momento. Não podia seguir compadecendo-se de si mesma. Limpou as lágrimas e, com inapetência, pôs-se a dormir. Prometeu não voltar a pensar no passado.

Durante os dias seguintes centrou-se nos preparativos das bodas de Hellen, inundando-se em um caos de ir e vir. As amigas de Hellen, as irmãs Hamilton e sua cunhada Rose quiseram participar, e aquilo se converteu em um ato tremendo. Discutiam pela decoração, pelas cores, por onde se

celebraria o banquete, quem seriam os convidados, quem se encarregaria de informar aos meios... Seth não queria escutar nada de tudo aquilo. Se dependesse só dele teria fugido de Londres à menor oportunidade. Mas tinha Hellen... e não podia, não queria, deixá-la.

Uma noite, faltando poucos dias para a cerimônia, Alana tinha terminado de jantar e de caminho ao seu dormitório ficou na galeria observando pela janela a noite estrelada. A luz da lua a banhava de prata.

— Está nervosa, princesa?

Alana não tinha escutado os passos de Seth, sorriu, voltando o rosto para olhá-lo.

— Por que deveria estar?

— As bodas podem causar esse efeito.

Alana encolheu os ombros.

— Não posso acreditar que o *Demônio russo* esteja nervoso!

Ele percebeu a brincadeira e fez uma careta de desgosto.

— Eu não acho graça. Parece-te divertido?

— Provoca-me risada, sim.

— Como se nota, estive perto do *Iron*! Diria que peguei algo dele, sempre... — Seth se calou ao dar-se conta que o brilho dos olhos verdes se apagou de repente, e se amaldiçoou. — Sinto muito, não devia falar dele.

Alana demorou um momento em lhe responder, lutando contra o repentino tremor de seus lábios.

— Não devia fazê-lo, mas não importa, Seth. Ele já não me afeta.

— Me alegro, porque deve compreender que é meu amigo.

— Sei, compreendo-o.

— Por certo, — se apressou a dizer ele querendo mudar de tema — ao final, o que acontecerá com sua futura sogra? Virá te conhecer ou terá que ir você?

— Pois de verdade, não sei. Mike me disse faz semanas que ia trazê-la algum dia, mas ao que parece ela está um pouco delicada para fazer a viagem. Eu não posso ir até que se casem. Por quê? Pensa que deveria ir conhecê-la?

— Não, — respondeu, um tanto intrigante — é estranho que não tenha vindo. Não escutei nada que esteja mal.

— Pode ser que não queira me conhecer, é isso o que quer dizer?

— Não, não! — E esse *«não, não»* ia acompanhado de uma nota contrária.

Alana franziu o cenho. E se a notícia tinha deslocado pelo condado como a pólvora? Alguém, por exemplo uma vingativa Cláudia, podia ter falado de sua infância e seu… modo de viver na fazenda. Poderia ser que sua sogra não a estimasse sem sequer havê-la conhecido?

— Preocupada? — Perguntou ele com voz profunda.

— Absolutamente, não me importa o que possa pensar de mim, quem me interessa é Mike, e ele é bom.

— Ama-o?

Ela soltou uma gargalhada carente de emoção.

— Isso não se pergunta.

— Por quê? Eu amo a sua irmã. Você ama o Mike?

— Claro que o amo, de outro modo não me casaria. — Aproximou-se dele mostrando uma fileira de pequenos dentes

brancos que à luz da lua brilharam como pérolas. — Não necessito que ninguém se meta em minha vida nem me proteja.

— De acordo, não voltarei a fazê-lo.

Alana lhe aplaudiu o braço com afeto e partiu direto ao seu dormitório. Nessa noite sonhou com a mãe de Mike Newton e umas relações muito más entre as duas. Mas se esqueceu disso ao dia seguinte e nos próximos.



Hellen se casou, e embora Seth tivesse pretendido uma cerimônia discreta e familiar, converteu-se em um dos grandes acontecimentos do ano. Inclusive Alana estranhou que tivessem vindo tantos convidados, sabendo da reputação do *Demônio*. Entretanto, aquele dia, um formoso dia no qual o sol brilhou desde a primeira hora da manhã, pertenceu ao novo matrimônio. Os gêmeos resplandeceram de alegria, divertiram-se tudo o que puderam. Alana e Mike também o fizeram, e aquilo lhes serviu para conhecerem-se um pouco mais. Ele nunca deixava de assombrá-la, e aquela noite foi um súbito ataque de ciúmes porque ela tinha dançado várias vezes seguidas com Alexander Yaron.

— Como pode pensar isso? Alex é um homem casado e ama Sara, para não dizer que ela me mataria. Menos mal que não te ocorreu dizer nada diante de ninguém, senão minha irmã se zangaria.

— Alana, me perdoe, nunca me havia sentido assim e… não sei, vi como se olhavam…

— Como o fazíamos, Mike? Ele me agrada muito e sempre se deu muito bem conosco.

— Sinto muito, Alana, de verdade, lamento pensar mal, mas me dei conta que… tenho ciúmes.

Em vez de sentir-se adulada pelas inquietações de Mike, doeu-lhe na alma.

— Eu nunca fiz nada…

— Esse homem me recorda o cunhado de sua irmã.

— Ao Colbert?

Ele assentiu.

— Você gostava dele.

— Por favor, Mike! Como pode dizer isso!? — Deu-lhe as costas para não o deixar ver sua própria mentira. — Vou tomar um refresco.

— Me perdoe, Alana. — Escoltou-a entre as pessoas que havia até chegar ao improvisado balcão de bebidas que tinha sido colocado em uma sala central. De ambos os lados, dois salões enormes estavam repletos de bailarinos. — Te prometo que não voltarei a ter mais ciúmes.

Ela o olhou forçando um sorriso. Era o dia perfeito de Hellen e não desejava zangar-se, muito menos com seu prometido.

— Ao menos com as pessoas que amo e que me amam - disse sem poder conter-se.

Fizeram as pazes com um beijo que aos olhos das pessoas podia ter parecido apaixonado, entretanto, em Alana não despertava nada. Nenhum dos beijos de Mike nunca conseguia levá-la a tocar o céu com os dedos ou a sentir borboletas em

seu estômago.



Alana retornou ao condado junto ao Mike e por fim conheceu sua futura sogra. Só precisou ver sua cara para saber que certamente ela não era de seu agrado, e os sentimentos pareceram ser mútuos. Para a mãe de Mike, Alana era a pessoa que ia levar as rédeas de sua casa e ia se apoderar de seu filho. Para Alana, a anciã não lhe preocupava absolutamente. Via-a uma mulher frívola e na aparência uma cópia exata de Cláudia Baxter, quem era não uma de suas amigas obviamente, porque a anciã estava perto dos quarenta anos, mas sim uma de suas… confidentes.

Enquanto os agora Presley passavam maravilhosamente bem percorrendo o mundo, isso dito pelos gêmeos nas contínuas cartas que lhe faziam chegar, Alana se dedicou a ultimar a decoração do novo lar de sua irmã e dos meninos. Mike queria deixar tudo concluído antes do matrimônio deles, e esses dias se viram menos que quando ela estava em Londres. Certo que ele ia todas as noites um momento depois do jantar a visitá-la e mal ficava meia hora. Estranhamente, Alana não se importava muito, obcecou-se em fazer uma lista com as coisas que mais tarde iam necessitar para a escola, a que por certo Mike Newton ia remodelar de cima abaixo. Normalmente era disso do que falavam em vez de conversar sobre seu futuro ou o que esperavam de cada um. Alana se disse mentalmente que tudo seria produto dos nervos.



Colbert saiu da banheira com energias renovadas. Apenas umas horas antes tinha retornado à Paris, e após dormir um pouco, banhou-se e barbeou-se, e com um curto roupão dispunha-se a revisar toda a correspondência atrasada que o esperava sobre a escrivaninha.

Os meses passados tinham deslocado com uma velocidade assombrosa. Desde que fez com que o visconde ingressasse na prisão para pagar o assassinato de Dorine, não tinha parado nem um só momento. Tinha sido uma sorte não só encontrar testemunhas do assassinato. Se tivesse indagado um pouco mais depois da morte de Dorine em vez de vender a casa e partir, teria acabado antes. Mas também tinha descoberto uma carta da falecida onde explicava que seu marido tinha tentado matá-la mais de uma vez naquele ano. Edward não tinha suportado a vergonha e se enforcara na cela. Depois disso, Colbert tinha viajado pela Espanha e Itália tentando retomar seus velhos hábitos e, sobretudo, querendo esquecer-se da ruiva que se apoderou de sua mente, de seu corpo e de seus sonhos.

Não tinha conseguido. A imagem de Alana o perseguia constantemente. Seus esplendorosos olhos verdes, seu maravilhoso sorriso… não podia deixar de pensar nela, mas tampouco podia esquecer-se que a tinha posto em perigo, que tudo poderia ter sido pior se ele e Seth não tivessem ido naquela noite à *Ferradura de prata*.

Alana o odiava. Ela mesma o havia dito quando acreditou

ter perdido os gêmeos. E logo a tinha deixado sem sequer dignar-se a despedir-se dela. Possivelmente porque se houvesse feito, nunca teria partido.

Amava-a. Amou-a desde o momento que soube que tinha sido a ela a quem tinha salvado de ser violada na rua. Desde o momento em que ela o saudou com uma faca na mão. Até depois de partir de Londres não se tinha dado conta de quanto a amava.

— Vai comer algo agora, *monsieur*?

Colbert olhou ao seu mordomo agitando a cabeça.

— Tomarei uma xícara de café, Simón, vou ver se me dá tempo de olhar todos estes papéis. Houve algo importante?

— Não, *monsieur*, nada.

— Obrigado, me traga o café ao escritório e não deixe entrar ninguém, não tenho vontade de receber visitas.

O mordomo se foi e Colbert tomou assento em frente à sua escrivaninha. Olhou as cartas abrindo só as que pareciam mais interessantes. A maioria eram faturas. Encontrou algumas de Seth. Em uma lhe informava que Hellen tinha deixado a casa de Londres; em outra, os planos para a escola Wakefield. Alegrou-se quando leu que ele e sua cunhada se casaram e que davam por concluída sua lua de mel em meados de julho… Pela data, já deviam estar instalados em Dorset.

«Como nota informativa, acredito que deveria te dizer que a senhorita Sanders e o arquiteto Mike Newton contraem núpcias em breve…».

Seu coração saltou no peito, enlouquecido. Alana se casaria!

Todo seu mundo pareceu desabar.



Hellen observou Alana com olhos brilhantes. Seu vestido de bodas era um dos mais formosos que jamais tinha visto. Tratava-se de uma túnica brocada em seda sobre um fundo bege, entalhado no torso com um grande decote dianteiro redondo. As costas rematavam na borda inferior em uma pequena cauda. As mangas eram longas e estreitas. A saia longa e aberta na frente deixava ver outra no interior adornada com um aplique de cordão prata. Complementava-o com umas luvas, também bege, com fios prateados nas costuras e decorando os flancos.

— Está formosa, Lania! — Exclamou sem poder conter-se. — Está… absolutamente linda.

— Obrigada — murmurou Alana, também emocionada. Ao fim tinha chegado seu grande dia. Esperou que Hellen cobrisse seu rosto com o véu. Embaixo deste usava o cabelo recolhido em um singelo coque frouxo de onde já tinham escapado pequenas mechas mognos que acariciavam suas bochechas. — Estou muito nervosa.

— Está segura que isto é o que quer, Lania? — Repetiu Hellen estudando os olhos de sua irmã através da gaze. Sabia que não amava Mike. Podia lê-lo em seu aquoso olhar, mas Alana era muito teimosa para voltar atrás.

— Hellen, se Colbert não veio em todo este tempo, não vai fazê-lo agora. — Tinha tido a remota esperança que naqueles

meses ele tivesse ido procurá-la. Tão só uma semana atrás tinha descartado a ideia.

— Ele não sabe que se casará.

— Não tem por que sabê-lo, Hellen. Se seriamente me amasse teria vindo quando solucionou com Lyton e com o oficial. Não insista. — Lhe formou um nó na garganta. Já devia estar acostumada a que esse nó chegasse sem prévio aviso, em troca, não estava. Ultimamente se sentia muito sensível, e com o mínimo as lágrimas enchiam seus olhos incontrolavelmente. — Não me olhe assim! — Brincou voltando a levantar o véu para passar um dedo sob o olho. — Vai me fazer chorar!

Hellen a abraçou com força.

— Não tem por que fazê-lo, Lania. Pode viver comigo e com Seth todo o tempo que você quiser.

— E me converter na solteirona da família? — Riu. Hellen não achou graça. Alana rompeu a chorar sobre seu ombro.

Assim as encontrou um muito elegante padrinho.

— Estão preparadas? — Perguntou Seth, entrando jovialmente no quarto.

Alana se separou de sua irmã e tentou sorrir.

— O mais pronta que pode estar uma noiva — respondeu.

Seth assentiu tirando um lenço do bolso, que lhe entregou para que se limpasse.

— É uma das noivas mais formosas que conheci. Vai ser um prazer poder te entregar no altar.

— Obrigada, Seth. — Ela fez uma desconsolada careta. — Você também está muito bonito. — Devolveu-lhe o lenço após secar as lágrimas e se aferrou ao seu braço. Olhou à Hellen

com carinho. — Hoje roubo seu marido.

— Sim — afirmou Hellen abrindo fortemente os olhos para impedir que suas próprias lágrimas aparecessem. Sem evitar, ela também rompeu a chorar.

— Mas o que acontece aqui? — Brincou Seth rodeando com o braço livre a cintura de sua mulher. — Vamos às bodas, não a um funeral!

— Sei, sei, mas... não se case, Lania! — Implorou, subitamente, Hellen.

Capítulo 36

Seth deixou escapar um suspiro comprido e profundo e intercambiou um olhar com Alana.

— Precisam ficar sozinhas?

Hellen disse que sim ao mesmo tempo que Alana respondia que não.

— Vou casar-me com Mike. — Soltou o braço de seu novo cunhado e abraçou a sua irmã. — Não vou estar muito longe, Hellen, iremos ver-nos todos os dias.

— Não pensou suficientemente bem, Lania. Podia esperar um pouco, diga ao Mike. Ele seguramente te dará tempo.

— Claro que o faria! — Olhou a sua irmã com determinação. — Sou eu quem não quer esperar mais. Sou tão difícil de entender?

— Segue sendo tão menina para mim…

— Não sou, me olhe. — Alana se obrigou a elevar o queixo com valentia, e sua irmã a olhou de cima a baixo. — Vê? Sou uma mulher feita e direita. Sei bem o que quero e… é isto. — Agarrou a saia do vestido e deu uma volta em si. — Quero me casar, Hellen.

— Venha, vamos chegar tarde. — Seth se colocou entre elas, as interrompendo. — Com certeza Newton está tão nervoso

quanto vocês. — Voltou a segurar a mão de Alana, colocando-lhe em sua manga. Logo olhou à Hellen com o cenho franzido. — A está pondo mais nervosa do que já está.

— Só quero que pense bem! — Defendeu-se Hellen, seguindo-os escada abaixo.

Alana girou para olhá-la.

— Sei o que estou fazendo, Hellen. — Baixou o véu de novo, como se daquela forma não pudesse ver seu iminente destino. Sabia seriamente o que estava fazendo?

Não, não sabia. Não desejava casar-se. Que diabos estava fazendo! Deteve-se em seco.

— O que ocorre agora? — Perguntou Seth, olhando-a.

Ela soltou o fôlego. Como ia dizer a todos que se confundira? Seu coração trovejou no peito com força. Não podia retratar-se! Mike a estava esperando, e sua futura sogra, e o resto dos convidados… os Yaron haviam adiado sua viagem para a América só para assistir à cerimônia. E Erika, a pobre tinha viajado com suas lindas meninas de apenas sete meses… não podia deixar toda essa gente plantada na igreja agora!

— Nada, Seth. Estou preparada.

Reataram o caminho.

Deveria estar cansada. Havia demorado muito para adormecer na noite anterior pensando em tudo o que lhe esperava. Entretanto, estava muito nervosa para isso. Os preparativos tinham começado desde muito cedo e não tinha parado de ir de um lado a outro até que Noelle e Lucy, faziam escassos minutos, partiram à igreja com os gêmeos.

O sol deu totalmente em seu rosto quando saiu ao

alpendre, e teve que baixar o olhar contra o ombro de Seth. Muitos vizinhos tinham ido até ali para vê-la sair. Suas pernas tremeram. Escutava-os dizer quão bonita estava, e por um momento pensou nos dias passados na fazenda com o avô. Ele sempre dizia que nunca ia encontrar um marido que a suportasse.

Respirou depressa. Tinha que tentar acalmar-se antes que se arrependesse de tudo e começasse a correr para qualquer lugar. Saudou várias pessoas que se aproximaram para felicitá-la, e com ajuda de Seth subiu ao veículo que, nesse dia em especial, tinha sido enfeitado para a ocasião.

Dentro, Alana levava os olhos fixos no guichê. Via as pessoas perambularem pela rua alheios à carga que ela suportava. Seth e Hellen foram sentados em frente a ela, ambos com rosto sério e sem falar, e quando tinham que dizer algo, faziam-no sussurrando para não despertar Alana do transe no qual se achava imersa.

— Não deveria fazê-lo — sussurrou Hellen de novo, agitando a cabeça.

— Não insista mais! — Respondeu Seth, começando a zangar-se com ela.

Alana levou seus olhos ao buquê de flores que descansava em seu regaço. Era um ramo lindo, com rosas e orquídeas que tinham plantado no jardim traseiro. Andy e William tinham ajudado Noelle a escolher e a montar junto a uns ramos de samambaia.

O carro se deteve com um suave vaivém. O trajeto se fez tão curto que chegou a acreditar que pararam antes em algum

outro lugar, entretanto, quando voltou a olhar pela janela, observou a alta igreja de pedras cinzas. Era um edifício que se assemelhava a um formoso castelo de janelas muito altas terminadas em arcos.

Seth, sem atrasar-se porque iam um pouco em cima da hora, insistiu à sua esposa para que ela fosse entrando e assim avisasse que estava tudo preparado.

— Aproxima-se o momento — sussurrou à Alana, esfregando as mãos. — Por Deus! Veio todo o maldito condado?

Alana olhou para onde ele estava fazendo e viu várias carruagens esperando na esplanada em frente à ladeira.

— Acredito recordar que em suas bodas foi mais gente.

— Certamente não conhece nem a metade.

— Tem razão. Mike, ou melhor, sua mãe, deve ter convidado todo mundo.

Seth elevou as sobrancelhas fazendo uma careta com os lábios. Caminhou uns passos para a entrada para observar o interior da paróquia. Nesse momento Alana olhou o coche que ainda estava perto dela. O que podia acontecer se subisse dissesse ao Richard que a levasse para longe? Mas para onde?



No porto de Weymouth um homem se lançou à corrida esquivando-se de todos os passageiros que desciam do mesmo navio. Naquele maldito domingo parecia que todo mundo estava na condenada rua! E parecia que o miserável relógio movia seus endiabrados ponteiros a passo acelerado! Merda!

Não ia chegar a tempo.

— Aqui, *Lorde Iron*!

Escutou a voz que o chamava da porta de um botequim. Era um dos empregados de Seth que, por culpa do atraso na travessia, devia estar esperando parte da noite e o resto da manhã.

Chegou até o homem que sustentava as rédeas de um cavalo. Com um movimento rápido subiu à montaria. Sentia o peito arder pela corrida, mas não se permitiu nem um só minuto para parar. Com um gesto despediu-se e fez com que o animal esquivasse dos transeuntes que, distraídos, enchiam as calçadas. Para cúmulo, tinham colocado uma feira na via principal e ali as pessoas se aglomeravam como se dessem de presente as coisas. Como era possível que naquele fim de mundo costeiro se reunissem tantas pessoas? Saiu do lugar por uma estreita rua e depois de ficar à carreira, descobriu com um aborrecimento nascido das vísceras que estava cortada por uma pilha de barris e caixas de madeira.

Gritou colérico e grunhiu. Aproximou-se da barreira e furou as caixas com fúria. Recuou com o cavalo até o princípio da rua. Tudo seguia estando cheio de gente. Tinha que chegar a tempo. Tinha que deter Alana. Não podia casar-se com Mike. Não podia casar-se com ninguém que não fosse ele. Com o coração em um punho, não se deu por vencido. Não sabia como, mas tinha que fazê-lo.

Lançou-se para a pilha de caixas e barris, cravou os calcanhares nos flancos do animal e voou…



Alana viu entre os assistentes algum rosto conhecido. Supostamente caminhava com os olhos cravados à frente, mas pela extremidade do olho foi localizando seus conhecidos. Também aos que ela não havia convidado. Como Cláudia, que estava sentada com um gigantesco chapéu de palha de tons beringelas junto à mãe de Mike.

Alana não se deteve para saudar ninguém. Quanto mais cedo acabasse tudo, melhor para ela. Embora como se atrevia Cláudia a assistir as suas bodas depois que seu pai tinha estado envolvido no assassinato de Jhon?

Seth a olhou com preocupação quando lhe cravou as unhas no antebraço. Com surpresa, viu-a zangada.

— Está preparada?

Ela assentiu. À metade do corredor todo mundo guardou silêncio. Na rua fazia um calor morno e agradável que dentro dos grossos muros se convertia em uma brisa fresca. O aroma dos perfumes das damas se mesclava com os das flores que adornavam os bancos, e pela primeira vez se deu conta de como os adornos estavam sobrecarregados. Laços de cetim, vasos de barro com narcisos e jasmins, lilás, madressilvas... aquilo era... a selva.

Mike sorriu oferecendo-lhe seu braço quando chegou até ele, e ela, depois de dar um curto beijo na bochecha de Seth, agarrou-se ao seu prometido com as pernas tremendo.

— Você gostou de como enfeitaram a igreja? Minha mãe trabalhou muito para que tudo ficasse perfeito.

Boquiaberta, Alana foi incapaz de lhe responder no momento. Fingiu admirar de novo a igreja, embora no mais fundo de si, o que de verdade queria era destroçar toda aquela coisa ridícula e jogar Cláudia dali com um chute.

«Está procurando uma desculpa para deixar Mike, e olha-o, ele não merece», pensou voltando a vista ao seu prometido. Penteou-se o cabelo para trás e vestia-se de rigoroso negro, com os punhos da camisa por fora e cheios de renda.

— Está tudo perfeito.

— Não te agrada, não é?

— Está tudo bem, pode ser que ao meu gosto é um pouco excessivo, mas… está lindo.

— A minha mãe gosta de fazer tudo muito bem.

O pároco se aproximou deles esperando que lhe dessem o sinal para que começasse. Os sinos começaram a tanger com força.

— Há algo que tenho que te dizer Mike — sussurrou Alana, inclinando-se um pouco para ele. Estava nervosa, ou melhor, aterrada. Suavam as palmas de suas mãos.

Ele olhou confuso à moça, com um sorriso um pouco frio.

— Tem que ser agora? O reverendo está esperando.

— Sei, mas é importante que saiba — insistiu ela. Não estava segura do que tinha que lhe dizer, mas se sentia na obrigação de justificar-se com ele.

— Nos desculpe, padre. — Mike elevou a mão para o sacerdote. — Poderia aguardar só uns segundos? — Ante o olhar atônito dos presentes, Mike se desculpou, tranquilizando a todos. — Alana está um pouco enjoada, mas passará em

seguida.

Hellen ia segui-los, mas Seth agarrou seu braço e a impediu.

Mike a levou para uma pequena sala vazia, onde ele tinha esperado até o momento de vê-la aparecer na igreja.

— Do que se trata?

Alana jogou o véu para trás e, nervosa, passou a língua sobre o lábio inferior.

— Nem sequer me disse como estou.

Ele enrugou o sobrecenho.

— Formosa como sempre.

— Embora não use o vestido de sua mãe? Seguramente está aborrecida comigo por havê-lo rejeitado.

— Está um pouco sim. Ela tinha a ilusão de que sua nora usasse seu traje, mas não tem nada. Já a convenci que uma de nossas filhas pode usá-lo.

Aquela vestimenta amarelada que em seu dia tinha tido um tom marfim e agora era de… velha? Alana levou uma mão à testa.

— O que te acontece, querida?

— Tem que saber que não possuo dote, nem fortuna, nem nada.

Ele entrelaçou os dedos.

— Meu amor, está muito nervosa.

— Estou te dizendo a verdade. Não recordo se falamos disto antes.

— Não, não falamos disto antes, mas penso que não é o momento…

— Se não for agora! Será quando?

— Alana, sua família agora é uma das mais renomadas de todo o condado e os arredores. Olhe seus convidados. — Assinalou a parte onde estavam os amigos enriquecidos e da classe alta de Hellen, embora não pudessem vê-los da sala. — Como pode dizer que não tem nada se possuem uma grande fortuna?

Ela negou com a cabeça.

— Minha família são Hellen e os meninos. — Encolheu os ombros. — A verdade é que Colbert e Seth têm dinheiro para aborrecer, mas eu não. Eu não sou rica.

Ele soprou um pouco furioso.

— Estou tendo muita paciência contigo, Alana. Quer deixar de dizer mentiras…

— Não são mentiras! É a pura verdade!

— Por que me diz isso agora? — Soprou ele de maneira muito ruins.

Alana o olhou estranhando.

— Quero estar segura de que se casa comigo por mim mesma e não por minha fortuna. Eu lamento se te fiz pensar alguma vez que tinha algo mais que não fosse minha pessoa.

O que viu no rosto de Mike foi decepção, e isso doeu. Acreditava nele, mas tinha que perguntar-lhe.

— Casa-se comigo por…?

Mike agitou a cabeça e tamborilou ansioso os dedos sobre um suporte de mármore.

— Prometi à minha mãe que teria a casa de seus sonhos. Pensava construi-la aqui, em Dorset, para que todos a

admirassem e ela pudesse se gabar.

— Está me dizendo que só te interessava meu dinheiro? — Repetiu em um fio de voz. Destroçada. Não tinha esperado isso. Pensava que Mike a amava e ia dizer-lhe: *«Alana, amo-te igualmente»*. Mas Mike não estava dizendo isso. Estava-a olhando como se fosse um inseto estranho e perigoso. — Ora! Lorde Huntington tinha razão! — Acusou-o, beligerante. — Me enganou todo este tempo.

— Claro que não fiz tal coisa! — Negou ele, obscurecendo o olhar. — Comentou que Colbert lhes tinha deixado dinheiro…

— Isso foi antes que Hellen se casasse e devolvesse tudo! Colbert é unicamente um sócio na futura escola, o resto corre a cargo de Seth, assim como os gastos destas bodas, que por certo, não sei de onde demônios tirou tantos convidados.

— Não sabe? — Mike golpeou a parede com um punho para não agredi-la. Olhou-a com dureza. Alana sentiu umas pontadas de medo na boca de seu estômago. — Pois já é tarde para fazer algo — ruminou Mike entredentes. — Iremos ali, casaremos e logo veremos o que acontece.

— Não te entendo.

— Falará com Seth e lhe dirá que necessita de um dote. Ele não quererá que seu marido te abandone logo que contraia núpcias, não é? Seria o bobo da cidade!

— Ficou louco!? — Gritou enfurecida. Ele tentou fazer com que baixasse o tom de voz para que os de fora não se inteirassem, mas era tarde. Alana tinha chegado ao cúmulo da impaciência. — É um imbecil, Mike Newton! Quem pensa que é para me pedir algo assim! Por mim pode ir ao inferno! Ouviu-

me? Você e sua asquerosa mãe se apodrecerão nos infernos! — Alheia a que toda a igreja, incluído o reverendo que não fazia mais que benzer-se, estavam-na escutando, seguiu dando vozes, colérica. — Pensa que não sei que sua mãe me odeia? Pois inteire-se bem, cabeça oca! Eu também a odeio! E odeio a você porque é a pessoa mais interesseira que conheci em toda a minha vida! Não quis me casar com o vestido de sua mãe porque é o vestido de noiva mais horrível que vi em minha vida! É patético! Se afaste de mim!

A porta da igreja se abriu deixando passar os raios de sol, e todas os olhares se voltaram para ali, um pouco irritados porque alguém estava interrompendo a escuta dos gritos da noiva.

Com passo rápido Colbert chegou até a metade do corredor e guardou silêncio, como outros, escutando os insultos proferidos por Alana. Teria sido capaz de reconhecer sua voz em qualquer lugar.

Encontrou o divertido olhar de Seth no primeiro banco, a surpresa de Hellen e a emoção dos gêmeos, que se não fosse por sua mãe, teriam se deslocado para ele.

— Não se casa? — Ouviram a voz furiosa de um homem. Todos os olhos voaram ao oco da sala adjacente.

— Pois claro que não me caso! Não penso ir contigo nem à volta da rua, tolo!

— O que todo mundo vai pensar de você?

— De mim? De mim? — A gargalhada feminina retumbou nos grossos muros. Inconscientemente, Colbert também sorriu, e Seth. Alexander Yaron, seu irmão e seu cunhado

dissimularam observar as impressionantes arcadas duplas dos altos tetos. Não era normal desfrutar tanto antes de chegar ao banquete, e, entretanto, estavam achando realmente genial. — Melhor preocupar-se com o que dirão de você. Espera todos saberem a decepção que acabo de ter! — Seguiu-lhe um potente golpe, como de um objeto pesado ao cair contra o chão, e o forte impropério de Alana antes de aparecer pelo corredor com a saia meio elevada, o rosto avermelhado e os olhos brilhando de fúria.

Freou-se em seco ao ver Colbert. Ele estava com a jaqueta pendurada em uma mão e arrastando no chão, os primeiros botões da camisa desabotoados, com a aba traseira fora da calça e o cabelo negro e comprido sobre os ombros, revolto e despenteado. Olhou-o de marco em marco.

— Alana, volta! — Mike chamou atrás dela.

Não foi seu propósito ignorá-lo, era só que não podia apartar a vista dos olhos que a devoravam zombadores, da boca com um sorriso torcido. Colbert estava tão bonito ou mais que sempre.

— Colbert! O que faz aqui?

— Eu... — começou a gaguejar. O que podia dizer? — Deus, tenho a boca seca! — Durante toda a viagem tinha pensado que coisas lhe dizer, inclusive ao escutar as badaladas da torre imaginou que teria que deter as bodas para poder falar antes com ela. Mas ao vê-la ali, tão belamente vestida e mais bonita que nunca, as bochechas rosadas pelo ataque de ira com o paspalho, os olhos mais resplandecentes do universo, todas as palavras se entupiram em sua garganta.

Ela o estudou de cima a baixo sem sair de seu estupor.

— Veio correndo? — Perguntou-lhe com olhos entrecerrados.

Colbert afirmou.

— Cavalgando. Acreditei que não chegaria a tempo. O navio demorou uma eternidade em atracar e não nos deixavam descer. — Seguiu olhando-a, hipnotizado. — Está linda.

— Ah. — Alana se ruborizou. — Obrigada, você também. — De repente cruzou os braços. — Não me diga que vinha às minhas bodas? Se é assim, fez uma viagem à toa, como pode ver, não me casarei.

— Sim, já me dei conta — lhe fez saber com um sorriso malicioso.

Os lábios de Alana desenharam uma linha tensa e fria. Olhou aos convidados com uma careta de desculpa. Não se atreveu a dizer nada e quis sair à rua, para isso tinha que passar por Colbert.

— Alana. — Ele a deteve segurando seu pulso. Quanto mais a olhava, mais sublime a via e mais se dava conta de quanto tinha sentido falta dela. Era consciente que todos os assistentes os observavam com atenção, e não se importou. — Não posso ficar sem você, doçura — continuou dizendo em um murmúrio. Os convidados aguçaram seus ouvidos e houve quem deu vários passos adiante para escutar melhor. — Sei que o que fiz não foi certo, que meu passado é do pior e por muito que queira mudá-lo não poderei fazê-lo nunca, mas não me odeie, Alana. Não foi minha intenção lhes pôr em perigo. Você é o mais bonito que aconteceu em minha asquerosa vida e

por você eu seria capaz de qualquer coisa. Me perdoe, Alana. Esqueça tudo e se case comigo. Eu vou fazê-la a mulher mais feliz do mundo.

Era tal o silêncio que reinava na igreja, que não se escutava nem o zumbido de uma mosca.

Alana deixou de respirar quando ele pôs um joelho no chão e levou a mão dela ao seu coração.

— Isto é o que sinto quando te tenho perto. Não o faça parar. Não me separe do seu lado.

Alana notou sob seus dedos como se fosse um tambor. O órgão pulsava a mil por hora. Era possível que ele estivesse ali declarando-se publicamente? De soslaio, olhou à Hellen; Erika e Sara se aproximaram dela e as três choravam emocionadas. Seth, do outro lado de sua esposa, sorria abertamente. Nos bancos do outro lado, Mike, encolhido em seu traje de seda negro, ajudava a levantar, entre ele e Claudia, a sua mãe do assento.

Alana voltou a vista para Colbert. Estava tão… feliz… tão contente… com sua mão livre tomou-lhe a outra e também a pôs no peito. Seu coração golpeava tão forte como o dele.

— Assim é como funciona o meu — murmurou com os olhos fixos nos dele.

Colbert ficou em pé e, lhe rodeando a cintura com força, apanhou os suaves lábios de Alana. Assim que suas peles se tocaram e as bocas se uniram com ardor, disseram-se em silêncio o que as palavras não podiam expressar.

Hellen se agarrou à mão de seu marido e apoiou a cabeça sobre seu ombro.

— Ele veio — murmurou satisfeita. Seth a abraçou e piscou um olho aos meninos, que lançavam tolas risadinhas vendo seus tios beijando-se no meio do corredor.

— Agora já pode respirar tranquila — disse. — E eu também. Acreditei que tinha perdido uma fortuna no White´s ao não retirar minha aposta. — Suspirou, satisfeito. — E certamente, depois disto, Colbert deverá responder. — Hellen o olhou arqueando as sobrancelhas. — Está pondo a sua irmã em um compromisso! — Explicou.

— Está louco, amor! Depois do escândalo que Alana montou é mais provável que o beijo seja o de menos.

— Você crê? — Perguntou Seth franzindo o cenho. O casal seguia beijando-se e não pareciam ter intenções de deter-se.

— Bom, alguém deveria lhes dizer algo. — Riu ela, divertida. — Vocês, meninos, não olhem.

Epílogo

Alana inspirou o aroma do mar e seus olhos seguiram com desinteresse uma gaivota que plainava perto da praia. Uma ligeira brisa despenteava seus cabelos, que caíam atrás das costas cobrindo seu vestido de noiva. Sentia Colbert sentado junto a ela, com a vista perdida nas espumosas ondas de cristas brancas.

— Então, o oficial também pagou por seu crime -comentou ela mais para si que para seu companheiro.

— Assim é.

Alana girou a cabeça para olhá-lo. Estavam sobre um montículo alto de onde se observava o oceano em toda sua plenitude.

— Por que demorou tanto em vir?

Colbert guardou um comprido silêncio e finalmente soltou um suspiro.

— Tinha medo que não quisesse voltar a ver-me. -Esticou uma mão e pegou a dela, entrelaçando seus dedos. — Tinha medo de voltar a te ferir.

— Não teve culpa, Colbert. Eu jamais poderia te odiar. Naquele dia estava assustada, cansada, confusa. Tinha acontecido a visita da senhorita Busbee…

— Já te contei…

— Sei, sei, — lhe disse, cobrindo sua boca com a mão ao mesmo tempo que se apertava contra seu flanco — mas estava com ciúme. Acabávamos de passar a noite juntos, e se apresentou aquela mulher tão formosa, que acreditei que não sentia nada por mim.

— Estava louco por você, doçura. — Acariciou sua bochecha em um beijo úmido e terno. — Mas fui um parvo em demorar tanto em admiti-lo.

— E já deixou para trás todos os trapos sujos?

Colbert assentiu, olhando-a com amor.

— É hora de começar de novo. Você e eu, sozinhos, uma nova vida. — Soltou uma gargalhada. — Se o *Demônio* pôde, por que eu não?

Alana sorriu absorta com a boca de Colbert.

— O quê? Por que me olha assim? — Perguntou-lhe.

— Porque te amo, — confessou em um tom sensual — e porque neste momento estava pensando que podíamos fazer outra vez.

— Repetir? — Colbert se endireitou e de repente se tornou sobre ela, empurrando-a sobre a erva verde. — Sabe quantas vezes sonhei voltar a te ter? — Seu olhar prateado devorou seu rosto, percorreu seu cabelo acobreado, que se tinha estendido como uma manta rodeando sua cabeça. Sua esposa o enfeitiçava. Sua esposa! Trocou-se os papéis com Newton, embora ainda devessem arrumar um par de assinaturas com a igreja. Sorte que Seth tinha previsto uma licença rápida, mas já podia dizer que era dele. Que a ruiva lhe pertencia em corpo e

alma. Alana levantou as mãos até seu rosto e introduziu os dedos entre o negro cabelo que caía por ambos os lados do pescoço sobre ela.

— Aqui? — Perguntou emocionada.

Colbert elevou a cabeça e observou os gêmeos que corriam atrás de Seth ladeira abaixo.

— Vai ser um pouquinho difícil, bonita. Temos espectadores muito jovens para mortificá-los. O que te parece… — ficou de pé com agilidade e a ajudou a levantar-se — … se adiantarmos nossa noite de bodas agora que todos estão entretidos na pradaria? — Agarrou-a em seus braços, e ela rodeou seu pescoço. Beijou-a no queixo, com uma risadinha maliciosa ao mesmo tempo que descia correndo com ela. — Mike não te amava, não é?

Ela riu de pura felicidade.



Hellen caminhou de mãos dadas com Seth até o poço dos desejos. Juntos, lançaram uma moeda. Por eles, pelos gêmeos… pela família.

Hellen outra vez voltava a ser plenamente feliz.

Nota da Autora

Na novela faço referência a uma pequena peça de tecido que se adere à pele, chamada *«mosca»*. Em realidade, é mais conhecido como lunar artificial ou postiço.

Os lunares postiços eram uns diminutos emplastros que as mulheres e os homens colocavam, preferencialmente em seu rosto como mero prazer estético. O primeiro indício sobre estas decorativas *«moscas»* data da Roma antiga.

Existia uma efetiva linguagem sobre a correta colocação dos lunares sobre o rosto. Uma espécie de código de significados em função de sua colocação. Por exemplo, posto sobre uma verruga sugeria acanhamento; na bochecha esquerda assinalava uma mulher casada; na direita, uma dama comprometida; no nariz falta de vergonha; na testa era símbolo de realeza, e junto à boca, beijoqueira.

Em tempos do Cardeal Richelieu estas peças de tafetá tinham forma de flores, animais, meia lua, estrela, etc. É provável que estas manchas tenham sido utilizadas à época como meros remendos para rostos marcados pela varíola, etc.

Agradecimentos

Obrigada,

À Lola e Esther por seguir me apoiando. Por me escutar e me animar.

Ao Mimi, porque desfrutei muito com suas notas e algumas me têm feito rir.

Muito obrigada também a todos os leitores. Eu adoro receber seus comentários:

Notas

[←1]
Mais conhecido como lunar.

[←2]
Expressão francesa que significa “empate”.